PATRÍSTICA

ORÍGENES

Homilias e comentário ao Cântico dos Cânticos



PAULUS

ORÍGENES

HOMILIAS E COMENTÁRIO AO *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

PAULUS

SUMÁRIO

Capa
Rosto
APRESENTAÇÃO
AS HOMILIAS ORIGENIANAS AO CÂNTICO DOS CÂNTICOS
HOMILIAS SOBRE O CÂNTICO DOS CÂNTICOS
  Prólogo
  De Jerônimo ao beatíssimo Pai Dâmaso
HOMILIAS SOBRE O CÂNTICO DOS CÂNTICOS
  HOMILIA 1
  A ascensão ao Cântico dos Cânticos
  Comentário de Orígenes ao Cântico dos Cânticos
  Introdução
  Comentário ao Cântico dos Cânticos
  Prólogo
  O amor, tema do Cântico dos Cânticos, e seus tipos
  O lugar do Cântico dos Cânticos entre as obras de Salomão
  O significado de Cântico dos Cânticos
LIVRO 1
  Os beijos do Verbo
  O coração de Jesus
  Os perfumes do esposo
  O seguimento do Verbo
  Na presença do Rei
  Advertência para seguir ao encontro de Cristo
LIVRO 2
  Negra e bela, estrangeira e eleita
  A alma sob o sol
  A luta interior
  O desejo da plenitude
  O conhecimento de si
  O Verbo resgata e guia
  Beleza interior e obediência
  O visível e o invisível, o transitório e o eterno
  O perfume do Verbo, do Espírito, da doutrina
  O Verbo se encarna para ser acolhido

A gradual manifestação do poder do esposo
LIVRO 3
A compreensão espiritual da Escritura confere beleza
Só olhos espirituais podem ver o bem-amado
A Igreja, casa espiritual
A Igreja, entre os infiéis, imitadora de Cristo
A esposa repousa na vida do esposo
A ordem dos amores e da caridade
Os bons frutos dos membros da Igreja a fortificam
A esposa desperte a caridade de quem dorme
A esposa reconhece a voz de seu esposo e, com ele presente, desfruta das graças espirituais
O grande Deus pode tornar grandes aqueles que são capazes de receber o Verbo
A compreensão das realidades invisíveis através das visíveis
O esposo convida a esposa a, pelas realidades visíveis, contemplar as invisíveis
LIVRO 4
O florescimento da Igreja e dos fiéis
O louvor do esposo à esposa
A ajuda humana à Providência divina
Coleção
Ficha Catalográfica
Notas

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como "Padres da Igreja", ou "santos Padres", e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção "Sources Chrétiennes", hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de "voltar às fontes" do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as "fontes" do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua au-

tenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística *e* Padres *ou* Pais da Igreja*. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão "teologia patrística" para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da "teologia bíblica", da "teologia escolástica", da "teologia simbólica" e da "teologia especulativa". Finalmente, "Padre ou Pai da Igreja" se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como "Pai da Igreja" quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera*

encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os "Pais da Igreja" são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

> *Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. […] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber.* Patrologia, *São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).*

A Editora

AS HOMILIAS ORIGENIANAS AO *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

HERES DRIAN DE O. FREITAS

Na literatura patrística, o *Pastor de Hermas*, pelo ano 150, talvez seja a primeira sugestão da imagem da Igreja como esposa,[1] que o Pseudo-Clemente, contemporaneamente ou pouquíssimo depois, associa à encarnação de Cristo.[2] Não tardou e não foi difícil para que a imagem das núpcias entre Cristo e a Igreja se consolidasse:[3] há, na literatura profética, descrições da relação entre Deus e Israel em termos nupciais[4] e, na sua esteira, o Novo Testamento, tendo-se apropriado dessa descrição, reinterpreta-a escatologicamente,[5] particularmente porque Cristo mesmo se apresenta como esposo, cuja presença inaugura os tempos messiânicos,[6] que a esposa reconhece como quem amorosamente dá a vida por ela.[7]

No início do séc. III, os Padres consideram imagem e linguagem nupciais para tratar de Cristo e da Igreja algo já convencional.[8] A leitura eclesiológica havia-se fixado. Mas, nesse mesmo período, Orígenes[9] dá um passo além: o matrimônio místico não se dá somente entre Cristo e a Igreja, dá-se também entre Cristo e a alma individual, pois, nas palavras de H. Crouzel, “porque a Igreja é esposa, as almas que a compõem podem ser esposas de Cristo, e quanto mais estas últimas progridem nesta sua qualidade mais a Igreja nelas progride”.[10] A alma do fiel, então, não é pensada separada da Igreja.[11]

Não é difícil compreender a razão do uso do motivo nupcial para tratar da relação da alma humana com Cristo: as metáforas amorosas da linguagem matrimonial exprimem o amor religioso, ou místico, enquanto este último serve-se da linguagem mística – como, por exemplo, no caso do verbo adorar, que seria reservado ao culto à divindade –, para descrever o efeito sublime do amor; pois, mesmo que o amor humano seja ambíguo, o homem conhece

única e somente o amor como desejo e dom, como duplo movimento de atração e de autoentrega; daí o emprego da linguagem do amor humano para tratar do amor divino – o único, aliás, a satisfazer, sem decepção, o desejo do amante humano:[12] ela é suficiente, considerando-se as limitações descritivas do âmbito da experiência mística, para ilustrar como o amor seja potência unificadora e transformadora.

Sob tal perspectiva, é igualmente fácil compreender como um texto do gênero do *Cântico dos Cânticos*, "onde não existe nenhuma menção ao povo de Israel, onde nenhuma lição moral ou sapiencial é apresentada e onde o nome de Deus não é invocado uma só vez, e que, por outro lado, retrata, em toda sua intensidade, a atração sexual recíproca entre um homem e uma mulher, possa ter sido considerado como uma palavra divina endereçada aos homens".[13]

Embora Hipólito tenha precedido Orígenes e composto o primeiro comentário patrístico ao *Cântico dos Cânticos*,[14] sua interpretação – fundamentalmente tipológica – não colhe misticamente, como a de Orígenes, a intensidade que se acaba de reportar, transpondo-a da atração sexual à relação amorosa religiosa. É este último, por isso, a influenciar, se não toda, grande parte da releitura patrística e medieval do *Cântico dos Cânticos*.[15]

A leitura origeniana do motivo matrimonial no *Cântico dos Cânticos* funda-se na primazia do amor – chave de leitura de questões várias da fé e da moral cristãs –, presente a Orígenes desde o início de sua atividade exegética e que culmina no *Comentário* e nas *Homilias* ao *Cânticos dos Cânticos*[16] – doravante, respectivamente, *Com. Ct.* e *Hom. Ct.* –, obra a que já se dedicara em sua juventude, mas cujos resultados não chegaram até nós senão de modo extremamente fragmentário.[17] Mesmo se consideravelmente substanciosos, homilias e comentário também são incompletos:[18] o *Com. Ct.* o é porque Rufino fez "simplificações"[19] na última obra que se dedicou a traduzir e que não concluiu talvez devido ao sobrevir de sua morte;[20] as *Hom. Ct.* o são porque seu pregador não abordou o texto completo do *Cântico dos Cânticos*. Por quê? É improvável que, embora tenha

influenciado o andamento das homilias,[21] o tempo à disposição seja a resposta única e definitiva.

Com efeito, a diferença das dimensões das duas homilias não é tão significativa – e Orígenes parece ter pregado, de fato, somente duas homilias sobre o *Cântico dos Cânticos*, isto é, nada do texto se perdeu –, de modo que o tempo disponível para ambas seria o mesmo, ou semelhante, e previamente estabelecido, provavelmente.[22] Isso não explica, porém, por que não realizou outras homilias para completar a exposição do *Cântico dos Cânticos*. E se Orígenes não pretendesse – não naquele momento[23] – comentá-lo por completo? De fato, não há qualquer elemento no texto que nos permita supor que o pretendesse. Além disso, sugeriu-se que, mesmo se não abordam todo o livreto sacro, ambas possuam certa unidade e organicidade: tendo apresentado o necessário para a compreensão espiritual-alegórica da obra, Orígenes detém-se em um ciclo de somente duas homilias, sem voltar de novo e de novo a sua linguagem erótica e tema único.[24]

Se essas considerações estiverem certas, podemos, então, sintetizá-las assim: Orígenes mesmo se propusera pregar duas homilias sobre o *Cântico dos Cânticos*; tendo-se delongado, na primeira, ao comentar sobre a importância do texto sacro e tratar de uns poucos versículos, apressa-se em comentar mais versículos na segunda, mas de modo a realizar o que teria determinado, isto é, tratar em duas homilias, no tempo preestabelecido, não de toda a obra, mas somente daquilo que fosse necessário para sua compreensão espiritual.

Orígenes começa explicando que o *Cântico dos Cânticos* é o ponto alto de um itinerário espiritual com diversas etapas e que o referido texto sacro, portanto, não deve ser lido carnalmente, isto é literalmente.[25] É improvável, como se poderia argumentar, que se trata de desconsiderar o elemento erótico do texto. É muito mais lógico considerar Orígenes em sintonia com a escola exegética alexandrina, para a qual o significado da Escritura não se mostra em sua letra, isto é, no significado imediato do texto; só o perseverante, pio e preparado pode chegar a seu significado verdadeiro, profundo,

oculto sob a letra do texto,[26] passando do fenomênico à realidade espiritual.[27] Sob tal prisma, o amor divino torna-se meta atingível mediante um modo específico de vida. Assim, não surpreende que Orígenes exorte insistentemente quanto à necessidade de se progredir no referido itinerário.

Ainda na proposição das premissas iniciais de aproximação do texto sacro, o autor identifica quais são os personagens do drama, personagens hierarquicamente dispostos.[28] Essa caracterização da obra e apresentação dos personagens resulta da leitura literal do texto. A partir daí se tem a interpretação místico-alegórica que lê na esposa ora a alma do fiel,[29] ora a Igreja,[30] ora ambas,[31] mas de modo a privilegiar a relação eclesial e individual, na qual cada um é convidado a considerar sua própria situação e a progredir, como alma eclesiástica,[32] na união com o Cristo.

Mas esse progresso não se dá simplesmente na passagem ascendente de um personagem a outro até o ponto alto da hierarquia – o esposo –, pois a própria esposa precisa de purificação.[33] Com efeito, devido à instabilidade com que se vivem as provações deste mundo,[34] a esposa pode se distanciar do esposo.[35] Assim, as jovens, que se encontram atrás da esposa,[36] quando chegarem a amar como a esposa,[37] não terão a garantia de estar unidas ao esposo de modo necessariamente estável. Além disso, o próprio esposo, embora se manifeste de múltiplas formas, [38] não se faz presente de modo completamente apreensível: não se pode detê-lo, ainda que sua revelação estimule a se desejá-lo mais e mais.[39]

Não basta, então, o primeiro passo – embora fundamental e necessário –, isto é, abandonar o pecado,[40] as sombras da morte, [41] e encaminhar-se das realidades ruins às boas; é preciso dirigir-se das realidades externas às espirituais[42] e passar de coisas boas a melhores: há sempre uma realidade mais elevada, uma felicidade superior, por ser alcançada.[43] E se a própria esposa pode precisar de purificação, quanto mais as jovens, que precisam despertar em si o amor,[44] que não acompanham[45] ou não ouvem[46] o esposo,

mas estão nas graças da esposa,[47] mesmo que estejam ausentes e não a ouçam.[48] A esposa, contudo, por toda parte continua a exortar ao encontro com o Verbo,[49] pois quem é digno de contemplar aqui estavelmente a majestade divina,[50] ou de poder dizer ter um amor ordenado?[51] A ascensão, o progresso espiritual, cujo fim é a união com o Verbo, exige a constante geração do Cristo no interior do fiel.[52]

Com efeito, o ponto comum das duas homilias – que não se desenvolvem como as homilias a que o leitor contemporâneo está acostumado[53] – está na ascensão espiritual e na unidade entre Antigo e Novo Testamentos. Tal unidade tem seu eixo em Cristo, em quem as profecias e símbolos veterotestamentários têm realização e a quem a alma humana deseja unir-se,[54] graças ao fato de ele ter-se humilhado vindo à humanidade[55] para salvá-la[56] com sua paixão;[57] que difunde o perfume de seu Espírito e sua luz,[58] que se une à Igreja para ungi-la e fazê-la viver dele.[59]

O Verbo-esposo, então, centro das homilias, é de onde parte a vida e a beleza da esposa.[60] Simultaneamente, o Verbo é também para onde se dirige a esposa, é por quem ela é atraída. Essa relação de amor, de atração e dom, exige, porém, certa correspondência da amada, manifesta, nas homilias, no configurar-se progressivo da esposa ao esposo, em quem ela deve reconhecer-se.[61]

As homilias são, portanto, profundamente parenéticas. Não há as considerações filológicas que haveria no *Com. Ct.* – se Rufino as tivesse mantido[62] –, ainda que Orígenes pareça ter sido tentado a fazê-las.[63] Essa exortação geral, isto é, a que cada um considere sua própria situação,[64] e a ausência das considerações filológicas podem ser indicadores do público a que Orígenes se dirigia: um auditório vasto, heterogêneo, diferente do seleto público avançado da escola;[65] um auditório de catecúmenos,[66] de iniciantes, portanto, e de modesto nível cultural.[67]

Por fim, quem teve contato com a publicação em um só volume com as *Hom. Ct.* e o *Com. Ct.* origenianos, como a de R. Lawson,

[68] ou mesmo quem já deparou com os referidos textos em distintas edições, talvez se tenha dado conta de que propomos uma ordem distinta das referidas obras.

Normalmente, de fato, o *Com. Ct.* é datado anteriormente às homilias: essas teriam tido lugar por volta de 245; aquele, por volta de 240. R. Lawson, L. Bressard e H. Crouzel, O. Rousseau, M. Simonetti provavelmente seguem uma informação de Eusébio[69] para situar o comentário antes das homilias, nos períodos que se acaba de indicar.

Aqui, ao propor as homilias antes do comentário, consideramos a recente contestação de J. Christopher King[70] da referida datação – ainda que tal contestação implique alguma dificuldade. Para o referido autor, a pregação das homilias, na verdade, teria ocorrido entre 241-242; portanto, antes da composição do comentário, cuja datação Christopher King conserva.

Se sua hipótese estiver correta, não resultaria inverossímil que, tendo feito uma pregação moral propedêutica sobre o *Cântico dos Cânticos*, Orígenes vislumbrasse a possibilidade de comentá-lo por completo. Nesse caso, as homilias não seriam somente parenéticas e propedêuticas para a vida espiritual, mas – mesmo se involuntariamente – para o próprio comentário, e as diferenças interpretativas de Orígenes, o leitor atento se dará conta, entre este último e aquelas seriam, para quem subscreve estas páginas, mais facilmente explicáveis.

O original grego das homilias perdeu-se e não chegaram até nós mais que fragmentos. Mas, cerca de cento e cinquenta anos depois de proferidas, Jerônimo, por volta de 383,[71] verteu-as, fielmente,[72] ao latim acompanhadas de um Prólogo em que elogia seu autor.[73] Dessa versão jeronimiana, conforme o texto estabelecido na edição crítica de M. Simonetti,[74] foi feita a tradução que o leitor tem em mãos.[75]

HOMILIAS SOBRE O *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

PRÓLOGO

De Jerônimo ao beatíssimo Pai[1] Dâmaso[2]

Orígenes, tendo superado a todos nos outros livros [que compôs sobre as Escrituras], no [Comentário ao] *Cântico dos Cânticos* superou a si mesmo. De fato, ele o expôs – disposto em dez volumes que quase chegam a 20 mil linhas – segundo as versões primeiro da Septuaginta, depois de Áquila, de Símaco, de Tedocião e, por fim, de uma quinta edição que ele escreve que encontrou na costa de Ácio.[3] E o fez tão magnífica e claramente, que me parece que se cumpra nele o que diz [este mesmo livro]: "O rei me introduziu em seu quarto".[4]

Assim, à parte este comentário – porque traduzir à língua latina tão dignamente algo tão grandioso é [atividade] de muito tempo, de muito trabalho e de muitos gastos –, traduzi, mais fiel que elegantemente, estas duas homilias que ele compôs em estilo de discurso coloquial para os pequenos e que são ainda lactentes.[5] Ofereço-te [com a tradução destas homilias] uma degustação – não [propriamente] a refeição[6] – de suas reflexões, para que te dês conta do quanto se devam estimar as grandes obras, já que [até mesmo] as pequenas podem agradar.

HOMILIAS SOBRE O *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

ORÍGENES

HOMILIA 1

Sobre o início do *Cântico dos Cânticos*,
até aquela passagem que diz:
“Enquanto o rei está em seu divã”
(Ct 1,1-12).

A ascensão ao Cântico dos Cânticos

1 Como aprendemos por Moisés que há não só certos lugares santos, mas também um "Santo dos santos"[1] – [e] igualmente não só os sábados, mas também um "Sábado dos sábados"[2] –, assim agora também somos ensinados, como escreve Salomão, que há não só certos cânticos, mas também um "Cântico dos Cânticos".[3]

Bem-aventurado, certamente, é aquele que entra em lugares santos, mas muito mais bem-aventurado aquele que entra no Santo dos santos. Bem-aventurado aquele que observa o sábado, mas muito mais bem-aventurado aquele que observa o Sábado dos sábados. Bem-aventurado, igualmente, é aquele que compreende os cânticos e os canta – pois ninguém os canta senão em solenidades –, mas muito mais bem-aventurado aquele que canta o *Cântico dos Cânticos*. E como aquele que entra em lugares santos ainda carece de muito para poder entrar no Santo dos santos, e aquele que celebra o sábado – instituído por Deus para o povo – ainda tem necessidade de muitas coisas para chegar ao Sábado dos sábados, do mesmo modo, dificilmente se encontra quem, passando por todos os cânticos contidos nas Escrituras, possa ascender ao *Cântico dos Cânticos*.

É preciso que saias do Egito[4] e, saído da terra do Egito, atravesses o mar Vermelho para que possas cantar o primeiro cântico, que diz: "Cantemos ao Senhor, pois foi gloriosamente honrado".[5] Mesmo, porém, que tenhas dito o primeiro cântico, ainda estás longe do *Cântico dos Cânticos*. Atravessa espiritualmente a terra do deserto, até que chegues ao poço que os reis cavaram[6] para que aí cantes o segundo cântico.

Depois disso, vai para perto da Terra Santa, para que, de pé à margem do Jordão, cantes o cântico de Moisés, que diz: "Ouve, céu, eu falarei; e ouça a terra as palavras de minha boca".[7]

Em seguida, é necessário que lutes sob Jesus[8] e possuas a Terra Santa como herança, e uma abelha profetize para ti e uma abelha te julgue – pois Débora significa abelha –, para que possas

proclamar aquela poesia contida no livro dos Juízes.[9]

Então, ascendendo ao *Livro dos Reis*, chegas ao cântico no qual Davi fugiu da mão "De todos os seus inimigos e da mão de Saul, e disse: 'Senhor, meu sustento e minha força, meu refúgio e meu libertador'".[10]

Deverás chegar a Isaías para dizeres com ele: "Cantarei ao dileto o cântico de minha vinha".[11] E quando tiveres passado por tudo isso, sobe a realidades mais altas, para que possas, ó alma formosa, cantar com o esposo este *Cântico dos Cânticos*.[12]

Não estou certo de quantos personagens conste [este Cântico]. Mas, graças às vossas orações e a Deus que [mo] revela, parece-me que encontro aí quatro personagens: esposo e esposa, as moças com a esposa, o grupo de companheiros com o esposo. Algumas coisas são ditas pela esposa, outras pelo esposo; algumas pelas jovens, algumas pelos companheiros do esposo. É certamente conveniente que, nas núpcias, o grupo das jovens esteja com a esposa, e o grupo dos jovens com o esposo.

Não queiras buscar tudo isso fora, não o queiras fora daqueles que foram salvos pela pregação do Evangelho.[13] Entende que o esposo é Cristo; a Igreja é a esposa sem mancha nem ruga, da qual foi escrito: "Para apresentar a si a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga ou outra coisa semelhante, mas santa e imaculada".[14]

Compreende, porém, como as almas dos fiéis as jovens que estão com a esposa; [mas] aqueles que, embora fiéis, não são ainda deste modo que a palavra acaba de anunciar, mas parecem ter, de certo modo, chegado à salvação. Entende, por outro lado, como os anjos e aqueles que chegaram ao homem perfeito[15] os homens que estão com o esposo.

Vê, portanto, comigo, quatro graus:[16] o esposo, a esposa, dois coros em harmonia entre si, [isto é,] a esposa a cantar com as jovens, o esposo a cantar com os companheiros. Quando tiveres entendido isso, ouve o *Cântico dos Cânticos* e apressa-te em entender e em dizer com a esposa aquilo que a esposa diz, para que também ouças o que a esposa ouviu. Se, porém, não puderes dizer com a esposa o que a esposa disse, de modo que ouças

aquilo que foi dito à esposa, apressa-te pelo menos em estar entre os companheiros do esposo. Porém, se estás aquém também desses, põe-te com as jovens que permanecem nas graças da esposa.

Esses, então, são os personagens [que há] nesse livro, [que é] tanto drama quanto epitalâmio.[17] A partir desse livro, também os gentios reivindicaram para si o epitalâmio e adotaram esse gênero de poesia, já que o *Cântico dos Cânticos* é *o* epitalâmio.[18]

Primeiro, a esposa ora e logo, em meio às preces, é ouvida: ela vê o esposo presente, vê as jovens unidas a seu cortejo. Em seguida, o esposo lhe responde e, depois das palavras do esposo, enquanto ele sofre pela salvação dela,[19] os companheiros [dele] respondem que, enquanto o esposo estiver em seu divã e [não] ressurgir da paixão, prepararão certos ornamentos para a esposa.[20]

A súplica da esposa e sua resposta
Realidades espirituais

2 Mas agora devem ser apresentadas as próprias palavras nas quais se ouve pela primeira vez a voz da esposa que suplica: “Que ele me beije com os beijos de sua boca!”.[21] Este é o significado dessas palavras: “Por quanto tempo meu marido me mandará beijos por Moisés, mandará beijos pelos profetas? Desejo tocar sua própria boca. Desejo que ele mesmo venha [até mim]. Desejo que ele mesmo desça”.

Ela pede, então, ao pai do esposo, e lhe diz: “Que ele me beije com os beijos de sua boca!”. Porque ela é digna de que se realize nela aquela profecia em que se diz: “Enquanto falas, te direi: ‘eis que aqui estou’”;[22] o pai do esposo ouve a esposa: envia seu filho.[23]

Ela, vendo aquele cuja vinda suplicava, deixa de suplicar e, de perto, diz-lhe: “Porque teus mamilos são melhores do que o vinho, e o odor dos teus perfumes está acima de todos os aromas”.[24] O esposo, então, o Cristo, enviado pelo pai, vem ungido até a esposa, e lhe é dito: “Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, ungiu-te com óleo de exultação, acima de teus companheiros”.[25]

Quando o esposo tiver-me tocado, também eu terei um bom odor e estarei ungida de perfume e até mim chegarão seus perfumes, de modo que eu possa dizer com os apóstolos: “Somos o bom odor de Cristo em todos os lugares”.[26] Nós, porém, enquanto ouvimos isso, ainda fedemos pelos pecados e vícios, dos quais fala o penitente pelo profeta: “Minhas chagas apodreceram e supuram por causa de minha insensatez”.[27] O pecado tem o odor da podridão, a virtude exala perfumes, cujos tipos podes reler no Êxodo.[28] Certamente, também aí encontrarás mirra, craveiro, gálbano e outros. E esses, na verdade, [são] para [fazer] o incenso; depois, para o trabalho do perfumista,[29] tomam-se vários perfumes, entre os quais estão o nardo e a mirra. E Deus, que fez o céu e a terra,[30] fala a Moisés,

dizendo: “Eu os preenchi com espírito de sabedoria e de entendimento, para que façam as obras de arte do perfumista”.[31] [Assim,] Deus ensina também os perfumistas.

Não são fábulas todas essas coisas, se não são compreendidas espiritualmente? Não são indignas de Deus, a não ser que tenham algo de secreto?[32] É necessário, então, que aquele que sabe ouvir espiritualmente as Escrituras – ou, certamente, que aquele que não [o] sabe e deseja saber – esforce-se com todo empenho para não viver segundo a carne e o sangue, de modo que possa tornar-se digno dos segredos espirituais e, para dizê-lo de modo mais audaz, do desejo ou amor espiritual, já que há também um amor espiritual.[33] E como há um alimento carnal e outro espiritual, uma bebida da carne e outra do espírito, assim há certo amor carnal que procede de Satã e um amor espiritual que tem origem em Deus,[34] e ninguém pode ser possuído por dois amores. Se és amante da carne, não compreendes o amor do espírito. Se desprezaste todos os bens corporais, não digo a carne e o sangue, mas a prata e as posses, a própria terra e o próprio céu – já que passarão[35] –, se desdenhaste tudo isso e não ligaste tua alma a nada disso, nem és retido por qualquer amor aos vícios, podes compreender o amor espiritual. [Dissemos tudo] isso porque surgiu a ocasião para que disséssemos algo sobre o amor espiritual.[36]

Convém-nos, porém, observar o preceito de Salomão, ou melhor, daquele que falava por Salomão acerca da sabedoria dizendo assim: “Ama-a, e te protegerá; estreita-a, e te exaltará; honra-a, e te abraçará”.[37] Há um abraço espiritual; e oxalá aconteça que o abraço mais estreito do esposo envolva também minha esposa,[38] para que eu também possa dizer o que está escrito neste mesmo livro: “Sua mão esquerda sob minha cabeça, e sua destra me abraçará”.[39] Assim, “Que me beije com os beijos de sua boca!”.

A intimidade com o esposo

3 É costume das Escrituras usar o modo imperativo em vez do subjuntivo,[40] como aqui: “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome”, em vez de “oxalá seja santificado”;[41] assim [acontece] também no presente caso: “Que me beije com os beijos de tua boca”, em vez de “oxalá me beije”.[42]

Depois ela observa o esposo. Ele vem ungido com perfumes; não poderia vir de outro modo à esposa, nem era apropriado que o pai enviasse de outro modo o filho às núpcias. [O pai] ungiu-o com vários perfumes, tornou-o Cristo. Ele vem exalando diversos perfumes, e ouve: “Porque teus mamilos são melhores do que o vinho”.[43]

Adequadamente, o discurso divino designa uma mesma realidade com vocábulos diversos, conforme a natureza do contexto. Na Lei, quando é oferecido o sacrifício, e [a Lei] quer mostrar [seu] significado, fala-se de “espádua de separação”.[44] Quando, porém, alguém se recosta sobre Jesus e frui em comunhão com os sentimentos dele,[45] não se fala de espádua,[46] como há pouco, mas de peito.[47] Por fim, quando a esposa fala ao esposo, porque se inicia um cântico nupcial, não se fala de espádua, como no sacrifício, não se fala de peito, como no discípulo João, mas se nomeiam os mamilos,[48] dizendo: “Porque teus mamilos são melhores que o vinho”.[49] Participa, como a esposa, dos sentimentos do esposo, e saberás que, deste modo, os pensamentos inebriam e alegram. E como “O cálice inebriante do Senhor é ótimo em todos os sentidos”,[50] assim os mamilos do esposo são melhores que qualquer vinho.

[A esposa,] em meio às [suas] súplicas, dirige [estas] palavras ao esposo: “Porque teus mamilos são melhores que o vinho, e o odor de teus perfumes está acima de todos os aromas”.[51] O esposo vem ungido não com um, mas com todos os aromas. E se [o esposo] dignar-se de vir a minha alma, tornada sua esposa, quão necessário [é] que ela seja formosa para atraí-lo a si do céu, para

que o faça descer à terra, para que venha à amada? De que beleza deve ser adornada, de qual amor dever arder, para que ele diga a ela aquilo que disse à esposa perfeita: “[és bela em cada parte tua:] teu pescoço,[52] teus olhos,[53] tuas bochechas,[54] tuas mãos, teu ventre,[55] teus ombros, teus pés”?[56] Se o Senhor permitir, trataremos dessas partes, [isto é,] como variem os membros da esposa e [como] se teça um louvor diverso para cada uma das partes,[57] de modo que, depois da explicação, empenhemo-nos para que se teça semelhante [louvor] também à nossa alma.

“Teus mamilos”, certamente, “são melhores que o vinho”.[58] Se tiveres visto o esposo, então compreenderás que é verdade o que é dito: “Porque teus mamilos são melhores que o vinho, e o odor de teus perfumes está acima de todos os aromas”.[59] Muitos tiveram aromas: a rainha do sul levou aromas para Salomão[60] e muitos outros tiveram aromas, mas quanto quer que alguém os tenha tido, eles não podem ser comparados aos perfumes do Cristo,[61] dos quais a esposa agora diz: “O odor de teus perfumes está acima de todos os aromas”.[62]

Eu considero que também Moisés tenha tido aromas, e Aarão e cada um dos profetas; mas, se eu tiver visto o Cristo e tiver sentido a suavidade do odor de seus perfumes, imediatamente assumirei a sentença que diz: “O odor de teus perfumes está acima de todos os aromas”.[63]

O nome de Cristo difuso por toda a terra

4 “Teu nome é perfume difuso”.[64] [Isso] é um mistério profético: assim que o nome de Jesus vem ao mundo, anuncia-se o “perfume difuso”. Também no Evangelho, uma mulher, “Tomando um vaso de alabastro de precioso perfume de nardo puro, derramou-o” sobre a cabeça e os pés de Jesus.[65] Observa cuidadosamente qual das duas [mulheres] o derramou sobre a cabeça do Salvador, já que se encontra [um texto em] que a pecadora o derramou sobre os pés, enquanto [noutro] não se diz que fosse pecadora aquela que o derramou sobre a cabeça dele.[66] Observa, digo, e verás que no que lês do Evangelho não há fábulas ou contos [criados] pelos [próprios] evangelistas, mas estão escritos mistérios.

“A casa”, então, “encheu-se do odor do perfume”.[67] Se o que a pecadora fez deve referir-se aos pés e se o que a não pecadora fez deve referir-se à cabeça, não é surpreendente que a casa fosse preenchida pelo odor do perfume, já que o mundo foi preenchido por este odor.

No mesmo lugar está escrito acerca de Simão, o leproso, e de sua casa.[68] Eu considero que o leproso seja o Príncipe deste mundo, e esse leproso seja chamado pelo nome de Simão, cuja casa – com a pecadora fazendo penitência e a santa espargindo a cabeça de Jesus com odores de bálsamo – foi preenchida por suave odor com o advento do Cristo.

“Teu nome é perfume difuso”.[69] Como o perfume que é efuso difunde seu odor para longe, assim o nome de Cristo se difundiu. Por toda a terra o Cristo é celebrado; por todo o mundo o meu Senhor é anunciado; pois “perfume difuso” é o nome dele.

Agora se ouve o nome de Moisés, que antes se restringia somente aos limites da Judeia; pois nenhum dos gregos lembrou dele, nem encontramos em qualquer história das letras dos gentios algo escrito a seu respeito ou a respeito de outros [judeus]. Mas assim que Jesus brilhou no mundo, trouxe consigo a Lei e os profetas, e verdadeiramente se realizou [o que está escrito]: “Teu

nome é perfume difuso”.[70]

A esposa, a Igreja, superior às jovens, é a mais bela

5 “Por isso as jovens te amaram”.[71] Porque “Pelo Espírito Santo a caridade de Deus foi derramada em nossos corações”,[72] adequadamente se fala de difusão: “Teu nome é perfume difuso”.[73] Dizendo isso, a esposa vê as adolescentes.[74] Quando ela pedia ao pai do esposo e quando falava pessoalmente ao próprio esposo, ainda não estavam presentes as adolescentes. Mas em meio às [suas] preces entra o coro das adolescentes e [o esposo] é louvado nas palavras da esposa:[75] “Por isso as jovens[76] te amaram e te arrastaram”,[77] e as adolescentes respondem: “No odor de teus perfumes, correremos atrás de ti”.[78] Adequadamente [se diz que] as seguidoras do esposo ainda não têm a confiança da esposa.[79] A esposa não segue atrás [do esposo], mas avança com ele a seu lado. Ela toma a destra do esposo e a destra do esposo segura a mão dela. Mas as servas[80] avançam depois dele.

“Sessenta são as rainhas e oitenta as concubinas e sem número as jovens. [Mas] uma é a minha pomba, minha perfeita; é uma para sua mãe; é uma para aquela que a concebeu”.[81] Então, “no odor de teus perfumes, correremos atrás de ti”.[82]

Com toda beleza se diz daqueles que amam: “No odor de teus perfumes, correremos atrás de ti”,[83] conforme isto: “Terminei a corrida”,[84] e isto: “Aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um recebe o prêmio”,[85] e o prêmio é Cristo. Estas são certamente as jovens, que, porque estão no início do amor, sabemos que estão fora, segundo [este] exemplo: “O amigo do esposo, que está de pé e o escuta, alegra-se ao ouvir a voz do esposo”.[86] Algo semelhante também as adolescentes suportam.

Enquanto o esposo entra, elas permanecem fora. Mas a esposa, bela, perfeita, sem mancha, sem ruga,[87] entra no quarto do esposo, na íntima câmara real. Ela volta às jovens e lhes anuncia o que só ela viu, e diz: “O rei me introduziu em seu quarto”.[88] Não diz: “Introduziu-nos, muitas, em seu quarto”; muitas permanecem

fora; no quarto só a esposa é introduzida para que veja tesouros tenebrosos e ocultos,[89] e para que anuncie às jovens: “O rei me introduziu em seu quarto”.[90] De novo, as adolescentes, isto é, a enorme turba das iniciadas nos esponsais – tendo entrado a esposa no quarto do esposo, vendo as riquezas de seu marido enquanto espera sua chegada –, alegres cantam: “Exultaremos e nos alegraremos em ti”.[91] Elas se alegram pela perfeição da esposa, pois não há inveja nas virtudes; este amor é puro, este amor é sem defeito.

“Exultaremos e nos alegraremos em ti. Amaremos teus mamilos”.[92] A esposa, que é adulta, já goza do leite de teus mamilos e, exultante, diz: “Teus mamilos são melhores que o vinho”.[93] Mas as adolescentes adiam a exultação e a alegria – já que são adolescentes. Adiam também a caridade. Dizem: “Exultaremos e nos alegraremos em ti. Amaremos”[94] – não [dizem] amamos, mas amaremos –, “Teus mamilos são melhores que o vinho”.[95] Depois dizem ao esposo: “A equidade te amou”.[96] [Assim,] louvam a esposa, atribuindo-lhe, por suas virtudes, o nome de equidade: “A equidade te amou”.[97]

A esposa, escolhida dentre os gentios

6 Mais uma vez, a esposa responde às adolescentes: “Sou negra e formosa, filhas de Jerusalém”[98] – e assim sabemos que essas adolescentes são filhas de Jerusalém. Então, “sou negra e formosa, como as tendas de Cedar, como as peles de Salomão. Não vos fixeis em mim, porque eu fui enegrecida, pois o sol me desprezou”.[99]

A esposa certamente é bela, e posso descobrir como seja bela a esposa. Perguntamos, porém, como, negra e sem alvor, seja bela.

Ela fez penitência pelos [seus] pecados, a conversão lhe conferiu a beleza e, por isso, canta-se [sua] formosura. Mas porque ainda não estava purificada de cada mancha de pecado, nem foi lavada para a salvação, diz-se que era negra. Mas ela não permanece na cor escura e se torna cândida. Assim, elevando-se às realidades superiores e começando a ascender das mais baixas às mais altas, dela se diz: “Quem é esta que se eleva alvejada?”.[100] E, para que mais claramente se descreva de modo perfeito o mistério, não diz, como se lê em vários [códices]: “apoiada sobre seu amado”,[101] isto é, *epistērizoménē*, mas *epistēthizoménē*, ou seja, “repousando sobre seu peito”.[102]

E significativamente se diz da alma que é esposa e da Palavra que é esposo: “Repousando sobre seu peito”, porque aí está a sede de nosso coração.[103] Por isso, separando-nos das realidades carnais, devemos perceber as espirituais e compreender que é muito melhor amar que desistir de amar. “Ascende”, portanto, “repousando sobre o peito de seu amado”, e, daquela que aqui, no início do *Cântico*, é apresentada negra, canta-se, no fim do epitalâmio: “Quem é esta que se eleva alvejada?”.[104]

Compreendemos como a esposa seja negra e formosa. Se, porém, também tu não fizeres penitência, cuidado para que não se diga que tua alma é negra e deformada, e te desfigures por dúplice feiura: negra devido aos pecados passados, deformada devido a perseverares nos mesmos vícios. Se, porém, fizeres penitência, tua

alma será negra devido aos antigos delitos, mas, devido à penitência, terás algo, por assim dizer, da beleza etíope. E, porque também nomeei a etíope, quero invocar, ainda a esse respeito, a palavra das Escrituras como testemunho.

"Aarão e Maria murmuram porque Moisés tinha uma esposa etíope".[105] Também ora Moisés toma por esposa uma etíope, já que sua Lei passou a essa nossa etíope. Murmure, pois, Aarão, o sacerdócio dos judeus; murmure, pois, Maria, sua sinagoga. Moisés não se preocupou com a murmuração; ele ama sua etíope, da qual, em outro lugar, é dito pelo profeta: "Do outro lado dos rios da Etiópia trarão oferendas",[106] e ainda: "A Etiópia se antecipará em estender suas mãos a Deus".[107] Adequadamente [se diz que] antecipará, como, de fato, no Evangelho, aquela mulher que sofria de fluxo de sangue antecipou a cura da filha do chefe da sinagoga;[108] assim também a Etiópia foi curada, [mas] Israel está enfermo: "Por seu delito, a salvação foi dada às gentes, para lhes excitar o ciúme".[109]

"Sou negra e formosa, filhas de Jerusalém".[110] E tu, que és da Igreja, dirige a palavra às filhas de Jerusalém e dize[-lhes]: "O esposo ama mais a mim; ama mais a mim que a vós, que sois muitas, filhas de Jerusalém. Vós estais fora e vedes a esposa que entra no quarto [do esposo]". Ninguém duvide que aquela que se designou negra é a formosa que somos nós, para conhecermos Deus; para cantarmos o *Cântico dos Cânticos*; para irmos, dos confins da Etiópia, no extremo da terra, ouvir a sabedoria do verdadeiro Salomão.[111]

E quando for ouvida a voz do salvador a proclamar que "a rainha do sul virá para o julgamento e condenará os homens desta geração, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e eis aqui alguém maior do que Salomão",[112] ouve misticamente o que é dito. A Igreja, a rainha do sul, vem dos confins da terra e condena os homens desta geração, isto é, os judeus, sujeitados à carne e ao sangue. Vem dos confins da terra para ouvir a sabedoria, não daquele Salomão de quem se fala no Antigo Testamento, mas daquele que no Evangelho é maior que Salomão. [113]

“Sou negra e formosa, filhas de Jerusalém”, negra “como as tendas de Cedar”, formosa “como as peles de Salomão”,[114] pois a ela correspondem ambas. Também os próprios nomes convêm à beleza da esposa: os hebreus dizem que Cedar significa trevas,[115] então, “sou negra como as tendas de Cedar”, como os etíopes, como tendas etiópicas; “Formosa como as peles de Salomão”, que, naquele tempo, compunham os ornamentos nas tendas, quando o templo foi feito com grande diligência e trabalho.[116] Certamente Salomão foi rico e ninguém o superou em toda sua sabedoria,[117] como nenhum deles.[118]

“Sou negra e formosa, como as tendas de Cedar, como as peles de Salomão. Não vos fixeis em mim, porque eu fui enegrecida”.[119] Ela dá satisfação de sua negritude e, convertida pela penitência a realidades melhores, declara, de fato, ser negra às filhas de Jerusalém, mas formosa, conforme expusemos acima, e diz: “Não vos fixeis em mim, porque eu fui enegrecida”. Diz: “Não vos admireis por eu ser de cor escura: ‘o sol me desprezou’.[120] Com pleno esplendor, o fulgor de sua luz brilhou sobre mim e fui enegrecida por seu calor.[121] De fato, não recebi sua luz sobre mim assim como teria devido e como exigia a dignidade do sol”, [então,] “por seu delito, a salvação foi dada às gentes”,[122] e ainda: “Pela incredulidade dos gentios, [veio] o conhecimento para Israel”.[123] Encontras ambos [os textos] no Apóstolo.[124]

Os irmãos da esposa

7 “Os filhos de minha mãe se voltaram contra mim”.[125] Devemos considerar [agora] que a esposa diga: “Os filhos de minha mãe se voltaram contra mim”[126] e quando começou a luta dos irmãos contra ela. Comigo observa Paulo, perseguidor da Igreja,[127] e entenderás como o filho de sua mãe luta contra ela.[128]

Os perseguidores da Igreja fizeram penitência e seus inimigos, convertidos às bandeiras da irmã, “pregaram a fé que antes destruíam”.[129] Com espírito profético, a esposa, agora cantando, diz: “Combateram contra mim, puseram-me guarda nas vinhas, [mas] minha vinha não guardei”.[130] “Eu, a Igreja; eu, esposa; eu, sem mancha,[131] fui posta como guarda de muitas vinhas pelos filhos de minha mãe, que outrora lutaram contra mim. Ocupada com tal solicitude e atenção, guardando muitas vinhas, não custodiei minha vinha. Comigo entende isso com relação a Paulo e qualquer outro dos santos que seja solícito pela salvação de todos. Verás de que modo ele, não guardando a própria vinha, guarda a vinha de outros. Verás como, para ganhar outros, ele mesmo sofre algumas perdas e como, quando livre entre todos, fez-se servo de todos para ganhar a todos; fez-se enfermo para ganhar os enfermos, judeu para ganhar os judeus; com quem estava sob a Lei, [pôs-se] como que sob a Lei,[132] e quanto segue [em sua carta]. Verás como ele diz: ‘Minha vinha não guardei’”.[133]

Então, a esposa vê o esposo, que, visto, retira-se. E frequentemente ele faz isso em todo o *Cântico*; o que não pode ser compreendido senão por aquele mesmo que experimentou isso. Muitas vezes, Deus é testemunha, vi o esposo aproximar-se de mim e estar comigo o quanto possível; [mas] ele repentinamente se retirava [e] eu não podia encontrar aquele que eu buscava. De novo, portanto, desejo sua chegada, e às vezes ele vem novamente. Mas depois que apareceu e eu o contive entre minhas mãos, de novo ele escapa e, tendo escapado, novamente é buscado por mim.[134] E isso ele faz frequentemente, até que eu o tenha verdadeiramente e

me eleve “apoiada sobre meu amado”.[135]

O esposo diga onde encontrá-lo

8 “Avisa-me, quem minha alma amou, onde apascentas, onde repousas ao meio-dia”.[136] Não busco outros momentos, [isto é,] quando apascentas pela tarde, quando ao amanhecer, quando ao anoitecer. Por este tempo busco, quando [apascentas] na plenitude do dia, quando em plena luz te mostras no esplendor de tua majestade. “Avisa-me, quem minha alma amou, onde apascentas, onde repousas ao meio-dia”.[137]

Diligentemente observa [nas Escrituras] onde lês “meio-dia”: junto a José, ao meio-dia os irmãos fazem a refeição;[138] os anjos são recebidos pela hospitalidade de Abraão ao meio-dia;[139] e há outras passagens desse tipo. Procura, e encontrarás[140] que a Escritura divina não emprega qualquer palavra inútil e fortuitamente. Quem consideras que seja digno entre nós de chegar ao meio-dia e ver onde apascenta, onde repousa o esposo ao meio-dia?

“Avisa-me, quem minha alma amou, onde apascentas, onde repousas ao meio-dia”.[141] Pois se não me avisares, começarei a vagar errante e, enquanto te buscar, a correr para rebanhos de outros[142] e a cobrir minha face,[143] porque me envergonho diante dos outros. Sou, certamente, esposa formosa e não mostro minha face descoberta senão a ti somente, a quem já há tempos beijei.

“Avisa-me, quem minha alma amou, onde apascentas, onde repousas ao meio-dia, para que eu não esteja como velada entre os rebanhos de teus companheiros”.[144] Para que eu não sofra isso, para que eu não esteja velada, para que eu não cubra a face[145] e, chegando junto a outros, talvez comece a amar a [esses] outros, que não conheço.[146] Por isso “avisa-me onde” te buscarei e encontrarei “ao meio-dia”, para que não esteja como velada entre os rebanhos dos companheiros.[147]

A esposa se conheça em sua dignidade

9 Depois dessas palavras, o esposo a adverte, e diz: “Ou te conheces a ti mesma – porque és esposa do rei e formosa, e tornada formosa por mim, já que ‘me apresentei à Igreja gloriosa, que não tem mancha nem ruga’[148] –, ou sabe que, se não te conheceres e desconheceres tua dignidade, sofrerás isto que segue”. Isto o quê? “Se não conheceres a ti mesma, ó bela entre as mulheres, segue os rastros dos rebanhos e apascenta”, não rebanhos de ovelhas, não de cordeiros, mas “as tuas cabras”.[149] [O esposo] coloca, certamente, as ovelhas à [sua] direita e as cabras à [sua] esquerda.[150] “Se não conheceres a ti mesma, ó bela entre as mulheres, segue os rastros dos rebanhos e apascenta as tuas cabras junto às tendas dos pastores”.[151] Nos rastros, diz ele, dos pastores, te tornarás última, não entre as ovelhas, mas entre tuas cabras. Habitando com essas não poderás estar comigo, isto é, com “o bom pastor”.[152]

A beleza da esposa, superior a outras belezas

10 “Comparei-te à minha cavalaria entre os carros do Faraó”.[153] Se queres entender, ó esposa, como deves conhecer-te, sabe a quem te comparei; e então, quando reconheceres tua beleza, verás que és tal que não deves ser desfigurada. Assim, o que significa: “Comparei-te à minha cavalaria entre os carros do Faraó”? Eu sei que o esposo é um cavaleiro pelo profeta que diz: “Seu cavalgar é salvação”.[154] Foste, então, comparada “a minha cavalaria entre os carros do Faraó”.

Quanto difere a minha – eu, que sou Senhor e submerjo nas ondas o Faraó e seus comandantes,[155] seus cavaleiros, seus cavalos, seus carros[156] –, quanto difere, repito, a minha cavalaria da cavalaria do Faraó, [assim] tanto tu és melhor que todas as filhas; tu, esposa, tu alma eclesial, és melhor que todas as almas que não são eclesiais. Por isso, se tua alma é eclesial, és melhor que todas as almas; se não és melhor, não és eclesial. “Comparei-te à minha cavalaria entre os carros do Faraó, próxima minha”.[157]

Em seguida, [o esposo] descreve a beleza da esposa com amor espiritual: “Tuas bochechas, como de rolinha”.[158] Ele louva a sua face e se inflama ao rubor das [suas] bochechas. A beleza das mulheres se diz estar, certamente, sobretudo nas bochechas. Assim, também nós entendamos nas bochechas a beleza da alma; mas a seus lábios e sua língua atribuamos a inteligência. “Teu pescoço, como colar”.[159] Como ornamento que costuma pender do pescoço das virgens e *hormískos*,[160] assim, sem essa beleza [do colar], teu pescoço mesmo é um ornamento.

Depois disso, o rei vai para seu divã.[161] Repousou, certamente, como leão, e como filhote de leão adormeceu, de modo a, em seguida, poder ouvir: “Quem o levantará?”.[162]

Enquanto ele dorme, aparecem para a esposa os companheiros do esposo, os anjos. E eles a consolam com estas palavras: “Nós não podemos fazer para ti ornamentos áureos. Não somos tão ricos quanto teu esposo, que te dá um colar de ouro. Nós faremos

imitações de ouro; não temos ouro. Mas também isto é [motivo] para alegrar-se, se faremos imitações de ouro, se faremos incrustações de prata:[163] ‘Nós faremos para ti imitações de ouro com incrustações de prata’.[164] Não, porém, por todo o tempo, mas [só] enquanto teu esposo não se levantar de seu divã”.[165]

Quando, de fato, ele se tiver levantado, ele mesmo fará para ti o ouro, fará para ti a prata. Ele mesmo adornará tua mente e tua percepção. E serás verdadeiramente rica, esposa perfeita, na casa do esposo, a quem pertencem a glória e o poder pelos séculos do séculos.[166] Amém.

HOMILIA 2

Desde aquela passagem em que está escrito:
“Meu nardo difundiu seu perfume”;
até aquela passagem em que diz:
“pois tua voz é suave e tua face é formosa”
(Ct 1,12-2,14).

Como amar

1 Deus, autor de tudo,[1] criou todas as emoções da alma[2] para o bem. Mas, por nosso agir, frequentemente acontece que coisas que são boas por natureza, enquanto as usamos mal, nos levem ao pecado.[3]

Uma das emoções da alma é o amor, que usamos bem para amar quando amamos a sabedoria e a verdade. Mas quando nosso amor cai em realidades inferiores, amamos a carne e o sangue. Tu, então, espiritual,[4] ouve espiritualmente as palavras amorosas do *Cântico*, e aprende a transferir a emoção de tua alma e o incêndio do amor natural para realidades melhores, conforme estas palavras: "[A sabedoria,] ama-a e te conservará; abraça-a e te exaltará".[5]

"Homens, amai vossas mulheres",[6] diz o apóstolo. Mas não parou naquilo que dissera: "Homens, amai vossas mulheres". Na verdade, sabendo que há um amor desonesto dos homens mesmo para com as próprias mulheres, [e] sabendo que há um amor que agrada a Deus, ensinou como os homens devem amar suas mulheres, acrescentando: "Homens, amai vossas mulheres como Cristo amou a Igreja".[7] E dissemos isso certamente como proêmio daquilo que deve ser dito em seguida.

A paixão do esposo

2 Porque, de fato, os amigos do esposo, “Enquanto o rei está no seu divã”,[8] repousando – com efeito, dormiu como um leão e como um filhote de leão[9] –, prometeram, não tendo ouro como o esposo, fazer imitações de ouro e de prata para a esposa até que ele se levante.[10] [Aí,] de certo modo, prenunciou-se com outras palavras a paixão do esposo. Não sem razão a esposa respondeu a isso. E ela mesma, compreendendo de algum modo a economia da paixão nisto que ouvira: “Nós faremos para ti imitações de ouro com incrustações de prata, enquanto o rei está em seu divã”,[11] responde: “Meu nardo difundiu seu perfume. Um saquinho de mirra é para mim meu amado; ele repousará entre meus seios”.[12] Como, então, conciliaremos o que precede: “Enquanto o rei está em seu divã”, com o que segue: “Meu nardo difundiu seu perfume”?[13]

Diz o Evangelho que: “Veio uma mulher com um frasco de alabastro com perfume de precioso nardo puro”.[14] Não aquela mulher pecadora,[15] mas a santa, da qual agora falo. Sei, certamente, que Lucas falou de uma pecadora.[16] Mas Mateus, João e Marcos não falaram de uma pecadora.[17] Veio, portanto, não a mulher pecadora, mas a santa – da qual João acrescentou também o nome: era Marta, de fato[18] –, e, tendo “um frasco de alabastro com perfume de precioso nardo puro, derramou-o sobre a cabeça de Jesus”.[19]

Em seguida, indignando-se com isso, não todos os discípulos, mas somente Judas, diz: “Poderia ser vendido por trezentos denários e ser dado aos pobres”.[20] Nosso mestre e salvador respondeu: “Sempre tereis os pobres convosco, mas a mim não sempre tereis convosco. Ela fez isso, certamente, antecipando o dia de minha sepultura. Por isso, onde quer que venha a ser proclamado este Evangelho, também o que ela fez será contado em sua memória”.[21] Como figura, portanto, desta da qual agora se lê: “Meu nardo difundiu seu perfume”,[22] essa [outra] derramou seu

perfume sobre a cabeça do Senhor.[23]

Também tu, então, toma o nardo, a fim de que, depois de teres espalhado o suave perfume pela cabeça de Jesus, possas francamente proclamar: “Meu nardo difundiu seu perfume”,[24] e ouvir [em resposta] esta palavra de Jesus: “Onde quer que venha a ser proclamado este Evangelho, também o que ela fez será contado em sua memória”,[25] porque também teu gesto será anunciado a todas as gentes.

Quando, porém, farás isso? Se te tiveres tornado como o apóstolo e disseres: “Somos o bom odor de Cristo por toda parte entre aqueles que se salvam”,[26] tuas boas obras são nardo. Mas se tiveres pecado, teus pecados difundirão como odor fétido. Diz, de fato, o penitente: “Minhas chagas apodreceram e supuram”.[27] [Assim,] não é propósito do Espírito Santo falar, aqui, do nardo que vemos com os olhos, nem daquele perfume de que escreveu o evangelista,[28] mas do nardo espiritual, do nardo que difundiu seu perfume.[29]

Os múltiplos aspectos de Cristo

3 “Um saquinho de *staktē* – isto é, de gota ou de pingo – é para mim o meu amado”.[30] Lemos no Êxodo que, por ordem de Deus, foram preparados mirra,[31] craveiro, cássia e gálbano para o incenso e para o crisma sacerdotal.[32] Se, então, tiveres visto meu salvador que desce às realidades terrenas e humildes, verás como, da grande potência e majestade divina, terá escorrido até nós uma pequena gota. Sobre essa gota também o profeta cantou, dizendo: “E de uma gota deste povo será congregado Jacó, que deve ser reunido”.[33] Também, conforme certa interpretação, a vinda de nosso salvador na carne era “a pedra destacada do monte sem [intervenção de quaisquer] mãos”.[34]

De fato, não foi todo o monte que desceu à terra, e a fragilidade humana não poderia conter a grandeza de todo o monte. Mas uma pedra desceu do monte ao mundo, uma pedra de tropeço, uma rocha de escândalo.[35] Assim, conforme outro sentido, [aqui no *Cântico*] ele é chamado gota. Era necessário, certamente – porque “todas as nações são consideradas como gota de um balde”[36] –, que aquele que se fez tudo pela salvação de todos também se fizesse gota para libertar as [outras] gotas.

Com efeito, o que ele não se tornou por nossa salvação? Nós estávamos vazios, e ele “se esvaziou a si mesmo tomando a forma de servo”.[37] Éramos um “povo idiota e sem sabedoria”,[38] e ele se fez “Loucura da pregação”,[39] para que “o que é loucura de Deus se tornasse mais sábio do que os homens”.[40] Estávamos fracos, e a “Fraqueza de Deus se tornou mais forte do que os homens”.[41] Porque, portanto, “todas as nações são consideradas como gota de um balde e como o pó da balança”,[42] por isso se tornou gota, para que por ele o odor da gota [de mirra] exalasse de nossas vestes, conforme isso que no Salmo quadragésimo quarto se diz à esposa: “Mirra, gota [de essência] e cássia [exalam] de tuas vestes, dos palácios de marfim, dos quais, em tua honra, te alegraram as filhas dos reis”.[43]

“Um saquinho de mirra é para mim o meu *fratruelis*”.[44] Consideremos o que significa o termo *fratruelis*.[45] A Igreja, que diz isso, [que o esposo é *fratruelis*,] somos nós, reunidos dos gentios. Nosso salvador é filho da irmã da Igreja, isto é, da Sinagoga. Certamente são duas irmãs, a Igreja e a Sinagoga. O salvador, então, como dissemos, é filho da irmã Sinagoga. [Mas] é marido da Igreja, é esposo da Igreja. [Portanto,] ele é sobrinho de sua esposa.[46]

“Um saquinho de mirra é para mim o meu amado; permanecerá entre meus seios”.[47] Quem é tão feliz a ponto de ter como hóspede no ápice do coração,[48] em meio aos mamilos, em seu peito,[49] a Palavra de Deus? Tal é certamente o que se canta: “permanecerá entre meus seios”.[50] Se teus seios[51] não tiverem murchado,[52] entre eles habitará a Palavra divina.

Era apropriado, em um poema nupcial, falar de seios[53] mais que de peito. É claro o porquê de, para expor o significado do que a esposa diz – [isto é,] “permanecerá entre meus seios” –, eu ter tomado [esta sentença] de Ezequiel: se teus seios não tiverem murchado;[54] a Palavra divina permanecerá entre teus seios, por isso eu disse, se teus seios não tiverem murchado.

De fato, naquela passagem [do profeta] em que Jerusalém é repreendida pela voz do Senhor, diz-se-lhe, entre outras coisas: “No Egito teus seios murcharam”.[55] Os peitos das [mulheres] castas não murcham, mas os seios das meretrizes, com a pele flácida, enrugam-se. Os peitos das castas, pelo pudor virginal, são eretos e rígidos. Essas acolhem o Verbo esposo e lhe dizem: “Permanecerá entre meus seios”.[56]

“Meu amado é para mim cacho de cipro”.[57] O início da Palavra está na germinação e o início do *kyprismós*, isto é, da floração, está no Verbo. Por isso se diz: “Meu amado é para mim cacho de cipro”, isto é, de floração. Não para todos ele é “cacho de cipro”, mas para aqueles que são dignos da flor dele. Para outros, ele é uva diversa. Só para esta que é negra e formosa[58] ele se mostra na beleza da [sua] flor: “Meu amado é para mim cacho de cipro”.[59] A esposa não diz simplesmente: “Meu amado é cacho de cipro”, mas acrescentou

“para mim”, para ensinar que não para todos o esposo é cacho de cipro. Mas vejamos também em que regiões está esse cacho da esposa: “Entre as vinhas de Engadi”,[60] que significa olho da provação. Nas vinhas, então, do olho da provação, “meu amado é para mim cacho de cipro”.[61]

No [tempo] presente está o olho da provação, já que habitamos na provação, isto é, neste mundo, e “é provação a vida do homem sobre a terra”.[62] Enquanto permanecemos nesta luz,[63] estamos nas vinhas de Engadi. Se, porém, depois [desta vida] tivermos merecido ser transplantados, seremos transportados por nosso agricultor.[64] Não duvides que possas ser transportado das vinhas de Engadi para lugares melhores. Nosso agricultor, por frequente prática, já é perito em transportar a vinha: “Transportaste a vinha do Egito, expulsaste as gentes e a plantaste.[65] Sua sombra cobriu os montes e seus ramos, os cedros de Deus”.[66] E isso, certamente, que expusemos foi dito pela esposa acerca do esposo, significando seu amor e [sua] acolhida do esposo que vem, como o esposo terá habitado em meio aos [seus] seios[67] e no segredo de seu coração.

Na proximidade do esposo, a beleza da esposa

4 De novo, a palavra do esposo é dirigida a ela e diz: “Eis que és bela, tu que estás próxima a mim, eis que és bela; teus olhos são pombas”.[68] A esposa, quando diz ao esposo: “Eis que és belo, meu amado”,[69] não acrescenta [isto:] “Tu que estás próximo a mim”. Aqui, porém, quando é dito a ela: “Eis que és bela”, acrescenta-se: “Tu que estás próxima a mim”. Mas por que ela não diz: “Eis que és belo, tu que estás próximo a mim”, mas somente: “Eis que és belo”? Por que ele não diz somente “És bela”, mas também [acrescenta:] “És bela, tu que estás próxima a mim”? [Porque] a esposa, quando está longe do esposo, não é bela. Quando se une ao Verbo de Deus, então se torna bela. E justamente agora é ensinada pelo esposo, para que esteja próxima [a ele] e não se afaste de seu lado. “Eis que és bela, tu que estás próxima a mim, eis que és bela”.[70] [Diz a ela o esposo:] “Começas, então, a ser bela do estares próxima a mim. Mas depois que tiveres começado a ser bela, serás absolutamente bela, mesmo sem o acréscimo de ‘estás próxima’.[71] ‘Eis que és bela, tu que estás próxima a mim, eis que és bela’”.[72]

Vejamos ainda outro louvor à bela [esposa], para que também nós aspiremos tornar-nos esposas: “Teus olhos são pombas”.[73]

Quem tiver olhado uma mulher para desejá-la e tiver fornicado com ela em seu coração[74] não tem olhos de pomba. E se alguém não tem olhos de pomba, entra infeliz na casa de seu irmão, sem observar aquilo que é prescrito nos Provérbios: “Não entres infeliz na casa de teu irmão”.[75] Mas quem tem olhos de pomba vê as coisas justas e merece misericórdia; pois, vendo as coisas justas, se consegue misericórdia.[76] Então, quem vê as coisas justas senão quem olha com olhar casto e com olhos puros? Não queiras, portanto, entender somente quanto aos olhos da carne o que eu disse, ainda que não seja inútil o teres entendido quanto a esses olhos. Mas, entrando no interior de teu coração e buscando com a mente outros olhos – que também são iluminados pelo mandamento de Deus, pois “o mandamento do Senhor é límpido, ilumina os

olhos”[77] –, esforça-te, trabalha, empenha-te para que compreendas santamente tudo aquilo que foi dito, e assemelha-te ao Espírito, que desceu sob forma de pomba,[78] e ouvirás: “Teus olhos são pombas”.[79]

Se entendes espiritualmente a Lei, teus olhos são pombas. Se entendes o Evangelho como ele quer ser entendido e anunciado – vendo Jesus ter medicado todo sofrimento e enfermidade,[80] não só naquele tempo em que [isso] aconteceu fisicamente, mas medicando também hoje, e [vendo que Jesus] não só então desceu aos homens, mas também hoje desce e está presente: “eis”, de fato, “que estou convosco todos os dias até o fim do mundo”[81] –, “teus olhos são pombas”: “Eis que és bela, tu que estás próxima a mim, eis que és bela; teus olhos são pombas”.[82]

A esposa, ouvindo esses louvores a seu respeito, por sua vez, oferece louvores ao esposo. Não que com seu elogio ela dê a ele aquilo que ele não tem, mas entendendo e contemplando a beleza dele, a esposa diz, “eis que és belo, meu amado, e gracioso; nosso leito é sombreado”.[83]

Busco o leito em que o esposo repousa com a esposa, e, se não erro, é o corpo humano, já que, no Evangelho, aquele paralítico que jazia no leito e foi mandado, pela voz do salvador, que, tomado seu leito, fosse para sua casa,[84] antes de ser curado, jazia sobre o frágil corpo de seus membros, que, depois, foi fortalecido pelo poder de Deus. Assim eu entendo [a expressão]: “Toma teu leito e vai para tua casa”.[85] Certamente o filho de Deus não descera das realidades celestes às terrenas para isto, para dar ordens a respeito de leitos e não deixar ir sem leito aquele que se levanta de sua enfermidade, dizendo: “Toma teu leito e vai para tua casa”.[86]

Também tu, então, curado pelo salvador, “toma teu leito e vai para tua casa”,[87] de modo que, quando o esposo vier a ti, sua esposa, e contigo se tiver deixado no leito, digas: “Eis que és belo, meu amado, e gracioso; nosso leito é sombreado”.[88] “Eis que és belo, meu amado.” Ele é tão belo quanto sombreado, já que “de dia o sol não te ferirá, nem a lua de noite”.[89]

Vigas e tetos, força e perfume

5 “As vigas de nossas casas são de cedro”.[90] Essas são palavras de uma multidão. Mas me parece que as dizem os varões que estão com o esposo, dos quais se fez menção antes no discurso.[91] Casas estruturadas com traves de cedro e pavimentadas com cipreste, porque “em lugar do espinheiro cresce o cipreste, em lugar da urtiga cresce o mirto”.[92] Indagando, então, de qual natureza sejam essas árvores e descobrindo que o cedro não apodrece e que o cipreste tem ótimo perfume, empenha-te também tu para cobrires tua casa, de modo que de ti também se possa dizer: “As vigas de nossas casas são de cedro, nossos tetos, de cipreste”.[93]

Do perfume ao gosto, a gradual presença do esposo

6 Depois disso, o esposo diz: “Eu sou flor do campo e lírio dos vales”.[94] Por mim, que estava no vale, ele desceu ao vale e, vindo ao vale, fez-se lírio dos vales no lugar da árvore da vida, que foi plantada no paraíso de Deus,[95] e se tornou flor de todo o campo, isto é, de todo o mundo, da terra inteira.[96] De fato, o que pode ser mais flor do mundo que o nome de Cristo? “Perfume difuso é o seu nome”,[97] e isso mesmo é dito de outro modo [agora]: “Eu sou flor do campo e lírio dos vales”.[98] E [agora,] isso ele diz de si mesmo.

Então, louvando a esposa, o esposo diz: “Como lírio entre espinhos, assim aquela que está próxima a mim entre as filhas”.[99] Assim como o lírio não pode ser comparado aos espinhos, entre os quais frequentemente surge, do mesmo modo aquela que está próxima a mim, acima de todas as filhas, é um lírio em meio aos espinhos. Ouvindo isso, a esposa retribui ao esposo e, percebendo dele outra ternura, irrompe em palavras de louvor.

Certamente, embora o odor dos perfumes exale suavemente e, com o [seu] perfume, cative o olfato, todavia não do mesmo modo é suave para o paladar. Mas há algo de ótimo odor e gosto, isto é, que tanto deleite o paladar pela [sua] doçura como torne agradável o ar que se respira pelo [seu] perfume: assim é a maçã. Ela é de tal natureza que, em si, possui ambas as qualidades. Por isso, querendo louvar não só o bom odor da palavra, mas também a doçura do esposo, a esposa lhe diz: “Como macieira entre as árvores do bosque, assim é meu amado entre os jovens”.[100]

Todas as árvores, todos os arbustos são considerados floresta estéril em comparação com a Palavra de Deus. Diante de Cristo, tudo é selva, tudo é infecundo. De fato, o que pode ser dito frutífero em comparação com ele? Mesmo aquelas árvores que pareciam estar curvadas de frutos se mostraram infrutíferas em confronto com a vinda dele. Assim, “como macieira entre as árvores do bosque, assim é meu amado entre os jovens; à sua sombra desejei estar e me sentei”.[101]

Adequadamente não diz: “à sua sombra desejo”, mas “à sua sombra desejei”. Igualmente não diz: “me sento”, mas “me sentei”. Já que, em princípio, não nos podemos unir em conversação com ele pessoalmente; por outro lado, em princípio, por assim dizer, gozamos de certa sombra de sua majestade. Por isso se lê nos profetas: “O sopro de nossa face, Cristo Senhor, dele dizíamos: ‘A sua sombra viveremos entre as nações’”.[102] E passamos de uma sombra a outra sombra. De fato, “para os que jazem na região e na sombra da morte, surgiu uma luz”,[103] para que passemos da sombra da morte à sombra da vida.

Os progressos são sempre deste modo: no início, deseja-se, pelo menos, estar à sombra das virtudes. Eu considero, por isso, que também a natividade de Jesus começou da sombra, embora se tenha concluído não à sombra, mas na verdade. Diz [a Escritura]: “O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do altíssimo te cobrirá com sua sombra”.[104] [Assim,] o nascimento de Cristo teve início a partir da sombra. E o nascimento dele começou não só em Maria a partir da sombra, mas também em ti, se fores digno, nasce a Palavra de Deus. Faze, então, de modo que possas ter a sombra dele e, quando te tornares digno da sombra, virá a ti, por assim dizer, o corpo dele, que nasce da sombra. Pois, “quem é fiel no pouco, será fiel também no muito”.[105]

“À sua sombra desejei estar e me sentei”.[106] Vês que a esposa nem sempre esteve à sombra, mas passou daí a realidades melhores, dizendo: “E seu fruto é doce em minha boca”.[107] Ela diz: “Eu desejei repousar à sombra do esposo, mas depois que sua sombra me protegeu, também me saciei com seus frutos, e digo: ‘e seu fruto é doce em minha boca’”.[108]

O esposo, hóspede da alma

7 “Introduzi-me na casa do vinho”.[109] O esposo ficou fora e foi recebido pela esposa; [depois,] certamente repousou entre seus seios. Muitas jovens não são assim que mereçam ter o esposo como hóspede. À multidão, fora, ele fala em parábolas.[110] Quanto temo que as muitas adolescentes talvez sejamos nós!

“Introduzi-me na casa do vinho”.[111] Por que fico fora por tanto tempo? “Eis que estou à porta e bato; se alguém me abrir, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo”.[112] “Introduzi-me!” Também agora a Palavra divina diz a mesma coisa. Eis que o Cristo fala: “Introduzi-me!”. Também a vós, catecúmenos, diz: “Introduzi-me”, não simplesmente em casa, mas “na casa do vinho”. Encha-se com o vinho da alegria,[113] com o vinho do Espírito Santo, a vossa alma, e assim introduzi em vossa casa o esposo,[114] o verbo,[115] a sabedoria,[116] a verdade.[117] E de fato pode também ser dito àqueles que ainda não são perfeitos: “Introduzi-me na casa do vinho”.[118]

A ordem e a ferida do amor

8 “Ordenai em mim o amor”.[119] Justamente disse: “ordenai”. O amor de muitos, certamente, é desordenado: o que devem amar em primeiro lugar, amam em segundo; o que em segundo, amam em primeiro; o que é apropriado amar em quarto, amam em terceiro e, por outro lado, o terceiro no lugar do quarto. E em muitos, a ordem do amor está pervertida. Mas nos santos o amor é ordenado. Quero dar alguns exemplos para que se compreenda isso que foi dito, [isto é,] “ordenai em mim o amor”.

A Palavra divina quer que tu ames o pai, a mãe, o filho, a filha. A Palavra divina quer que tu ames Cristo. Ela não te diz: “Não ames os filhos, nem te unas por amor aos pais”. Mas o que ela te diz? “Não tenhas um amor desordenado. Não ames primeiro ao pai e à mãe, depois a mim; nem tenhas mais amor por filhos e filhas que por mim: ‘quem ama pai e mãe mais que a mim não é digno de mim; quem ama o filho ou a filha mais que a mim não é digno de mim’”. [120]

Sonda tua consciência a respeito do afeto [que tens] pelo [teu] pai, pela [tua] mãe, pelo [teu] irmão. Examina qual amor tens para com a Palavra de Deus e Jesus. Imediatamente compreendes que tu amas mais o filho e a filha que o Verbo, que tu amas mais os pais que o Cristo. Consideras que algum de nós tenha progredido tanto, a ponto de ter o amor pela Palavra de Deus como o principal e o primeiro entre todos [os amores], e de pôr o amor pelos filhos em segundo lugar? Conforme essa medida, ama também tua esposa, “pois ninguém jamais odiou a sua carne”;[121] mas ama-a como carne. Diz [o apóstolo]: “os dois serão” não um só espírito, mas “os dois serão uma só carne”.[122] Ama também a Deus, mas ama-o não como carne e sangue, mas como espírito. De fato, “aquele que se une ao Senhor se torna um só espírito”[123] [com ele]. Portanto, o amor é ordenado nos perfeitos.

Mas, como depois de Deus também entre nós se impõe uma ordem, o primeiro mandamento é que amemos os pais; o segundo, os filhos; o terceiro, os nossos servos. Mas se o filho é mau e o

servo é bom, coloque-se o servo no amor do filho.[124] E assim acontecerá que o amor dos santos será ordenado.

Também nosso mestre e senhor, estabelecendo no Evangelho os preceitos da caridade, acrescentou algo peculiar ao amor por cada um, e deu a compreensão da ordem àqueles que podem ouvir a escritura que diz: “Ordenai em mim o amor”. Diz ele: “Ama o Senhor teu Deus de todo o teu coração e toda a tua alma, com toda tua força e com toda a tua mente. Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.[125] Não diz: “[ama a] Deus como a ti mesmo”. Não [diz: “amarás] teu próximo de todo teu coração, de toda tua alma, com toda força, com toda a mente”.

Ele diz ainda: “Amai vossos inimigos”,[126] e não acrescentou “de todo coração”.[127] Não é desordenado o discurso divino; não preceituou coisas impossíveis; não diz: “amai vossos inimigos como a vós mesmos”, mas somente: “amai vossos inimigos”.[128] É suficiente para eles que os amemos, e que não os odiemos. Mas “[amarás] o próximo como a ti mesmo”.[129] E “[ama a] Deus de todo o coração e de toda alma, com toda a mente e com toda a força”.[130] Se tiveres entendido isso, e se tiveres realizado o que foi compreendido, fizeste o que é preceituado pela palavra do esposo: “Introduzi-me na casa do vinho, ordenai em mim o amor”.[131] Consideras que algum de nós tenha o amor ordenado?

“Fortalecei-me com perfumes.”[132] Um dos tradutores [do hebraico] verteu em *en oinanthéi*.[133] Mas isso é a esposa que diz. “Sustentai-me com maçãs”.[134] Com quais maçãs? “Como macieira entre as árvores do bosque, assim é meu amado entre os jovens.”[135] Então, “com maçãs” dele, [do amado,] “sustentai-me”, “porque eu estou ferida pelo amor”.[136]

Quão belo é [isto], quão apropriado receber a ferida do amor! Um recebeu a flecha do amor carnal, outro se feriu com o desejo terreno; tu, despe teus membros e expõe-te à flecha escolhida, à flecha bela, já que Deus é o arqueiro. Ouve a Escritura que fala dessa mesma flecha. Antes, para que te admires mais, ouve o que a própria flecha diz: “Fez de mim seta eleita, e conservou-me em sua

aljava. E me disse: ‘Isso é grande para ti, seres chamado meu servo’”.[137] Entende o que a seta diz e como ela seja eleita pelo Senhor.

Que felicidade é ser ferido por esse dardo! Por essa seta foram feridos aqueles que conversavam entre si dizendo: “Não ardia o nosso coração pelo caminho, quando nos explicava as escrituras?”.[138] Se alguém é ferido por nosso discurso, se alguém o é pelo ensinamento da Escritura divina e pode dizer que “eu estou ferida pelo amor”, [de fato,] talvez isso se lhe aconteça.[139] Por que digo talvez? Proponho uma sentença clara:

Repousar no Senhor e manter desperto o amor

9 “Sua mão esquerda está sob a minha cabeça, e a sua mão direita me abraçará”.[140] A Palavra de Deus tem mão esquerda e mão direita. Se a sabedoria se faz multíplice, segundo a variedade de compreensões, em substância é uma.[141] O próprio Salomão ensinou sobre a mão esquerda e a mão direita [da sabedoria], dizendo: “Em sua direita: longos anos de vida; em sua esquerda: riquezas e glória!”.[142] Portanto, “sua mão esquerda está sob a minha cabeça”,[143] de modo que me faça repousar, e o braço do esposo seja meu travesseiro e o ápice da alma se deite sobre a Palavra de Deus.

“Sua mão esquerda está sob a minha cabeça.”[144] Não te serve ter travesseiros que produzem lamentação. Em Ezequiel está escrito: “Ai daqueles que cosem travesseiros sob todos os punhos”.[145] Não cosas travesseiros, não busques alhures repouso para a [tua] cabeça.[146] Tens[147] a mão esquerda do esposo, esteja ela sob tua cabeça e dize: “Sua mão esquerda está sob a minha cabeça”.[148]

Quando a tiveres [sob tua cabeça], tudo o que está na [sua] mão esquerda te será dado. Então dirás: “Em sua esquerda: riquezas e glória!”.[149] “E a sua mão direita me abraçará.”[150] A mão direita do esposo te abraçará inteiro. “Em sua direita: longos anos de vida!”[151] E por isso “Terás longa vida e muitos dias sobre a terra boa, que o senhor teu Deus te dará”.[152]

“Filhas de Jerusalém, pelo poder e pela força do campo, eu vos conjuro.”[153] A que a esposa conjura as filhas de Jerusalém? “Que desperteis e levanteis o amor.”[154] Até quando, ó filhas de Jerusalém, ó jovens, dormirá em vós o amor – que em mim não dorme, “porque estou ferida pelo amor”?[155] Mas em vós, que sois muitas, e jovens, e filhas de Jerusalém, dorme o amor do esposo. Portanto, vos conjuro, filhas de Jerusalém, que não só desperteis, mas também levanteis o amor que há em vós.

O criador do universo, quando vos criou, plantou sementes de

caridade em vossos corações. Mas agora, como é dito em outro lugar: “A justiça dormiu nela”,[156] assim o amor adormece em vós, conforme também outra passagem, [que diz que] o esposo “Repousou como um leão, como um leãozinho”.[157] Nos infiéis e naqueles que têm dúvida em seu coração, a Palavra divina adormece, [mas] vigia nos santos; dorme naqueles que oscilam nas tempestades, mas é levantada pelos gritos daqueles que desejam ser salvos pelo esposo acordado. Com ele acordado, imediatamente se tem a tranquilidade, imediatamente as grandes ondas se acalmam, os ventos contrários são repreendidos, a raiva das ondas se cala.[158] Com ele a dormir, há tempestade, morte e desespero. Por isso, “Filhas de Jerusalém, pelo poder e pela força do campo, eu vos conjuro”.[159] [Poder e força] de que campo? Sem dúvida, daquele cujo [odor é o] “odor do campo fértil que o Senhor abençoou”.[160]

Reconhece a voz do Senhor e sê monte

10 “Que desperteis e levanteis o amor, até que ele o queira! A voz do meu amado! Eis que vem correndo sobre os montes.”[161] Isso ainda é a esposa que diz, exortando as jovens a se prepararem para a vinda do esposo, se ele quiser vir e estabelecer um colóquio com elas. Enquanto ela fala, chega o esposo, que ela mostra com o dedo e diz: “Eis que vem correndo sobre os montes”.[162] Percebe a alma feliz e perfeita da esposa, que logo vê, logo contempla a chegada da Palavra; que reconhece que lhe vem a sabedoria, que lhe vem o amor, e diz àquelas que não veem: “Eis que vem”.[163] Rezai para que também eu possa dizer: “Eis que vem”.[164] Pois se eu puder explicar a Palavra, de certo modo também eu direi: “Eis que vem”.[165]

[Vem] por onde? Certamente não lá pelos vales, não lá pelos lugares baixos. Aonde “vem correndo sobre os montes, saltando as colinas”?[166] Se fores monte, corre em ti a Palavra de Deus. Se não fores capaz de ser monte, mas se fores colina, inferior ao monte, ele te salta. Mas quão belas e apropriadas as palavras à [sua] realidade! Ele corre sobre o montes, que são maiores; salta as colinas, que são menores. Não salta os montes, não corre sobre as colinas. “Eis que vem correndo sobre os montes, saltando as colinas.”[167]

O esposo, gazela e cervo, conhecimento e ação

11 “Meu amado é como uma gazela ou um filhote de cervo nos montes de Betel.”[168] Esses são os dois animais nomeados com mais frequência nas escrituras e, [eis algo] com que te admirares mais, muitas vezes são postos juntos. Diz [a escritura]: “Estes são os animais de que podereis comer”, acrescentando, pouco depois, [entre outros,] “gazela” e “cervo”.[169] Também neste livro que temos diante de nós são igualmente nomeados juntos. De certo modo, esses animais são parentes e parecidos entre si: a gazela, isto é, *dorkás*,[170] tem ótima visão e o cervo é matador de serpentes.

Consideras que haja alguém digno entre nós de poder explicar o pleno significado conforme a dignidade dessa passagem e do [seu] mistério? Rezemos a Deus para que nos dê a graça de explicar as escrituras e possamos dizer: como Jesus “nos explicava as escrituras”![171] Que dizer? Dizemos que *dorkás*, isto é, a gazela, segundo a fisiologia daqueles que estudam a respeito da natureza de todos os animais, recebeu o nome de uma faculdade que lhe é inata, pois pelo fato de sua visão ser mais aguda, isto é, *oxyderkésteron*,[172] é chamada *dorkás*. Já o cervo é inimigo e combatedor de serpentes, de modo que com o sopro das narinas as expele dos [seus] buracos e, com a peste do veneno superada, se deleita alimentando-se delas. Talvez meu salvador, segundo a *theōría*,[173] seja [como] a gazela; segundo as obras, [como] o cervo. Quais são essas obras? Ele mata as serpentes, [isto é,] degola as forças contrárias; por isso lhe direi: “Tu quebraste as cabeças dos monstros sobre as águas; tu esmagaste as cabeças da serpente”.[174]

12 “Meu amado é como uma gazela ou um filhote de cervo nos montes da casa de Deus.”[175] Certamente Betel significa casa de Deus. Não todos os montes são casa de Deus, mas aqueles que são montes da Igreja. Porque, de fato, há também outros montes elevados, que se erguem contra a ciência de Deus,[176] montes do

Egito e dos alófilos.[177] Queres saber por que o amado da esposa "é como uma gazela ou um filhote de cervo nos montes de Betel"? [178] Sê monte da Igreja, monte da casa de Deus, e o esposo virá a ti "como uma gazela ou um filhote de cervo nos montes de Betel".

A esposa vê o esposo, que antes estava sobre montes e colinas, chegar mais perto. [Então,] ela o compara a quem salta e corre.[179] E depois disso, ela, sabendo que ele vinha até ela e outras adolescentes, diz: "Ei-lo aqui atrás de nossa parede".[180] Se tiveres edificado uma parede e feito a edificação de Deus,[181] ele vem atrás de tua parede, "espreitando pelas janelas".[182] Uma janela é um sentido pelo qual o esposo espreita. Outra janela, outro sentido; [e] também por esse o esposo olha atentamente. Há, de fato, sentidos pelos quais a Palavra de Deus não olha? O exemplo que segue [te] ensinará o que é "espreitar pelas janelas" e como o esposo olha por elas. De fato, onde o esposo não olha, aí se encontra a morte que sobe, como lemos em Jeremias: "Eis que a morte subiu por vossas janelas".[183] Se vires uma mulher para desejá-la,[184] a morte sobe por tuas janelas.

"Aparecendo pelas redes."[185] "Entende que caminhas entre laços e avanças sob armadilhas ameaçadoras."[186] Tudo está cheio de redes, o diabo encheu todas as coisas com laços. Mas se tiver vindo a ti a Palavra de Deus e tiver começado a aparecer [para ti] pelas redes, dirás: "Nossa alma, como um pássaro, escapou do laço dos caçadores; o laço se rompeu e nós fomos libertados. Fomos abençoados pelo Senhor, que fez o céu e a terra".[187] Assim, o esposo aparece pelas redes. Jesus abriu um caminho para ti, desceu à terra, se submeteu às redes do mundo. Ele, vendo o grande rebanho dos homens preso nas redes, que não podiam ser rompidas por [nenhum] outro a não ser por ele, veio até as redes assumindo o corpo humano que estava preso nos laços das forças inimigas e os rompeu, para que seja dito por ti: "Ei-lo aqui atrás de nossa parede, espreitando pelas janelas, aparecendo pelas redes". [188]

Aparecendo, te diz: "Responde o meu amado e diz: 'Levanta-te, vem, tu que estás próxima a mim',[189] abri para ti um caminho,

rompi as redes, então vem a mim, ‘tu que estás próxima a mim’. ‘Levanta-te, vem, tu que estás próxima a mim, minha bela, minha pomba’”.[190] Por que ele diz: “levanta-te”? Por que rápido?[191]

“Por ti, eu contive a raiva das tempestades, eu eliminei as ondas que te retinham.[192] Por tua causa, ‘minha alma está triste até a morte’.[193] Partidos os ferrões da morte, rompidas as cadeias do inferno, ressuscitei dos mortos.[194] Por isso te digo: ‘Levanta-te, vem, tu que estás próxima a mim, minha bela, minha pomba, porque o inverno passou, as chuvas se foram, as flores apareceram na terra’.[195] Eu, ressurgindo dos mortos, com a tempestade reprimida, [196] restituí a tranquilidade. E porque, segundo a dispensação da carne, nasci da virgem por vontade do Pai e cresci em sabedoria e em idade,[197] ‘apareceram as flores na terra, chega o tempo da poda’.”[198]

A poda é a remissão dos pecados. O esposo diz: “Todo ramo que permanece em mim e que dá fruto, meu pai o purifica, para que dê frutos maiores”.[199] Dá frutos e será retirado [de ti] o que antes era infrutuoso em ti. Pois “chega o tempo da poda, a voz da rola foi ouvida em nossa terra”.[200] Não sem razão no sacrifício se tomam um par de rolas e dois filhotes de pombas,[201] pois valem o mesmo e nunca é dito separadamente de um só par de pombas, mas de um par de rolas e dois filhotes de pombas.

A pomba é o Espírito Santo. Mas quando o Espírito Santo fala de grandes e ocultos mistérios, e que muitos não podem compreender, é designado com o nome de rola, isto é, daquela ave que habita sempre no cume dos montes e nos topos das árvores. Mas nos vales e naquilo que está ao alcance dos homens é adotada [por ele a figura de] pomba. Assim, o salvador, porque se dignou assumir um [corpo de] homem e veio à terra, e muitos eram então os pecadores junto ao Jordão,[202] o Espírito Santo, por isso, não se mudou numa rola, mas se tornou pomba[203] e, por causa da multidão de homens, permanece entre nós ave mais mansa. Mas aparece como rola, por exemplo, para Moisés e para algum – entende qualquer um – dos profetas que se retiram nos montes e nos desertos e aí recebem as

palavras de Deus. Então, “a voz da pomba foi ouvida em nossa terra; a figueira produziu seus figos verdes”.[204]

“Aprendei da figueira [esta] parábola: quando seus ramos tiverem ficado verdes e as folhas começado a brotar, sabei que o verão está perto.”[205] A Palavra de Deus quer nos anunciar que, depois do inverno, depois das tempestades das almas, a messe se aproximou. E ele diz: “A figueira produziu seus figos verdes; as vinhas florescem, exalam perfume”.[206] Se já rebentam em flor, chegará o tempo e haverá uvas.

13 “Levanta-te, vem, tu que estás próxima a mim, minha bela, minha pomba.”[207] A esposa diz isso que expusemos antes. Ela é a única a ouvir o esposo, as jovenzinhas não o ouvem. Mas também queremos ouvir já a palavra daquele que fala à esposa [dizendo:] “Levanta-te, vem, tu que estás próxima a mim”; não chama as jovenzinhas, nem diz: “Levantai-vos”. Ele diz, porém: “Levanta-te, vem, tu que estás próxima a mim,[208] minha pomba, e vem, minha pomba, sob a fenda da rocha”.[209] Também Moisés é posto na fenda da rocha, para ver as costas de Deus.[210] “Na fenda do antemuro”.[211] Tu, vem primeiro ao que está antes do muro e, depois, poderás entrar onde o muro é de rocha. “Mostra-me tua face.”[212]

“Até hoje”[213] são ditas coisas semelhantes à esposa, mas ela ainda não tinha confiança para, com a face descoberta, contemplar a glória do Senhor.[214] Mas, porque já está adornada e bem preparada, [agora] é dito a ela: “Mostra-me a tua face”.[215] A voz da esposa ainda não era tão suave, que merecesse que fosse dito a ela: “Faze-me ouvir tua voz”.[216] Portanto, já que aprendeu a falar – “Cala-te”, pois, “e ouve, Israel!”[217] – e sabe o que dirá, e sua voz se tornou suave para o esposo, conforme aquela sentença profética [que diz:] “O meu discurso se torne suave para ele”,[218] então o esposo lhe declara: “Faze-me ouvir tua voz, porque tua voz é suave”.[219] Se tiveres aberto tua boca para o Verbo de Deus, o esposo te diz: “Tua voz é suave e teu semblante é belo”.[220]

Por isso, levantando-nos, oremos a Deus, para que nos torne dignos do esposo, da Palavra, da Sabedoria, do Cristo Jesus, a quem pertencem a glória e o poder pelos séculos dos séculos.[221] Amém.

COMENTÁRIO DE ORÍGENES AO *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

INTRODUÇÃO

JOÃO LUPI

A *Narrativa de* (*Pseudo*) *José de Arimateia*, ao descrever a Assunção da Virgem Maria ao céu, diz que Cristo recebeu a alma da sua querida mãe enquanto uma multidão de anjos cantava: “Como o lírio entre espinhos assim é a minha amiga entre as jovens”,[1] e outras passagens e ecos do *Cântico dos Cânticos*. Considerar Maria como “amiga” ou esposa de Cristo só é concebível num sentido totalmente espiritual e alegórico, e como o texto medieval dessa narrativa se fundamenta numa tradição oral antiga, podemos dizer que a interpretação alegórica e moral do *Cântico* era parte integrante da exegese cristã – tanto apócrifa como ortodoxa – dos primeiros séculos. Era essa, de fato, a única maneira aceita pelos teólogos e Igrejas de ler o *Cântico*, que tinha seus antecedentes nas leituras rabínicas. Só muito recentemente, a partir de meados do século XX, começaram a surgir leituras do *Cântico* como uma forma de entendimento da vida do casal cristão, ou da relação moral da vida conjugal.

Se houve, e permanece, uma tradição constante de leitura simbólico-teológica do *Cântico*, de forma difusa e fácil de encontrar em todas as referências, mais constante ainda é a permanência e fidelidade desse tipo de interpretação em todas as obras teológicas cristãs que, ao longo dos séculos, abordaram explicitamente e de forma metódica e completa a leitura e o comentário desse livro atribuído a Salomão – mas posterior a ele. Uma longa linha de comentaristas passa, entre muitos outros, por Apônio e Nilo de Ancira, e tem entre os medievais um expoente em Bernardo de Claraval; ela tem sua origem nos comentários quase contemporâneos de Hipólito e de Orígenes, ponto de partida dessas

leituras que, quase sem exceção, se apoiaram nas suas ideias fundamentais.

Orígenes, ao longo de todo o seu *Comentário*, e nas *Homilias* que dedicou ao *Cântico*, sempre tem presente o fato, para ele incontestável – como era para Hipólito –, de que os esposos do *Cântico*, as relações entre eles, e seus dizeres são exclusivamente metáforas dos esponsais entre Jesus e a alma cristã, ou entre Jesus e a Igreja. Porém, se o livro do *Cântico dos Cânticos* despertou entre os cristãos, ao longo dos séculos, muitas leituras, de modo geral elas procuraram atenuar as expressões de sensualidade ali descritas, mostrando as possibilidades de transpor as ideias sobre a união dos corpos para a união divina – ou da alma com Cristo, ou da Igreja com o Verbo seu esposo. Não assim no *Comentário* de Orígenes, que não suaviza as expressões de sensualidade; pelo contrário, as prolonga e completa com outras passagens da Bíblia. Ele parece querer dizer que o corpo humano e suas emoções são algo tão bom – porque criado por Deus –, que tudo neles pode ser divinizado, por mais que seja gerado pelos sentidos e emoções. Mas, insiste, o significado do *Cântico* não é carnal nem corporal, mas espiritual,[2] pois tudo no corpo, na matéria, na arte, deve concorrer para a elevação do espírito.

A literatura mística cristã, de que Orígenes é um dos primeiros e maiores expoentes, assume desse modo, logo no seu início, o caráter dialético e paradoxal que a vai sustentar: para exprimir os mais elevados arroubos de exaltação espiritual, a linguagem utiliza metáforas de ousada sensualidade corporal. Vejamos algumas passagens do *Comentário* para concretizar essa aparente contradição que é, afinal, a contradição intrínseca à condição humana de um corpo que contém – e cria – espiritualidade.

Antes de mais, demos alguma atenção à forma literária, que para Orígenes tem muita importância. O *Cântico dos Cânticos* é um drama, uma peça de teatro – e não se trata de uma mera comparação, mas de uma concepção geral da obra, que faz do *Cântico*, no seu conjunto e na sua mesma estrutura e materialidade literária, uma obra de arte. Como tal, *tudo* nele é imagem da beleza,

tudo nele é estético. “Este livro, que tem forma de epitalâmio, está escrito como um drama. Ora o drama existe onde aparecem personagens que vão falando enquanto outros vão e vêm sendo introduzidos, e, desse modo, tudo é questão de modificações nos personagens”,[3] e como drama que é, continua Orígenes, há nele uma ação histórica, descritiva, que é a esposa esperando pelo seu esposo e se preparando para recebê-lo; e há uma ação espiritual, que também é dupla: a da Igreja esperando a vinda de Cristo como seu esposo, e a da alma se unindo à Palavra Divina.[4]

A ideia de conceber o *Cântico* como uma peça teatral agradou tanto a Orígenes que a repetiu constantemente ao longo do *Comentário*, para realçar a capacidade simbólica e espiritualizadora da arte dramática e da literatura. Primeiro insiste em que o texto, tal como é, representa uma ação *histórica*, isto é, uma sucessão de acontecimentos que deve ser conhecida, mas que não esgota seu sentido em si mesma: tem um sentido literal e a forma de relato,[5] construída ao modo de um drama[6] de amor,[7] que tem um conteúdo próprio e um plano.[8]

Nesse drama, como obra de arte, as emoções são fundamentais, pois elas são parte integrante da vida corporal e sensível do ser humano; tanto o *Cântico* como o *Comentário* expõem e descrevem emoções diversas, em muitos substantivos e expressões verbais, como exultar, alegrar-se, felicitar, gozo, deleitar-se, excitar, desejar... Elas estão dispersas ao longo de toda a obra, praticamente em cada página; de tal modo são abundantes que, para avaliar corretamente o pensamento de Orígenes acerca das emoções, precisamos nos deter em alguns exemplos.

O peito é, talvez, a parte do corpo que recebe mais atenção do *Cântico*, e também de Orígenes; tanto o peito do esposo quanto o da esposa são constantemente mencionados como aquela parte do corpo que não só é bela, mas esconde o coração, sede e símbolo da emoção amorosa: “Interpretamos o peito como a parte principal do coração”.[9] Ao descrever as conversas entre os amantes, continua Orígenes logo adiante,[10] de modo muito acolhedor o *Cântico* diz “que a parte principal do coração é designada pelo peito.

Por isso o peito do esposo é bom, porque nele se ocultam tesouros de sabedoria e de ciência", interpretação que repete em outros pontos (por exemplo: bom é o esposo, o seu peito, tudo o que nele há, e que à esposa parecerá melhor do que o vinho).[11] O peito é o coração, é o amor. E tudo isso, ou seja, todo o corpo e tudo o que ele sente é bom, pois representa a sabedoria e a ciência divina: o apóstolo João não encostou a cabeça no peito de Cristo? E nesse gesto afetivo pode haver algum mal? Não, diz Orígenes:[12] "Enquanto pelo seio ou peito de Cristo se entendam as doutrinas sagradas, não me parece que seja indecoroso". Ora, João não encostou a cabeça na doutrina, mas no peito: então é esse gesto em si mesmo, sensível e afetuoso, que é bom e digno de representar algo que lhe é superior.

Portanto, a contemplação das coisas belas gera o amor, "e desse modo, depois de contemplar a beleza do Verbo Divino, podemos ser capazes de nos abrasar de amor por ele".[13] Contemplar as coisas belas, porém, gera em nós esse amor porque também nós somos feitos à imagem da beleza divina. Assim, como num drama, toda ação, e todo elemento da ação, tem sentido no quadro e nas intenções dramáticas. O amor dirige toda a trama e dramaticidade do *Cântico*. Amar é natural no homem, diz Orígenes, pois "sem dúvida todos os homens amam alguma coisa, e não há um só que, chegado à idade de amar, não ame algo",[14] e lembra então que disso já tratou no *Prólogo*, onde de fato afirma: "É impossível para a natureza humana não estar sempre amando alguma coisa".[15] Mas, insiste Orígenes em ambos os trechos, há duas espécies de amor: um desregrado e que destrói o homem, e outro bem orientado e que é bom.

O tema dos sentidos da alma é muito explorado por Orígenes em diversas obras; neste *Comentário* há uma passagem que resume sua doutrina: depois de comparar a ação dos olhos do corpo com a vista interior, conclui: "Conforme com este exemplo da vista do corpo e da alma que acabamos de expor, se também aplicares aos sentidos da alma o que corresponde aos sentidos corporais do ouvido, do gosto, do olfato, e do tato, sobretudo no que diz respeito

às faculdades mais peculiares de cada um, saberás com segurança e clareza em que se deve exercitar e como se deve emendar cada sentido".[16] Ora, como neste exemplo ele partia do exercício da visão corporal para avaliar a da alma, a conclusão de Orígenes é que, embora mais rudes, os sentidos corporais são um bom e seguro ponto de partida para elevar o espírito às coisas divinas. E para confirmar sua opinião continua, mais adiante,[17] citando trechos e frases das Escrituras em que se fala dos sentidos corporais como metáforas para significar os espirituais: o Senhor ilumina nossos olhos;[18] o que tem ouvidos para ouvir...;[19] o bom odor de Cristo;[20] como é bom o Senhor;[21] as mãos que tocaram a Palavra Divina.[22] E assim, percorrendo os cinco sentidos com citações bíblicas, ele confirma seu ponto de vista.

O amor e as emoções amorosas dos amantes são o maior destaque do *Cântico*, e se nele já há um excesso de arrebatamento, em Orígenes espanta ler os detalhes do frêmito de amor: as pernas tremem, o olhar se perturba, o corpo se agita... O esposo vem do trabalho e chega perto de casa: vem apressado, salta e pula, mas se contém, brinca, fica olhando pelas frestas da janela, faz ouvir a sua voz de longe para despertar a amada, esconde-se, e quando chega mais perto, enche os ouvidos da amada com palavras carinhosas.[23]

Mas é ao falar das emoções femininas que o *Cântico* e o *Comentário* são mais vívidos. A esposa emocionada com as palavras do esposo e com as belezas que viu na casa dele sente suas pernas fraquejarem e pede aos amigos que a deixem encostar numa árvore: Orígenes apenas repete a seu modo o que está no *Cântico*, porque o mais específico dele é considerar essa cena, tocante de sensibilidade, como sendo adequada para representar a Igreja, "porque a Igreja se sustenta e apoia naqueles que frutificam e crescem em boas obras";[24] ou a compara com "os catecúmenos da Igreja",[25] que têm mais esperança que segurança, ou com "as almas que diariamente renovam a imagem do Criador".[26]

A sensibilidade está ainda presente na descrição da aflição da esposa quando longe do amado: enquanto ele não vem ela dá

voltas à casa, sai, vai e vem, olha para todos os lados a ver se ele chega, arde em penas de amor.[27] Mas a sensibilidade tem manifestações corporais muito fortes, a que Orígenes – e o *Cântico* – não negam valor. Beijos e abraços são expressões do amor e, quando no corpo, são reflexos do amor divino: os beijos do esposo são sentimentos e pensamentos divinos "quando a mente se enche de pensamentos divinos e sentimentos, sem que nenhum homem ou anjo interfira, é então que recebe os beijos do Verbo de Deus";[28] e insiste: beijos no plural, e não um só, porque cada "iluminação de pensamento obscuro é um beijo do Verbo divino".[29] Os beijos do esposo fazem a esposa mais bela; quando o *Cântico* diz: "como ficaram belas as tuas maçãs do rosto"[30] é porque elas ficaram mais belas depois que o esposo as beijou.[31]

O abraço dos esposos é outra imagem tocante: tal como a alma ou a Igreja quer que a Palavra divina a ampare com a sua sabedoria, a esposa pede "o natural afeto do amor, e que o esposo com a mão esquerda lhe ampare a cabeça, e com a direita a abrace e enlace todo o corpo".[32]

Sem dúvida, Orígenes faz a apologia da excitação dos sentidos, mas como é evidente que em tudo busca imagens para desenvolver o significado místico, o que ele demonstra e defende é a beleza e bondade da excitação sensual e amorosa, a beleza e bondade do corpo e de tudo o que nele há, pois é capaz de ser imagem e representação do espírito, da vida do ser humano em Deus – aliás, essa afirmação da bondade do corpo e da sensibilidade controlada, ou da sensibilidade equilibrada pela razão tem implícita a negação de qualquer maldade inata do corpo, o que está presente nas muitas críticas sub-reptícias e indiretas aos gnósticos e a todos aqueles que consideram que a matéria é fruto e causa do mal.

Orígenes queria ressaltar o amor divino, presente literariamente no *Cântico*, que ele lia como alegórico; compete a nós, guiados por ele, fazer outras leituras em que o amor sensível dos amantes seja entendido como um caminho para Deus.

Para concluir, do texto original de Orígenes, em grego, restam-nos apenas alguns fragmentos, e toda a leitura se funda, sobretudo,

na tradução latina de Rufino, que, além de incompleta, tem, como se sabe, um viés interpretativo. Porém, mesmo que se apoiando em textos deficientes, a tradução que ora se apresenta tem a referendá-la não só a opinião comum de que Rufino geralmente não muda o sentido principal das obras que traduz, como também a constatação de as ideias principais do comentarista serem conformes com suas outras obras ainda existentes e originais, nomeadamente as de caráter homilético e as exegéticas.

Bibliografia

ORIGÈNE. *Commentaire sur le Cantique des Cantiques*, trad. e intr. L. Brésard, H. Crouzel e M. Borret, Paris: Cerf, 1991-1992 [Sources Chrétiennes 375-376].

ORÍGENES. *Comentário al Cantar de los Cantares*, intr. M. Simonetti, trad. A. Velasco Delgado, Madri: Ciudad Nueva, 1994 (1986).

Dicionário de Latim-Português, Porto: Porto Editora, 2008[3].

CROUZEL, H. *Origène*. Paris: Lethielleux/Namur: Culture et Vérité, 1984.

LUPI, J. “Sensibilidade e Estética em Orígenes”, em LUPI e DAL RI (orgs.), *Humanismo Medieval. Caminhos e descaminhos*. Ijuí: UNIJUÍ, 2005, 181-190.

PELLETIER, A.-M. *O Cântico dos Cânticos*. Trad. J. M. C. Villar, São Paulo: Paulus, 1995.

COMENTÁRIO AO *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

ORÍGENES

PRÓLOGO

O Cântico dos Cânticos, *drama com senso espiritual*
do qual nem todos podem aproximar-se.

1

1 Este pequeno livro é um canto nupcial, ou epitalâmio, escrito por Salomão, num estilo que nos parece ser um drama; ele o cantou no papel da esposa que arde de celeste amor pelo seu esposo, que é a Palavra Divina. Desse amor pela Palavra foram tomadas a alma, feita à sua imagem, e a Igreja. A mesma Escritura nos ensina também com que palavras esse esposo magnífico e perfeito se dirigiu à alma, unida a ele, e à Igreja.

2 Por esse mesmo pequeno livro intitulado *Cântico dos Cânticos* ficamos sabendo tanto o que disseram as jovens acompanhantes e amigas da esposa, como também os amigos e acompanhantes do esposo. Pois também os amigos do esposo tiveram a oportunidade de dizer algumas coisas, pelo menos aqueles que ficaram alegres ao saber que o esposo se tinha unido à esposa. Desse modo, as palavras da Esposa não se dirigem somente ao esposo, mas também às jovens, e inversamente o esposo fala não só à Esposa, mas também aos amigos.

3 Já dissemos antes que esse cântico nupcial está escrito em forma de drama; diz-se, de fato, que há drama quando uma estória ou ficção é encenada e se diversos personagens entram no palco e, chegando uns, outros se afastam, e a narrativa se desenrola com diversos atores e segundo textos variados. Esse é o modo como essa Escritura se completa, cada coisa entrando no seu lugar e todo o conjunto se formando com discursos místicos.

4 Antes de mais, devemos entender uma questão preliminar: tal como a idade infantil não nos move ao amor apaixonado, assim

também o homem interior que está em idade infantil, como uma criança, não capta o sentido dessas palavras; estes são os que são alimentados pelo leite e não por comida sólida,[1] e que no seu primeiro estágio desejam o leite autêntico e sem mancha.[2] Nas palavras do *Cântico dos Cânticos*, esse seu alimento é aquele do qual diz o Apóstolo: “A comida sólida é para os perfeitos”, pois ela requer ouvintes que “para poder tomá-la tenham senso de discrição exercitado e sejam capazes de distinguir o bem do mal”.[3]

5 Esses principiantes de que falamos são como crianças, e mesmo que leiam a Escritura, ou até que ouçam as explicações que lhes dizem, provavelmente não vão entender nada – mas daí também não lhes virá nenhum mal.

6 Porém, aquele que vive apenas segundo os impulsos do corpo, e que se aproxima dessa Escritura, dela receberá não poucos riscos e perigos, pois ele não sabe ouvir com ouvidos puros e castos as palavras de amor, e desviará do homem interior para o exterior e carnal tudo o que ouvir; passará do espírito para a carne e alimentará em si mesmo concupiscências carnais, e tomará, da Divina Escritura, pretexto para se incitar e se atirar aos prazeres libidinosos. Por isso, advirto e aconselho a todos aqueles que ainda não se livraram dos incômodos da carne e do sangue, e ainda não renunciaram às disposições da natureza material, que de jeito nenhum leiam esse pequeno livro nem os comentários que lhe são feitos.

7 Diz-se que entre os hebreus não era sequer permitido ter esse livro nas mãos antes de se chegar à maturidade ou idade adulta. Mais ainda, foi deles que recebemos o costume de que as crianças aprendam todas as Escrituras através dos doutores e sábios; e também que se deixe para o estudo final aqueles que são chamados os quatro escritos posteriores, a saber: o princípio do Gênesis, no qual se explica a criação do mundo;[4] o princípio do livro de Ezequiel, onde se fala dos querubins;[5] o final do mesmo,

que fala da construção do Templo;[6] e esse *Cântico dos Cânticos*.

8 Por esses motivos, me parece que devemos falar de algumas questões antes de chegar àquelas contidas nesse pequeno livro: primeiro, [devemos] discorrer brevemente acerca do que é o amor, que é o tema principal desse texto; depois sobre a ordem dos livros de Salomão, entre os quais me parece que esse livro ocupa o terceiro lugar; e também sobre o título desse mesmo livrinho, e qual a razão porque é chamado de *Cântico dos Cânticos*; e finalmente qual é o modo da sua composição dramática, ou como é que a estória se desenrola na movimentação dos personagens em cena.

O amor, tema do Cântico dos Cânticos, e seus tipos

2

1 Muitos eruditos gregos apresentaram numerosos e variados escritos, inclusive em forma de diálogo, sobre a natureza do amor,[7] com a intenção de investigar os desvios da verdade, e tentando mostrar que a força do amor não é outra coisa senão aquela que conduz a alma desde as coisas terrestres até às elevadas do céu; e que não se pode alcançar a suprema felicidade a não ser que o desejo do amor a tal convide. Relata-se também que questões desse gênero eram debatidas entre eles em simpósios, e suponho que nessas convivências não circulavam alimentos, mas palavras. Outros ainda nos deixaram por escrito certas técnicas pelas quais o amor pode nascer na alma, ou se acrescentar. Mas esses procedimentos carnais foram aplicados aos desejos viciosos e aos segredos do amor pecaminoso.

2 Ninguém, pois, se admire se dissermos que entre nós, onde quanto mais há gente simples tanto mais parecem ser inexperientes, essa discussão sobre a natureza do amor se torna difícil e se abeira do perigo, pois já entre os gregos, conhecidos pela sua sabedoria e erudição, houve quem não entendesse o que se escreveu sobre tais assuntos. Sob o pretexto do que se dizia sobre o amor, perderam-se no pecado da carne e nos abismos da falta de pudor; tal como dissemos acima, houve quem tirasse desses textos propósitos e estímulos, e outros exibiram os escritos dos antigos para disfarçar a sua incontinência.

3 Portanto, para não incorrer em algo semelhante, desviando em sentido vicioso o que os antigos escreveram de belo e de espiritual, levantemos a Deus as nossas mãos, tanto as corporais como as da alma; Deus, que “deu aos evangelizadores tanto poder das palavras”,[8] nos dará, no seu poder, a palavra com que possamos expor, a partir do que está escrito, um são entendimento, capaz de

edificar no pudor tanto a natureza do amor como o seu próprio nome.

4 No princípio dos escritos de Moisés, onde se trata do estatuto deste mundo, encontramos a referência a dois homens criados: o primeiro “feito à imagem e semelhança de Deus”,[9] e o segundo “feito de lodo e terra”.[10] Isso o apóstolo Paulo conhecia bem, e como estava instruído claramente, nas suas cartas escreveu aberta e manifestamente que em cada indivíduo há dois homens. Diz ele: “Porque se o homem exterior que há em nós se deteriorou, aquele que é interior se renova a cada dia”,[11] e outra vez: “Segundo o homem interior sinto prazer na lei de Deus”,[12] e escreveu umas quantas coisas semelhantes a essas.

5 Paulo certamente entendia melhor do que nós o que Moisés escreveu; por isso, e uma vez que ele afirma que em cada indivíduo há dois homens, ninguém deve duvidar de que Moisés, no princípio do Gênesis, escreveu sobre a confecção ou modelagem de dois homens. Destes o interior se renova, lembra ele, a cada dia; e do outro, que é o exterior, se diz que se corrompe e enfraquece; assim é com os santos, como era Paulo. Nos lugares adequados explicaremos melhor as dúvidas que alguém ainda possa ter a esse respeito. Mas agora, já que lembramos o homem interior e o exterior, continuemos a exposição.[13]

6 A esse propósito vamos demonstrar que as Sagradas Escrituras designam por homônimos, isto é, por nomes semelhantes, ou mesmo pelos mesmos termos, tanto os membros externos do homem, quanto as suas partes interiores e suas disposições, e assim não apenas os vocábulos, mas as próprias realidades são comparadas.

7 Por exemplo: segundo o homem interior alguém é uma criança, e, portanto, pode crescer e chegar a ser jovem, e, com os desenvolvimentos posteriores, tornar-se um varão completo, e ser

pai. Quisemos usar essas palavras, que se encontram na Sagrada Escritura – aquela que João escreveu –, cujos termos são: “Eu vos escrevi, filhos, porque conhecestes o Pai; eu vos escrevi, pais, porque conhecestes aquele que existe desde o princípio; eu vos escrevi, jovens, porque sois fortes e a Palavra de Deus permanece em vós e vencestes o maligno”.[14] É bem evidente, e creio que ninguém duvida, que João aqui não fala de crianças, nem de adolescentes, ou jovens, nem de pais, segundo a idade corporal, mas segundo a idade da alma.

8 Além disso Paulo diz numa passagem: “Eu não pude vos falar como se fosseis espirituais, mas como a carnais, tal como a crianças em Cristo; dei-vos leite a beber, e não comida sólida”.[15] Ora, sem dúvida que “criança em Cristo” se refere à alma e não ao corpo. Finalmente, diz Paulo em outro lugar: “Quando eu era criança falava como criança, raciocinava como criança, pensava como criança; mas uma vez que me tornei homem, me desfiz daquilo que era da criança”.[16] E ainda noutro lugar: “Até que cheguemos todos à idade de homem perfeito, à força da idade que realiza a plenitude de Cristo”.[17] Com efeito, ele sabe que todos os que creem estão destinados a chegar à idade do homem perfeito, à força da idade que realizou “a plenitude de Cristo”.

9 Portanto, assim como esses termos referentes à idade, dos quais falamos, e que se aplicam igualmente ao homem interior e ao exterior, assim se encontra que os nomes dos membros corporais são transpostos para os membros da alma, ou até podemos dizer que são próprios das operações e disposições da alma.

10 Diz-se, de fato, no Eclesiastes: “Os olhos do sábio estão na sua cabeça”,[18] e do mesmo modo no Evangelho: “Quem tem ouvidos para entender, entenda”;[19] e também nos profetas: “Palavra do Senhor, que se diz na mão do profeta Jeremias”[20] – e em diversos outros lugares [da Escritura]. É ainda semelhante o que diz: “O teu pé não machuque”,[21] e também: “Um pouco mais e meus pés

escorregariam”.[22] Do mesmo modo, é evidente que se designa o ventre da alma, onde diz: “Senhor, no teu temor concebemos no ventre”;[23] nem se duvidaria quando diz: “A garganta deles é um sepulcro aberto”,[24] e de novo: “Confunde e divide as línguas deles, Senhor”;[25] e também o que está escrito: “Quebraste os dentes dos pecadores”,[26] e outra vez: “Quebra o braço do pecador e do maligno”.[27] Mas será que preciso reunir mais exemplos desses quando as Escrituras estão cheias deles?

11 Fica, pois, demonstrado com evidência que esses nomes de membros não podem, de modo algum, ser aplicados ao corpo visível, mas devem referir-se às partes e faculdades da alma invisível: uma vez que têm denominações bem semelhantes, mas geram claramente, e sem nenhum equívoco, significados próprios não do homem exterior, mas interior.

12 Portanto, para esse homem material, que também podemos chamar de homem exterior, há um alimento, e uma bebida corporal e terrena, que são adequados à sua natureza. Mas também, de modo semelhante, existe para o homem espiritual, ao qual chamamos interior, um alimento que é como “aquele pão vivo que desce do céu”.[28] Além disso, sua bebida é daquela água que Jesus prometeu ao dizer: “Todo aquele que beber da água que eu lhe dou nunca mais terá sede”.[29]

13 Assim, por todas as semelhanças entre os vocábulos aplicados a um homem e ao outro, mantemos a distinção entre cada uma das realidades: o que é corruptível é apresentado como corruptível, e o que é incorruptível se propõe como incorruptível.

14 De fato, acontece que as pessoas menos instruídas são incapazes de distinguir e de discernir o que é que nas Sagradas Escrituras deve ser atribuído ao homem interior, ou inversamente ao homem exterior; desse modo, enganados pela semelhança das palavras, inventam fantasias sem sentido e ficções vazias,

chegando ao ponto de acreditar que, depois da ressurreição, usaremos alimentos materiais, e tomaremos bebidas não só daquela “vinha verdadeira”[30] e que viverá para sempre, mas também das vinhas daqui e dos frutos das árvores – mas voltaremos a esse assunto em outro lugar.

15 Das observações e distinções feitas acima se conclui que, segundo o homem interior, pode alguém não ter filhos e ser estéril, e outro ter muitos filhos, de onde vêm as palavras: “A estéril dará à luz sete vezes, e a que teve muitos filhos ficou incapaz”,[31] ou, tal como se diz nas bênçãos: “Entre vós não haverá quem seja estéril e não tenha filhos”.[32]

16 Sendo assim, tal como se fala de um amor carnal a que os poetas chamam Cupido, e por ele semeia na carne aquele que ama, assim também existe um amor espiritual, e segundo ele o homem interior, quando ama, “semeia no espírito”.[33] Para deixar mais claro: se existe alguém que mantém a imagem do que é terrestre de acordo com o homem exterior, esse é conduzido pelo desejo e pelo amor terrenos; mas quem tem “a imagem do que é celeste”[34] segundo o homem interior, age pelo desejo e pelo amor celestes.

17 A alma é dirigida por um amor e um desejo celestes quando à vista da beleza e da graça do Verbo Divino amou a sua imagem, e dele lhe veio uma flecha que lhe fez uma ferida de amor. Porque de fato o Verbo é a imagem e esplendor “do Deus invisível, o Primogênito de todas as criaturas, no qual foram criadas todas as coisas que estão no céu e na terra, quer as visíveis quer as invisíveis”.[35] Por conseguinte, se tivermos inteligência capaz de abranger e de considerar a beleza e a graça de todas as coisas que foram criadas nele, seremos atingidos pelo encanto dessas mesmas coisas; e golpeados pela magnificência do seu esplendor, ou pela “flecha penetrante”, como diz o profeta,[36] receberemos dele uma flecha salutar e nos queimaremos no feliz fogo do seu amor.

18 Há ainda outra coisa que devemos saber: assim como no homem exterior pode haver um amor ilícito e contra a lei – quando, por exemplo, ele ama a meretriz e a adúltera e não a sua noiva ou a esposa –, assim também o homem interior, isto é, a alma, pode ter um amor não pelo seu legítimo esposo, que é, como dissemos, o Verbo de Deus, mas por algo adúltero e corruptor. É o que sob esta mesma imagem mostra claramente o profeta Ezequiel, quando apresenta Oola e Ooliba, representando Samaria e Jerusalém, corrompidas por um amor adúltero, como expõe[37] com evidência essa passagem da Escritura profética àqueles que querem saber de modo completo.

19 Pois, como sabemos, também esse amor espiritual da alma umas vezes arde por certos espíritos do mal, e outras vezes pelo Espírito Santo e pela Palavra Divina; aquele é chamado esposo fiel, marido da alma instruída; desta se diz, sobretudo no texto que temos em mãos, que é sua esposa. Com a ajuda divina, demonstraremos mais completamente assim que começarmos a explicar as próprias palavras do livrinho.

20 Parece-me, contudo, que a Sagrada Escritura, querendo precaver-se para que não surgisse, nos que leem, algum erro no que respeita à palavra amor, e sobretudo por causa dos mais fracos, designou por um termo moralmente superior, como “afeto” ou “ternura”, o que entre os sábios deste mundo é chamado desejo ou paixão; assim é, por exemplo, quando fala de Isaac: “E recebeu Rebeca com afeição, e a tornou sua esposa”,[38] e mais adiante, a propósito de Jacó e Raquel, de modo semelhante diz a Escritura: “Raquel tinha bela aparência e um rosto bonito, Jacó gostou dela e disse: te servirei sete anos por Raquel, tua filha mais nova”.[39]

21 O termo aparece de maneira mais explícita e sem alteração a propósito de Amnon, que amava muito sua irmã Tamar; está escrito: “Depois disso aconteceu que Absalão, filho de David, tinha uma irmã muito bonita, cujo nome era Tamar, e Amnon, filho de David,

sentiu afeição por ela”.[40] Está escrito “sentir afeição” em vez de “apaixonou-se”. E continua: “Amnon estava perturbado ao ponto de ficar doente por causa de sua irmã Tamar, que era virgem, e aos olhos de Amnon seria errado tocar nela”.[41] Mas ele violentou sua irmã Tamar, e pouco depois diz a Escritura: “Amnon não quis escutar os protestos dela, mas a agarrou e submeteu e se deitou com ela. Mas depois Amnon a odiou com grande ódio, e se tornou esse ódio maior do que o afeto com que se tinha enamorado dela”.[42]

22 Assim, nessas e em muitas outras passagens se pode encontrar que a Sagrada Escritura evita o termo “amor”, e prefere “afeto” ou “caridade”. Embora raramente, porém, o termo “amor” é citado assim mesmo, e a Escritura convida e dirige para ele as almas, tal como se diz nos provérbios sobre a Sabedoria: “Ama-a, e ela te conservará; rodeia-a e ela te exaltará; honra-a e te abraçará”.[43] Também no livrinho chamado *Sabedoria de Salomão* assim se fala da própria Sabedoria: “Tornei-me um amante da sua beleza”.[44]

23 Na minha opinião, o termo “amor” só foi incluído onde parecia não haver nenhuma ocasião de erro. De fato, o que se poderia encontrar de passional ou de inconveniente no amor da Sabedoria, ou naquele que se confessa amante da Sabedoria? Mas se se dissesse que Isaac estava apaixonado por Rebeca, ou Jacó por Raquel, poder-se-ia imaginar, por essas palavras – sobretudo entre aqueles que não são capazes de se elevar da letra ao espírito –, que esses santos homens de Deus nutriam paixões indignas deles.

24 Porém, nesse livro que temos aqui o termo “amor” é nele abertamente mudado para afeição, quando diz: “Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém; quando encontrardes o meu bem amado, dizei-me, porque fui ferida pela caridade”,[45] certamente em vez de ter dito “fui atingida pela lança do seu amor”.

25 Não vem ao caso que a Sagrada Escritura diga “amor” ou

“caridade”, ou “afeto”, a não ser que apenas com o termo “caridade” se destaque o fato de que Deus seja ele próprio chamado de Caridade, tal como diz João: “Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque a caridade vem de Deus, e todo aquele que ama na caridade nasceu de Deus e conhece Deus; aquele que não ama não conhece Deus, porque Deus é a caridade”.[46] Deixemos para outra ocasião falar do que, a título de exemplo, citamos da epístola de João, mas mesmo assim não parece despropositado dizer agora algumas palavras sobre essa questão.

26 “Amemo-nos uns aos outros porque a caridade vem de Deus”,[47] diz ele; e logo depois: “Deus é caridade”.[48] Nisso ele mostra como Deus é amor, e também que quem vem de Deus é caridade. Ora, quem é que vem de Deus senão aquele que diz: “Eu saí de Deus e vim a este mundo”?[49] Porque se Deus Pai é caridade e o Filho é caridade, são um só a caridade e a caridade e em nada diferem entre si, consequentemente o Pai e o Filho são um e em nada diferem.

27 Por isso é correto dizer que Cristo é Caridade, tal como dele se diz que é Sabedoria, Poder, Justiça, Palavra e Verdade[50] e também diz a Escritura que, se a caridade permanece em nós, Deus em nós ficará;[51] ora, Deus, isto é, o Pai e o Filho, vêm até àquele “que é perfeito na caridade”[52] conforme a palavra do Senhor e Salvador, quando diz: “Eu e meu Pai viremos até ele e nele faremos nossa morada”.[53]

28 Deve-se, pois, saber que essa caridade que é Deus não ama, naquele em quem ela está, nada de terreno, nada material, nada corruptível; é contra a natureza dela amar seja o que for de corruptível, sendo ela, como é, a fonte da incorruptibilidade. Ela é a única que tem a imortalidade, pois de fato “Deus é caridade”[54] e só “ele tem a imortalidade, habitando na luz inacessível”.[55] Que outra coisa é a imortalidade senão a vida eterna, que Deus prometeu dar àqueles que creem nele, “único verdadeiro Deus, e em quem ele

enviou, Jesus Cristo, seu Filho”?[56]

29 É por isso que se diz que, em primeiro lugar e antes de tudo o mais, é agradável a Deus e lhe apraz que “o Senhor Deus seja amado de todo o coração, e com toda a alma, e com todas as forças”.[57] E porque Deus é caridade, ele exige que haja em nós alguma coisa que lhe seja semelhante, e por essa caridade que está em Jesus Cristo nós sejamos unidos a Deus que é caridade por uma espécie de laço de parentesco, pelo nome da caridade, como dizia ainda aquele que já lhe estava unido: “Quem me separará da caridade de Deus que está em Jesus Cristo Nosso Senhor?”.[58]

30 Ora, a caridade considera todo homem como seu próximo. Foi por isso que o Salvador advertiu com uma parábola a alguém que defendeu que a alma justa não tem como próxima a alma do que está imerso em maldade; disse ele: “Um homem caiu nas mãos dos ladrões quando ia de Jerusalém para Jericó”; critica o sacerdote e o levita que, tendo visto o homem quase morto, passaram de lado, mas elogia o samaritano “que praticou misericórdia” e conclui que “este era o próximo”; aquele que fizera a pergunta concordou, e ele disse: “Vai, e faz deste modo”.[59]

31 Com efeito a natureza nos fez a todos próximos uns dos outros, mas aquele que pode fazer o bem se torna, pelas obras de caridade, o próximo daquele que não pode. Por isso, o nosso Salvador se fez próximo de nós, porque “não passou de lado quando estávamos caídos e quase mortos devido às feridas que nos fizeram os assaltantes”.

32 Devemos saber, portanto, que a caridade de Deus sempre tende para Deus, de onde recebe igualmente a sua origem, e diz respeito ao próximo com quem participa dela, uma vez que, de forma semelhante, foi criada na incorrupção.

33 Assim, pois, tudo o que está escrito acerca da caridade deves

entender como se fosse dito acerca do amor sem te preocupares com os termos,[60] porque o sentido é o mesmo em ambos. Se alguém disser que nos são caros o dinheiro, a meretriz e também outras coisas ruins, e que o dizemos com um termo que parece vir da mesma origem de “caridade” deve-se ter em conta que aqui a caridade não é invocada no sentido próprio, mas é citada abusivamente.

34 Explica-se com um exemplo: o sentido principal do nome de Deus é “aquele do qual, pelo qual, e no qual tudo existe”,[61] porque assim claramente se exprime o poder e a natureza da unidade trina. Porém, secundariamente e, por assim dizer, de forma abusiva, a Escritura também chama deuses “aqueles para os quais se dirigem as palavras de Deus”[62] tal como o Salvador confirma nos Evangelhos. Mais ainda, parece que os poderes celestiais são chamados por esse nome, quando se diz: “Deus está presente na assembleia dos deuses, e no meio dela julga os deuses”.[63] Em terceiro lugar, de modo já não abusivo, mas falso, os deuses dos povos são chamados demônios, quando a Escritura diz: “Todos os deuses dos gentios são demônios”.[64]

35 O significado de caridade está, em primeiro lugar, em Deus, e por isso se nos manda “amar Deus de todo o nosso coração e toda a nossa alma e com todas as nossas forças”,[65] como aquele de quem nos vem o próprio poder de amá-lo. Nesse amor, sem dúvida está contido que também sejam amadas a Sabedoria, a Justiça, a Piedade, a Verdade e todas as virtudes: amar Deus e amar o que é bom é a mesma coisa. Em segundo lugar, em sentido menos adequado, e derivado, é-nos comandado “amar o próximo como a nós mesmos”.[66] Em terceiro lugar, e certamente falso, o termo caridade é usado para indicar o amor ao dinheiro, à sensualidade e a tudo o mais que diz respeito à devassidão e ao erro.

36 Não é importante que se diga se Deus é amado, ou se é querido, nem creio que se possa censurar alguém por dizer que

Deus é amor, tal como João diz que ele é caridade. Lembro-me de que um santo homem, de nome Inácio, que disse a respeito de Cristo: “Meu amor está crucificado”, e não creio que ele possa ser reprovado por isso.

37 Deve-se, ainda, saber que todo aquele que ama o dinheiro, ou as coisas feitas de matéria corruptível que há no mundo, reduz a caridade, que vem de Deus, ao que é terreno e perecível, e abusa das coisas para fins que Deus não quer, pois Deus deu essas coisas aos homens para que se servissem delas, não para que as amassem.

38 Explicamos esse assunto com alguma extensão porque queremos que fique bem clara e exata a distinção entre a natureza da caridade e a do amor, para que não se julgue que todo o amor vem de Deus, mesmo o das coisas corruptíveis, só porque a Escritura diz que Deus é caridade.[67] Mostramos que a caridade é de Deus, e um dom dele, mas que nem sempre os homens o exercitam para o que é de Deus, e para o que Deus quer.

39 É importante saber, contudo, que para a natureza humana é impossível não estar sempre amando alguma coisa. Aquele que chega à idade que chamamos puberdade ou ama de modo inadequado, quando ama o que não deve, ou de modo correto e conveniente, quando ama o que é importante. Mas essa capacidade de amar, que está entranhada na alma racional como um dom do Criador, há quem a distorça para amar o dinheiro e se comprazer na sua avareza, e há quem corra atrás da glória e se torne um amante da vã glória; ou então cortejam as mulheres devassas e ficam prisioneiros da luxúria e da libido, e deitam a perder a força de tão grande bem com outras coisas semelhantes a essas.

40 Mas quando esse amor é conduzido para as diversas artes manuais, ou para as práticas que só são necessárias à vida presente, como a ginástica e o atletismo, ou então para a geometria, a música, a aritmética, ou para as outras disciplinas desse tipo, nem

assim me parece que tal uso deva ser aprovado. Pois se o que é bom é o que deve ser aprovado, e o que propriamente é bom não é o que se destina a usos corporais, mas o que se entende a respeito de Deus e das virtudes da alma, então só deve ser aprovado aquele amor que está ligado a Deus e às virtudes espirituais.

41 O próprio Salvador assim o define quando alguém "lhe perguntou qual seria o maior dos mandamentos e o primeiro da Lei" e ele respondeu: "Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração e toda a tua alma, e todas as tuas forças; e o segundo é muito semelhante a este: ama teu próximo como a ti mesmo" e acrescentou: "Desses dois mandamentos decorrem toda a Lei e os profetas",[68] mostrando que desses dois se compõe o amor verdadeiro e legítimo e deles dependem toda a Lei e os profetas.

42 E ainda o que ele diz: "Não cometerás adultério, não matarás, não roubarás, não darás falso testemunho"[69] e se, porventura, houver outro mandamento, se retoma naquele que diz: "Ama teu próximo como a ti mesmo".[70]

43 Explicaremos agora de maneira mais fácil. Vamos supor, por exemplo, que uma mulher está apaixonada por um homem e deseja muito ficar com ele: não fará ela tudo o que puder, e não se disporá a tudo para agradar aquele a quem ama, com medo de que em alguma coisa lhe desagrade, e esse homem tão apreciado perca o interesse por ela e a recuse? Essa mulher, que arde de amor por esse homem "com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todas as suas forças", seria capaz de cometer adultério sabendo que ele valoriza a castidade? Ou praticar um homicídio quando ela sabe que ele é pacífico, ou roubar, sendo ele generoso, ou será que ela desejaria outras coisas quando todas as suas ambições estão absorvidas no amor desse homem? Assim também é na perfeição da caridade, e "todos os mandamentos se incorporam nela, e dela dependem o poder da Lei e dos profetas".[71]

44 Por causa desse bem da caridade, ou do amor, os santos “não se perturbam nas tribulações, não se desesperam na desgraça, não se deixam desanimar quando abatidos”,[72] mas “o que no momento presente é uma leve tribulação lhes prepara um valor de glória eterna muito além de toda medida”.[73] Essa prova da vida presente pode-se dizer que é momentânea e leve, mas não para todos, somente para Paulo e para os que são como ele, porque “eles têm a perfeita caridade de Deus em Cristo Jesus que o Espírito Santo difundiu nos seus corações”.[74]

45 Foi assim que o amor do patriarca Jacó por Raquel fez com que ele não sentisse nem o calor do dia nem o frio da noite durante os sete anos em que trabalhou por ela.[75] Ouço também Paulo ardendo na força do amor dizer que “a caridade tudo sofre, em tudo acredita, tudo espera, suporta tudo; a caridade nunca desfalece”.[76] Aquele que ama, não há nada que ele não suporte. Se há muitas coisas que não sofremos é certamente porque não possuímos a caridade que tudo suporta. E se não temos paciência para tolerar certas coisas é porque nos falta aquela caridade que tudo sofre. Nas lutas contra o demônio, que é nosso adversário, frequentemente falhamos, sem dúvida porque não temos em nós aquela caridade que nunca falha.

46 Esse texto da Escritura fala, pois, do amor no qual a alma arde e se inflama pela Palavra Divina; o Espírito canta esse poema epitalâmico, no qual a Igreja abraça e se une com Cristo, seu esposo celeste, desejando se juntar a ele pela Palavra, para dele conceber e poder ser salva pela casta geração de filhos, se eles permanecerem na fé, na santidade e na sobriedade;[77] eles foram concebidos pelo sêmen da Palavra de Deus, mas foram gerados e dados à luz ou pela Igreja sem mancha, ou pela alma que não procura nada de corpóreo nem de material, mas se inflama apenas no amor da Palavra de Deus.

47 Até aqui dissemos o que nos ocorreu acerca do amor e da

caridade de que se trata no epitalâmio do *Cântico dos Cânticos*. Deve-se reparar, porém, que muito mais se deveria dizer sobre essa caridade, tanto quanto sobre Deus, que é ele mesmo caridade.[78] Pois assim como “ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e a quem o Filho quiser revelar”,[79] assim também ninguém conheceu a caridade a não ser o Filho. De modo semelhante, o próprio Filho, que também é caridade, “ninguém conhece a não ser o Pai”.

48 Além disso, porque se chama caridade e é só o Espírito Santo que procede do Pai, é só ele quem sabe o que há no Pai, tal como o espírito do homem conhece o que há no homem.[80] Esse Paracleto, espírito de verdade, que procede do Pai, está atento querendo encontrar almas dignas e capacitadas para receberem a revelação da grandeza dessa caridade que é de Deus.[81] Posto isso, vamos explicar o que falta, invocando Deus Pai que é caridade, e por ela, que dele vem, a própria caridade.

O lugar do Cântico dos Cânticos
entre as obras de Salomão

3

1 Em primeiro lugar, vamos tentar indagar por qual razão a comunidade de Deus recebeu três obras escritas por Salomão, a saber: em primeiro lugar o *Livro dos Provérbios*, em segundo lugar aquele que é chamado *Eclesiastes*, e em terceiro lugar temos o *Cântico dos Cânticos*. Sobre esse assunto, eis a minha opinião: há três áreas de conhecimento geral, pelas quais se chega à ciência, e a elas os gregos chamam Ética, Física e Epóptica, às quais podemos chamar Moral, Natural, Contemplativa. É certo ainda que, entre os gregos, houve quem incluísse uma quarta área de estudos, a Lógica, que seria para nós a [Filosofia] Racional.

2 A esta, houve quem a considerasse entrelaçada e como que penetrando as outras três, e não como uma disciplina separada. Essa Lógica, ou a ciência do raciocínio, diz respeito às regras do emprego das palavras e frases, aos motivos de elas serem corretas ou não, à sua classificação em gêneros e espécies, e à exposição dos modos de cada enunciado, pelo que parece mais algo inserido nas outras disciplinas para torná-las coerentes e contextualizadas do que uma disciplina separada.

3 Chama-se Moral aquela pela qual se organiza um modo de vida honesto, e se preparam os hábitos que tendem à virtude. Chama-se Natural aquela que analisa a natureza de cada coisa, de modo a que na vida nada seja feito contra a natureza, mas que cada coisa seja disposta para os usos para os quais o Criador a produziu. Chama-se Contemplativa aquela que, ultrapassando o que é visível, contempla o que é divino e celestial, e o faz somente pela intuição mental porque essas coisas estão além da visão corporal.

4 Na minha opinião, os sábios gregos copiaram essas ideias de

Salomão, que os antecedeu na idade e no tempo; ele as aprendeu antes deles pelo Espírito de Deus, mas eles o apresentaram como se fosse invenção sua, e deixaram que fosse escrita nos livros como se fosse sua, e que assim fosse transmitida à posteridade. Mas tudo isso foi, como dissemos, obra de Salomão, que inventou, antes dos outros, e ensinou pela Sabedoria que recebeu de Deus, como está escrito: “E Deus deu prudência a Salomão, e uma grande sabedoria, e uma largueza de coração que é como a areia que está na praia do mar. A sabedoria se multiplicou nele, e foi maior do que a sabedoria antiga dos filhos dos homens, e maior que todos os sábios do Egito”.[82]

5 Portanto, Salomão, querendo distinguir essas três áreas de conhecimento de que acima falamos, ou seja, a Moral, a Natural e a Contemplativa, e apresentá-las em separado, delas fez três pequenos livros, cada um disposto na sequência segundo sua ordem.

6 Primeiro ensinou a Moral no *Livro dos Provérbios*, mostrando as regras de vida em sentenças breves, como convém ao assunto. Depois vem o *Eclesiastes*, onde a ciência da natureza é tratada através de muitos temas de coisas naturais, separando o que é inútil e vão daquilo que é útil, exortando a que se deixe de lado a vaidade e se busque o que é útil e honesto.

7 A Contemplativa, ele apresentou nesse livro de que estamos tratando, isto é, o *Cântico dos Cânticos*, no qual incute na alma o desejo do amor das coisas celestes e divinas, sob a imagem do esposo e da esposa, ensinando-nos a chegar à comunhão com Deus pelos caminhos da caridade e do amor.

8 Ao colocar os fundamentos da verdadeira filosofia e ao estabelecer a ordem dos ensinamentos e das disciplinas, ele mostra, desde o princípio, que nos seus *Provérbios* não escondeu nem se afastou da doutrina racional, em primeiro lugar, pelo título que deu à sua obra – *Provérbios* –, nome que significa que o que se

diz abertamente não é o mesmo que o que está intrínseco ao que é dito. O uso comum dos provérbios o atesta, e João no Evangelho do Salvador assim o escreve quando diz: “Eu vos disse essas coisas em provérbios, mas chegará a hora em que já não vos falarei por provérbios, mas vos anunciarei claramente o Pai”.[83] Digo isso apenas quanto ao título que está escrito.

9 Mas, no prosseguimento, logo acrescenta uma discriminação de palavras: distingue ciência de sabedoria, e de ciência como disciplina, mostra que a compreensão das palavras é diferente e diz que a prudência consiste em perceber as sutilezas dos termos. Distingue ainda a verdadeira justiça da retidão do juízo e fala até de certa astúcia que é necessária para os que ele está instruindo, suponho que a fim de contornar as argúcias dos sofismas. Essa astúcia, diz ele, que a Sabedoria dá aos ingênuos, de certo para que, com a Palavra de Deus, evitem as fraudes dos sofismas.[84]

10 Parece-me que aqui ele recorda a ciência do raciocínio, graças à qual se discernem os significados das palavras e das frases, e se distingue com exatidão o sentido próprio de cada expressão. Nessa doutrina, convém principalmente instruir as crianças, ao que ele exorta quando diz: “Para que a criança desde pequena saiba o sentido e o significado”.[85] Quem se instrui nessas coisas aprende a governar-se a si mesmo de modo racionalmente inflexível, e mantém a sua vida com moderação; por essa razão, diz ele que “quem é inteligente adquirirá a direção”.[86]

11 Em seguida, sabendo que nas palavras divinas pelas quais, através dos profetas, se transmitiu ao gênero humano uma regra de vida, há diversas maneiras de falar e formas variadas de expressão, e sabendo que entre elas há a figura da parábola, e outra da qual se diz que é frase obscura, e ainda outras chamadas de enigmas, outras a que chamam ditos sapienciais, escreveu: “Também entenderás a parábola, o discurso obscuro, os ditos sapienciais e os enigmas”.[87] Com essas palavras, ele realmente expõe de modo

claro e evidente, no estilo antigo em breves sentenças, pensamentos grandiosos e profundos.

12 Aquele que medita na Lei do Senhor de dia e de noite[88] e que é como a boca do justo porque medita na Sabedoria[89] poderá investigar com mais cuidado; ao procurar, bate à porta da Sabedoria pedindo a Deus que lha abra; e se procura corretamente, descobrirá que se tornará digno de receber pelo Espírito Santo a palavra da Sabedoria e a palavra do conhecimento[90] e de ser feito participante da Sabedoria, que dizia: “Eu declarava as minhas palavras e vós não me escutáveis”.[91]

13 É com razão que ela diz ter declarado as suas palavras no coração daquele a quem Deus havia concedido, tal como já dissemos, a largueza de coração. De fato, é grande o coração daquele que pode, graças às demonstrações tiradas dos livros sagrados, comentar, numa extensa doutrina, o que foi dito brevemente em sentidos misteriosos.

14 Conforme essa mesma doutrina do grande sábio Salomão, é preciso que aquele que deseja conhecer a Sabedoria comece pela instrução moral e compreenda o que está escrito: “Desejaste a Sabedoria: Deus te dará se observares os mandamentos”.[92] Por isso esse mestre, que foi o primeiro a ensinar aos homens a filosofia divina, colocou como preâmbulo da sua obra o *Livro dos Provérbios,* no qual, segundo dissemos, se apresenta a moral, de tal modo que, quando se progride na inteligência e nos bons costumes, se alcance também a ciência da natureza, e então, distinguindo as causas e as naturezas das coisas, se perceba que deve ser abandonada a “vaidade das vaidades”[93] para correr atrás dos bens eternos e perpétuos.

15 E assim, depois dos *Provérbios*, se chega ao *Eclesiastes* que ensina, como vimos, que tudo o que é visível e corpóreo é perecível e frágil; certamente aquele que estuda a Sabedoria, quando o

perceber, desprezará sem dúvida essas coisas e as abandonará; e renunciando a tudo o que é deste mundo irá atrás do que é invisível e eterno, que nos é mostrado pelos sentidos espirituais no *Cântico dos Cânticos*, mas escondido por algumas figuras dos amores.

16 Esse livro vem por último para que antes sejamos purificados nos costumes e tenhamos aprendido a ciência da distinção entre as coisas corruptíveis e as incorruptíveis, a fim de que de modo nenhum possamos ficar chocados com as imagens pelas quais se descreve e compõe o amor do esposo e da esposa celestes, ou seja, a alma perfeita para a Palavra de Deus. Cumpridos, assim, os meios pelos quais a alma se purifica nas ações e costumes e alcança o discernimento das coisas naturais, chega-se preparado para o que é doutrinal e místico, e pode elevar-se à contemplação da divindade com amor sincero e espiritual.

17 Parece também que essa distribuição da divina filosofia em três partes está prefigurada nos homens santos e bem aventurados, em razão dos quais quis o Deus supremo ser chamado de “Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó”.[94]

18 Abraão representa a Filosofia Moral pela sua obediência: foi tão grande a sua obediência e tão grande o seu cumprimento dos mandamentos que quando ouviu: “Sai da tua terra, e dos teus parentes e da casa do teu pai”[95] não hesitou, mas o fez imediatamente. Fez mais ainda: ouvindo que devia sacrificar o seu filho, nem então duvidou, mas obedeceu à ordem, e para dar à posteridade um exemplo de obediência, que é da Filosofia Moral, “nem seu filho único poupou”.[96]

19 Isaac está no lugar da Filosofia Natural, quando cava poços e sonda a profundidade das coisas.[97] Já o lugar da Contemplativa é de Jacó, que recebeu o nome de Israel pela contemplação das coisas divinas, viu as milícias celestes,[98] a casa de Deus, os caminhos dos anjos, e as escadas que se levantam da terra ao céu.

[99]

20 Não é, pois, por acaso que encontramos esses três santos homens construindo altares a Deus, consagrando-lhe, assim, os progressos da sua filosofia, sem dúvida para nos ensinar que eles não devem atribuir-se às habilidades humanas, mas à graça de Deus. Além disso, habitam em tendas, mostrando assim que aqueles que se dedicam à divina filosofia não devem possuir na terra nada de seu, mas devem estar sempre avançando, não tanto de lugar em lugar, quanto da ciência inferior para a ciência dos perfeitos.

21 Essa ordem de assuntos organizados da forma que vimos nos livros de Salomão pode-se ver em muitas outras passagens da Sagrada Escritura, mas esse tema é longo e agora temos outra coisa a fazer.

22 A primeira etapa a percorrer designada nos *Provérbios* é a correção dos costumes e a observância dos mandamentos; depois, percebida a vaidade do mundo e entendida a fragilidade das coisas perecíveis, chega-se à renúncia ao mundo e a todas as coisas que estão no mundo; e finalmente se alcança a contemplação e o desejo das “coisas que não se veem e são eternas”.[100]

23 Contudo, para conseguir chegar a esse ponto, necessitamos da misericórdia divina; e se ainda tivermos forças, veremos a beleza da Palavra de Deus, e seremos inflamados no seu amor, e então ele, reconhecendo como ela o deseja, amará essa alma digna dele.

O significado de Cântico dos Cânticos

4

1 O andamento da nossa exposição exige agora que falemos do título do *Cântico dos Cânticos*. Essa forma de expressão tem semelhanças: no tabernáculo da Aliança chamado "Santo dos Santos",[101] no *Livro dos Números* com "obras das obras"[102] e em Paulo, que diz: "séculos dos séculos".[103]

2 Mas em que, no *Livro do Êxodo,* o "Santo dos Santos" é diferente dos Santos, e em que "obra" difere de "obras das obras" em *Números*, disso já tratamos conforme nos foi possível em outro lugar.[104] No que se refere a "séculos dos séculos", não deixamos de falar onde a questão se colocou, e vamos evitar repetições.

3 Vamos agora procurar saber quais são esses cânticos dos quais esse é dito *Cântico dos Cânticos.* Suponho que sejam os cânticos que eram antigamente cantados pelos profetas ou pelos anjos. De fato se diz que "a Lei foi anunciada pelos anjos na mão de um mediador";[105] portanto tudo aquilo que por eles se anunciava eram cânticos introdutórios dos amigos do esposo. Mas esse cântico é aquele único que devia ser cantado em modo de epitalâmio pelo esposo quando estava para receber a esposa. Nesse cântico, a esposa já não quer que os amigos do esposo cantem, mas só quer escutar as palavras do esposo dizendo: "Beija-me com os beijos da tua boca".[106]

4 É por isso que ele é o preferido de todos os cânticos, como se os outros que foram cantados pela Lei e os profetas tivessem sido cantados quando a esposa era ainda menina, e não tinha chegado à idade adulta. Mas esse cântico é para uma mulher adulta, na sua plena maturidade, pronta para receber a força da virilidade e a perfeição dos mistérios. Por isso dela se diz que "uma só é a pomba perfeita".[107] É como esposa perfeita de um perfeito marido que ela

recebeu as palavras da doutrina perfeita.

5 O primeiro cântico foi o de Moisés e dos filhos de Israel, quando "viram na orla do mar os egípcios mortos e viram a mão forte e o braço poderoso do Senhor, e acreditaram em Deus e em seu servo Moisés".[108] Então "cantaram dizendo: "Cantemos ao Senhor, pois de modo glorioso se cobriu de glória".[109] Na minha opinião, ninguém pode chegar a esse canto perfeito e místico, e a essa perfeição da esposa, que esse livro descreve, se não andar primeiro "a seco no meio do mar e se a água não se fizer para ele como uma parede à direita e à esquerda",[110] e assim escape das mãos dos egípcios para vê-los mortos na orla do mar, e vendo a mão forte do Senhor e o que ele fez aos egípcios, "acredite em Deus e no seu servo Moisés".[111] Por Moisés entendo aqui também a Lei, os Evangelhos e todas as Sagradas Escrituras, pois então terá razão para cantar: "Cantemos ao Senhor, pois de modo glorioso se cobriu de glória".[112] Mas esse cântico só canta aquele que antes disso foi libertado da servidão dos egípcios.

6 Após todas as provas que estão descritas no *Livro do Êxodo* e no *Levítico* e após chegar a ser contado dentre os números divinos, então cantará um segundo cântico, quando tiver saído do vale de Zaret,[113] que quer dizer "a outra descida", e tiver chegado ao poço a respeito do qual está escrito: "E disse o Senhor a Moisés: 'reúne o povo, e lhes darei a beber água do poço'. Ali cantou dizendo: 'dedicai-lhe o poço'. Os príncipes o cavaram, e os reis das nações o aprofundaram no seu reino, quando foram dominados por eles".[114]

7 Sobre esse assunto falei mais amplamente noutro livro sobre os *Números*, com a ajuda de Deus. Voltemos ao tema do poço que foi escavado pelos príncipes, e aprofundado pelos reis, no qual não trabalha nenhum operário plebeu, mas somente reis e príncipes, isto é, almas reais e principais, que esquadrinham a fundura do poço que contém água viva.

8 Depois desse cântico, chega-se ao cântico do *Deuteronômio* do qual disse o Senhor: “Escrevei agora para vós as palavras deste cântico, e ensinai-o aos filhos de Israel, e colocai-o nas suas bocas, para que este cântico me sirva de testemunha perante os filhos de Israel”.[115] Vede qual é a grandiosidade desse cântico e a sua qualidade, porque, para ouvi-lo, como a terra não é suficiente, também o céu é convocado, pois diz: “Céu, presta atenção, porque vou falar; e que a terra escute as palavras da minha boca”.[116] Vê, pois, a magnitude e a força do que se diz: “Meu discurso seja esperado como a chuva, e desça sobre as ervas como o orvalho, e como a neve sobre o feno, porque invoquei o nome do Senhor [...]” e assim por diante.[117]

9 O quarto cântico está no *Livro dos Juízes* e dele se escreveu: “Nesse dia cantaram Débora e Barac, filho de Abinoé, dizendo: começai, príncipes de Israel, por bendizer a Deus em favor do povo. Ouvi, ó céus, prestai ouvidos, ó príncipes” e assim por diante.[118] Mas aquela que canta deve ser uma abelha, cujo produto é tal que tanto os reis como os humildes usam para a sua saúde. De fato, Débora significa abelha, e é ela que canta nesse cântico. Além disso, com ela está Barac, cujo nome significa relâmpago. Esse canto é cantado após uma vitória, porque não se pode cantar o que é completo antes de vencer o inimigo. Assim, pois, nesse mesmo cântico se diz: “Levanta-te, Débora, levanta-te, acorda milhares de entre o povo. Levanta-te, levanta-te, canta o cântico, levanta-te, Barac”.[119] Mas sobre esse assunto se encontrarão mais explicações nas breves homilias que fiz sobre o *Livro dos Juízes.*

10 O quinto cântico, que vem a seguir a esse, está no segundo *Livro dos Reis* quando “disse David ao Senhor as palavras deste cântico, no dia em que Deus o livrou das mãos de todos os seus inimigos, e da mão de Saul, e disse: ‘O Senhor é para mim como uma rocha e uma fortaleza, meu libertador; meu Deus será para mim como um libertador’”.[120] Também tu poderás cantar esse quinto cântico, se puderes entender quem são os inimigos de David,

aqueles que, de acordo com o primeiro e o segundo *Livro dos Reis*, ele dominou e derrubou, e como se tornou digno de receber o auxílio do Senhor, e foi libertado desses inimigos.

11 O sexto cântico está no primeiro *Livro dos Paralipômenos* quando David nomeou Asaf e seus irmãos para começarem o louvor do Senhor; é assim o início desse cântico: “Louvai ao Senhor, glorificai-o, invocai-o pelo seu nome, fazei que suas vontades sejam conhecidas entre os povos. Cantai hinos em sua honra, contai todas as coisas maravilhosas que fez o Senhor [...]” e assim continua.[121]

12 É sabido que o cântico que está no *Segundo Livro dos Reis* é muito semelhante ao Salmo 17; e o que está no primeiro *Livro dos Paralipômenos* desde o princípio, até ao lugar onde diz: “E não façais mal aos meus profetas”[122] se assemelha ao Salmo 104. Mas o que vem a seguir, a partir dessa passagem, tem semelhança com os primeiros versículos do Salmo 95, onde se diz: “Cantai ao Senhor toda a terra”, até ao lugar onde diz: “Porque ele vem julgar a terra”. Desse modo, se com aquele fecharmos o número dos cânticos, esse livro do *Cântico dos Cânticos* deve ser considerado o sétimo.

13 É possível considerar que o cântico de Isaías deva ser contado junto com os outros; mas é provável que Isaías o tenha redigido muito tempo depois, e portanto não é razoável considerá-lo anterior a este. Contudo, se alguém entender que as palavras proféticas não devem ser consideradas conforme as datas, mas de acordo com a temática, esse canto pode ser incluído, e poderemos dizer que esse Cântico que Salomão cantou é o Cântico acima de todos: não só dos que o precederam, mas também dos que se supunha que viriam a ser cantados.

14 Se alguém ainda entender que do *Livro dos Salmos* devem ser contados não só aqueles onde está escrito “cântico”, mas também onde diz “cântico do salmo”, se agregará uma multidão de cânticos anteriores. Aos já descritos, devemos juntar os quinze “cânticos da subida”, e, procurando as características de cada cântico, e a partir

deles os graus de progresso da alma, determinar a ordem sequencial dos temas, conforme o sentido espiritual; assim se poderá mostrar os passos magníficos com que a esposa avança e chega até à câmara nupcial do esposo; ela vai “ao lugar do admirável tabernáculo e à casa de Deus com exclamações de júbilo e louvor, como quem está numa festa”,[123] e, alcançando aquela câmara nupcial de que falávamos, ouvirá e falará de tudo o que se contém no *Cântico dos Cânticos*.

15 Antes de chegar ao próprio texto desse livro, podemos ainda nos perguntar o seguinte: por que Salomão, que parece que nesses três livros serviu a vontade do Espírito Santo, no *Livro dos Provérbios* é chamado de “Salomão, filho de David, que reinou em Israel”,[124] enquanto que no segundo livro já não é nomeado como Salomão, mas são ditas “palavras de Eclesiastes, filho de David, rei de Israel em Jerusalém”;[125] escreve que é filho de David, como no primeiro livro, e rei de Israel, mas lá são ditas “provérbios”, aqui são “palavras”; e a si mesmo lá se chama “Salomão” e aqui “Eclesiastes”. E enquanto lá apenas nomeou a nação sobre a qual reinava, aqui não só designou a nação, mas também o lugar da sede do reino.

16 Mas no *Cântico dos Cânticos* não escreve o nome da nação, nem o lugar do reino, nem sequer que é rei, nem que seu pai é David, mas somente diz: “*Cântico dos Cânticos* que é do próprio Salomão”. Parece-me difícil perscrutar e atingir o sentido dessas diferenças, ou mesmo redigir com clareza aquilo que se busca investigar; apesar disso, vamos tentar expor brevemente o que o nosso pensamento conseguir captar, e o entendimento que quem ler puder alcançar.

17 Creio que não se pode duvidar que Salomão é, de muitas maneiras, uma figura de Cristo: ou porque é chamado “o Pacífico” , ou porque “a rainha do Sul veio dos confins da terra escutar a sabedoria de Salomão”.[126]

18 Assim também, como é filho de David, reina em Israel, e porque reina sobre os reis é chamado “rei dos reis”.[127] Além disso, o verdadeiro Eclesiastes é aquele “que sendo da condição divina se aniquilou e assumiu a forma de escravo”[128] para reunir a Igreja; e porque reúne a Igreja é que ele é chamado Eclesiastes. Pois bem: quem é que é Salomão, o Pacífico, senão Nosso Senhor Jesus Cristo, que se “fez para nós a sabedoria vinda de Deus, e a Justiça e a Paz”?[129]

19 De fato, no primeiro *Livro dos Provérbios*, quando nos ensina as disciplinas morais, diz-se que ele é rei em Israel,[130] mas não em Jerusalém, porque mesmo que, em razão da nossa fé, sejamos chamados Israel, não chegamos ao ponto de sermos chamados Jerusalém celeste. Mas quando progredirmos e chegarmos a ser associados à “Igreja dos primogênitos que está nos céus”[131] e forem afastadas, com cuidado, as coisas antigas e naturais, conheceremos a nossa mãe, a Jerusalém celeste,[132] e então Cristo se tornará para nós o Eclesiastes, e se dirá que reina não só em Israel, mas em Jerusalém.

20 Quando, porém, voltar para completar a perfeição de todas as coisas e se unir a todas as criaturas racionais, isto é, à sua esposa perfeita, visto que ele “pacificou pelo seu sangue não só o que há sobre a terra, mas também o que está nos céus”,[133] então será chamado apenas Salomão, “quando entregar o reino a Deus Pai, depois de ter aniquilado todo principado e potência. Porque é preciso que ele reine até que tenha colocado todos os inimigos sob os seus pés, e tenha destruído o último inimigo, que é a morte”.[134] E assim, estando tudo pacificado e submetido ao Pai, quando Deus já for “tudo em todas as coisas”[135] será chamado apenas Salomão, o Pacífico, e nada mais.

21 Por isso está correto que nesse livro não apareça no cabeçalho nem “Filho de David”, nem “Rei” nem nenhum desses títulos que correspondem a um sentido corporal, porque aqui se trata apenas

do amor do esposo e da esposa, conforme diz ele sobre a esposa já perfeita: “Mesmo que algum dia tivéssemos conhecido Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim”,[136] para que não se julgue que ela ama seja o que for de corporal, ou carnal, ou se suspeite que algo possa manchar o seu amor. Por tudo isso, o *Cântico dos Cânticos* é de Salomão apenas, e não do Filho de David ou do Rei de Israel, e nenhum vocábulo de significado carnal lhe está relacionado.

22 E não te admires que, sendo um só e sempre o mesmo o Nosso Senhor e Salvador, dele digamos que ele aparece primeiro nos *Provérbios* como um menor, depois no *Eclesiastes* como estando a crescer, e já perfeito no *Cântico dos Cânticos*; pois isso mesmo é o que encontras escrito nos Evangelhos, onde se diz que ele cresce por nossa causa, e para nós; assim se narra: “Jesus crescia em idade e em sabedoria diante de Deus e diante dos homens”.[137]

23 É por todos esses motivos que me parece que não está escrito nem Filho de David nem Rei de Israel, mas também por esta razão: porque no *Cântico dos Cânticos* a esposa já tinha progredido tanto que era maior do que o reino de Jerusalém. De fato, o Apóstolo diz que existe a Jerusalém celeste e lembra que os fiéis podem alcançá-la,[138] mas desse esposo, para o qual agora corre a esposa, diz o mesmo Paulo que ele é o pontífice máximo, e dele escreve não como se estivesse nos céus, mas que “entrou e atravessou todos os céus”[139] e sua esposa perfeita o acompanha, unida a ele, pois se fez com ele um só espírito.[140]

24 O que se passou com Pedro tem a ver, me parece, com esta interpretação: ele não podia seguir o Senhor, que lhe disse: “Para onde eu vou vós não podeis vir agora”, mas depois completou: “Mais tarde me seguirás”.[141]

25 Pelo que está escrito no *Livro dos Números* podemos entender que existe algo maior do que Israel; pois quando enumera o censo

das doze tribos de Israel não inclui no total a tribo de Levi, como se ela fosse superior, e seus números não devessem ser contados no censo dos israelitas. Diz assim: “Esta é a contagem na qual são recenseados os filhos de Israel conforme suas casas e famílias; o cômputo final contou seiscentos e três mil e quinhentos e cinquenta, incluindo os guerreiros. Mas os levitas não foram incluídos com os outros no total, conforme o Senhor tinha ordenado a Moisés”.[142] Vê-se, pois, que, por serem superiores, os levitas são contados em separado, e não são incluídos no censo dos filhos de Israel.

26 Por sua vez, os sacerdotes são anotados como superiores aos levitas, pois na mesma Escritura se afirma: “O Senhor disse a Moisés: chama o conjunto dos levitas e coloca-os à disposição do sacerdote Aaron para que o sirvam”.[143] Não se vê por aqui que designa os sacerdotes superiores aos levitas, e estes, por sua vez, os coloca superiores aos filhos de Israel?

27 Quisemos mostrar qual a razão pela qual, na titulação dos seus livros, Salomão utilizou diferenças necessárias, porque no título dos *Provérbios* quis dizer uma coisa diferente do que disse no *Eclesiastes* e diferente ainda no *Cântico dos Cânticos* – ao fazê-lo parece até que fomos cuidadosos demais.

28 Quanto ao fato de que, no *Cântico dos Cânticos,* onde a perfeição já foi revelada, não se escreve nem Filho de David, nem Rei, pode-se acrescentar este argumento: se o servo se fez como seu senhor, e o discípulo como seu mestre[144] parece que nem o servo é mais servo, pois se fez como o senhor, nem o discípulo é mais discípulo, pois se tornou como o mestre. Ele foi, alguma vez, discípulo de fato, mas agora é como o mestre; e foi, uma vez, verdadeiro servo, mas agora é como o senhor. De modo semelhante, pode se falar do Rei e daqueles sobre os quais reina, “quando o reino for entregue a Deus Pai”.[145]

29 Repare-se ainda que alguns escrevem, como título deste livro,

Cântico dos Cânticos, o que não é correto, pois o título não está no plural, mas no singular. São essas as coisas que me parece conveniente dizer no prólogo, a propósito do cabeçalho e do título desse livro.

30 Vamos agora abordar o exórdio da obra, com a ajuda de Nosso Senhor, mas antes não podemos esquecer uma questão que alguns entendem que deve ser considerada acerca do título e do cabeçalho do livro, que diz assim: "*Cântico dos Cânticos* que é do próprio Salomão".

31 Pensam que, se esse Cântico é dito "dos Cânticos de Salomão" é porque, entre seus numerosos cânticos, só esse foi assinado por Salomão. Mas como podemos aceitar tal interpretação, se nem a Igreja de Deus recebeu nenhum outro cântico de Salomão para ser lido, nem no cânon dos hebreus, dos quais sabemos que nos vieram os discursos de Deus, há mais livros de Salomão além desses três, que nós também temos?

32 Os que assim falam pretendem confirmar a sua opinião com o que está escrito no terceiro *Livro dos Reis*: que foram muitos os cânticos compostos por Salomão, e esse é o único que chegou até nós. Eis o que está escrito: "O Senhor deu a Salomão uma prudência e uma sabedoria muito grandes, e grandeza de coração como a areia que está na orla do mar. Salomão se tornou mais sábio que todos os sábios antigos, mais do que os do Egito, superior a Gethan de Zarita, e a Henan, e a Chalcal, e a Darala, e Salomão pronunciou três mil parábolas, e seus cânticos eram cinco mil".[146] Portanto, eles pretendem que esse cântico que temos em mãos seja um desses cinco mil; mas não sabemos nem quando nem onde foram cantados, e deles não chegou nem notícia às Igrejas de Deus.

33 Daria muito trabalho, e passaria além dos nossos objetivos, procurar agora a enorme quantidade de livros de que se faz menção nas Sagradas Escrituras, e dos quais nenhum texto foi recebido por nós. Entre os judeus, não nos consta que tenha havido uso desse

tipo de texto, ou porque continham assuntos que ultrapassam a inteligência humana, e aprouve ao Espírito Santo afastá-los, ou porque são escrituras daquelas ditas apócrifas, que contêm passagens corrompidas, e contra a verdadeira fé, e aqueles que nos precederam acharam melhor não os receber, nem aceitá-las entre as obras que fazem autoridade. Está acima de nós pronunciar-nos sobre tais coisas.

34 É fato conhecido que tanto os apóstolos como os evangelistas citaram e inseriram no Novo Testamento passagens que não conhecemos nas Escrituras, que temos por canônicas, mas que se encontram nos escritos apócrifos, e foi deles que certamente foram retiradas. Mas nem por isso devemos aceitar os apócrifos: “Não devemos ultrapassar os limites que foram estabelecidos pelos nossos maiores”.[147] Pode ser que tanto os apóstolos quanto os evangelistas, cheios do Espírito Santo, tivessem sabido o que é que se deveria retirar desses escritos, e, ao contrário, o que é que se deveria rejeitar; mas nós, em quem não há tal abundância do Espírito, não é sem perigo que podemos presumir fazê-lo.

35 Por isso, quanto ao presente versículo, mantemos a leitura que fizemos antes, sobretudo pela evidente distinção que há nele, quando diz: “*Cântico dos Cânticos* que é de Salomão”, pois, se quisesse que nós entendêssemos que “este é um cântico dentre os cânticos de Salomão” teria dito: “*Cântico dos Cânticos* que são de Salomão” ou “*Cântico* dentre os cânticos de Salomão”. Mas como diz “que é de Salomão”, mostra que esse cântico que temos nas mãos e que ele deveria cantar é mesmo de Salomão e tem esse título que ele lhe colocou. Vejamos então o que se segue.

LIVRO 1

(Ct 1,2-4)

Os beijos do Verbo

1

1 “Que ele me beije com os beijos da sua boca”.[1] É preciso lembrar o que advertimos no Prólogo: que este livro tem a forma de um epitalâmio, e está escrito ao modo de um drama. Ora, existe drama quando certos personagens entram em cena, e falam, e outros vão chegando depois, uns entram e outros saem, e a ação se passa com troca de personagens.

2 Essa será a forma geral do livro, e conforme pudermos, iremos adaptando a exposição da estória. Mas a compreensão espiritual, tal como assinalamos no Prólogo, será dirigida à relação da Igreja com Cristo, sob a imagem da esposa e do esposo, ou da alma com o Verbo ou Palavra de Deus.

3 Nessa estória, entra primeiro em cena uma esposa que recebeu, de um Esposo de alta estirpe, ricos presentes, como dote e garantia de noivado; mas como ele demora muito para chegar, ela se consome no desejo do seu amor, e, abatida e prostrada em casa, faz tudo o que pode para finalmente poder ver o esposo e gozar dos seus beijos. Mas, como vê que seu amor tarda, e ela não pode alcançar o que deseja, se volta para Deus e reza, sabendo que ele é o Pai do seu esposo.

4 Observemos então como ela “levanta as santas mãos, sem ira nem rancor, vestida de modo pudico e sóbrio”,[2] mas adornada com os ornamentos preciosos com que se deve engalanar uma nobre esposa, abrasada pelo desejo do seu esposo e inquieta por causa da ferida íntima do amor; eleva a Deus a sua oração, e diz sobre seu esposo: “Que ele me beije com os beijos da sua boca”.[3] Esse é o conteúdo da estória composta à maneira de um drama.

5 Vejamos, agora, se o sentido interior pode ser interpretado

conforme vamos expor. Aquela que deseja unir-se a Cristo é a Igreja, e por Igreja se entende que ela é a assembleia de todos os santos, que, como se fossem todos uma só pessoa, tomam a palavra e dizem: “Tenho tudo, estou repleta de presentes, que recebi como dote dos esponsais antes das núpcias. Faz algum tempo que me preparo para a união com o Filho do Rei e “primogênito de toda criatura”[4] e os seus santos anjos me têm acompanhado e servido, e trouxeram a Lei como presente de noivado, pois “a Lei foi promulgada pelos anjos na mão de um mediador”.[5]

6 “Até os profetas me serviram, pois também eles falaram daquelas coisas através das quais revelaram e me mostraram a respeito do Filho de Deus, a quem eles desejavam que eu fosse unida, depois de serem entregues as arras e os presentes do dote. Porém, para me inflamarem no seu amor e desejo, anunciaram a vinda dele com clamores proféticos; e, cheios do Espírito Santo, pregaram suas inúmeras virtudes e grandes maravilhas. Descreveram também sua beleza, seu aspecto e seu encanto, de tal maneira que, por tudo isso, eu estava ardendo de amor de modo insofrível”.

7 “Contudo, como este mundo se aproxima do seu fim, e eu continuo sem a presença dele, mas apenas vejo os seus servidores subindo e descendo até mim, eu te peço e suplico, ó Pai do meu esposo, que tenhas misericórdia com o meu amor, e mo envies para que não seja mais pelos anjos, seus enviados, e pelos profetas que ele me fale, mas que ele mesmo venha e ‘me beije com os beijos da sua boca’ e que eu o ouça falar, a ele mesmo, e que eu o veja ensinar”.

8 Esses são os beijos de Cristo, que ele ofereceu à Igreja quando veio, ele mesmo presente na carne: lhe falou palavras de fé, caridade e paz, conforme prometera Isaías, que antes fora enviado à Esposa e dissera: “Não enviados nem mensageiros, mas o próprio Senhor os salvará”.[6]

9 Nesta exposição vamos, em terceiro lugar, apresentar a alma, cujo empenho está todo na união e ligação com o Verbo de Deus, e em penetrar no interior dos mistérios da sua sabedoria e da sua ciência, como se fosse na câmara nupcial do esposo celeste. Que os presentes por ele dados como dote sejam entregues também a essa alma. Pois assim como o dote da Igreja foram os livros da Lei e dos Profetas, assim para a alma sejam considerados como presentes do dote: a lei natural, o pensamento racional e o livre arbítrio. Como presentes do seu dote tem também a doutrina que recebe dos conselheiros e dos doutores, e que constitui para ela a primeira instrução.

10 Mas como nessas coisas, ela não tem plena e perfeita satisfação para os desejos do seu amor, ela reza para que sua mente pura e virginal seja esclarecida pelas visitas e iluminações do próprio Verbo de Deus. Porque quando sua mente fica preenchida com as divinas interpretações e significados, sem a intervenção de nenhum homem nem anjo, então ela crê que recebeu os beijos do próprio Verbo Divino. Por isso, e por causa dos beijos recebidos dessa maneira, é que a alma que ora a Deus diz: “Beije-me com os beijos da sua boca”.

11 Enquanto ainda não era capaz de entender a doutrina sólida e pura do próprio Verbo Divino, era necessário que a alma recebesse os beijos, isto é, os significados, da boca dos doutores; mas quando começou a discernir por si mesma o que é obscuro, a desatar o que está enovelado, a abrir o que está embrulhado, e a explicar, com expressões apropriadas e inteligíveis, as parábolas, enigmas, e ditos dos sábios, então ela crê que recebeu os beijos do seu esposo, isto é, o Verbo Divino.

12 “Beijos” está no plural, para que se entenda que cada uma das iluminações dos significados obscuros é como um beijo que o Verbo Divino oferece à alma perfeita.

13 Talvez por isso é que certa mente, profética e perfeita, disse que “a minha boca se abriu e atraiu o Espírito”.[7] Devemos entender que, por boca do esposo, se quer dizer o poder pelo qual a mente é iluminada, e tal como uma expressão de amor que lhe é dirigida, contanto que ela mereça receber a presença de tal força, vai revelando tudo o que é desconhecido e obscuro; e esse é o beijo mais autêntico, mais íntimo e mais santo que se pode afirmar que o Verbo de Deus deu a sua Esposa, ou seja, à alma pura e perfeita. Uma figura desse beijo é aquele que nos damos uns aos outros quando celebramos os mistérios na congregação.

14 Portanto, acreditamos que quantas vezes no nosso coração descobrirmos, sem ajuda dos conselhos alheios, algo que estamos procurando nos significados das doutrinas sagradas, tantas vezes o Verbo Divino nos beijou. Quando, porém, na nossa busca não conseguimos encontrar o sentido das coisas divinas, então façamos nosso o sentir dessa oração e solicitemos a Deus a visita do seu Verbo, dizendo: “Que me beije com os beijos da sua boca”.

15 No mais, o Pai conhece a capacidade de cada alma, e sabe qual é a ocasião propícia para a alma receber os beijos do Verbo, tanto na compreensão como nos significados.

2

1 “Porque teu peito é melhor do que o vinho e o odor dos teus perfumes superior a todos os aromas”.[8] Compreende em primeiro lugar que, nessa estória dramática, a esposa, com as mãos levantadas para Deus Pai, elevou a sua oração, e pediu que o esposo viesse até ela e a cobrisse com beijos da sua boca. Assim ela ora ao Pai, e na mesma oração em que ela disse: “Que me beije com os beijos da sua boca” já prepara outras orações, e com as palavras delas diz que, quando começasse a falar, que viesse seu esposo, visse como ela orava, e ficasse com ela, e lhe mostrasse seu peito, e que ele estivesse ungido com perfumes excelentes com os quais exalasse um bom odor.

2 Mas quando a esposa viu que aquele cuja presença reclamava estava ao seu lado, e que, quando ela ainda falava, lhe tinha sido concedido o que pedia, e que o esposo lhe dava os beijos que ela queria, ficou muito alegre; emocionada com a beleza do peito dele, e com a fragrância dos perfumes, mudou a direção da oração para a presença do esposo que tinha chegado; e ao que antes tinha dito “que ele me beije com os beijos da sua boca” acrescentou, dirigindo-se ao Esposo presente: “Teu peito é melhor do que o vinho, e o odor dos teus perfumes superior a todos os aromas”. Esse é o sentido do enredo e do texto, de que falamos antes. Mas há um sentido interior, e é o que vamos agora investigar.

3 Nas Sagradas Escrituras, a ação principal do coração tem muitos vocábulos, e eles variam conforme os fundamentos e as ações de que se trata. Umas vezes, por exemplo, é “bem-aventurados os de coração puro”[9] ou “a fé no coração obtém a justiça”.[10]

4 Mas também se fala do seio e do peito, como na disposição e lugar dos comensais durante uma refeição, como João no seu

Evangelho, quando se refere a um determinado discípulo “que Jesus amava, e que se reclinava no seu seio”[11] ou no seu peito, e que, sem dúvida, é aquele de quem Pedro dizia: “Pergunta-lhe de quem é que ele está falando”.[12] E depois, reclinado sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: “Senhor, quem é?”.[13] Nessas, palavras, certamente, se pode ver que João descansava no íntimo do coração de Jesus e nos sentidos das profundezas da sua doutrina, procurando e sondando “os tesouros de sabedoria e ciência que estavam escondidos em Cristo”,[14] pois não me parece inconveniente compreender que o seio de Cristo está no lugar das santas doutrinas.

5 Portanto, tal como tínhamos começado a dizer, nas Sagradas Escrituras, o coração é designado de diversas maneiras, como, por exemplo, no *Levítico* onde se diz que “o peito e a espádua” são separados para o sacerdote.[15] Porque quer se dizer que, tal como esse peito e essa espádua estão separados e reservados, também os sacerdotes devem mostrar que o íntimo do seu coração e a moral das suas obras estão acima das dos outros homens. Mas no livro sobre o *Levítico*, em que Deus me ajudou,[16] escrevi mais amplamente sobre esse assunto.

6 Vejamos, pois, nesse texto em que se trata de um drama de amantes, que, quando se fala do peito, se entende o interior do coração, como se dissesse: teu coração e tua mente, meu esposo, são as doutrinas que estão no teu íntimo, a beleza das tuas ideias, que superam todo “vinho que alegra o coração do homem”.[17]

7 Daqueles dos quais se diz que “verão Deus”[18] parece que está certo falar do coração; e dos convivas deitados se fala de “seio” e “peito”, sem dúvida pela posição deles na distribuição do banquete; e dos sacerdotes também se fala de “peito” e “braços” como tendo significados místicos; penso, portanto, que, nesse texto, onde se descrevem os costumes e colóquios dos que se amam, a expressão “peito” é uma forma feliz de designar o interior do coração.

8 O peito do esposo é, pois, amável porque ele “esconde tesouros de sabedoria e de ciência”.[19] A esposa o compara ao vinho, mas lhe dá a preferência. Entenda-se que o vinho são as verdades e as doutrinas que a esposa costumava receber através da Lei e dos profetas, antes da vinda do esposo. Mas agora, ao contemplar a doutrina que provém do peito do Esposo, se admira e se espanta vendo como é muito mais perfeita do que aquela com a qual fora gratificada antes da vinda do esposo, como se fosse um vinho espiritual que era servido pelos Santos Patriarcas e profetas que também tinham plantado e cultivado esse tipo de vinhas – Noé, o primeiro,[20] e Isaías, num outeiro fértil.[21]

9 Vendo agora como as verdades e a ciência do esposo são tão mais eminentes e perfeitas do que a doutrina que emanava dos antigos, diz ela: “Teu peito é melhor do que o vinho”[22] isto é, melhor do que a doutrina dos antigos com a qual ela se alegrava.

10 Pode-se entender que o *Eclesiastes* também fala desse vinho dos antigos quando diz: “Disse eu no meu coração: vem, que eu te porei à prova na alegria e com o que é prazeroso”.[23] E o mesmo *Eclesiastes* fala dessas vinhas quando diz: “Ampliei as minhas obras, construí casas para mim, plantei vinhas, parques, jardins etc.”.[24] Esse vinho místico tem seus servidores, que são chamados copeiros, pois diz: “Contratei cantores e cantoras, e, para alegria dos filhos dos homens, também copeiros e servidoras de vinho”.[25]

11 O Salvador mescla o vinho dos antigos com o vinho novo que flui do seu peito; é o que podemos entender de diversas passagens, e também desta, quando Maria e José o procuravam “e o encontraram no Templo, sentado no meio dos doutores, escutando e interrogando, e todos se admiravam das suas respostas”.[26]

12 Outro aspecto dessa imagem pode ser visto quando, subindo ao monte, ensinava a multidão dizendo: “Aos antigos se disse: não mates; mas eu vos digo que aquele que, sem motivo, tem raiva do

seu irmão, será julgado. Aos antigos se disse: não cometerás adultério; mas eu vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher e a desejar já cometeu adultério com ela no seu coração”.[27] Na medida em que a doutrina dele é superior à antiga, nessa medida a esposa entende e declara que “seu peito é melhor do que o vinho”.

13 Essa interpretação diz respeito também a que “quando o Filho do Homem veio, comendo e bebendo, disseram: este é um glutão e beberrão”.[28] Era esse o vinho que se bebia na festa de casamento em Caná da Galileia, pois quando faltou, ele fez outro vinho, do qual deu testemunho o mordomo dizendo que esse vinho era muito bom e bem melhor do que aquele que tinha sido comprado, quando disse: “Todo homem serve primeiro o vinho bom, e quando os convivas estão inebriados então serve o inferior; mas tu guardaste o vinho bom até agora”.[29]

14 No que se refere a Salomão que, por ter recebido a Sabedoria de Deus, fez a admiração da rainha de Sabá – ela que tinha vindo colocá-lo à prova com perguntas –, repara, ouvindo o que diz a Escritura, em que a rainha se admirou: “E a rainha de Sabá viu toda a sabedoria de Salomão, a casa que construíra, o serviço de mesa, os alojamentos da criadagem, a organização dos oficiais, a sua roupa, os copeiros, os sacrifícios de animais que ele oferecia na casa de Deus, e ficou espantada”, entre outras coisas.[30]

15 Repare-se, contudo, no fato de que “aquela que veio dos confins da terra ouvir a sabedoria de Salomão”, admira, entre outras coisas, a gastronomia e os copeiros, e, sobre essas coisas, se diz que ela ficou espantada. Mas será que ela era tão tola, essa rainha que veio dos confins da terra ouvir a sabedoria de Salomão,[31] que veio se admirar com os manjares do corpo, com vinho comum e os copeiros a serviço do rei: o que é que podia atrair a admiração da rainha entre essas coisas que são usuais para quase todos os homens? O que me parece é que ela se admirou com os alimentos

da doutrina dele, o vinho das suas verdades, que ele ensinava pela sabedoria divina.

16 É também isso que conta Jeremias dos filhos de Jonadab, filho de Recab, os quais, quando os pecados do povo tinham crescido e era iminente o castigo do cativeiro do povo por causa das suas iniquidades, foram convidados a “beber vinho, e eles responderam que seu pai Jonadab lhes tinha ordenado que nunca bebessem vinho, nem eles nem seus filhos, nem construíssem casas, nem semeassem campos, nem plantassem vinhas, mas habitassem em tendas por todos os dias da sua vida”.[32]

17 E Deus os amou porque eles “respeitaram o preceito de seu pai e não quiseram beber vinho”.[33] Porque, por causa dos pecados do povo e das suas iniquidades, “a vinha deles era da casta das vinhas de Sodoma, e os sarmentos deles vinham de Gomorra; as uvas deles tinham gosto de fel, seus cachos eram de amargar; o vinho deles era veneno de serpentes, e fogo de dragões”.[34] Por isso, os filhos de Jonadab são elogiados por se recusarem a beber esse vinho, porque eram doutrinas venenosas e alheias à fé em Deus.

18 Talvez por isso é que Deus “devastou as vinhas dos egípcios”, tal como se escreve num salmo,[35] para que não fizessem um vinho como esse.

19 Se dessa maneira considerarmos as variedades de vinho e sua relação com as diferenças das doutrinas, veremos, naquilo que diz a Esposa “que o teu peito é melhor do que o vinho”,[36] que se trata do bom vinho, e não do ruim.

20 As doutrinas do esposo são, pois, comparadas e preferidas ao bom vinho, e não ao ruim. A esposa já tinha provado o bom vinho na Lei e nos profetas; por ele fora preparada com antecedência para receber a alegria do coração, para que pudesse acolher o que iria receber do peito do esposo, doutrina essa muito mais excelente e

elevada que todas as outras, e por isso ela diz: “Teu peito é melhor do que o vinho”.

21 Vê ainda se a essa alegoria não podes adaptar aquela parábola do Evangelho que diz: “O Reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo, e aquele que o encontra o esconde, e vai alegre vender tudo o que tem, e compra aquele campo”.[37] Esse tesouro não está pois escondido nalgum deserto ou na floresta, mas num campo. Pode ser que nesse campo haja vinhas que produzem vinho, e que tenha o tesouro por causa do qual aquele que o encontra se desfez de tudo o que tinha e comprou o campo. Portanto, quem comprou o campo pode dizer que o tesouro do campo é melhor do que o vinho que está nele.

22 De modo semelhante o esposo, e o peito do esposo, que está na Lei e nos profetas como um tesouro escondido, é melhor do que o vinho que está neles, quer dizer, a doutrina que se manifesta e alegra os que a ouvem. O peito do esposo é bom porque nele se escondem tesouros de sabedoria e ciência, os quais, quando se abrirem e revelarem aos olhos da Esposa, lhe parecerão muito superiores ao que foi antes o vinho da Lei e a doutrina dos profetas.

23 Numa terceira explicação, podemos interpretar essa alma perfeita e o Verbo Divino como aquele que, sendo criança e não tendo ainda se oferecido completamente a Deus,[38] bebe o vinho que produz aquele campo que tem o tesouro escondido, e, bebendo, se alegra com o vinho.

24 Mas quando “se entregar e devotar a si mesmo a Deus com o voto de nazir”[39] e encontrar o tesouro escondido, e chegar ao peito e à fonte do Verbo Divino, já não beberá nem vinho nem outra bebida fermentada, e dirá ao próprio Verbo Divino sobre aqueles tesouros de sabedoria e ciência que estão nele escondidos: “Teu peito é melhor do que o vinho”.[40]

Os perfumes do esposo

3

1 Há ainda aqueles unguentos do esposo, de cujos aromas a Esposa deleitada diz: “O aroma de teus unguentos é superior a todos os perfumes”.[41] Os perfumes são feitos de especiarias, e a esposa tinha, pois, algum conhecimento prático de perfumes, ou seja, das palavras da Lei e dos profetas; antes da vinda do esposo, embora de modo incompleto, era por eles que fazia a formação e o treinamento no culto divino, como se ela fosse criança e estivesse ao cuidado de tutores e educadores, pois a Lei foi a nossa educadora para Cristo.[42] Esses foram os perfumes nos quais ela foi educada e preparada para seu esposo.

2 Mas quando chegou a plenitude dos tempos[43] e ela cresceu, “o Pai enviou a este mundo o seu Unigênito, ungido pelo Espírito Santo, e a esposa sentiu a fragrância do unguento divino, e, compreendendo que todos aqueles perfumes com que antes se perfumava eram muito inferiores em comparação com a suavidade desse novo e celeste unguento, disse: “O aroma dos teus unguentos é superior a todos os outros perfumes”.

3 De Cristo se diz que é o esposo e o pontífice; pontífice porque ele é o mediador entre Deus, os homens, e toda criatura, pelos quais se fez o propiciador, se oferecendo a si mesmo como vítima pelos pecados do mundo; e esposo pelo fato de se ter unido à Igreja “que não tinha defeito, nem mancha, nem ruga”.[44]

4 Considera se esse unguento destinado ao pontífice, que o *Êxodo* manda preparar segundo a arte do perfumista,[45] não terá relação com aquele unguento cujo odor deixa a Esposa admirada; e vê se esses perfumes, com os quais era composto aquele com que se ungia Aarão, e que eram terrenos e de matéria corporal, não deixam supor que esse unguento com o qual ela vê o esposo ungido é

espiritual e celeste, e por isso diz: “O aroma de teus unguentos é superior a todos os perfumes”.

5 Vejamos agora como é que está composto aquele unguento: “O Senhor falou a Moisés dizendo: ‘Toma quinhentos siclos, segundo a medida do santuário, de flor de mirra selecionada, duzentos e cinquenta siclos de cinamomo suave, duzentos e cinquenta siclos de cana-de-cheiro, quinhentos siclos de cássia, e uma medida de azeite de oliveira. Com a arte do perfumista farás com eles um óleo para a unção’”.[46]

6 A esposa já tinha lido essas coisas na Lei, mas só agora percebe a verdadeira explicação delas, quando vê que essas quatro espécies de unguento são uma alusão à encarnação do Verbo Divino, o qual assumiu um corpo composto de quatro elementos.

7 Nesse corpo, a mirra indica a sua morte, a qual sofreu como pontífice pelo povo, ou como esposo pela esposa. Contudo, não está escrito simplesmente mirra, mas flor de mirra, e mirra escolhida de primícia, para indicar não só a morte, mas que ele seria o primogênito dos mortos, e que aqueles que seriam plantados pela semelhança com a sua morte não seriam apenas chamados, mas escolhidos.[47]

8 O cinamomo, ou canela branca, representa certamente a Igreja “purificada pelo banho de água e feita imaculada, sem mancha ou ruga nem outro defeito”.[48] A cana entra na composição porque “a sua língua é como a cana de escrever do escriba ágil”,[49] e indicando, pela suavidade do perfume, o encanto da doutrina. Acrescenta-se a cássia, que, segundo dizem, é um elemento muito ardente, pela qual se representa tanto o fervor do Espírito Santo quanto o fogo do julgamento final.

9 As medidas de quinhentos e de duzentos e cinquenta contêm o mistério dos cinco sentidos multiplicado pela centena dos perfeitos,

ou seu número 50 significa a remissão dos pecados elevada ao quíntuplo.

10 Esses ingredientes são coligados pelo azeite puro, pelo que se mostra ou que a misericórdia foi a única causa pela qual “aquele que tinha a condição divina assumiu a condição de escravo”,[50] ou que os elementos de substância material que foram assumidos em Cristo foram, pelo Espírito Santo, reassumidos num só, e feita uma só figura, que é a pessoa[51] do mediador.

11 Esse azeite material não poderia de forma nenhuma ser chamado de “óleo da alegria”.[52] Mas esse outro óleo, a saber, o unguento do Espírito Santo, com o qual o Cristo foi ungido, e que faz a admiração da esposa quando o sente, com razão é chamado de óleo da alegria, pois a alegria é um fruto do Espírito Santo, e com ele Deus unge aquele que amou a justiça e odiou a maldade.[53] E por isso se diz: “O Senhor Deus o ungiu com óleo da alegria acima de seus companheiros”.[54] Portanto, “o odor dos seus unguentos é superior aos demais perfumes”.[55]

12 Usamos aqui uma explicação semelhante, mesmo quando aplicamos a comparação ao amor e desejo do Verbo Divino que está em cada alma: a ela foram explicadas, ordenadamente, e antes de conhecer a Palavra Divina, todas as doutrinas, tanto as que decorrem dos ensinamentos morais como as que provêm das lições da natureza. Para ela eram todas como perfumes, pelos quais se alcança uma instrução apreciável, e, na correção dos costumes, se percebe a inutilidade do que é mundano, e se desprezam as aparências enganosas das coisas transitórias. Eram, pois, todas elas como perfumes e aromas para a alma.

13 Mas quando se chega ao conhecimento dos mistérios da verdade e das coisas divinas, e assim ao limiar da própria sabedoria “que não é sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que vão desaparecer”,[56] mas a mesma sabedoria divina

que é própria dos santos, e onde se encontra “o mistério que não foi revelado às antigas gerações, mas foi conhecido pelos filhos dos homens”,[57] digo, pois, que quando a alma se eleva até segredos tão grandes, com razão ela diz: “o perfume dos teus unguentos”, isto é, o entendimento espiritual e místico, “é superior a todos os aromas” das filosofias morais e naturais.[58]

14 Não devemos, porém, esquecer que em alguns manuscritos, em vez de lermos: “Teu peito é melhor do que o vinho”, encontramos escrito: “Tuas palavras são melhores do que o vinho”; nesse caso, parece que fica mais evidente o sentido que acabamos de explicar sobre a interpretação espiritual; mas, mesmo assim, ainda preferimos conservar sempre a interpretação dos *Setenta*, pois temos a certeza de que o Espírito Santo quis que nas Sagradas Escrituras as figuras dos mistérios ficassem escondidas, e não estivessem expostas abertamente à vista de todos.

O seguimento do Verbo

4

1 “Teu nome é um perfume derramado. Por isso, as jovens te amaram e te atraíram: e nós corremos seguindo o aroma dos teus perfumes”.[59] A explicação da estória da presente passagem continua a mesma que vínhamos fazendo, até que haja algum câmbio de personagens. Com efeito, o ordenamento dramático assim o pede, tal como o entendemos na nossa exposição.

2 Bem se pode ver aqui uma espécie de profecia, expressa pela personagem da esposa: futuramente, com a chegada de Nosso Senhor e Salvador, seu nome de tal modo se derramaria sobre toda a terra e pelo mundo inteiro que seria em toda a parte como um odor de suavidade, como diz o Apóstolo: “Nós somos em toda a parte o bom odor de Cristo; para uns, cheiro de morte para a morte, e para outros, aroma de vida para a vida”.[60]

3 Se fosse para todos um odor de vida para a vida, então também teria dito: todas te amaram e te atraíram. Contudo, o que diz é: onde o teu nome se tornou um unguento derramado, foste amado, não pelas almas envelhecidas e revestidas do homem velho, nem pelas que têm rugas ou manchas, mas pelas almas jovens, que ainda estão crescendo em idade e beleza, sempre jovens e se renovando a cada dia, vestidas do homem novo que foi criado à imagem de Deus.[61]

4 Por causa dessas almas, que são como meninas e adolescentes, em estado de crescimento e de progresso, aquele “que tinha a condição divina se esvaziou de si mesmo”[62] para seu nome se “tornar um unguento derramado”, para habitar já não uma luz inacessível e permanecer na condição divina, mas para que “o Verbo se fizesse carne” e essas almas adolescentes e em fase de crescimento não só o amassem, mas o atraíssem até elas. De fato,

cada alma atrai para si o Verbo de Deus e o recebe segundo a sua capacidade e a medida da sua fé.

5 Mas quando as almas atraírem a si o Verbo Divino, e o tiverem incorporado às suas maneiras de sentir e de compreender, e tiverem recebido a sua doçura e seu perfume, e a fragrância dos seus unguentos, terão reconhecido o motivo da sua vinda, da Redenção e da Paixão, da sua caridade, por causa da qual, para a salvação de todos, aquele que é imortal chegou até à morte na cruz. Então, atraídas por todos esses que são como odores divinos e inefáveis, essas "almas donzelas", cheias de vigor e de alegria, correm seguindo aquele por cujo odor de suavidade não são lentas, não são vagarosas, mas vão rápidas e apressadas, como aquele que dizia "corro para alcançar o prêmio".[63]

6 Porém, quando diz: "Teu nome é um perfume derramado, por isso as donzelas te amaram e te atraíram, corremos atrás de ti e dos aromas dos teus unguentos",[64] está dizendo que as donzelas, isto é, as igrejas, atraíram Cristo; a Igreja, quando é perfeita, é uma só, mas são muitas as jovens que ainda estão recebendo a instrução e aprendendo. É pela fé que elas atraem Cristo, uma vez que Cristo vai onde estiverem reunidos dois ou três pela fé em seu nome, e ficará no meio deles[65] estimulado pela sua concórdia e atraído pela sua fé.

7 Na terceira interpretação da alma que vai atrás do Verbo Divino, é preciso entender certas coisas: toda alma deve primeiro ser instruída na moral, e depois no que é da natureza, por meio daquelas coisas que acima mostramos serem ensinadas em tais disciplinas; e a própria correção dos costumes e o conhecimento das realidades e a probidade do ensino atraem para essa alma o Verbo Divino. Ele se deixa atrair de bom grado, e é com grande prazer que se dirige para as almas e com benignidade e compaixão aceita ser atraído.

8 Mas certamente me pergunto: se tanta agitação foi provocada só pelo seu nome e pelo derramar dos seus perfumes, se tal modo estimulou as adolescentes a que o atraíssem, e elas, tendo-o a seu lado, aspiram o odor dos seus perfumes e logo depois correm atrás dele – se tudo isso se faz só pelo seu nome, o que não seria feito pela sua presença? Que poder e força receberão essas jovens se, de alguma maneira, elas puderem alcançar a sua pessoa incompreensível e inefável?

9 Creio que, se algum dia lá chegarem, não vão mais se mover nem correr, mas, unidas a ele pelos laços da caridade, ficariam a ele aderidas, e não lhes restaria mais lugar para onde ir, nem teriam como se mover para lugar nenhum, mas seriam com ele como uma só alma, e nelas se cumpriria o que está escrito: “Pai, assim como tu em mim e eu em ti somos um, assim estes sejam um só conosco”. [66]

10 Neste momento, porém, estando junto das muitas jovens – pois adiante[67] se diz que elas são inumeráveis –, a Esposa recorda que foi só por um sentido, o olfato, que foi seduzida para correr atrás do aroma dos unguentos do esposo. Diz isso ou porque ela ainda sente que precisa de correr e progredir, ou porque, no interesse das donzelas que ainda necessitam de correr e de progredir, ela afirma que também vai correr, tal como aquele que, “não estando sujeito à Lei, se coloca sob a Lei, para conquistar os que estão sob a Lei”, e também, “estando sob a lei de Cristo, se fez a ele mesmo sem lei para os que não têm lei, para salvar os que não têm lei”.[68]

11 E tal como dissemos, tudo isto foi feito apenas porque seu odor fora recebido. Que farão elas, diz tu, quando o Verbo Divino tiver tocado seu ouvido, e a vista, e o tato, e o gosto, e tiver oferecido a cada um dos sentidos as forças que vêm dele, adaptadas às suas naturezas e capacidades, de tal modo que os olhos, se puderem contemplar “sua glória, glória que tem como Unigênito do Pai”,[69] não quiserem ver mais nada, nem seu ouvido ouvir outra coisa a

não ser “a Palavra da vida e da salvação”.[70]

12 Além disso, aquele cujas “mãos tocaram o Verbo da Vida”[71] não tocará em nada mais que seja material, nada que seja frágil e efêmero; e quando provar “o bom Verbo Divino”,[72] sua carne e “o pão que veio do céu”,[73] não suportará depois disso provar outra coisa. Pois comparado com a sua doçura e suavidade todo outro sabor lhe parecerá áspero e amargo, e por isso só deste se alimentará. Nele encontrará toda e qualquer suavidade que desejar, pois ele é capaz de se tornar e adaptar a tudo.

13 Portanto, para aqueles que “tornaram a nascer de uma semente incorruptível, ele se fará um leite espiritual e puro;[74] mas para aqueles que em algo estão fracos, oferece “comida de legumes”[75] como sinal de hospitalidade e amizade; e para aqueles “que estão aptos a receber e têm os sentidos exercitados no discernimento do bem e do mal, se oferece como alimento sólido”.[76] Se, porém, há alguns que deixaram o Egito, seguiram a coluna de fogo e a nuvem e chegaram ao deserto,[77] para eles desce do céu como um manjar leve e sutil semelhante ao dos anjos, para que “o homem se alimente com o pão dos anjos”.[78]

14 Existem nele muitas outras variedades de alimento, que ainda não são acessíveis àquele que está constituído de carne e ossos, de nervos e pele.[79] Mas quem for achado digno de voltar com Cristo[80] e que “por ter sido fiel no que é pouco será estabelecido sobre muito”,[81] esse encontrará e provará “as delícias do Senhor”, [82] ao ser levado àquele lugar que, pela abundância e variedade dos alimentos, será chamado “lugar das delícias”.[83] Por isso, se diz que está situado no Éden,[84] que significa jardim de delícias, onde lhe dirão: “Toma no Senhor as tuas delícias”.[85]

15 Suas delícias ele as terá não apenas pelo sentido do gosto e da comida, mas também se deliciará pelo ouvido, pela vista, pelo tato e

pelo olfato. Pois “ela corre atrás do odor dos teus perfumes”.[86] E assim em todos os sentidos se deliciará no Verbo Divino todo aquele que alcançar a suprema perfeição e a felicidade.

16 Posto isso, chamamos a atenção de quem nos escuta para refrear seus sentidos corporais, a fim de que, do que foi dito, não tirem provocações para o corpo, mas que se atenham aos sentidos do homem interior, conforme o ensinamento de Salomão que nos diz: “Encontrarás um sentido divino”;[87] e, como acima lembramos, Paulo também escreve aos hebreus: “Aos perfeitos, que têm os sentidos treinados no discernimento do bem e do mal”,[88] mostrando que no homem, além dos cinco sentidos corporais, há também outros que se procura ter pelo exercício, e que dizemos treinados quando sabem analisar com critério e sutileza o entendimento da realidade. O que o Apóstolo diz sobre os perfeitos, que têm os sentidos “treinados no discernimento do bem e do mal”, [89] não deve ser interpretado de modo superficial ou arbitrário.

17 Para que se mostre com mais clareza, vamos tomar um exemplo dos sentidos corporais, e daí passemos aos divinos, que a Escritura chama “do homem interior”.[90] Se, pois, o olho corporal tem a vista exercitada e nenhum obstáculo o impede, vai ver as cores, os tamanhos e outras qualidades dos corpos de modo completo e correto. Porque se é prejudicado por alguma mancha, ou por outra imperfeição da vista, pode perceber o vermelho no lugar do branco, ou o verde em vez do preto, ou um objeto reto quando ele é de fato curvo ou torto, e assim com certeza o julgamento intelectual ficará confuso, e trocará uma coisa pela outra.

18 Assim é também para a vista interior, se não tiver sido treinada pela instrução e a prática, de modo a que por um longo exercício alcance o discernimento do bem e do mal;[91] pelo contrário, devido à ignorância e à falta de prática, como que se deposita nos olhos [interiores] uma espécie de mancha, ou mesmo uma enfermidade ou inflamação, e por causa disso ele não é capaz de discernir o bem do

mal, e o resultado é que pratica o mal em vez do bem, e no lugar de desprezar as coisas más despreza as boas.

19 A partir desse modelo, que apresentamos acerca da vista corporal e da vista da alma, podemos deduzir, de modo semelhante, o que se refere ao ouvido, ao gosto, ao olfato e ao tato, comparando em cada caso as propriedades específicas dos sentidos da alma com as dos sentidos do corpo, chegando desse modo a reconhecer claramente o que deve ser praticado ou corrigido.

20 Essa nossa explicação ficou um pouco longa demais, mas o que pretendemos é mostrar que o sentido do odor, pelo qual a esposa e as jovens acompanhantes aspiram aos perfumes do esposo, não é um sentido corporal, mas divino, e próprio do que chamamos o homem interior.

21 É esse sentido do odor [espiritual], quando puro e íntegro, que, ao perceber o perfume de Cristo, conduz “da vida à vida”. Mas, se o sentido não estiver são, ao receber esse odor, vai cair “da morte para a morte”, conforme o que foi dito: “Pois somos o bom odor de Cristo, para uns da vida para a vida, para outros um odor de morte para a morte”.[92]

22 A modo de comparação podemos citar: aqueles que têm conhecimento dos pigmentos das plantas dizem que há pigmentos que, ao serem percebidos por certos animais, os levam à morte, mas outros animais deles recebem energia e vida.

23 Nesses mesmos textos e exposições que temos em mãos, parece que há para uns “a vida pela vida” e para outros “a morte pela morte”. De fato, se aquele homem que dizemos ser animal escuta essas coisas, não podendo captar e entender o que é do Espírito de Deus, vai se rir e declarar que essas são coisas sem sentido e inúteis, mais próprias de sonhos do que fundamentos da realidade e doutrinas divinas.

24 Portanto, para tais pessoas, esse odor do *Cântico dos Cânticos* torna-se “da morte para a morte”, isto é, da morte da falta de fé para a morte pelo julgamento e a condenação. Mas há aqueles que se guiam pelo sentido espiritual e sutil, e que compreendem que há mais verdade nas coisas que não se veem do que no que se vê, e que as realidades invisíveis e espirituais estão mais próximas de Deus do que as visíveis e corporais; para esses, é o sentido espiritual que deve ser abraçado, compreendido e seguido, pois nele reconhecem o caminho que entende a verdade e chega até Deus.

25 Não devemos nos admirar se alguém, alheio à nossa fé, considerar tais coisas pouco inteligentes e ridículas. Mas se aquele que acredita e aceita a autoridade das Escrituras não aceita essa forma de explicação espiritual e, pelo contrário, zomba dela e a desacredita, tratemos de instruí-lo e de convencê-lo com outras passagens das Escrituras, para ver se ele cai em si. Digamos, por exemplo, que está escrito: “O mandamento do Senhor é límpido e ilumina os olhos”[93] – e ele que nos responda que olhos são esses que são iluminados pela luz do mandamento. Ou ainda: “Quem tem ouvidos para ouvir que ouça”[94] – que ouvidos são esses que só quem os tem pode ouvir as palavras de Cristo? E também “para Deus nós somos o bom odor de Cristo”.[95] Ou nas palavras: “Gostai e vede como é bom o Senhor”.[96] Ou como diz aquela passagem: “As nossas mãos tocaram na Palavra da vida”.[97]

26 Crês que haverá alguém que não se sinta convencido a reconhecer, por esses exemplos, que todas essas coisas não são ditas dos sentidos corporais, mas daqueles que são próprios do homem interior,[98] tal como explicamos? Só não o fará se for presa do vício da teimosia e da presunção, pois por esses vícios aquela vista interior fica cega, o olfato se fecha, o ouvido fica tapado, e, portanto, ele fica sem condições de ver e ouvir as coisas espirituais, nem pode captar aquele odor de Cristo. Foi por esse odor que, quando aquelas jovens o sentiram – porque o seu sentido era são e

estava desperto –, elas correram atrás do perfume dos seus unguentos[99] e não desanimam nem se cansam, porque a suavidade do seu perfume, que é “da vida para a vida”[100] as restaura e continuamente fortalece.

27 Pode também entender-se de outro modo o que diz a esposa: “O teu nome é um perfume derramado, e por isso as jovens te amaram”.[101] O “Filho Único”,[102] “quando estava na condição divina, aniquilou-se a si mesmo e assumiu a condição de escravo”.[103] Deixando, pois, a plenitude em que estava, sem dúvida se derramou.[104] Portanto, aquelas que dizem: “Da sua plenitude todos nós recebemos”[105] são as jovens que, ao receberem daquela plenitude da qual ele se despojou, fazendo com que seu nome se tornasse um perfume derramado, dizem: “Corremos atrás de ti no perfume dos teus unguentos”.[106]

28 Se não tivesse derramado o unguento, isto é, a plenitude do Espírito divino, e não se tivesse humilhado até à condição de escravo,[107] ninguém poderia tê-lo recebido naquela plenitude da divindade, com exceção talvez da própria Esposa, pelo que parece estar indicado: que o unguento foi derramado não para ela, mas para que as jovens tivessem motivo de amá-lo.

29 Estas são as suas palavras: “Teu nome é como um unguento derramado, por isso as jovens te amaram”[108] como se dissesse: as jovens te amaram porque deixaste a condição divina e teu nome se tornou como um unguento derramado: mas eu não te amei por causa do unguento derramado, mas pela própria plenitude dos perfumes. É o que dá a entender quando diz: “O perfume dos teus unguentos é superior a todos os aromas”.[109]

30 E a razão pela qual a esposa também corre com as jovens atrás dele é que os perfeitos “se fazem tudo para todos, para a todos conquistar”,[110] tal como antes explicamos.[111]

Na presença do Rei

5

1 “O rei me levou à sua câmara. Exultemos e nos alegremos por ti”. [112] A esposa indicou ao esposo que as jovens, seduzidas pelo seu perfume, corriam atrás dele, e com elas também a esposa corria para ser para elas um modelo em tudo;[113] mas agora, como já tinha obtido o prêmio pela sua prova – por ter corrido com as que corriam –, declara que foi introduzida na câmara pelo rei, seu esposo, para contemplar todas as riquezas reais.

2 Por isso, ela tem toda a razão para se alegrar e exultar, já que vai descobrir os segredos e mistérios do rei. De acordo com o plano desse drama, é esse o seu sentido descritivo.

3 Seja como for a realidade de que se trata aqui, é a Igreja (ou a alma) que se une à Palavra Divina; devemos acreditar que a Câmara de Cristo e o celeiro das Palavras de Deus são o próprio pensamento de Cristo e os sentidos ocultos, nos quais a Igreja, ou a alma, que lhe está unida, é introduzida. Dos quais já Paulo dizia: “Nós temos o sentido de Cristo para saber quais são os dons que recebemos de Deus”.[114] “O que Deus preparou para os que o amam nem a vista viu nem os ouvidos escutaram, nem subiu ao coração do homem”.[115]

4 Quando Cristo introduz uma alma para que compreenda o seu pensamento, então se diz dessa alma que é introduzida na câmara do rei, onde estão os tesouros escondidos da sua sabedoria e da sua ciência.[116]

5 Não me parece que seja inútil que a esposa, quando poderia ter dito: “o meu esposo” – ou o meu bem amado, ou outro nome como esse, como costuma dizer – “me introduziu num certo lugar”, não disse outro nome, mais comum, mas ela disse: “a câmara do rei”.

Por isso, penso que a indicação do nome é para mostrar que se trata de um quarto muito rico, próprio de um rei, e cheio de inúmeras e imensas riquezas.

6 Creio que também esteve perto do rei, ou atrás dele, quem disse: “Fui arrebatado até o terceiro céu, e daí ao paraíso, onde escutei palavras inefáveis, que aos homens não é lícito falar”.[117] Não te parece que essas palavras que ele ouviu não as teria ouvido do rei, quando chegou na sua câmara, ou perto dela?

7 Entendo eu que tais palavras o exortariam a um progresso maior e lhe prometeriam que, se perseverasse até ao fim, também ele poderia entrar na câmara do tesouro, segundo aquilo que se promete pela boca do profeta: “Eu te darei tesouros escondidos, ocultos, invisíveis. Eu os abrirei para ti, para que saibas que eu sou o Senhor teu Deus, aquele que te chamou pelo teu nome, o Deus de Israel”.[118]

8 Portanto, as jovens correm atrás do esposo por causa do seu perfume.[119] Cada uma, porém, segundo as suas forças, umas mais rápidas, outras mais lentas, e outra ainda fica para trás e vem no final de todas. Assim, todas elas correm, mas uma só é perfeita:[120] aquela que correu de tal maneira que chegou ao fim e só ela recebeu a palma. Pois é só ela que diz: o rei me introduziu na sua câmara – quando antes tinha dito não apenas de si mesma, mas de muitas outras: “atrás de ti corremos por causa do perfume dos teus unguentos”.[121]

9 Ela foi, pois, levada até à câmara do rei e se tornou rainha, e dela se diz: “A rainha está de pé à tua direita, com vestes de ouro e envolta em bordados”.[122] Porém, das jovens que com ela tinham corrido e se distanciado dela se diz: “Depois dela serão trazidas virgens para o rei, as que a acompanham serão trazidas à tua presença, com alegria e exultação serão trazidas até ao templo do rei”.[123]

10 É preciso notar, porém, que, tal como o rei tem a sua câmara para a qual conduz a rainha, sua Esposa, também a Esposa tem a sua câmara, e a Palavra de Deus, uma vez que lá entrou, a convida a fechar a porta; guardadas, desse modo, todas as suas riquezas dentro dessa câmara, é convidada a orar ao Pai "que vê o que está escondido";[124] ele vê as riquezas, isto é, as forças da alma, que a Esposa guarda no seu quarto, para que, vendo o que ela possui, lhe conceda o que ela pede: "Àquele que já tem ser-lhe-á dado".[125]

Advertência para seguir ao encontro de Cristo

6

1 Por outro lado, quanto àquilo que diz: “Exultemos e nos alegremos em ti” parece ser dito pelo personagem das donzelas, que estão ansiosas e pedem ao esposo que, assim como a esposa conseguiu os bens perfeitos, e por isso está exultante, assim também elas mereçam terminar a sua corrida e chegar até a câmara do rei para, depois de terem observado e contemplado o tesouro do qual ela se gloria, também elas exultem como ela, e nele se alegrem, como ela.

2 Mas também se pode entender como se as donzelas se dirigissem à Esposa, felicitando-a e prometendo participar no seu gozo e alegria: “Amaremos os teus seios mais do que o vinho”.[126]

3 Depois que mereceu ser beijada na boca pelo Esposo e desfrutar dos seus peitos, a esposa declara-lhe: “Teus seios são melhores do que o vinho”.[127] Mas as jovens ainda não tinham tido acesso a essa felicidade, nem tinham alcançado o auge da perfeição, nem amadurecido os frutos da caridade perfeita pela prática e pelas obras. Por isso elas não podiam afirmar que o peito do esposo era bom, pois não eram experientes; à vista, porém, do gozo da esposa, que se reconfortava no peito do esposo – quer dizer: nas fontes da sabedoria e da ciência, que manam do seu peito – tomando as taças da doutrina celeste, imitando a sua perfeição e caminhando nas mesmas pegadas, prometem e afirmam: “Amaremos teus seios mais do que o vinho”. Com isso querem dizer: ainda não chegamos à perfeição, em que amaremos teu peito mais do que o vinho; ou: teu peito é melhor do que o vinho – pois os dois modos de falar são coerentes –, contudo alimentamos a esperança, jovens como somos, de tal modo progredir na idade que não só possamos ser nutridas e alimentadas pelos seios da Palavra Divina, como ainda amar aquele que nos alimenta.

4 Já dissemos, várias vezes, que essas donzelas são as almas instruídas nos conhecimentos elementares, próprios para alimentar no início; elas estão alegres como se tivessem recebido dos seus tutores – ou curadores e pedagogos – alguma espécie de vinho;[128] são menores, têm condições de gostar de vinho, mas ainda não têm idade para amar o peito do esposo, ou despertar para o amor.

5 Mas quando chegar a plenitude dos tempos[129] e nela Cristo tiver progredido em idade e sabedoria,[130] e elas tenham começado a perceber o que são os seios do esposo e como eles indicam a plenitude da doutrina espiritual, elas prometem amar os seios do esposo mais do que o vinho – o qual, enquanto menores, ainda amam; com isso querem dizer que estão propensas a, no futuro, abraçar as doutrinas de Cristo, perfeitas e em tudo mais completas do que os estudos comuns e a Lei e os profetas.

6 "A Equidade te amou."[131] Essas palavras também me parecem das jovens, como se estivessem se desculpando de só no futuro, e não no presente, prometerem amar os seios do esposo, e ainda não mostrarem a força total da sua caridade.

7 É como se fosse uma confissão, por não terem ainda rejeitado toda a iniquidade para chegar à equidade, e assim poderem amar os seios do esposo mais do que o vinho; bem sabem elas que, em quem já chegou à perfeição da doutrina mística e espiritual, é muito incongruente que ainda restem alguns traços de iniquidade.

8 Portanto, como a máxima perfeição consiste na caridade,[132] mas a caridade não admite nenhuma iniquidade – e onde não há nenhuma iniquidade, aí sem dúvida, está a equidade –, com razão se diz que é a Equidade que ama o esposo.

9 Vê se também não é esse o motivo daquela palavra do Salvador no Evangelho: "Se me amais, cumpri os meus mandamentos".[133] Se, portanto, aquele que ama a Cristo cumpre os seus

mandamentos e, naquele que os cumpre, não há nenhuma iniquidade, mas nele permanece a equidade, é a equidade que tanto cumpre os mandamentos como ama Cristo.

10 Pelo contrário: se o que cumpre os mandamentos é o que ama Cristo, e se os mandamentos são observados na equidade, e é a equidade que ama Cristo, então quem comete alguma iniquidade nem cumpre os mandamentos nem ama Cristo. Daqui se segue que quanto mais iniquidade houver em nós tanto mais estaremos afastados de Cristo, e tanto mais transgressões dos seus mandamentos haverá em nós.

11 E assim podemos aplicar à equidade uma norma direta: se houver em nós algo de iniquidade, aplicamos essa regra sobre os mandamentos divinos: se houver em nós algo de curvo, ou torto, nós o cortamos por essa linha para que também de nós se possa dizer que “a Equidade te amou”.

12 Mas também podemos entender que, assim como disse “a Equidade te amou” poderia, de modo semelhante, ter dito “a Justiça te amou”, ou a Verdade, a Sabedoria, o Pudor e cada uma das virtudes.

13 Não te admires de modo nenhum se dizemos que são as virtudes que amam Cristo, pois em outras passagens já temos recebido esta ideia da identidade entre Cristo e as virtudes. De fato, nas Escrituras é frequente encontrar essa acepção, variando com as passagens e as circunstâncias. Dele se diz que é a Justiça, a Paz e a Verdade.[134] E também nos Salmos se escreve: “A Justiça e a Paz se beijaram”[135] e “A Verdade surgiu da terra, e a Justiça olhou do céu”.[136]

14 Diz-se que ele é todas essas virtudes, e por sua vez delas se diz que o abraçam. Mas aquele de quem se diz “o esposo” também é chamado de “a esposa”, tal como está escrito no profeta: “Como

ao esposo ele lhe colocou um diadema, e o ornamentou com joias como a uma esposa”.[137]

LIVRO 2

(Ct 1,5-14)

Negra e bela, estrangeira e eleita

1

1 “Sou morena e formosa, ó filhas de Jerusalém! Como as tendas de Quedar e como os cortinados de Salomão”[1] – em outros manuscritos lemos: “Sou negra e formosa”. De novo é introduzido aqui o personagem da esposa, falando já não às jovens que a acompanhavam, e costumavam correr com ela, mas às filhas de Jerusalém, e como se elas tivessem criticado a sua fealdade, vem responder: “Sou morena (ou negra) no que se refere à cor, ó filhas de Jerusalém, mas formosa” – se prestarem atenção ao desenho dos meus membros interiores.

2 Diz ela que as tendas da grande nação de Quedar são negras, e o próprio nome desse povo, Quedar, quer dizer negritude ou escuridão. E os cortinados de Salomão são negros, mas nem por isso “tão grande rei em toda a sua glória”[2] desmereceu-se por seus cortinados serem escuros. Portanto, ó filhas de Jerusalém, não me critiqueis por causa da cor, pois, quer seja natural, quer resultado do exercício, não falta beleza ao meu corpo. Isto é o que se refere à ação dramática apresentada pela narrativa literária. Voltemos, porém, ao âmbito da interpretação mística.

3 Essa esposa que aqui fala representa o personagem da Igreja congregada de todos os povos. Mas as filhas de Jerusalém, a quem ela dirige a palavra, são aquelas almas muito queridas devido à escolha de seus pais, mas inimigas por causa do Evangelho.[3] São essas as filhas da Jerusalém terrena, que, vendo a Igreja vinda de outros povos, de algum modo a desprezam e a rebaixam por causa da sua origem humilde. Mas, apesar da humildade dessa origem – pois não pode se atribuir uma linhagem nobre como a de Abraão, Isaac e Jacó –, ela, esquecendo o seu povo e a casa de seu pai, veio até Cristo.

4 A esposa, compreendendo o que lhe assacam as filhas do povo mais antigo, e que é apelidada de negra por não ter sido iluminada pela erudição ancestral, declara o seguinte: É certo que sou negra, ó filhas de Jerusalém, porque não descendo da estirpe de homens ilustres, e porque não recebi a iluminação da Lei de Moisés, mas tenho uma beleza que é minha. Pois também em mim há aquilo que é primário: o ter sido feita à imagem de Deus; e agora, chegando até a Palavra Divina, recebi uma figura que me é própria.

5 Mas se, por causa da minha cor escura, me comparais às tendas de Quedar e aos cortinados de Salomão, reparai que o próprio Quedar descende de Ismael, pois é o seu segundo filho[4] e Ismael não ficou fora da bênção divina.[5] E se me comparais aos cortinados de Salomão, que não são senão os cortinados do tabernáculo de Deus,[6] é de se admirar, ó filhas de Jerusalém, que queirais me reprovar por causa da minha cor negra.

6 Como é que não vos lembrais do que está escrito na Lei:[7] como Maria sofreu por ter criticado Moisés que recebera como esposa uma negra etíope?[8] Como ignorais que a sombra dessa imagem se cumpriu de fato em mim? Eu sou essa etíope, negra por não ter nobreza [hebraica] de origem, mas bela pela penitência e pela fé. Eu é que recebi o Filho de Deus e acolhi a Palavra feita carne.[9] Tive acesso até ele, que é a imagem de Deus e “Primogênito de toda criatura”,[10] “esplendor da glória e selo da sua substância”,[11] e me tornei formosa.

7 Como é que tu censuras aquela que se afastou do pecado,[12] censura que certamente a Lei proíbe fazer? E como te prevaleces da Lei se violas a Lei?

8 Já que estamos nessa questão da Igreja que veio dos gentios, e que de si mesma diz ela ser negra e bela, vamos recordar o que a este respeito diz a Escritura – mas, como seria trabalhoso e longo recolher todos os traços dessa figura e mistério, para não deixar de

tratar o assunto vamos tentar ser breves.

9 Primeiro vejamos o *Livro dos Números*, onde está escrito a respeito da etíope: “Maria e Aarão falaram, e censuraram Moisés, por ter ele aceitado como esposa uma mulher etíope, dizendo: por acaso Deus só falou a Moisés? Não falou também conosco?”.[13]

10 Também no terceiro *Livro dos Reis*[14] está escrito sobre a rainha de Sabá, “aquela que veio dos confins da terra escutar a sabedoria de Salomão”:[15] “A rainha de Sabá ouviu falar de Salomão e a respeito do Senhor, e veio testá-lo com parábolas; veio pois a Jerusalém com uma comitiva muito grande, trazendo camelos carregados de perfumes, de muito ouro e pedras preciosas; e tendo chegado à presença de Salomão, disse-lhe tudo o que trazia no coração. Salomão a tudo lhe respondeu, e não houve nenhuma palavra a que ele deixasse de responder”.

11 A rainha de Sabá viu toda a prudência de Salomão, as mansões que ele mandara construir, seus manjares, as salas de seus ministros, as várias categorias de seus servidores com as respectivas librés, os escansões, os holocaustos que oferecia na casa do Senhor, e ficou muito admirada. Disse ela ao rei Salomão: era verdade o que me diziam, e que escutei na minha terra acerca das tuas palavras e da tua prudência; não acreditei no que me diziam até que vim e vi com os meus olhos, e de fato o que me contavam não é nem metade da realidade. “Teus bens vão muito além do que me relataram na minha terra.”

12 “São felizes as tuas mulheres e felizes os teus servidores, que estão sempre na tua presença e escutam a tua sabedoria! Seja bendito o Senhor teu Deus que te deu o trono de Israel! Deus amou Israel de verdade e quis que permanecesse para sempre, e te fez rei sobre eles, para que os governes e julgues com justiça!”

13 “E ela deu a Salomão cento e vinte talentos de ouro, e grande quantidade de aromas e de pedras preciosas; nunca tantos

perfumes tinham sido oferecidos, nem de tal qualidade, como os que a rainha de Sabá deu a Salomão."

14 Quisemos trazer essa narrativa por extenso e inseri-la na nossa exposição, porque ela é bem adequada para ser como uma figura da Igreja, que chegou a Cristo vinda de outros povos, ao ponto de o próprio Senhor se referir a essa rainha nos Evangelhos dizendo que "ela veio das extremidades da terra para ouvir a sabedoria de Salomão".[16] Ele a chamou de "rainha do Sul" porque a Etiópia se encontra nas regiões do Sul e nas últimas extremidades da terra.[17]

15 Na *História* de Josefo, encontra-se ainda outra menção a essa rainha.[18] E incluiu o seguinte: depois que ela, deixando Salomão, retornou a sua terra, o rei Cambises, admirado com a sabedoria que ela teria recebido, por certo, de Salomão, apelidou-a de Meroe,[19] relatando ainda que ela era rainha não somente da Etiópia, mas também do Egito.

16 Acrescente-se o que se contém no Salmo 67[20] sobre esta mesma figura, onde se diz: "Dispersa os povos que querem guerras; virão mensageiros do Egito, a Etiópia apressadamente elevará a Deus as suas mãos. Reinos da terra cantai a Deus, cantai salmos ao Senhor".

17 Sobre essa imagem há ainda uma quarta passagem que está no profeta Sofonias[21] onde está escrito: "Por isso me aguarda, diz o Senhor, espera pelo dia em que me levantarei para dar testemunho, porque a minha decisão é reunir os povos, para tomar em mãos os seus reis, e derramar sobre eles a fúria da minha indignação; toda a terra será abrasada pelo fogo da minha ira. Purificarei as línguas da sua descendência para que todos invoquem o nome do Senhor e o sirvam sob um só jugo. Juntarei os que estão dispersos além dos rios da Etiópia, e eles vão me trazer uma oferenda. Nesse dia, Sabá, não terás que te envergonhar das impiedades com que me ofendeste".

18 Em *Jeremias* também está escrito[22] que “alguns dirigentes do povo de Israel puseram Jeremias na cisterna de Melquias, filho do rei, que ficava no edifício da prisão; desceram-no com cordas, mas na cisterna não havia água, só lama, e ele ficou na lama. Quando Abimeleque, o eunuco etíope que estava na casa do rei, soube que Jeremias tinha sido atirado na cisterna, foi ter com o rei, e disse-lhe: ‘Senhor meu rei, procederam mal em tudo esses homens que agiram contra o profeta Jeremias, e o jogaram na cisterna para morrer de fome, pois nem sequer na cidade há pão’. E o rei ordenou ao etíope Abimeleque: ‘leva contigo trinta homens e tira-o da cisterna para que não morra lá mesmo’”.

19 Que mais se pode dizer? Foi Abimeleque quem tirou Jeremias da cisterna. Logo adiante se diz que “a Palavra do Senhor se dirigiu a Jeremias dizendo: ‘Vai e diz ao etíope Abimeleque: assim diz o Senhor Deus de Israel: eis que eu vou falar a essa cidade, e será para o mal dela, não para o bem – mas nesse dia eu te salvarei, e te livrarei das mãos dos homens de cuja presença tens medo. Eu te salvarei de verdade, e não cairás sob a espada, mas a tua vida será salva, porque confiaste em mim – diz o Senhor’”.[23]

20 São essas as passagens da Escritura que me ocorreram, por enquanto, e que podem ilustrar o sentido dos versículos do *Cântico dos Cânticos*, onde se diz: “Sou morena (ou negra) e formosa, ó filhas de Jerusalém, tal como as tendas de Quedar e os cortinados de Salomão”.[24]

21 Em *Números*,[25] encontra-se que, tendo Moisés recebido como esposa uma etíope, talvez morena, ou negra, por causa disso Maria e Aarão o censuraram dizendo indignados: “Será que o Senhor só falou a Moisés? Não falou também a nós?”.

22 Se prestarmos atenção ao sentido literal, essa narrativa parece pouco coerente. Qual é, de fato, a relação entre a indignação deles por causa da etíope, e o que dizem: “Será que Deus só falou a

Moisés? Não falou também a nós?” Pois se o que estava em causa era o casamento, deveriam ter dito: “Moisés, tu não deverias ter tomado como esposa uma etíope, da estirpe de Cam, mas alguém da tua linhagem e da casa de Levi”. Mas é isso que dizem, antes: “Será que Deus só falou a Moisés? Não falou também a nós?”.

23 Nesse caso, o que me parece é que o que aconteceu deverá entender-se em sentido alegórico, e que em Moisés se deve ver a lei espiritual que já está em núpcias e união com a Igreja congregada entre todos os povos; e que Maria, figura da sinagoga já ultrapassada, e Aarão, representando o sacerdócio carnal, ao ver que “lhes tinha sido retirado o reino, e que tinha sido entregue a um povo que o faria dar frutos”,[26] diriam: “Será que Deus só falou a Moisés? Não falou também a nós?”.

24 Repare-se ainda que o próprio Moisés, do qual se referem tantas e tão magníficas obras de fé e de paciência, nunca foi tão elogiado nem recebeu de Deus tantos louvores como depois que tomou a etíope como esposa, pois dele se diz agora: “Entre todos os homens Moisés é o homem mais tranquilo deste mundo”.[27] E Deus diz ainda a respeito dele: “Se houver entre vós um profeta, eu lhe falarei em visões ou em sonhos. Mas não é assim com o meu servo Moisés, que me é fiel em todas as coisas: a ele falo de boca a boca, digo diretamente o que é para dizer, e não por enigmas; e ele viu a glória do seu Senhor; como é então que não tivestes pejo de criticar o meu servo Moisés?”.[28] Moisés mereceu ouvir de Deus todas essas coisas por causa do seu casamento com a etíope.

25 Se alguém achar que vale a pena saber algo mais sobre essa questão, pode procurar no nosso comentário ao *Livro dos Números*, onde fizemos uma exposição mais completa. Por agora, basta mostrar que também é bela essa etíope negra recebida como esposa por Moisés, ou seja, pela lei espiritual – sem dúvida a Palavra de Deus, ou Cristo –, apesar de as filhas de Jerusalém, esse povo e seus sacerdotes, se oporem e a criticarem.

26 Vejamos agora o que extraímos do *Terceiro Livro dos Reis*[29] a respeito da rainha de Sabá, ela também é etíope, a quem o Senhor presta homenagem nos Evangelhos: “No dia do juízo, ela virá com os homens desta geração e os condenará, ela que veio dos confins da terra para escutar Salomão”,[30] e acrescenta: “Aqui está quem é maior do que Salomão”, ensinando, com essas palavras, que a verdade vale mais do que as imagens da verdade.

27 Ela vem das nações[31] – ou melhor: quem é representado por ela, a Igreja – para escutar a sabedoria do verdadeiro Salomão e do verdadeiro pacífico, Nosso Senhor Jesus Cristo. Primeiro ela vem com enigmas e perguntas para testá-lo, de coisas que a ela antes pareciam insolúveis; mas ele resolve os problemas e lhe explica o conhecimento do verdadeiro Deus, das criaturas do mundo, da imortalidade da alma e do juízo final – o que para ela e para os filósofos pagãos, seus doutores, eram sempre coisas ambíguas e duvidosas.

28 Com grande multidão e aparato vem ela, pois, a Jerusalém, quer dizer, à visão da paz; não vem com um povo só, como antes a sinagoga, que era só de hebreus, mas vem com gente do mundo inteiro, trazendo também presentes dignos de Cristo – os suaves aromas dos perfumes, quer dizer: as boas obras, que sobem até Deus “em odor de suavidade”.[32] Mas também vem carregada de ouro, que certamente são os pensamentos e estudo racionais que antes de abraçar a fé ela tinha aprendido através do ensino escolar usual. Ela ofereceu também pedras preciosas, que podemos entender como os adereços dos bons costumes.

29 Com esse aparato, ela chega até Cristo, o rei pacífico, e lhe abre o seu coração, sem dúvida confessando seus pecados antigos, e deles fazendo penitência; “Ela lhe falou de tudo o que lhe ia no coração”, e é por isso que Cristo, que é também a nossa paz,[33] “lhe respondeu a todas as perguntas e não houve uma só à qual o rei deixasse de responder”.

30 Enfim, como já se aproximasse o tempo da Paixão, eis o que ele disse a ela, isto é, aos seus discípulos preferidos: “Já não vos chamarei servos, mas amigos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor, mas eu vos dei a conhecer tudo o que já ouvi de meu Pai”.[34] Assim se cumpriu o que ele tinha dito: que não houve nenhuma palavra que o Senhor da Paz não explicasse à rainha de Sabá – a Igreja congregada de todos os povos.[35]

31 Se prestares atenção à condição atual da Igreja, sua administração e organização, perceberás o quanto a rainha estava admirada com toda a prudência de Salomão. Indaga, então, por que não se diz que ela estava admirada com a grande sabedoria de Salomão, mas com toda a sua prudência; de fato as pessoas instruídas distinguem a prudência, que trata dos negócios humanos, da sabedoria, relativa ao que é divino. Talvez por isso a Igreja, enquanto vive na terra e no meio dos homens, admira a prudência de Cristo. “Mas quando vier o que é perfeito”[36] e ela for transportada para o céu, então verá toda a sabedoria dele, quando já tiver compreensão perfeita, vendo diretamente cada uma das realidades, e não mais por enigmas.[37]

32 “Ela viu também o palácio que edificou” o que, sem dúvida, representa o mistério da sua encarnação, pois essa foi a casa que a Sabedoria edificou para si.[38] “Viu também os manjares de Salomão”; julgo que são aqueles dos quais dizia: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou, e completar a sua obra”.[39] “Ela também viu as salas dos ministros”, que suponho que se refiram à ordem eclesiástica que há entre bispos e presbíteros. “Viu ainda as categorias, ou lugares, dos seus servidores”, fazendo menção, creio eu, à ordem dos diáconos que prestam assistência ao serviço divino.

33 “E viu as indumentárias dele”, creio que são aquelas com as quais ele reveste as pessoas de quem se diz: “Todos os que fostes batizados em Cristo, de Cristo fostes revestidos”.[40] Entendo que os

escansões são os doutores que preparam a Palavra de Deus para os povos, como se a doutrina fosse um “vinho que alegra os corações” de quem a ouve.[41] “Também viu os holocaustos”, sem dúvida os rituais das orações e súplicas.

34 Quando todas essas coisas ela viu no palácio do rei pacífico – que na verdade era Cristo –, essa, que era negra e formosa, ficou estupefata e disse: “Era verdade o que me diziam na minha terra acerca da tua palavra e da tua prudência”.[42] Foi por causa da tua palavra, que reconheço ser uma palavra verdadeira, que eu vim até aqui. Tudo aquilo que me diziam os doutores deste mundo e os filósofos que eu ouvia quando estava na minha terra não era verdadeiro: a verdade só a encontrei na tua palavra.

35 Mas talvez pareça que se deva perguntar como é que a rainha pode dizer ao rei: “Não acreditei nos que me falavam de ti”, pois certamente ela não teria vindo a Cristo se não acreditasse. Vê, porém, se é possível explicar, desse modo, o que ela afirma quando diz: “Não acreditei nos que me falavam de ti”. Quer dizer que não dirigi a minha fé para aqueles que falavam de ti, mas para ti, ou seja: acreditei em ti, meu Deus, e não nos homens. É certo que foi por eles que ouvi falar, mas foi para ti que eu vim, e em ti acreditei, e junto de ti meus olhos viram muito mais coisas do que me fora anunciado.

36 Na verdade, quando a “negra e bela” entrar na Jerusalém celeste e tiver a visão da paz, poderá ver muitas coisas mais e mais magníficas do que as que agora lhe são anunciadas. “Agora vejo como num espelho e por enigmas, mas então verei face a face”;[43] então alcançará “o que os olhos não veem, nem os ouvidos ouvem, nem subiu ao coração humano”.[44] Verá também que o que ela escutara quando estava na sua terra não é nem metade da realidade.

37 Felizes são as mulheres de Salomão, isto é, as almas que

participam da paz da Palavra de Deus. Felizes os seus servos que estão sempre na sua presença,[45] não aqueles que às vezes estão e às vezes não estão, mas aqueles que sempre estão na presença da Palavra de Deus: esses, sim, são felizes. Assim também era Maria, a que se sentava escutando aos pés de Jesus[46] e da qual o próprio Senhor deu testemunho dizendo a Marta: “Maria escolheu a melhor parte, a que não lhe será tirada”.[47]

38 Diz, ainda, “a negra e bela”: “Bendito o Senhor que quis te colocar no trono de Israel”. O Senhor amou Israel de verdade “e quis que permanecesse para sempre, ao colocar-te como rei sobre eles”.[48] Quem é ele? Sem dúvida aquele que tem a Paz. Pois Cristo é a nossa Paz, “aquele que uniu num só os dois povos, e destruiu o muro da separação”.[49]

39 Depois disso, a rainha de Sabá ofereceu ao rei Salomão cento e vinte talentos de ouro. O número cento e vinte é o que consagra a vida dos homens que viveram na época de Noé; essa foi a duração de vida que lhes foi concedida, na qual eram convidados à penitência. Esse número de anos foi também o do tempo de existência de Moisés.[50] Portanto, a Igreja oferece a Cristo, sob a imagem do ouro e o seu peso, não só a variedade dos seus modos de pensar e de sentir, mas ela mostra também que os seus pensamentos estão consagrados à Lei de Deus, por esse número que abrange os anos de vida de Moisés.

40 Oferece, ainda, as suavidades dos aromas, em tal quantidade e qualidade como nunca ali tinha se visto. Aqui podes entender que se trata ou das orações ou das obras de misericórdia. Porque nunca antes ela tinha rezado tão bem como agora, quando se aproximou de Cristo, nem realizado tantas ações piedosas, como quando “aprendeu a praticar a justiça não diante dos homens, mas diante do Pai que vê o que está oculto, e o mostrará a todos”.[51]

41 Há muitas outras passagens que poderíamos trazer, mas seria

trabalhoso demais; por isso, no que se refere ao *Terceiro Livro dos Reis*, consideramos que já é suficiente.

42 Vejamos agora algo referente ao Salmo que apresentamos, o 77, onde se diz que “a Etiópia se apressará em elevar as suas mãos a Deus”.[52] Com efeito, se consideras que pelo pecado de Israel veio a salvação para as nações,[53] e que foi pela queda deles (judeus) que se abriu a porta aos outros povos, verás como a mão da Etiópia, isto é, os gentios, se apressa e precede perante Deus aqueles a quem antes fora dirigida a palavra divina. Assim se cumpriu o dito: “A Etiópia se apressa a elevar as mãos a Deus” e aquela que é negra se torna bela, mesmo que as filhas de Jerusalém se oponham, a invejem e caluniem.

43 Creio que também se deve entender em sentido semelhante o testemunho que trouxemos do profeta, onde diz que o Senhor recebeu as oferendas daqueles que vieram de além dos rios da Etiópia.[54]

44 Parece-me que, quando se fala de “além dos rios da Etiópia”, se quer dizer aquele que foi escurecido por pecados grandes e muito numerosos e, infetado pela tintura negra da maldade, se torna preto e tenebroso. Mas nem esses o Senhor repele, pois o Senhor não rejeita nenhum daqueles que “oferecem sacrifícios com espírito contrito e coração humilhado”,[55] que se convertem a ele pela confissão e a penitência. Assim diz Nosso Senhor, o Pacífico: “Não repudio aquele que vem ter comigo”.[56]

45 Pode entender-se também o seguinte: que a expressão “aqueles de além dos rios da Etiópia, que vêm ao Senhor trazendo oferendas para o sacrifício” pode significar aqueles que, depois que todas as nações – os rios da Etiópia – tiverem entrado,[57] também virão, e então todo o Israel será salvo. Por isso se diz deles “além dos rios da Etiópia”, como sendo os últimos e mais distantes dessas regiões, onde a salvação dos gentios é fluente e abundante. Parece,

assim, cumprir-se esta palavra: “Nesse dia ninguém em Israel se envergonhará de todas aquelas impiedades com que me ofenderam”.[58]

46 Falta explicar o testemunho que extraímos de Jeremias, naquela passagem em que Abimeleque, mesmo sendo um eunuco etíope, quando ouviu dizer que Jeremias tinha sido jogado na cisterna pelos chefes do povo, o tirou de lá.[59]

47 Creio que não é despropositado dizermos que o estrangeiro, natural de um povo obscuro e sem linhagem, isto é, o povo das nações, tira da cisterna da morte aquele que os chefes de Israel condenaram e abandonaram para morrer no poço; pois, acreditando que ele ressuscitaria dos mortos, por essa sua fé chama e tira das profundezas aquele a quem tinham entregado à morte.

48 Desse etíope se diz ainda que era eunuco, suponho, porque se tinha castrado a si mesmo por causa do Reino de Deus,[60] ou então porque nele não havia semente de maldade.

49 Ele é também servidor do rei, pois “um servidor sábio comanda senhores imbecis”[61] e, de fato, Abimeleque quer dizer: servo dos reis. E é por isso que o Senhor, abandonando o povo de Israel por causa dos seus pecados, dirige suas palavras ao etíope, envia-lhe o profeta e diz: “Eis que venho com minhas palavras contra esta cidade, para seu mal e não para o seu bem, e te salvarei nesse dia; não te entregarei às mãos dos homens, mas te deixarei são e salvo”.[62] Para ele, a razão da salvação foi que ele tirou o profeta do poço, isto é, parece que, pela sua fé, pela qual acredita que Cristo ressuscitou dos mortos, o tirou do poço.

50 Essa mulher morena (ou negra) e formosa tem, pois, muitas testemunhas, que lhe permitem agir com liberdade e dizer confiadamente às filhas de Jerusalém: “É certo que sou morena (negra) tal como as tendas de Quedar, mas sou bela como os

cortinados de Salomão”.[63]

51 No que se refere aos cortinados de Salomão, não me lembro de nenhum escrito específico. Mas julgo que se pode relacionar com a glória dele, da qual diz o Salvador: “Nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles”.[64]

52 Contudo, o próprio termo “cortinados” é encontrado muitas vezes com referência ao tabernáculo, como quando se diz: “Farás cortinados de peles de cabra para cobrir o tabernáculo – farás onze cortinados. O comprimento do cortinado será de trinta côvados, e a largura quatro. Todas as onze peças terão as mesmas medidas. A um lado ficarão cinco cortinados juntos, e os outros seis, juntos do outro lado, mas o sexto ficará dobrado na entrada do tabernáculo. Farás cinquenta argolas na orla de um conjunto de cortinados, e cinquenta presilhas no outro, para que possam ser ligados um ao outro; e farás cinquenta argolas e com elas unirás os cortinados para que fique um só conjunto. A borda que ultrapassar um cortinado deverá ser dobrada na frente do tabernáculo, e a outra parte será para cobrir a parte de trás: do que sobra do comprimento do cortinado de um lado, um côvado, e do outro lado, outro côvado, e o tabernáculo ficará tapado dos dois lados”.[65]

53 Julgo, portanto, que é desses cortinados que se faz menção no *Cântico dos Cânticos*, e que se diz que são de Salomão, no sentido de que ele é o Cristo pacífico. Dele são, pois, o tabernáculo e as coisas que pertencem ao tabernáculo, sobretudo se considerarmos o tabernáculo do qual se diz “o verdadeiro tabernáculo que não foi erguido pelo homem, mas por Deus”,[66] e se diz ainda: “Jesus não entrou num santuário feito pelo homem, figura do verdadeiro”.[67]

54 Se a esposa compara a sua beleza com os cortinados de Salomão, sem dúvida fala da glória e da beleza dos cortinados que cobrem aquele tabernáculo que Deus construiu, e não o homem. Se, porém, compara a sua negritude, que as filhas de Jerusalém

pareciam reprovar, com os cortinados de Salomão, esses cortinados devem entender-se como referidos ao tabernáculo que é figura do tabernáculo verdadeiro; assim está dizendo que, se por um lado são negros, pois tecidos de pele de cabra, por outro lado são adequados para ornamentar o tabernáculo divino.

55 Quanto ao fato de que, sendo uma só a pessoa que fala, ela se compara em negritude às muitas tendas de Quedar, ou aos cortinados de Salomão, isso se deve entender do seguinte modo: parece de fato ser só uma pessoa, mas são inumeráveis as igrejas dispersas por toda a terra, e imensas as congregações e as multidões de pessoas; de modo semelhante se diz que o Reino do céu é um, mas faz-se menção de que “são muitas as mansões junto do meu Pai”.[68]

56 Também de cada uma das almas, quando ela se volta para a penitência depois de um grande número de pecados, se pode dizer que é negra por causa dos pecados, mas formosa pela penitência e pelos frutos da penitência.

57 Finalmente, dessa mesma da qual até agora se dizia “sou negra e formosa”, como ela não permaneceu até o fim nessa negritude, dela dizem depois as filhas de Jerusalém: “Quem é esta que está subindo toda de branco, recostada no seu bem amado?”.[69]

2

1 “Não repareis em que eu esteja morena, mas é que o sol me queimou.”[70] Parece adequada a explicação que demos acima, tanto da mulher etíope que Moisés tomou como esposa, quanto da rainha dos etíopes – a que veio de Sabá para escutar a sabedoria de Salomão. Se assim foi, então está correto agora dizer que a morena, ou negra, é formosa, e que ela parece justificar a sua negritude, ou a sua pele escura, revelando a causa àquelas que a reprovam: é que ela não é negra por natureza, nem foi criada assim pelo Criador, mas por causas acidentais. “É que o sol”, diz ela, “me olhou de lado”.

2 Ela demonstra, assim, que não se está falando do negrume do corpo, pois todos sabem que o sol costuma escurecer a pele, e até enegrecê-la, quando nos olha de frente e não de lado. É o que se relata acerca de todas as gentes da Etiópia, pois, não lhes bastasse a transmissão natural do negrume pela herança corporal, ainda recebem em suas regiões raios de sol que fervem e queimam, e assim os corpos escurecidos continuam, por característica de geração, negros por herança.

3 A escuridão da alma é, porém, de uma ordem diferente, pois a alma não se queima pelo olhar direto do sol, mas pelo seu olhar descuidado; não é pela nascença, mas pela negligência que se adquire; e, assim como se assume pela preguiça, assim se repele e elimina pela ação diligente.

4 Finalmente, tal como já dissemos antes[71] dessa mesma negra que é aqui chamada, se menciona, ao fim do *Cântico*, que “sobe vestida de branco recostada sobre o seu amado”.[72] Tornou-se, pois, negra porque desceu; mas, se começa a subir, e a apoiar-se sobre o Amado, e de jeito nenhum se separa dele, se tornará branca

e cândida, e, rejeitado todo negrume, resplandecerá banhada na verdadeira luz.

5 Ela dirige-se, pois, às filhas de Jerusalém, justificando-se pela sua negritude. Não julgueis, filhas de Jerusalém, que essa negridão que vedes em meu rosto é natural, mas reparai antes que ela foi feita por um descuido do sol. Pois o sol de justiça, por não me encontrar firme em pé, não dirigiu seus raios de luz diretamente para mim.

6 De fato, eu sou o povo das nações, que antes não olhava para o sol de justiça nem ficava firme diante de Deus;[73] por isso ele também não me olhou de frente, mas de soslaio, e não ficou comigo, mas passou de lado.

7 E como foi assim que aconteceu, também tu, que te chamas Israel, já o experimentaste e já o conheceste, e podes dizer que, quando antes eu não acreditava, tu foste alvo da misericórdia, e o sol de justiça olhou para ti, enquanto eu era a desobediente e incrédula, e por isso ele me desprezou e olhou de lado; mas agora, quando és tu a desobediente e incrédula, eu espero receber no rosto o sol da justiça e ser alvo da bondade do seu coração.

8 Ambas temos esse olhar de soslaio que o sol nos lança: primeiro fui eu a que fui olhada de lado por causa da minha desobediência, e então eras tu olhada de frente; mas agora acontece que tu não só és olhada de soslaio pelo sol, mas és ainda atingida por uma espécie de cegueira – se bem que parcial. Quem o atesta é o glorioso Paulo, que o diz de modo magnífico, por ser confidente do segredo do céu, e assim fala: “Tal como vós – falando certamente dos povos gentios – em outro tempo não acreditáveis em Deus, mas agora alcançastes a bondade do seu coração por causa da incredulidade do coração deles, também agora eles não acreditaram na bondade exercida a vosso respeito, para que obtenham misericórdia”.[74] E no mesmo lugar diz ainda: “O que aconteceu a Israel foi uma cegueira parcial, até que seja admitida a totalidade das nações”.

9 Essa cor escura, que reprovas, está em mim porque o sol me olhou de lado por causa da minha incredulidade e desobediência. Mas quando eu ficar direita na sua frente, e não me inclinar para o lado, e não me desviar nem para a direita nem para a esquerda, mas com os meus pés fizer retos os caminhos, em direção ao sol de justiça, cumprindo todos os seus mandamentos de modo irrepreensível,[75] então também ele me olhará de frente, e não haverá nenhuma inclinação, nem motivo de desvio, e me será devolvida a minha luz e o meu resplendor, e de tal modo esse negrume, contra o qual tanto reclamas, será afastado de mim que até vou merecer ser chamada a luz do mundo.[76]

10 Nós vemos que o sol queima e enegrece os corpos sobre os quais cai com força, mas aqueles que estão mais longe da sua ação direta são conservados em sua brancura, e o sol não os queima, mas ilumina. Porém o sol espiritual, que é o sol da justiça, em cujas asas se diz que está a cura,[77] age ao contrário: aos que encontra de coração reto, que se mantêm sob a incidência do seu esplendor, a esses ilumina e envolve com todo o seu brilho; mas aos que caminham em direção divergente da sua[78] também não pode deixar de os iluminar de lado, e deles não cuida, procedendo assim por causa da inconstância deles e da sua instabilidade.

11 Como é que o que é torto pode ser compatível com o que é reto? Por exemplo: se se aplica uma régua perfeitamente direita sobre um pedaço de madeira curvo, o desvio do material mostra-se pela régua, mas não é a régua que causa a irregularidade da madeira.

12 Portanto, devemos apressar-nos pelos caminhos direitos e manter-nos firmes nas sendas das virtudes, para que, caso o sol da justiça incida a pino, se nos encontrar inclinados e desviados, não nos despreze e enegreça. Pois quanto mais incapazes nós formos de receber a sua luz, tanto mais lugar daremos às trevas e ao negrume.

13 Este é o mesmo sol que é “a verdadeira luz que ilumina todos os homens que vêm a este mundo, que estava neste mundo, e o mundo foi feito por ele”.[79] O mundo não foi feito pela luz visível, pois ela é também parte deste mundo, mas pela verdadeira luz, luz que, se nós caminharmos enviesados, nos olhará de soslaio.

14 Se nós caminharmos de modo enviesado ela mesma também caminhará enviesada, assim como está escrito nas maldições do *Levítico*, onde diz: “Se vós caminhardes para mim de modo enviesado e não quiserdes me obedecer, vos enviarei sete pragas [...] e se não vos emendardes, e caminhardes para mim enviesados” eu também serei enviesado convosco.[80] Em outras versões se lê: “Se caminhardes para mim em sentido oblíquo, eu também andarei convosco de modo oblíquo”. Finalmente, mais adiante[81] acrescenta: “Andarei com eles oblíquo e encolerizado, porque eles andaram na minha frente de modo oblíquo”.

15 Trouxemos essas frases para comprovar o que quer dizer “o sol olha de soslaio” ou de modo oblíquo. Ficou assim claro que ele nos olha de lado, e que ele é oblíquo e caminha enviesado com aqueles que andam de modo oblíquo com ele.

16 Porém não vamos deixar passar sem discutir o que adverte essa passagem: que o sol tem dois poderes, um de iluminar e outro de queimar, conforme as coisas e materiais que estão ao seu alcance; a uns ilumina com a luz, e a outros escurece e endurece pelo ardor.

17 Por isso é que se diz que “Deus endureceu o coração do Faraó”,[82] pois pode ser que fosse tal a matéria do seu coração que ela recebeu a presença do sol de justiça, não daquela parte que ilumina, mas da que queima e endurece. Sem dúvida, era por essa razão que ele “oprimia a vida dos hebreus com trabalhos pesados [...] e os esgotava no barro e no tijolo”.[83] Sem dúvida, seu coração era como seus pensamentos: barrento e lamacento.

18 E como esse sol visível aperta e endurece a matéria do barro, assim esse sol de justiça com os mesmos raios com que ilumina o povo de Israel endurecia o coração do Faraó, onde se alojavam ideias barrentas, de acordo com as qualidades dos seus impulsos.

19 Que tenha sido desse modo, e que o servo de Deus, ao escrever essa estória, não tenha escrito uma estória ordinária, como pode parecer aos homens, mas estivesse inspirado pelo Espírito Santo, se mostra pelo fato de que, ao referir-se aos gemidos dos filhos de Israel,[84] não diz que eles gemem por causa do barro, pelo tijolo ou pela palha,[85] mas diz que é pelos seus trabalhos, pois escreve: “E o clamor deles subiu até Deus”, mas não diz que por causa do barro e do tijolo, mas de novo: pelos seus trabalhos. É por isso que acrescenta: “O Senhor ouviu os gemidos deles”.[86] Pois de certo não escuta os gemidos daqueles que clamam ao Senhor, mas não pelos seus trabalhos.[87]

20 Pode parecer que nos desviamos do assunto ao tratar essa questão, mas algumas passagens nos chamaram a atenção para algo que não deveríamos omitir, principalmente onde há alguma semelhança com o que diz aquela que foi queimada pelo sol, já que este a olhou enviesado; é aqui que se demonstra que isso acontece quando os pecados o precedem, causa pela qual o sol queima e escurece lá onde subsiste a matéria do pecado. Portanto, onde não há pecado, o sol nem queima nem escurece a pele, tal como se diz nos salmos a respeito do justo: “De dia o sol não te queima, nem a lua de noite”.[88] Percebes, portanto, por que é que o sol nunca queima os santos nos quais não há nenhuma causa de pecado.

21 O sol tem, como dissemos, dois poderes: ilumina os justos, mas queima os pecadores, em vez de os iluminar, porque “eles odeiam a luz quando procedem mal”.[89] Enfim, é por essa razão que o nosso Deus é chamado fogo que consome[90] e desde logo é luz, na qual não há trevas.[91] Luz ele é, sem dúvida, para os justos, e fogo se torna para os pecadores, para consumir neles tudo o que na alma

deles encontrar de corrupção e fraqueza.

22 Tu mesmo, se procurares na Escritura, vais encontrar abundantes passagens onde se fala do sol e do fogo invisíveis e espirituais, e não desses que são visíveis.

A luta interior

3

1 “Os filhos da minha mãe combateram em mim; eles me encarregaram de vigiar as vinhas, mas da minha vinha eu não cuidei.”[92] É ainda aquela, morena por seus pecados anteriores, mas bela pela fé e pela conversão, que diz essas palavras, afirmando que os filhos de sua mãe combateram, não contra ela, mas nela, e que, depois dessa guerra que fizeram nela, a estabeleceram como guardadora das vinhas, não de uma só, mas de muitas. Mas acrescenta ainda ela mesma que, além daquelas vinhas para as quais os filhos da sua mãe a designaram, ela teve outra vinha que era dela, e da qual não cuidou. Esse é o assunto do drama.

2 Procuremos, agora, saber quem é a mãe dessa esposa que faz tais afirmações, e também quem são os outros filhos dela que combateram nela, e que, terminada a contenda, lhe entregaram vinhas para cuidar, como se ela não pudesse guardá-las, a não ser que antes eles combatessem. Porém, tendo recebido a guarda de outras vinhas, ela não quis, ou não pôde, guardar a sua própria vinha.

3 Escrevendo aos gálatas, afirma Paulo: “Vós, que quereis estar sob a Lei, dizei-me: Não ouvistes a Lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da mulher livre. O que é da escrava nasceu da carne, o que é da livre nasceu segundo a promessa. Essa é uma alegoria. São dois testamentos. Um é o do monte Sinai, e gera para a escravidão: é Agar. O Sinai é um monte que fica na Arábia, que corresponde à atual Jerusalém, e que é escrava junto com seus filhos. Mas há uma Jerusalém do alto, e essa é livre, e é a Mãe de todos nós”.[93]

4 Paulo diz, portanto, que essa Jerusalém celeste é Mãe dele e de

todos nós. E mais adiante acrescenta: “É por isso, irmãos, que não somos filhos da escrava, mas da livre, pois para essa liberdade Cristo nos libertou”.[94] Assim, com toda clareza, Paulo afirma que todo aquele que, pela fé em Cristo, alcança a liberdade, é filho da mulher livre; e desta diz também que é a Jerusalém livre, Mãe de todos nós.

5 Entende-se, pois, que essa mãe tem por filhos não só aquela Esposa, mas também os que combateram nela, e que a designaram para a guarda das vinhas. Parece, então, que esses, que tiveram tal poder que geraram nela uma guerra e que lhe ordenaram que fosse guarda das vinhas, não são de uma condição qualquer, nem humilde, nem desprezível. Portanto, podemos aceitar que os apóstolos de Cristo são os filhos daquela mãe da esposa, isto é, os filhos da Jerusalém celeste, que combateram, antes, nesta que foi congregada vindo das nações.

6 Combateram, de fato, para vencer nela as antigas inclinações de infidelidade e desobediência, e toda atitude que nela se levanta contra o conhecimento de Cristo, como diz Paulo: “Destruindo os pensamentos e todas as atitudes que se levantam contra o conhecimento de Cristo”.[95] Combateram, pois, mas não contra ela, senão nela, isto é, nos seus pensamentos e no coração, para anular e extirpar toda infidelidade, todo mau hábito e todas as doutrinas dos gentios, que os falsos sábios tinham incutido nela.

7 Para os apóstolos foi, pois, uma guerra dura, até que conseguiram derrubar nela todas as torres da mentira e as muralhas das doutrinas perversas, e finalmente deitaram por terra os argumentos da iniquidade, e derrotaram os demônios que com essas obras tomavam o coração dela.

8 Quando, pois, afastaram dela todos os pensamentos da sua antiga infidelidade, não a deixaram ociosa – para que, por causa do ócio, as coisas antigas, que tinham sido expulsas, não retornassem e a retomassem –, mas eles lhe dão trabalho a fazer e lhe entregam

a guarda das vinhas.

9 Por vinhas entendemos cada um dos livros da Lei e dos profetas; cada um deles era como “um campo fértil abençoado por Deus”.[96] São esses que os homens fortes, depois da vitória na guerra, lhe entregam para que conserve e guarde; assim, como dissemos, não a deixam ociosa.

10 Mas também podemos entender que as vinhas são os escritos evangélicos e as cartas dos próprios apóstolos, que também foram confiados àquela que foi congregada dentre as nações, pois também por ela combateram, para que as guardasse e protegesse.

11 Quanto ao que ela diz, “que a sua própria vinha ela não guardou”,[97] podemos dizer que eram os conhecimentos que cada um tinha antes da fé, e que certamente larga e abandona quando crê em Cristo; e “o que ele pensava que fosse um ganho para si, o considera agora como um prejuízo, por causa de Cristo”.[98] Do mesmo modo, Paulo se orgulha dizendo que o cumprimento da Lei e toda a glória das instituições judaicas eram para ele “somente como esterco, para que possa encontrar-se em Cristo, não tendo a santidade que vem da Lei, mas só a santidade que vem de Deus”.[99]

12 Paulo, tendo aceitado a fé em Cristo, não cuidou da sua vinha, isto é, do cumprimento da tradição judaica, e talvez não a tenha cuidado porque, “apesar de ter sido plantada por Deus como uma vinha verdadeira, ela se tinha tornado uma amarga vinha estrangeira”,[100] e era agora como “uma videira das vinhas de Sodoma, e seus sarmentos eram de Gomorra, suas uvas eram de amargura, seu vinho como o fogo dos dragões, e como a queimadura da picada das serpentes, que não tem cura”.[101] Assim também havia entre os gentios muitas doutrinas como essas, e creio que seria tido como crime se, depois daquelas guerras que os doutores combateram pela fé e pelo conhecimento de Cristo, elas

fossem conservadas como vinhas e campos, pois se estaria ainda cultivando as doutrinas perniciosas e prejudiciais.

13 Não te admires que aquela que foi reunida de entre a dispersão das nações, mas que depois foi preparada como a Esposa de Cristo, tenha alguma vez sido vexada por essas culpas. Lembra-te que a primeira mulher “foi seduzida e prevaricou”, ela que não pode ser salva a não ser pela geração dos filhos que se conservarem na fé e na caridade com santidade.[102]

14 O Apóstolo explica assim o que se diz de Adão e Eva: “Grande mistério está em Cristo e na Igreja”.[103] Ele a amou de tal modo que se entregou a si mesmo por ela, quando ela ainda não tinha acreditado, conforme disse o Apóstolo: “Naquele tempo, em que nós mesmos ainda não tínhamos acreditado, Cristo morreu por nós [...]. Porque, sendo nós ainda pecadores, Cristo morreu por nós”.[104] Não é, pois, de se admirar que se diga que “aquela que foi seduzida e prevaricou”, que em outros tempos não tinha fé e pecava, tenha cultivado, quando ainda era ímpia, uma vinha que teve que abandonar e de modo nenhum pôde conservar.

15 Ao se julgar conveniente fazer ainda uma terceira explicação, podemos aplicar essas coisas a cada alma que, ao converter-se a Deus e à fé, sem dúvida trava lutas em seus pensamentos e combates contra os demônios, que se esforçam por trazê-la de volta aos atrativos da vida anterior e aos erros da infidelidade.

16 Mas, para que isso não aconteça e que os demônios não tenham poder sobre ela, a divina providência cuidou de dar a cada um desses pequenos um anjo que por ele combata, e o defenda como seu tutor e protetor; pois os pequenos não podem lutar sozinhos nem contra a astúcia do diabo nem o combate dos demônios: eles são como crianças em Cristo, que ainda tomam leite, e pela pouca idade ainda não são capazes, como dissemos, de combater por si mesmos. E, para que o façam com mais

segurança, concede-se-lhes que sempre vejam a face do Pai que está nos Céus,[105] pois são essas as crianças que Jesus mandou vir a si, e proibiu que as impedissem, e das quais disse que sempre veem a face do Pai.[106]

17 Que não te pareça contraditório se essa alma, que tende para Deus, lhes chame filhos da sua Mãe. Com efeito, se a Mãe das almas é a Jerusalém celeste, e também dos anjos se diz que são celestes, não parecerá incoerente que ela chame “filhos da sua Mãe” aqueles que são celestes como ela. Certamente, o mais importante é que parecerá oportuno e conveniente que aqueles para quem houver um só Pai[107] tenham também uma só Mãe: Jerusalém.

18 Por outro lado, o que a esposa diz, “não cuidei da minha vinha”, parece indicar, como se fosse louvável, que não observou aquelas normas, costumes e propósitos que cumpria quando ainda vivia segundo o homem velho; mas quando, com ajuda dos anjos, combateu, venceu e expulsou totalmente de si o homem velho e seus costumes, foi designada por eles como guarda das vinhas, isto é, dos pensamentos e doutrinas divinos, graças às quais pode beber um vinho que alegra os seus corações.[108]

O desejo da plenitude

4

1 “Tu, a quem a minha alma ama, faz-me saber onde apascentas o rebanho e onde fazes a sesta, para que eu não ande vestida com o véu de noiva no meio dos rebanhos dos teus companheiros”.[109] É ainda a esposa que diz essas palavras, mas já não às filhas de Jerusalém. Portanto são palavras da esposa tudo o que é dito desde o princípio, onde está escrito: “Que ele me beije”, até este lugar: “Entre os rebanhos dos teus companheiros”. Seu discurso primeiro dirige-se a Deus, em segundo lugar ao esposo, e em terceiro às adolescentes; o esposo está no meio delas, e, de acordo com o gênero dramático, ocupa o lugar do corifeu, e as palavras são dirigidas ou a ele mesmo, ou então às filhas de Jerusalém.

2 As últimas palavras dela são para o esposo, perguntando-lhe onde apascenta ao meio-dia, onde deixa ficar o rebanho, temendo que, ao procurá-lo, não vá parar naqueles lugares em que os companheiros dele deixaram os rebanhos, para sestear.

3 Mas por aqui se mostra que aquele esposo também é pastor. Antes, tínhamos aprendido que ele é rei, sem dúvida porque reina sobre os homens, e pastor ele é porque apascenta as ovelhas, e é esposo porque tem uma esposa, que com ele reina, conforme está escrito: “A rainha está à tua direita, com vestido bordado a ouro”.[110] Essas são coisas que estão contidas na narrativa do drama.

4 Procuremos, agora, o seu significado místico, e, se é conveniente, antecipemos algo do que se vai tratar mais adiante; para entender os sentimentos dos companheiros, recordemos o que está escrito: que as rainhas são sessenta, mas de todas elas só uma é a pomba, a perfeita, que participa do reino, e que as outras lhe são inferiores, e são chamadas as oitenta concubinas; as adolescentes, porém, são inumeráveis, e sua categoria é inferior à das concubinas.[111]

5 Essas diferenças são as dos que creem em Cristo, e lhe estão unidos por diversos tipos de disposições; digamos, por exemplo, que toda a Igreja é, em figura, o Corpo de Cristo, como diz o Apóstolo; e nele há diversos membros, e, nas suas palavras, uns são os olhos, outros as mãos, outros ainda os pés, e cada um, em razão dos seus méritos e funções, se adapta como membro desse corpo.[112]

6 De acordo com tais imagens, devemos compreender estes trechos: assim, é preciso entender que nesse drama nupcial há algumas almas que recebem do esposo o mais elevado afeto, se unem a ele do modo mais nobre, e junto a ele têm categoria e estima como rainhas; outras, que, sem dúvida, mostram-se inferiores no seu progresso nas virtudes, têm o lugar de concubinas; e as adolescentes, que estão fora dos aposentos reais, mas não fora da cidadela real, são, enfim, as almas a que chamamos ovelhas, as últimas depois de todas as que mencionamos.

7 Mas, se prestarmos mais atenção, talvez encontremos outras que são mais inferiores ainda a essas últimas: as que são contadas entre os rebanhos dos companheiros.

8 Deles, de fato, se diz que também têm rebanhos, e que a esposa não quer ir até eles, e por isso pede ao esposo que lhe diga onde está apascentando, e onde passa o meio-dia, para que ela não se comporte, porventura, como se estivesse coberta por um véu, andando no meio dos rebanhos dos companheiros.[113]

9 Queremos saber agora se esses companheiros, dos quais se diz que também têm rebanhos, estão a serviço do esposo e se o que fazem sob as ordens do chefe dos pastores, já que são chamados companheiros, ou se o fazem com o propósito de terem algo de seu, e separado dos outros, e que não estão de acordo com o esposo – já que a esposa foge deles e tem medo de cair no meio deles quando está procurando o esposo.

10 Mais ainda quanto ao dito: “para que ela, porventura, não se comporte como”, pois não diz “coberta”, mas “como se estivesse coberta”; repara se ela não estará, por acaso, a mostrar com essas palavras que há outra, ou outras, que são como esposas dos companheiros, vestidas também com roupas de esposas, e que estejam cobertas, ou, como diz o Apóstolo, tenham um véu na cabeça.[114]

11 E, para tornar mais clara a explicação desse discurso, vamos de novo expor o que se diz na sequência dramática. A esposa pede ao esposo que lhe diga onde é o lugar retirado onde ele descansa; ela está impaciente de amor – mesmo que, sendo meio-dia, seja a hora em que a luz é mais clara, e o brilho do dia seja mais perfeito e puro –, para estar com ele quando apascentar as ovelhas ou as afastar do calor. Ela se empenha em saber por qual caminho deve ir ter com ele, para que não aconteça que, não estando bem informada sobre as voltas desse caminho, se meta no meio dos rebanhos dos companheiros dele, e pareça que é como uma dessas mulheres que escondem o rosto, e, sem pudor, vêm ter com os pastores, e não têm medo de andar de um lado para o outro, e de se mostrar a todo o mundo. Mas eu – diz a Esposa – não quero ser vista por ninguém a não ser por ti, quero saber qual o caminho para chegar a ti, para que ninguém me veja, e ninguém fique no meio de nós, e não apareça nenhum intrometido inoportuno.

12 Ela quer saber desse lugar onde o esposo apascenta as ovelhas, e lhe faz saber que quer ser discreta, porque não quer se encontrar com os rebanhos dos seus companheiros. Talvez ela queira que ele separe as suas ovelhas das dos seus companheiros, e as apascente à parte, não só para que a esposa não seja vista pelos outros, mas também para que ela possa gozar de modo mais íntimo os mistérios escondidos e inefáveis do esposo.

13 Vejamos agora os detalhes. Começamos por ver se podemos dizer que o Senhor, cujo lote era Jacó, e cuja parte da herança era

Israel,[115] se pode entender como sendo o esposo, e seus companheiros como os anjos, de cujo número se diz: “Quando o Altíssimo dividiu os povos e dispersou os filhos de Adão, fixou as fronteiras das nações segundo o número dos anjos de Deus”, conforme está escrito.[116] Pode ser que estes sejam os rebanhos dos companheiros do esposo, isto é, todos os povos que, tal como gado, foram colocados como rebanhos às ordens dos anjos, seus pastores; mas os rebanhos do esposo são outros, dos quais ele mesmo diz no evangelho: “As minhas ovelhas escutam a minha voz”.[117] Repara, pois, e observa com atenção o que diz, “minhas ovelhas”, como se houvesse ainda outras ovelhas além das suas, tal como ele diz em outro lugar: “Não sois das minhas ovelhas”.[118] Tudo isso, até em seus pormenores, parece bem adaptado a esse mistério oculto.

14 Se de fato é assim, a esposa tem razão ao dizer que o rebanho de cada companheiro se pode entender como uma esposa coberta por um véu. Mas como ela estava certa de ser superior a todas as demais, não quis se parecer com nenhuma delas, pois ela sabe que deve sobressair acima de todas elas, que são, como ela diz, cobertas por um véu, na mesma medida em que o seu esposo é superior aos companheiros.

15 Parece que ela teria ainda outras razões para querer se informar, pois ela sabe que o bom pastor é zeloso e procura as melhores pastagens para as suas ovelhas, e na hora do maior calor encontra bosques verdes e umbrosos, o que os seus companheiros não sabem fazer; e, na escolha das pastagens, não se mostram tão competentes nem solícitos. Por isso ela diz: “Indica-me onde apascentas e onde te retiras ao meio-dia”, desejando com certeza essa hora em que a luz se derrama em ondas sobre o mundo, e onde a luz do dia é mais pura e radiosa.

16 Diz ela: “Diz-me então, ó amado da minha alma, onde apascentas, onde te recolhes ao meio-dia, para que eu não pareça

como uma mulher que anda de rosto tapado no meio dos rebanhos dos teus companheiros”.[119] Aqui a esposa chama o esposo com um novo nome. Pois, sabendo que ele é o Filho da Caridade, ou melhor, que é ele mesmo a Caridade que vem de Deus,[120] deu-lhe esta espécie de nome: “Aquele a quem ama a minha alma”. Mas ela não disse “quem eu amei”, mas “aquele a quem ama a minha alma”, sabendo que deve amar o seu esposo não com um amor qualquer, mas “com toda a alma, com todas as forças e de todo o coração”. [121]

17 Ela pergunta: “Onde pastoreias, e onde repousas?”. Sou de opinião que o profeta, também ele colocado sob a guarda do mesmo pastor, quando diz: “O Senhor me guia – em outros textos nós lemos: o Senhor me apascenta – e nada me faltará”[122] fala a respeito desse lugar que a esposa deseja conhecer, e que quer que o esposo lhe diga.

18 E como ela sabia que os outros pastores – ou por preguiça, ou por falta de experiência – levavam seus rebanhos para locais mais áridos, diz do Senhor, que é o melhor pastor: “Ele me levou a um lugar verdejante e me refrescou num manancial”,[123] mostrando que esse pastor provê que as águas para seus rebanhos sejam não somente abundantes, mas também saudáveis e puras, para que em tudo sejam reconfortantes.

19 Mas como ele mudou, e do estado em que vivia como ovelha, sob um pastor, passou às realidades intelectuais mais elevadas e, depois da sua conversão, ainda alcança mais progressos, acrescenta: “Ele converteu a minha alma; conduziu-me nos caminhos da justiça por causa do seu nome”.[124]

20 Ele progredira até ao ponto de “caminhar nas vias da justiça” – ora, a justiça tem, sem dúvida, a injustiça como adversário; portanto, aquele que caminha nas vias da justiça necessariamente tem de combater o adversário; por isso, confiante na fé e na esperança, diz

ele acerca dessas coisas: “Nem que eu ande no meio das sombras da morte não terei medo do que é mau, porque tu estás comigo”. [125]

21 Em seguida, agradecendo àquele que o instruíra nas práticas do pastoreio, diz: “O teu bastão e o teu cajado”, pelos quais me ensinaste o ofício de pastor, “foram eles que me consolaram”.[126]

22 Mas aqui, quando se vê transportado desde as pastagens dos pastores até aos manjares intelectuais e aos segredos místicos, acrescenta: “Preparaste para mim uma mesa contra aqueles que me atribulam; ungiste com óleo a minha cabeça. E como é esplêndida a tua taça inebriante! E a tua misericórdia me acompanhará todos os dias da minha vida, para que eu habite na casa do Senhor ao longo dos dias!”.[127]

23 Essa primeira formação, a pastoril, foi a do começo, para que “colocado em lugar verdejante seja conduzido às águas reconfortantes”.[128] Mas o que lhe dá continuidade trata dos progressos na perfeição.

24 E porque nós falamos do tema dos pastos e do que é verdejante, parece que vem a propósito confirmar com os Evangelhos aquilo que dissemos. Pois também aqui encontrei o bom pastor a falar acerca dos pastos para as ovelhas, quando, ao se mostrar pastor, lembra que é também a porta, e diz: “Eu sou a porta; se alguém passar por mim será salvo, poderá entrar e sair, e encontrará as pastagens”.[129]

25 É ele mesmo que agora a esposa interroga, para ouvi-lo dizer e explicar a que pastagens leva as ovelhas, ou em que lugares agradáveis ameniza o calor, chamando de meio-dia aqueles segredos do coração em que a alma obtém, do Verbo Divino, a luz clara do conhecimento –, pois é a hora em que o sol alcança o ponto mais alto em seu percurso. Por vezes, é assim que Cristo, o sol de justiça, manifesta à sua Igreja os eminentes e sublimes

segredos das suas virtudes, parecendo que descobre as agradáveis pastagens e os lugares onde se retira ao meio-dia.

26 Pois quando ela está ainda no início da sua instrução, e como ela recebe dele, por assim dizer, os rudimentos do conhecimento, então, diz o profeta: “E Deus a ajudará de manhã cedo”.[130] Mas como agora busca o que é mais perfeito e deseja o que é mais elevado, pede a luz da ciência do meio-dia.

27 Suponho que é daí que vem o que – depois de muitas instruções pelas quais Deus aparecia a Abraão e as quais ensinou nos detalhes – se relata em: “Deus lhe apareceu junto ao carvalho de Mambré, estando ele sentado na entrada da sua tenda, ao meio-dia. E olhando, diz, com seus olhos viu que três homens estavam de pé na sua frente”.[131]

28 Se acreditamos que esse texto foi escrito pelo Espírito Santo, não foi em vão que aprouve ao Divino Espírito confiar às páginas da Escritura o dia e a hora da visão, a não ser que essa hora e dia acrescentasse algum argumento ao conhecimento dos filhos de Abraão, os quais, além de realizar as obras de Abraão também devem esperar as visitas. De fato, quem pode dizer: “a noite está avançada e o dia se aproxima. Tal como durante o dia, procedamos com dignidade, não em comezainas, e bebedeiras, não em safadezas e sensualidade, sem discussões nem invejas”;[132] já que são coisas passageiras, vai parecer que chegou o tempo em que “a noite avançou e o dia se aproxima” e estamos perto não do começo do dia, mas do meio-dia, para que ele mesmo chegue à graça de Abraão.

29 Pois se a luz que está nele vem da sua inteligência, e ela e a pureza do seu coração são claras e radiosas, parecerá que tem nele a clareza do meio-dia, e graças a essa pureza do coração, como se estivesse na hora do meio-dia, verá Deus sentado junto ao carvalho de Mambré, que quer dizer “a visão”. Portanto, aquele que dedica o

seu tempo à contemplação divina senta-se na visão do meio-dia.

30 É por isso que se diz que ele está sentado não dentro da tenda, mas do lado de fora, na entrada. Aquele que se coloca longe dos pensamentos corporais e dos desejos carnais fica do lado de fora, e sua mente está fora do corpo, e porque está fora de tudo isso, Deus o visita.

31 O caso de José e seus irmãos, que ele recebeu no Egito, é parte do mesmo mistério, pois lhes deu uma refeição ao meio-dia, e ao meio-dia eles se prostraram diante dele com seus presentes.[133]

32 Finalmente julgo que, é por essa razão que nenhum evangelista quis escrever o que os judeus fizeram ao Salvador, que ocorreu ao meio-dia. Mesmo que a hora sexta não signifique outra coisa senão o meio-dia, nenhum disse a palavra “meio-dia”. Mateus diz assim: “Desde a hora sexta fizeram-se trevas sobre toda a terra até à hora nona”.[134] Já Lucas: “Era por volta da hora sexta e fizeram-se trevas sobre toda a terra, e o sol não apareceu até a hora nona”.[135] Porém Marcos: “Quando chegou a hora sexta, fizeram-se trevas sobre toda a terra até a hora nona”.[136]

33 Daqui se segue que, na visita a Abraão e no banquete dos patriarcas com José, não era preciso que o tempo fosse indicado pelo número seis, mas que fosse chamado “meio-dia”. Pois a esposa, que neles já se deixava adivinhar, queria saber onde o esposo pastoreava e onde repousava, e por isso designa o meio-dia.

34 Mas nas suas narrativas os evangelistas não tratavam da hora do meio-dia, mas da hora sexta, para com esse número evocar o sacrifício da vítima oferecida no dia da Páscoa pela redenção do homem, o qual foi formado por Deus no sexto dia, depois que “a terra produzira os seres vivos conforme as suas espécies: quadrúpedes, répteis e feras terrestres”.[137]

35 É por isso que, na presente passagem, a Esposa diz que deseja ser esclarecida com a plena luz da ciência, para não acontecer que, errando por ignorância, se pareça com aqueles doutores das escolas, os quais agem pela sabedoria deste mundo ou pelo princípio deste mundo, e não pela sabedoria de Deus.

36 Com efeito, é isso que o Apóstolo parece dizer naquela passagem: “Falamos de uma sabedoria de Deus escondida num mistério, que nenhum dos grandes deste mundo conheceu”.[138] E noutro lugar, quer dizer o mesmo quando afirma: “Não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para que saibamos as coisas que nos foram dadas por Deus”.[139]

37 Por isso é que a esposa de Cristo procura os refúgios do descanso do meio-dia, e pede a Deus a plenitude do conhecimento, para não parecer uma dessas escolas filosóficas que é chamada de “velada”, porque nela a plenitude da verdade está coberta e escondida por um véu. Mas a esposa de Cristo diz: “Nós, porém, contemplamos a glória da face de Deus com o rosto descoberto”. [140]

O conhecimento de si

5

1 “Se não te conheces, ó a melhor (bela) entre as mulheres, sai atrás das pegadas dos rebanhos, e faz pastar os teus bodes entre as tendas dos pastores.”[141] A admirável sentença: “Aprende quem tu és” ou “Conhece-te a ti mesmo” é uma das que, entre outras, são atribuídas a um daqueles sete que, entre os gregos, adquiriram fama de serem mais sábios.

2 Conforme demonstramos no nosso prefácio, Salomão precedeu todos os sábios no tempo e na sabedoria do conhecimento das realidades; é ele quem se dirige à alma como a uma mulher e, advertindo-a, lhe diz: Se não te conheceres a ti mesma, ó a mais bela entre as mulheres, se não reconheceres que a origem da tua beleza vem de seres feita à imagem de Deus, e que por isso há em ti um encanto natural; e se não perceberes como és bela desde o teu início, apesar de que agora ultrapassas em beleza as outras mulheres, e só tu és chamada a bela entre elas; e se mesmo assim não souberes quem és – e eu não quero que a tua beleza pareça excelente por comparação com as outras que são inferiores, mas que estejas em consonância contigo mesma, e te coloques no nível da tua própria dignidade; mas se não o fizeres então sai, eu te ordeno, e vai atrás dos últimos vestígios dos rebanhos, não das ovelhas e dos cordeiros, mas vai apascentar os bodes, esses mesmos que, pela sua perversidade e lascívia, ficarão à esquerda do Rei que presidirá o julgamento.

3 Assim como, ao introduzir-te nos aposentos do Rei, te mostrarei o que são os bens maiores, assim te mostrarei também quais são os piores – “se não te conheceres a ti mesma” –, e desse modo progredirás aproveitando de ambos os lados: tanto pelo medo do mal quanto pelo desejo dos bens. Se não te conheceres a ti mesma e viveres na ignorância do que és, e não te aplicares ao estudo

dessa ciência, com certeza nem terás uma tenda para ti própria, mas andarás à toa entre as tendas dos pastores, e, ora junto à tenda de um, ora junto à de outro pastor, levarás a pastar os teus bodes, esses animais irrequietos, vagabundos e inclinados ao pecado.

4 É isso que vais sofrer até que, pela força das circunstâncias e pela própria experiência, entendas quanto mal vem à alma pelo fato de não se conhecer nem conhecer sua beleza, pela qual ultrapassa as demais – não as virgens, mas as mulheres, aquelas que perderam a pureza e não conservaram a integridade da virgindade.

5 Isso foi o que o esposo disse depois que a esposa falou todas aquelas coisas; segundo a ordem da narrativa, ele declarou uma advertência à Esposa, tratando de animá-la para que se dedique ao conhecimento de si mesma.

6 Tal como fizemos antes, vamos agora aplicar o sentido do texto à relação de Cristo com a sua Igreja. Falando à sua Esposa, isto é, às almas dos crentes, ele estabeleceu a ciência e o conhecimento de si mesmo como o ápice da salvação. Mas não creio que seja fácil nem breve explicar como é que a alma se conhece. Faremos um esforço para aclarar pelo menos algumas das muitas coisas que há para discutir.

7 A alma pode conhecer-se a si mesma sob dois pontos de vista: o que ela é em si mesma, e como se comporta; ou, dito de outro modo, o que é que nela permanece, e o que é que se altera por suas disposições.

8 É preciso que ela entenda, por exemplo, se suas disposições são boas ou se não o são, e se seus propósitos são ou não corretos, e, se são corretos, se o são com o mesmo empenho em todas as virtudes, tanto no pensamento como no obrar, ou se só para o que é necessário e para o que está à mão; e ainda: se está a ponto de progredir e de crescer na inteligência da realidade e na perfeição

das virtudes, ou se parou e se acomodou no ponto a que conseguiu chegar. E também se é capaz de se cultivar só a si mesma, ou se pode ser útil aos outros, tanto na doutrina com a palavra, quanto pelos exemplos de suas ações.

9 Se reconhece que suas disposições não são boas e seus propósitos não são corretos, nisso mesmo poderá ver se lhe falta ainda muito e encontra-se longe das virtudes, ou se já está no caminho e empenha-se por progredir, desejando "alcançar o que está na frente e esquecer o que ficou para trás"[142] sem se ter ainda aproximado, ou se já está perto, sem ter ainda chegado à perfeição.

10 Aqui é preciso ver se a alma que se conhece a si mesma sabe se comete essas más ações que pratica por disposição e prazer, ou só por fragilidade, e, como diria, quase sem querer e odiando o que faz;[143] e, ao contrário, se parece que realiza as boas ações com boa e reta intenção.

11 A título de exemplo, veja se contém a sua raiva com referência a uns, e a outros não; ou se sempre a refreia e nunca a manifesta de modo nenhum. De forma semelhante quanto à tristeza,[144] se em algumas situações consegue vencê-la, mas a admite em outras; ou se a afasta sempre em todas as ocasiões. Igualmente no que se refere ao medo e a tudo o mais que é contrário às virtudes.

12 A alma que se conhece tem mais uma necessidade: saber se está ansiosa pela glória – e se muito, ou pouco, ou de modo nenhum. Pode chegar a essa conclusão se vê que se agrada muito com elogios, ou só um tanto, ou de modo nenhum; e se nas ofensas se entristece muito, pouco, ou mesmo nada.

13 No que toca ao dar e receber, também pode a alma se examinar, prestando atenção a certos indícios que mostram se o que ela oferece e reparte o dá com sentimento de solidariedade, como que se sentindo contente por ver maior igualdade entre os

homens; ou, como está dito, “por tristeza e necessidade”,[145] ou buscando o agradecimento dos que recebem ou dos que ficam sabendo. Inversamente, a alma que quer se conhecer vai observar se fica indiferente quando recebe alguma coisa, ou se se alegra como se fosse um bem.

14 Essa alma, no que concerne à inteligência, examinará se se deixa impressionar ao escutar qualquer novidade que pareça verdadeira, e se ela se deixa envolver pela habilidade das palavras, pelo encanto dos discursos, ou se isso raras vezes (ou nunca) lhe acontece.

15 Sobre esse tipo de conhecimento, o que dissemos deve ser suficiente. De fato é possível, a quem o desejar, reunir muitas outras comparações semelhantes, pelas quais a alma provará que se conhece a si mesma e que contempla a sua beleza, a qual recebeu na criação como imagem de Deus – desde que a restaure e recomponha.

16 Eis, pois, o que diz essa passagem, quando se dirige à alma na figura de uma mulher para que se conheça a si mesma: “Se não te conheceres a ti mesma”, quer dizer, se em cada uma dessas indicações que lembramos não conduzires os teus sentimentos; e se não fores capaz de discernir o que deves fazer e o que deves evitar, o que te falta e o que tens a mais, o que deves corrigir e o que deves cumprir; mas se, pelo contrário, quiseres agir à vontade entre as demais almas como fazem as outras na vida comum dos homens – aqui ditas “mulheres”, entre as quais és a mais bela porque já recebeste os beijos da Palavra Divina e penetraste nos segredos da sua câmara –, se, digo eu, não te conheceres e quiseres proceder à vontade como as pessoas vulgares, então vai atrás dos rastos do rebanho, isto é, vai com o resto do povo se, depois de tudo o que te foi concedido, não conservares nada de especial, não te conheceres a ti mesma e não conseguires te afastar do trato com os outros. E, como aquele que não percebeu que é o primeiro de todos, irás não com o rebanho, mas atrás dele.

17 Por isso, por ter descuidado o conhecimento verdadeiro, é inevitável que ela “seja sacudida pelos ventos de todas as doutrinas, enganada pelos erros delas”[146] de tal modo que arma a sua tenda uma vez junto a um pastor, ou seja, um mestre da doutrina, e depois junto a outro; e sacudida desse modo, não vai apascentar animais simples como as ovelhas, mas bodes (que são lascivos e de sentimentos inquietos, inclinados ao pecado), frequentando vários mestres, que para isso vai procurar; esse é o castigo para a culpa da alma que não se esforçou por se conhecer a si mesma e por seguir aquele único “pastor que dá a sua vida pelas ovelhas”.[147] Esse é um aspecto sob o qual a alma deve se conhecer a si mesma nas suas disposições e nas suas ações.

18 Há, porém, um aspecto mais difícil no que se refere à ordem dada à alma para que se conheça a si mesma, mesmo sendo a mais bela entre as mulheres. Se o conseguir, pode esperar todos os bens para si mesma; mas se não, saiba ela que “deve sair à procura dos rastos do rebanho, e apascentar os bodes entre as tendas dos pastores”[148] que lhe são estranhos. Conforme pudermos, vamos então analisar essa parte para começarmos a entendê-la.

19 “Que a luz da ciência brilhe e vos ilumine”,[149] diz a Palavra Divina pelo profeta. Contudo, entre os dons espirituais o maior é o que é concedido pelo Espírito Santo: a palavra do conhecimento.[150] O maior objeto desse conhecimento é o que consta no *Evangelho de Mateus*: “Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aquele a quem o Filho revelar”.[151] E em Lucas ele diz: “Ninguém sabe o que é o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o que é o Pai a não ser o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar”.[152] Ainda segundo João, está escrito: “Assim como o Pai me conhece, assim eu conheço o Pai”.[153] E o *Salmo 45* diz: “Tranquilizai-vos e sabei que eu sou Deus”.[154]

20 Portanto, a principal incumbência do conhecimento correto é

reconhecer a Trindade, e em segundo lugar, entender as suas criaturas, segundo aquilo que está escrito: “Foi ele que me deu o que pertence ao verdadeiro conhecimento: o que no mundo permanece, a força dos elementos, o início dos tempos, o seu meio e o fim”, e outras coisas.[155]

21 Compete, ainda, à alma saber a seu respeito, sobre o que ela é em si mesma, se corpórea ou incorpórea, e se é simples ou composta de dois elementos, ou de três, ou até mais.

22 Colocam-se também outras questões: se foi criada, ou de modo nenhum foi criada; e, no caso de ter sido criada, como o foi; ou, como alguns pensam, se a sua substância se contém no sêmen corporal e, nesse caso, se o seu princípio se transmite com o princípio corporal; ou se vem de fora já completa, ou envolvida no corpo preparado e formado nas entranhas da mulher.

23 E se é desse modo, se quando o corpo aparece formado ela já vem pronta e acabada de criar, de tal modo que a causa da sua criação foi a necessidade de animar o corpo; ou se se julga que ela foi criada muito antes, e por alguma causa vem tomar conta de um corpo; mas, se julgamos que ela veio por alguma causa, é preciso saber qual é essa causa, se tal conhecimento for possível.

24 Pergunta-se, ainda, se a alma se reveste do corpo apenas uma vez e, depois que o deixa, não retorna a ele; ou se, depois de o ter tomado uma primeira vez e o deixado, volta a assumi-lo. E, se há uma segunda vez, se é para sempre, ou se de novo o rejeitará. Contudo, considerando que, segundo a autoridade das Escrituras, o fim do mundo está próximo, e que esse estado de corrupção será mudado em incorrupção, parece que não há dúvida de que, no que concerne à vida presente, ela não pode voltar ao corpo pela segunda nem terceira vez. Se isso se admitisse, necessariamente se seguiria que nessa sucessão contínua o mundo não teria fim.

25 Prosseguindo no conhecimento de si mesma, a alma pergunta

se há alguma ordem de espíritos da mesma substância que ela, ou se, havendo outros, que não sejam da mesma, mas diversos dela; isto é, se há outros espíritos racionais como ela, e se há outros que carecem de razão; e se a substância dela é a mesma da dos anjos, pois se acredita que não há nenhuma diferença entre os que são racionais.

26 Ou, se ela não é assim pela sua substância, mas o pode ser pela graça, caso mereça, será que não poderia, de algum modo, se tornar semelhante aos anjos, mesmo não tendo recebido para tanto a qualidade que lhe daria a semelhança? Pois parece que aquilo que se perdeu se pode recuperar, mas que não se pode outorgar o que o Criador não concedeu desde o início.

27 Para se conhecer a si mesma, a alma deve ainda procurar saber se o poder da sua mente pode aumentar ou diminuir, e se pode se alterar, ou se, uma vez adquirida, não se perde jamais.

28 Mas não há necessidade de se lembrar de mais motivos para que a alma se conheça a si mesma; ela sabe que, se se descuidar e não se conhecer com perfeição, receberá a ordem de “ir atrás dos rastos dos rebanhos e de apascentar os bodes”,[156] e isso não junto à sua tenda, mas junto às tendas de outros pastores. Àquele que quiser continuar a investigar não será difícil encontrar amplas oportunidades em que poderá, conforme suas capacidades e partindo do que indicamos acima, exercitar-se no discurso do verdadeiro conhecimento.

29 Sejam essas coisas ditas pela Palavra Divina àquela alma que já está na via do progresso, mas ainda não alcançou a perfeição. Ela é chamada de “bela” porque está progredindo, mas, para que chegue ao estado perfeito, deve-se fazer-lhe uma advertência: se em cada um desses pontos que indicamos não se conhecer a si mesma, e não se exercitar com persistência na Palavra Divina e na Lei de Deus, arrisca-se a acolher sobre cada um deles opiniões divergentes, e seguir aqueles que não dizem nada de importante,

nada que venha do Espírito Santo.

30 É isso que significa “sair à procura dos rastos dos rebanhos” e seguir os doutores deles, que continuam pecadores, e não puderam nunca providenciar a cura para os que pecam. Quem os segue é como se apascentasse bodes, que certamente significam pecadores, e que rodam à volta das tendas dos pecadores, quer dizer, das várias seitas dos filósofos.

31 Vê bem, com atenção, como é terrível o que se esconde debaixo dessa figura. Pois ela diz: “Tu: sai e procura os rastos dos rebanhos”, como se a alma já estivesse dentro e a par dos mistérios, e, por ter negligenciado o conhecer-se a si mesma e saber quem é, o que deve fazer, como fazer e o que não fazer, ouve que lhe dizem: “Tu: sai!” como se, por culpa dessa preguiça, fosse expulsa por aquele que tem o comando. É, pois, um grave perigo para a alma não se conhecer e não saber quem é.

32 Pode parecer que é com razão que se diz à alma: “Sai!”, pelo que ela é expulsa das realidades interiores. De fato, nós demos duas explicações sobre o conhecimento da alma acerca de si mesma, e numa delas a alma se descuida de examinar suas ações, verificar seus progressos, e analisar seus defeitos.

33 Mas, se se considera a outra exposição, na qual dissemos que deve conhecer a sua natureza, substância e condição, tanto a atual como a futura, esse entendimento fica prejudicado. Pois quem poderá facilmente encontrar tal alma, tão perfeita, tão capacitada, a quem seja evidente toda razão e inteligência dessas coisas? A isso respondemos que o texto que temos em mãos não se refere a todas as almas, e que o esposo aqui não se dirige nem às jovens, nem às outras mulheres, nem às oitenta concubinas ou às sessenta rainhas, mas somente àquela que entre todas as mulheres é a mais bela e perfeita.

34 Daqui se segue que essas palavras são ditas a cada uma das

almas prediletas, aquelas que, tendo recebido de Deus a graça de entender e compreender muitas coisas, negligenciaram, contudo, uma parte desse conhecimento e não fazem o menor esforço para se conhecerem a si mesmas. É a estas que ameaça a palavra divina porque “muito será exigido daqueles a quem muito se deu”,[157] e “o humilde será digno de desculpa e perdão, mas o poderoso será castigado com dureza”.[158]

35 Assim, pois, se também tu, alma que és muito bela e distinta entre as demais – como, por exemplo, os doutores –, te descuidas de ti mesma e permaneces na ignorância do que és, como poderão ser instruídos aqueles que querem ser edificados, e como poderão ser convencidos e refutados os que os contradizem? É, pois, com justiça que se diz a ela em tom de ameaça: “Sai tu, atrás dos rastos dos rebanhos e apascenta bodes entre as tendas dos pastores!”. [159]

36 Pode ainda aduzir-se aqui o que escreveu Moisés: “Se uma mulher israelita cometeu adultério, seja apedrejada; mas, se é filha de sacerdote, então que seja queimada”.[160] Desse modo fica justificada a ameaça contra aqueles que, sendo capazes do entendimento e do conhecimento, contudo, se descuidam por preguiça; contra esses, a indignação do esposo é justa, pois ele sabe que a negligência de um redunda em prejuízo de muitos.[161]

37 Essa alma seria semelhante àquele que, tendo recebido uma moeda, a escondeu na terra[162] para que ninguém obtivesse lucro com ela; ou aquele a quem Deus matou porque era mau, pois tendo recebido o sêmen do conhecimento natural o recusou à posteridade derramando-o na terra.[163]

38 Quanto aos pastores, já dissemos acima que, se essa passagem é uma advertência à Igreja, deve entender-se que são os dirigentes deste mundo, ou então os anjos, sob cuidado dos quais estão os povos, que para isso foram destinados ou por sorteio ou

por algumas outras causas secretas.

39 Se, porém, essa advertência se dirige a cada uma das almas que não cuidam de se conhecer a si mesmas, deve supor-se que são os sábios e doutores que ensinam a doutrina deste mundo. Em resumo: entenda-se que é preciso que a alma, sobretudo a que é bela, boa, e vigilante nos seus sentimentos e capacidades, se conheça a si mesma e se dedique a conhecer quem é, exercitando-se na doutrina e na meditação das coisas divinas, e assim seja movida pelo Espírito de Deus e o Espírito de adoção.[164]

40 Ou então, se uma alma como essa se descuidou de si mesma e negligenciou o estudo das coisas divinas, é preciso que ela se exercite no estudo do que é do mundo, e na sabedoria do século, e será de novo conduzida pelo espírito deste mundo, com temor. É o que indica o Apóstolo quando diz: “Nós, porém, não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito que vem de Deus”;[165] e outra vez: “Não recebestes um espírito de servidão para continuar no medo, mas recebestes o Espírito de adoção, pelo qual chamamos: Aba, Pai!”.[166] Até aqui dissemos o que nos ocorreu sobre essa passagem, vamos agora tratar daquilo que se segue.

6

1 Esta frase: “Ó minha companheira: eu te comparo à minha cavalaria no meio dos carros de combate do Faraó!”,[167] em sentido literal parece indicar o seguinte: tal como no Egito, quando o Faraó perseguiu o povo de Israel com cavalaria e carros de combate, a minha cavalaria – ou seja: a do esposo e Senhor – era muito superior e mais eficiente do que a do Faraó, pois a derrotou e precipitou no mar;[168] assim também tu, minha esposa e companheira, és superior a todas as mulheres, tal como a minha cavalaria, a qual, comparada aos carros do Faraó, se mostra em tudo mais poderosa e magnífica. Essa parece ser a intenção do discurso nas suas próprias palavras.

2 Mas pode ser que, segundo a interpretação mística, se queira dizer que as almas que estão sob o jugo do Faraó espiritual, e sob os espíritos maldosos que são os carros e quadrigas do Faraó, são aquelas que ele dirige e conduz para perseguir o povo de Deus e oprimir Israel. Pois é certo que os demônios suscitam tentações e provas contra os santos, e o fazem utilizando-se de almas que são adequadas e próprias para esse efeito. Nelas, como se fosse em carros, eles montam para castigar e atacar a Igreja de Deus, ou cada um dos fiéis.

3 Mas sobre essa cavalaria do Senhor – qual era ela – no *Livro do Êxodo*, onde se diz que os carros do Faraó foram derrotados e jogados ao mar,[169] não vemos nada escrito, além de que o Senhor jogou os carros do Faraó e seu exército no mar Vermelho.

4 Mas, no *4º Livro dos Reis,* lemos que Eliseu, quando os inimigos vieram com carros e cavalaria, disse ao seu pequeno servo que tremia de medo: “‘Não temas, pois mais são os que estão conosco do que os que estão com eles’. E então Eliseu rezou dizendo:

‘Senhor, abre os olhos deste menino para que ele veja’. Deus lhe abriu os olhos e ele viu que a montanha estava cheia de carros e cavaleiros, e em volta de Eliseu havia carros de fogo que tinham descido até ele”.[170]

5 Também no profeta Habacuc, lemos com clareza e evidência que ele cavalga seus cavalos. Eis as palavras da Escritura: “É contra os rios que te enfureces, Senhor, teu furor é contra os rios, ou é teu ímpeto contra o mar? Pois tu montas teus cavalos, e na tua cavalaria está a salvação”.[171] O Senhor tem, portanto, os seus cavalos, e ele os monta. Creio que eles não são senão as almas que aceitam o freio da sua disciplina, e carregam o jugo da sua suavidade, que se deixam guiar pelo Espírito de Deus, e é nisso que têm a sua salvação.

6 Na *Revelação* de João, lemos que lhe apareceu um cavalo, e nele estava montado um fiel e verdadeiro, julgando com justiça, e disse que seu nome é Palavra de Deus. Então declarou: “Eu vi o céu aberto, e eis que um cavalo branco surgiu, e o que nele montava se chamava Fiel e Verdadeiro, e julgava com justiça, e combatia. Seus olhos eram como a chama do fogo, e na sua cabeça tinha muitos diademas com nomes escritos, que ninguém conhecia a não ser ele. Estava coberto com um manto empapado em sangue, e seu nome era Palavra de Deus. Seu exército estava no céu, e seguiam atrás dele em cavalos brancos, vestidos de linho branco e puro”.[172]

7 Mas, para entender o que querem dizer essas visões, o que seja o cavalo branco e quem é o que é chamado Palavra de Deus e se senta nele, precisamos que a graça de Deus abra a nossa inteligência.

8 Talvez alguém diga que o cavalo branco é o corpo que o Senhor assumiu e pelo qual é, por assim dizer, carregado aquele que “no princípio estava junto de Deus, a Palavra de Deus”.[173] Mas outro dirá que foi a alma que assumiu o “primogênito de toda criatura”[174]

e da qual dizia: “Tenho o poder de a deixar, e também de a retomar”. [175] Outro ainda dirá que são os dois ao mesmo tempo, corpo e alma, como se, onde não houvesse pecado, se dissesse que o cavalo é branco.

9 Haverá ainda um quarto que dirá que parece ser a Igreja, chamada de seu corpo, que é o cavalo branco; pois, não tendo mancha nem ruga, foi por ele e para ele mesmo santificada pelo banho de água.[176] Devem interpretar-se assim cada uma das coisas que se seguem: a milícia do céu, os exércitos da Palavra de Deus, e como cada um dos que seguem a Palavra de Deus montam cavalos brancos e se vestem de linho branco e puro.

10 É assim que Cristo compara e assemelha a sua Igreja a esse cavalo branco, no qual é transportado aquele que é chamado Palavra de Deus, ou a esta cavalaria celeste, que o segue em cavalos brancos.

11 Podemos entender “entre os carros do Faraó” no seguinte sentido: o quanto essa cavalaria do Senhor ultrapassa e sobrepuja os carros do Faraó, tanto tu, que és a mais bela entre as mulheres, ultrapassas e sobrepujas todas as outras almas que ainda carregam o jugo do Faraó e sofrem seus cavaleiros; ou que esta minha cavalaria, que foi lavada na água e se tornou pura e alva e mereceu ter como cavaleiro a Palavra de Deus, foi tomada do meio dos carros do Faraó. Por isso daí procedem todos os crentes, porque Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores.[177]

12 O versículo pode, pois, explicar-se desta maneira: Eu te comparo, minha companheira, à minha cavalaria, que antes estava com os carros do Faraó, e agora me segue em cavalos brancos, purificados pelo banho da água.[178] Felizes são as almas que se curvaram para receber, como um cavalo, no seu dorso a Palavra de Deus, e que se sujeitam ao seu freio; ele as conduz onde quer com as rédeas dos seus mandamentos, pois elas já não avançam pela

sua vontade, mas em tudo vão e vêm segundo a vontade do cavaleiro.

13 Talvez possa parecer que, sendo a Igreja a congregação de muitas almas e tendo recebido de Cristo exemplo de vida, não tenha recebido esse exemplo da divindade da Palavra de Deus, que certamente está muito acima de todos os atos e sentimentos que se devem dar aos homens como exemplo. Ao contrário, foi a alma que ele assumiu e que era perfeitíssima, que foi colocada como exemplo, e ela é que é chamada de “minha companheira”; ela então é que seria tida como a semelhança da Igreja, que é formada de muitas almas, isto é, daquelas que antes estavam subjugadas, e eram chamadas de “os carros do Faraó” e a cavalaria do Senhor. Tu que estás lendo é que deves decidir qual das duas explicações é mais adequada para esse versículo.

Beleza interior e obediência

7

1 “As maçãs do teu rosto ficaram graciosas como as da rola, e teu pescoço é como um colar.”[179] A sequência de uma ação dramática como esta tem uma continuidade. O esposo usou de severidade com a esposa, advertindo-a de que “se não se conhecesse a si mesma sairia à procura dos rebanhos e não apascentaria ovelhas, mas bodes”.[180] Ela ficou ruborizada por causa da severidade da ordem recebida, e o rubor da sua vergonha espalhado na sua face tornou-a muito mais bela do que era.

2 Não apenas as maçãs do rosto, mas também o colo se viu tão aformoseado que parecia adornado com colares. A beleza das faces é comparada à das rolas, porque se alude à sinceridade e ao ar atento do rosto. Esta é a explicação da narrativa, vamos agora à questão.

3 Disse o apóstolo Paulo quando escreveu à Igreja de Corinto: “O corpo não é um membro só, mas muitos. E se o pé disser: como não sou a mão, não sou do corpo – nem por isso deixa de ser do corpo. E se a orelha disser: já que não sou os olhos, não sou do corpo –, nem por isso deixa de ser do corpo. Se todo o corpo fosse olhos, onde estaria o ouvido? E se todo fosse ouvido, onde estaria o odor? Mas Deus colocou cada membro no corpo como quis”.[181] E depois de discorrer sobre muitas coisas acerca disso, concluiu: “Vós sois corpo de Cristo e seus membros, cada um em seu lugar”.[182]

4 E de novo, escrevendo aos Efésios, diz: “Sede submissos uns aos outros no respeito a Cristo; que as mulheres sejam submissas a seus maridos como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, tal como o Cristo é a cabeça da Igreja, e ele é o salvador do corpo. E assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim sejam as mulheres a seus maridos em todas as coisas. Maridos: amai as

vossas esposas tal como Cristo amou a sua Igreja e se entregou a si mesmo por ela para santificá-la no banho de água pela Palavra, e preparasse para si mesmo uma Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga nem nada dessas coisas, mas que fosse santa e imaculada". E logo depois diz: "Ninguém nunca odiou a sua carne, mas a alimenta e cuida dela, e assim é Cristo com a Igreja, pois somos membros do seu corpo", e desse modo continua.[183]

5 Por essas coisas, aprendemos como é que a esposa de Cristo, que é a Igreja, também é seu corpo e seus membros. Se, pois, ouves falar dos membros do esposo, entende que se trata dos membros da Igreja. Entre esses há alguns que são ditos os olhos, certamente pela luz da sua inteligência e conhecimento, e outros são chamados ouvidos, porque escutam a doutrina pela Palavra, outros são as mãos, devido às suas boas obras e aos serviços religiosos, e há outros que são chamados maçãs do rosto, ou as faces.

6 São chamadas faces aquelas partes do rosto onde se reconhece a dignidade e o pudor da alma, e sem dúvida é por elas que são designados os membros da Igreja que cultivam a castidade e o recato. Por isso é que, por elas, se diz a todo o corpo da Igreja: "Como ficaram graciosas as tuas faces".[184]

7 Repara que o esposo não disse: "Como são graciosas as tuas faces", mas "como ficaram graciosas", para mostrar que antes elas não eram tão graciosas, mas depois que recebeu o beijo do esposo, e ele, que antes lhe falava pelos profetas, chegou e purificou para si a sua Igreja no banho de água, para que ela não tivesse mancha nem ruga, e se deu a conhecer a ela, e então as suas faces se tornaram graciosas. Foi assim que se derramou no rosto da Igreja a castidade, a pureza e a virgindade, com um encanto gracioso que não tinham antes.

8 Essa graciosidade das faces, isto é, o pudor e a castidade, é comparada às rolas. Diz-se das rolas que, pela sua natureza, nem o

macho se aproxima de mais de uma fêmea, nem a fêmea recebe mais do que um macho, de tal modo que se um deles morre e o outro sobrevive, falece nele, junto com o parceiro, o desejo da união.

9 Essa comparação com a rola é muito adequada à Igreja, não só porque depois de unir-se a Cristo não conheceu nenhum outro marido, mas também porque há nela uma multidão de castos e pudicos que esvoaçam como se fossem rolas.

10 O colo da esposa pode ser entendido como sendo as almas que aceitam o jugo de Cristo que diz: “Recebei sobre vós o meu jugo, pois o meu jugo é suave”.[185] É, pois, pela sua obediência que são chamados de colo dela.

11 Portanto, o colo da esposa com razão tornou-se gracioso como um colar. Com efeito, aquela que antes tinha sido feia por causa da desobediência do pecado, agora se tornou bela e graciosa pela obediência da fé. Daí que “teu colo ficou gracioso como um colar”, pois tanto num como noutro se subentende que se tornou graciosa.

12 Por “colares” se entendem aqui as correntes, ou encadeamentos de joias que se costumam prender em torno do pescoço, e cujos ornamentos pendem e descem pelo pescoço. É a esse adorno, que geralmente se coloca no pescoço e no colo, que o esposo compara o pescoço da esposa.

13 É preciso prestar atenção a essa palavra “pescoço”.[186] Por ela entendemos que a sujeição e a obediência se dizem daquele que recebe o jugo de Cristo e lhe oferece a obediência da fé.

14 Desse modo, o ornamento do pescoço, que é a obediência, é Cristo. Ele mesmo se fez obediente até a morte;[187] e assim como pela desobediência de um só, Adão, se formou uma multidão de pecadores, assim pela obediência deste único – a saber: Cristo – muitos se tornaram santos.[188] Portanto, o adorno e a joia no colo

da Igreja é a obediência a Cristo.

15 Mais ainda: o pescoço da Igreja, isto é, sua obediência tornou-se semelhante à obediência de Cristo, que é a joia do colo. Eis aqui um grande elogio da esposa, e grande glória da Igreja, quando a imitação, que é a sua obediência, se iguala à obediência de Cristo, que a Igreja imita.

16 Essa figura da joia também é mencionada no *Livro do Gênesis*: o patriarca Judá a ofereceu à sua nora Tamar, quando se deitou com ela como se ela fosse uma meretriz. Há aqui um sentido oculto que nem todos entendem, mas podemos entender que Cristo resgatou a Igreja da prostituição de muitas doutrinas, que lhe deu esses penhores da futura perfeição, e lhe impôs ao pescoço essa joia da obediência.

O visível e o invisível, o transitório e o eterno

8

1 “Faremos para ti imitações de ouro pontilhadas de prata, até que o rei se recolha ao seu quarto.”[189] Já dissemos antes que esse pequeno livro está organizado a modo de um drama, e no enredo há mudanças de personagens. Pois agora parece que os amigos do esposo, ou seus companheiros, que falam à esposa, são, tal como dissemos, ou anjos, ou profetas, ou ainda patriarcas – pelo menos é assim que, segundo o entendimento místico, os podemos compreender.

2 Não foi só depois do batismo de João, quando ele foi tentado pelo diabo no deserto[190] que os anjos se aproximaram do Senhor e o serviram, mas o serviram sempre, antes do advento da sua presença corporal. Pois da Lei se diz que foi divulgada pelos anjos na mão de um mediador.[191] Escrevendo aos hebreus, diz o Apóstolo: “A palavra anunciada pelos anjos mostrou-se firme”.[192]

3 Eles estavam, pois, designados como “curadores e tutores”[193] junto da esposa, ainda menina, com a Lei por pedagoga, até que viesse “a plenitude dos tempos, e Deus enviasse o seu Filho, nascido de mulher, formado sob a Lei”[194] e que, sob os cuidados dos curadores e tutores, e com a Lei por pedagoga, ela fosse trazida para receber os beijos da Palavra de Deus, isto é, sua doutrina e ensinamento. Assim, enquanto não chegou o seu tempo, a esposa era educada de muitos modos pelo ministério dos anjos, que então apareciam aos homens e falavam daquelas coisas que convinham aos tempos e circunstâncias.

4 Mas não julgues que eu digo que ela é esposa, ou Igreja, desde que o Salvador encarnou, mas ela o é desde o início do gênero humano, ou até mesmo desde a constituição do mundo; e assim repito as palavras de Paulo que fazem remontar mais longe ainda, à

origem deste mistério: desde antes da fundação do mundo. De fato, o que ele diz: “Assim ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e sem mancha diante dele, nos predestinando no amor para a adoção como filhos”.[195] E também nos salmos se diz: “Lembra-te, Senhor, da tua congregação, que reuniste desde o início”.[196] Certamente os primeiros fundamentos da reunião da Igreja foram colocados desde o início, e daí que o Apóstolo diga que a Igreja é edificada não só sobre os alicerces dos apóstolos, mas também dos profetas.[197]

5 Ora, entre os profetas também se conta Adão, que profetizou um grande mistério em Cristo e na Igreja, dizendo: “É por isso que o homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá a uma mulher, e serão dois em uma só carne”.[198] É evidente que o Apóstolo tem em mente essas palavras quando afirma: “Este é um grande mistério, mas é a Cristo e à Igreja que ele se refere”.[199]

6 O Apóstolo não demonstra que ela não exista antes, pois diz: “Cristo amou tanto a sua Igreja, que se entregou por ela santificando-a num banho de água”:[200] como poderia amá-la se ela não existisse? Sem dúvida a amou porque ela já existia em todos os santos que houve desde o início dos tempos.

7 E assim, ao amá-la veio até ela, e como “os filhos têm em comum o sangue e a carne, de modo semelhante também ele foi feito participante deles”[201] e “se entregou a si mesmo por eles”.[202] Eles eram a Igreja que ele amava, a fim de aumentá-la em número ou de orná-la de virtudes, ou, pela perfeição da caridade, transferi-la da terra ao céu.

8 Portanto, desde o início, tanto os profetas como os anjos exerceram o ministério. Que outra coisa foi o que aconteceu quando apareceram três homens a Abraão, que estava sentado junto ao carvalho de Mambré? Contudo, essa aparição dos anjos mostra algo mais do que um ministério angélico: apresentava-se também o

mistério da Trindade.

9 Era assim também no *Livro do Êxodo*, quando diz que “o anjo do Senhor apareceu a Moisés como uma chama de fogo na sarça”.[203] Mas logo a seguir está escrito que o Senhor Deus fala pelo anjo e que ele é designado como o Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó. Alguns hereges, ao ler essa passagem, disseram que o Deus da Lei e dos profetas é muito inferior a Jesus Cristo e ao Espírito Santo e, de tal modo, estenderam a sua incapacidade religiosa que chegaram a dizer que a plenitude divina estava só em Cristo e no Espírito Santo, e que no Deus da Lei estava a imperfeição e a fraqueza. Mas sobre isso falarei noutro lugar.

10 Por agora, o que pretendemos é mostrar como os santos anjos, que antes do advento de Cristo cuidavam de uma esposa, de certo modo, ainda criança, se tornaram os amigos do esposo e seus companheiros, e, ao que parece, se dirigem a ela dizendo: “Vamos fazer para ti imitações de ouro com incrustações de prata, até que o rei se recolha à sua câmara”.[204]

11 Como eles não tinham ouro que fosse digno de ser oferecido à esposa, prometem que vão fazer para ela objetos que não são de ouro, mas imitações, e não um só, mas muitos.

12 Também falam da prata, mas como a quantidade de prata que eles têm é pequena, prometem fazer-lhe não imitações, mas incrustações de prata, já que a quantidade de que dispunham não lhes permitia produzir uma obra compacta e sólida, mas apenas que poderiam inserir sinais, e pequenos enfeites ou pontos, naquelas obras de ouro que iam fazer para ela. São, portanto, os amigos do esposo, de quem nós falamos antes, que fazem esses adornos para a esposa.

13 Roguemos ao Todo Poderoso Pai do esposo e da Palavra que nos torne claro o arcano do que está escondido naquilo que se contém de secreto nessas palavras, e que novidade de expressão

nela se dá à luz; que assim possamos não só ser esclarecidos, mas também nos seja concedido expor um discurso espiritual adequado à compreensão dos que nos vão ler.

14 Já explicamos muitas vezes que a imagem do ouro representa a natureza inteligível e imaterial, e que a prata é a faculdade da palavra e da razão, conforme disse Deus pelo profeta: “Dei-vos prata e ouro, mas vós fizestes ídolos de prata e ouro”;[205] e pelo que diz, mostra que “eu vos dei” o pensamento e a razão para que por eles pudésseis entender que eu sou Deus, e que me prestásseis culto; “mas vós” transtornastes o pensamento e a razão que está em vós prestando culto aos demônios.

15 Também está dito: “As palavras do Senhor são palavras puras, de prata provada no fogo”;[206] e noutra passagem se recorda: “A língua do justo é como prata cintilante”.[207] Mas dos querubins se diz que são de ouro,[208] porque se entende que neles está a plenitude do conhecimento. Além disso, se determina que na tenda do testemunho seja colocado um candelabro de ouro maciço,[209] que, no meu entender, representa a lei natural na qual está a luz do conhecimento.

16 Mas por que será necessário reunir tantos testemunhos, quando é fácil saber – se assim se desejar – que isso está indicado em muitas passagens da Escritura, onde se assinala que o ouro remete ao pensamento e à mente, e a prata se refere à palavra e ao discurso? Portanto, passemos adiante considerando em que sentido, de acordo com o que já expusemos, os amigos do esposo dizem que vão fazer para a esposa imitações de ouro com incrustações de prata.

17 Parece-me, pois, que a Lei, “que foi ordenada pelos anjos, pela mão do mediador”,[210] na verdade não foi ouro verdadeiro, mas imitação, pois que “não tinha a verdadeira imagem das coisas, mas uma sombra dos bens futuros”,[211] e tudo o que acontece aos que

são referidos na Lei lhes acontece em figura,[212] e não de verdade. Entendam-se, pois, como ouro verdadeiro as realidades imateriais, as invisíveis e espirituais; e entenda-se que as coisas corpóreas e visíveis são as imitações de ouro, nas quais não está a própria verdade, mas uma sombra dela.

18 Um exemplo de imitação de ouro foi aquela tenda feita à mão, [213] da qual diz o Apóstolo: “Jesus não entrou num santuário feito à mão, cópia do verdadeiro, mas no próprio céu”.[214]

19 Portanto, as coisas que estão no céu, invisíveis e não corporais, essas são as verdadeiras; mas aquelas que estão na terra são visíveis e corporais, e delas se diz que são cópias, não autênticas. Essas são as que são chamadas “imitações de ouro”, entre as quais está a arca do testamento, o propiciatório, os querubins, o altar do incenso, a mesa e os pães da proposição, o véu, as colunas, as barras, o altar do holocausto e o próprio templo, e tudo o que está escrito na Lei.[215] Todas essas coisas são imitações de ouro.

20 O próprio ouro visível, pelo fato de ser visível, não era verdadeiro ouro, mas imitação daquele ouro verdadeiro invisível. Os amigos do esposo fizeram para a esposa-Igreja essas imitações; eles foram os anjos e profetas que serviram na Lei e nos mistérios. [216] Foi ao compreender isso, penso eu, que Paulo também dizia: “[...] na religião dos anjos, naquilo que via, estava inchado com um orgulho vazio pelo seu pensamento carnal”.[217]

21 Todo o culto e a religião dos judeus são, pois, imitações de ouro. “Quando alguém se converter a Deus e lhe for retirado o véu”,[218] então verá o verdadeiro ouro. Antes que ele chegasse e se tornasse conhecido, os seus amigos fizeram para a Esposa imitações com esse ouro para que, advertida e estimulada pelas imitações, ela sentisse o desejo do ouro verdadeiro.

22 Esse fato é indicado por Paulo quando diz: “Essas coisas lhes

aconteciam de modo figurado, mas escritas para nós que estamos no fim dos tempos".[219] Mas esse fim de que fala Paulo não o entendas como temporal, pois o fim temporal encontrará muitos para os quais essas coisas não foram escritas; e eles também não seriam capazes de compreendê-las. Por "fim dos tempos", entende a perfeição das coisas que aconteceram a Paulo e aos que lhe são semelhantes, e por causa dos quais isso foi escrito.

23 Fizemos essa digressão querendo mostrar como é que os amigos do esposo dizem à esposa que lhe vão fazer "imitações de ouro com incrustações de prata", querendo com isso dizer que lhe transmitiam por escrito, na Lei e nos profetas, algumas coisas em forma de figuras e imagens, comparações e parábolas. Mas há ainda os pontilhados de prata, pequenos sinais de certas palavras espirituais e de interpretação racional, se bem que muito dispersas e exíguas.

24 Realmente, antes da vinda do Senhor, pouco do que estava encoberto foi desvelado pelos discursos dos profetas, como, por exemplo, quando Isaías diz: "A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel, e a casa de Judá é a sua plantação preferida";[220] e noutro lugar: "As muitas águas são as muitas nações".[221] Ezequiel, dizendo os nomes das duas irmãs, Oola e Ooliba, distingue uma como sendo Samaria e a outra, Judá.[222] E se houver outras declarações dos profetas como essas, podemos dizer que são incrustações de prata.

25 Mas quando veio o mesmo Salvador e Senhor Jesus Cristo "trazendo todas as coisas no poder da sua palavra", um sinal nos foi dado na sua Paixão: aquilo que estava escondido no segredo e no mistério seria trazido à luz e revelado: graças a que "o véu do templo", que ocultava o mais escondido do que é sagrado e os seus mistérios, "se rasgou de alto a baixo",[223] mostrando abertamente a todos aquilo que ficava escondido no seu interior.

26 Assim, pois, o que nos foi ministrado pelos anjos e profetas foram “imitações de ouro com algumas poucas e pequenas incrustações de prata”; mas o que nos foi transmitido por Nosso Senhor Jesus Cristo é feito de verdadeiro ouro e de prata sólida.

27 Mas não se promete que as imitações de ouro com incrustações de prata, que são feitas pelos amigos do esposo, durem para sempre; eles mesmos estabelecem a duração delas quando dizem: “Até que o rei se recolha à sua câmara”.

28 “Quando se deitou, dormiu como o leão e como o filhote de leão”,[224] e depois disso o Pai “o despertou e fez ressuscitar dos mortos”;[225] assim também os que se tornaram conformes à sua ressurreição[226] não permanecerão na imitação do ouro, isto é, não no culto de coisas corporais, mas dele receberão o verdadeiro ouro, procurando e esperando não o que se vê, mas o que é invisível,[227] e não as coisas da terra, mas as do céu, onde Cristo está sempre sentado à direita do Pai.[228] Eles dirão: “Se alguma vez conhecemos Cristo segundo a carne, agora já não é assim que o conhecemos”.[229]

29 Agora já não usam a prata em pequenos pontilhados, mas em quantidades maiores. Ouvirão dizer que, naquela imitação de ouro, Cristo é o rochedo que os acompanhava e de onde o povo bebia água;[230] o mar é o batismo,[231] as nuvens são o Espírito Santo, o maná é a Palavra de Deus,[232] o cordeiro da Páscoa é o Salvador, [233] o sangue do cordeiro é a Paixão de Cristo,[234] e o véu do santíssimo, atrás do qual estavam escondidos os mistérios divinos, é a sua carne.[235] A ressurreição dele revela inúmeras outras coisas, já não pequenas como pontilhados, mas explicadas de modo muito amplo.

30 Para que fique mais clara essa expressão “até que o rei se recolha à sua câmara”,[236] apresentamos o que a segunda profecia

de Balaão contém acerca de Cristo: “Surgirá uma estrela de Jacó, e um homem sairá da sua semente e dominará muitos povos; seu reino será superior ao de Gog, e será muito grande. Deus o conduzirá para fora do Egito, como um brilho de unicórnio; devorará os povos seus inimigos, desfará os ossos deles e os atravessará com suas flechas. Quando se deitar, será como um leão e como filhote de leão. Quem o despertará?”.[237]

31 Considera, pois, essas palavras com muita atenção, e vê como toda imitação de ouro só dura por algum tempo, até que o rei vá se recolher. Mas depois disso, o seu reino se levantará acima de Gog, quer dizer, acima dos telhados, quando for trasladado das moradas terrestres às do céu. No comentário que fizemos ao *Livro dos Números*, expusemos um pouco mais acerca dessas coisas.

32 Vamos agora investigar se também aos santos patriarcas e aos profetas – que serviram ao Verbo antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo – foi concedida a graça dessa perfeição que é o ouro verdadeiro. Pode ser que apenas tenham entrevisto essas realidades futuras, e no Espírito previram que elas aconteceriam; [238] nesse caso teria sido essa a razão pela qual o Senhor disse de Abraão que ele desejou “ver o seu dia, e, quando o viu, se alegrou”, [239] certamente porque previu as coisas futuras no Espírito.

33 Confirma-se que, de fato, é desse modo pelo que está dito: “Muitos santos desejaram ver o que vós vedes, e ouvir o que ouvistes, mas não ouviram”.[240] Contudo, não era por falta de fé que eram imperfeitos; pois aquilo que cremos cumprido eles esperavam com grande expectativa. Assim, tal como depois da vinda de Cristo, a fé nos acontecimentos passados levou os crentes à perfeição, assim também a fé o fez para eles com respeito aos acontecimentos futuros, levando-os à máxima perfeição.

34 Vamos verificar se essa explicação se aplica a cada uma das almas. Enquanto a alma é como criança e imperfeita, ela está

colocada sob tutores e procuradores,[241] quer se trate dos doutores da Igreja, quer dos anjos, que são, segundo se diz, dentre os menores, os que veem sem cessar a face do Pai que está no céu.[242] É nessa condição que são feitas para a alma as imitações de ouro, porque ela não é alimentada com os alimentos sólidos e substanciais da Palavra de Deus,[243] mas recebe a iniciação por meio de imitações, como parábolas e exemplos, por meio das quais é dito que até o próprio Cristo “crescia em idade e sabedoria perante Deus e os homens”.[244]

35 Ela é, portanto, instruída nessas semelhanças, e para ela são feitos os pontilhados de prata. Pouco a pouco vão lhe sendo apresentados alguns detalhes, pequenos e dispersos, dentre os mistérios mais ocultos, para que nela desperte o desejo dos mais importantes, pois ninguém pode desejar aquilo que ignora completamente.

36 Àqueles que estão nos primeiros passos e no início da sua instrução, não só não se lhes pode descobrir tudo de uma vez, como também não se pode ocultar completamente o que é espiritual e místico. Como diz a Palavra divina: é preciso fazer para elas pontilhados de prata, e jogar nas suas almas algumas centelhas de entendimento espiritual, para que, de algum modo, tomem o gosto da doçura que se deve desejar, pois se for completamente desconhecida, de modo nenhum pode ser desejada.

37 Porém, quando dizemos que a alma é criança, não se julgue que dizemos que é menor por sua natureza. Chamamos criança à alma a quem falta instrução, cuja inteligência é fraca, e que não tem experiência. Convém, pois, prepará-la “até que o rei chegue à sua câmara”,[245] isto é, que de tal modo progrida a alma que em si mesma possa receber o rei em seu descanso.

38 De fato, é desse modo que diz o rei: “Habitarei neles, e neles passearei”;[246] sendo assim, àqueles que oferecem à Palavra de

Deus uma amplitude de coração tão grande que até se diz que neles passeia, certamente espaços ainda mais amplos se lhes abrirão na inteligência e no conhecimento.

39 Por isso se diz que descansa na alma, sem dúvida aquela da qual o Senhor diz pelo profeta: “Em quem descansarei, senão sobre o humilde, o pacífico, e o que treme diante das minhas palavras?”. [247] Esse rei, que é o Verbo Divino, tem pois seu leito na alma que alcançou a perfeição, contanto que nela não haja nenhum pecado, mas esteja cheia de santidade, cheia de piedade, de fé, de caridade, de paz e de todas as virtudes. Então ela ficará feliz porque o rei repousa nela e encontrou o seu descanso.

40 A essa alma é que o Senhor dizia: “Eu e o Pai viremos, e com ela faremos a refeição, e nela faremos nossa morada”.[248] Lá onde Cristo come com o Pai, e onde faz sua morada, por que não descansaria? Feliz a amplidão daquela alma, feliz o leito daquela mente, onde o Pai e o Filho, e, sem dúvida, junto com o Espírito Santo, repousam, comem, e fazem sua morada.

41 Com que recursos, e com que riquezas, julgas tu que se sustentam tais convidados? Seu primeiro alimento é a paz, a humildade é servida junto com a paciência, a mansidão também, e a gentileza, e a pureza de coração, que é para ele a máxima delícia. Mas o lugar principal nesse banquete é ocupado pela caridade.

42 Eis, portanto, de que maneira ainda se pode apresentar para cada alma uma terceira interpretação daquilo que diz: “Faremos para ti imitações de ouro com incrustações de prata, até que o rei esteja descansando em sua câmara”.[249]

O perfume do Verbo, do Espírito, da doutrina

9

1 “Meu perfume de nardo exalou o seu odor (ou o odor dele).”[250] Nesse estilo poético, parece que se quer dizer que depois dessas palavras a esposa chegou à presença do esposo, e o ungiu com seus unguentos. Mas aqui há algo que devemos admirar, pois foi como se o nardo, que antes estava nas mãos da esposa e não exalava seu odor, passasse a emanar sua fragrância ao contato do corpo do esposo; nem foi tanto o esposo que recebeu o perfume do nardo, foi mais o nardo que recebeu dele o seu odor.

2 Mas em outros exemplares da Escritura lemos de modo diferente: “Meu perfume de nardo exalou o odor Dele”, onde encontramos algo mais divino ainda: que esse unguento de nardo, com o qual o esposo foi ungido, não tem tanto a fragrância da sua natureza quanto a do próprio esposo. Esse perfume o nardo o reenviou à esposa, de tal modo que, quando ela o ungiu, recebeu o odor do esposo como se fosse um presente. Parece que ela está dizendo: o meu nardo, com o qual ungi o esposo, voltou para mim com o odor do esposo, e, como se superasse o seu natural odor, além da sua fragrância me trouxe a suavidade do esposo. Essa é a explicação da narrativa em sentido literal. Vamos agora à compreensão espiritual.

3 Apresentamos aqui a Igreja-esposa na pessoa de Maria, da qual muito apropriadamente se diz que leva consigo uma libra de precioso unguento de nardo, e unge os pés de Jesus, enxuga-os com os seus cabelos, e, de certo modo, recebe e recupera pela cabeleira de sua cabeça um unguento impregnado das qualidades e forças do corpo dele. O odor nem é tanto o do unguento do nardo quanto o da própria Palavra Divina, e foi trazido pelos cabelos com que lhe enxugava os pés; em sua cabeça, ela pôs não tanto o nardo quanto a fragrância de Cristo, e podia dizer: meu nardo entregue ao

corpo de Cristo voltou para mim com o seu odor.

4 Repara como se relatam esses fatos: “Maria trouxe uma libra de precioso unguento de nardo, e ungiu os pés de Jesus, e os secou com os cabelos da sua cabeça, de tal modo que toda a casa se encheu com o perfume”.[251]

5 Isso certamente quer dizer que o perfume da doutrina que procede de Cristo e a fragrância do Espírito Santo encheram esta casa que é o mundo inteiro – ou toda a casa da Igreja. Ou então encheram toda a casa daquela alma que recebe e participa do bom odor de Cristo, oferecendo-lhe primeiro o dom da sua fé como um unguento de nardo, e por isso recebendo a graça do Espírito Santo e a fragrância da doutrina espiritual.

6 Existe, pois, alguma diferença entre a esposa, que no *Cântico dos Cânticos* derrama unguento sobre o esposo, e a discípula do Mestre, Maria, que no Evangelho espera, como dissemos, que o odor do unguento retorne para ela com o perfume do Verbo e a fragrância de Cristo, para que também ela possa dizer: “Somos um bom odor para Deus”.[252]

7 Jesus deu testemunho desses fatos dizendo: “Ela realizou em mim uma boa obra”,[253] porque esse unguento estava cheio de fé e de um afeto precioso. De novo no *Cântico dos Cânticos*, um pouco mais adiante, ele aceita gentilmente os arroubos da esposa, tal como aqui os de Maria, pois diz: “Teus arroubos são como um jardim de árvores frutíferas, de cipreste com nardos, nardo e açafrão”.[254] Ele acolhe, pois, gentilmente, os arroubos da esposa e os seus presentes.

8 De certo, prestamos atenção a que na passagem que citamos acima se diz primeiro “nardos” no plural, e depois “nardo” no singular. Suponho que se diz desse modo porque o negociante do Reino dos céus começa por negociar com muitas pérolas, até que

encontra aquela que é preciosa.[255]

9 Pode ser que, quando diz: “Teus arroubos são jardins de árvores frutíferas”,[256] indica frutas com muitos nardos, os quais trazemos dos ensinamentos e da doutrina dos profetas. Mas, segundo a doutrina do próprio Senhor Jesus Cristo, nossos arroubos e presentes não têm muitos nardos, mas um só.

10 Mas voltemos àquela que diz: “Meu nardo deu o seu odor”,[257] e vejamos se nessa passagem podemos ainda entender o seguinte: se por vezes conseguimos expor de uma maneira correta e adequada o que se refere à divindade de Cristo, e, em afirmações convenientes, damos conta do seu poder e majestade, então talvez a Igreja, isto é, a alma, que expôs claramente a glória dele, dirá com razão: “Meu nardo deu o seu odor”.

11 Como Cristo é realmente uma fonte da qual corre um rio de água viva[258] e é um pão que dá a vida,[259] então não é de admirar que do mesmo modo ele seja um nardo que dá perfume, e um unguento com que se tornam outros Cristos, aqueles que são ungidos com ele, como diz o *Salmo*: “Não toques nos meus Cristos!”.[260]

12 Conforme o que diz o Apóstolo: “Para aqueles que têm os sentidos treinados no discernimento do bem e do mal”,[261] talvez Cristo se torne um sentido peculiar para cada um dos sentidos da alma. É por isso que também o chamamos de “verdadeira luz”,[262] para que os olhos da alma tenham com que ser iluminados; e por isso, ainda, a “Palavra”[263] para que os ouvidos tenham o que ouvir; e também o “pão da vida”,[264] de modo que o paladar da alma tenha o que saborear.

13 Por essa razão, se lhe chama, além disso, unguento e nardo, para que o olfato da alma tenha a fragrância da Palavra. Por isso ele é dito palpável e que se pode tocar com as mãos,[265] e “a Palavra

se fez carne”,[266] para que as mãos interiores da alma possam tocar a Palavra da vida.

14 Todas essas coisas são uma só e a mesma Palavra de Deus, que, adaptada pela oração a cada um desses afetos, não deixa nenhum sentido da alma privado da sua graça.

O Verbo se encarna para ser acolhido

10

1 “Meu sobrinho é para mim uma bolsinha de mirra que fica (ou repousa) entre meus seios.”[267] Parece que essas palavras são dirigidas pela mesma esposa às adolescentes. Primeiro, dissera que seu nardo lhe tinha dado o perfume do esposo, e que tinha recebido a fragrância dele por meio do unguento com que o ungira. Mas agora diz: Meu sobrinho (ou bem amado) exala uma gota de mirra para mim, e não está espalhada, nem esparzida, mas concentrada e condensada, para que a suavidade do perfume se torne mais intensa e penetrante. E sendo assim, diz ela, “ele repousa entre meus seios, e neles descansa como se o meu peito fosse a sua morada”.

2 Mas como é aqui a primeira vez que a esposa o chama de “meu sobrinho” e esse nominativo vai aparecer ao longo de todo o texto do livro, creio que é conveniente que investiguemos o motivo desse apelativo, e expliquemos o que é e de onde vem esse nome de “sobrinho”.

3 Chamamos sobrinho ao filho do irmão. Procuremos, pois, quem é o irmão da esposa e de onde vem esse filho. Vê se se pode dizer que a esposa vem das nações[268] e se seu irmão é o primeiro dos povos, e, como se indica, o mais velho. É que, como Cristo veio desse povo segundo a carne,[269] por isso a Igreja das nações o chama de filho do seu irmão.

4 No que se refere ao que diz: “Meu amado (sobrinho) é para mim uma bolsinha de mirra” alude ao mistério do nascimento corporal, pois é como se a bolsinha fosse o vínculo entre a alma e o corpo de Cristo, no qual o poder divino está encerrado com a suavidade, como numa bolsinha.

5 Mas se relacionarmos essas palavras com cada alma, a bolsinha de mirra pode entender-se como a coesão e consistência das verdades, e o entrelaçamento e a articulação das divinas sentenças, porque as razões da fé estão enlaçadas umas nas outras, ligadas pelos vínculos da verdade.

6 Por fim, também a Lei, que diz que é puro todo o vaso que está amarrado, e é impuro aquele que está desatado e não amarrado; [270] certamente é uma figura de Cristo, no qual nunca se encontrou a impureza do pecado, e dele se diz que é uma bolsinha de mirra.

7 Por isso, a alma não deve tocar nada que esteja desligado, que não esteja bem atado pela razão, e coerente nas verdades, para que não se torne impura. Com efeito, segundo a Lei, quem tocar no impuro, impuro fica.[271] Ela se tornará imunda se um sentimento irracional, e alheio à Sabedoria de Deus, chegar até ela.

8 Repara, contudo: será que não se pode dizer que a vinda do Filho de Deus na carne é uma gota (ou bolsinha), e que ela é algo pequeno e reduzido, tal como Daniel dele diz que é uma pedra pequena, “tirada dos montes sem auxílio das mãos, e depois se tornou uma grande montanha”?[272] Ou ainda como no pequeno livro dos doze profetas, onde se fala de uma “gota” que no futuro reunirá os povos?

9 Eis, pois, o que está escrito nos profetas: “Acontecerá que Jacó se reunirá a partir de uma gota desse povo congregado”.[273] Era conveniente que aquele que vinha reunir não somente Jacó, mas todas as gentes que, no dizer do profeta, “são consideradas como uma gota de água caindo do balde”,[274] “se despojando da condição de Deus”[275] também se faça a si mesmo como uma gota, e assim venha para congregar a gota das nações, sem esquecer a gota do que sobrará de Jacó.

10 Mas no *Salmo* 44, diz-se ao amado, a quem esse salmo é

dedicado: “Tuas roupas exalam mirra, aloé e cássia”.[276] Portanto, das vestes da Palavra Divina, que é a doutrina da Sabedoria, procede a mirra, que no gênero humano é certamente aceita como um símbolo da morte. A gota de aloés, despojada, como dissemos acima, da condição divina, dignou-se assumir a forma de escravo. E a cássia, que, segundo se diz, se alimenta e cresce em água corrente, anuncia a redenção do gênero humano, dada pelas águas do batismo.

11 Assim, pois, a esposa, falando como num drama nupcial, diz que o seu amado “é uma bolsinha de aloés que descansa entre os meus seios”. Como já antes dissemos, devem-se entender os seios como a principal faculdade do coração, na qual a Igreja, ou a alma, tem a Palavra de Deus bem atada e ligada pelos laços do seu desejo. É que somente aquele que tiver a Palavra de Deus presa ao seu coração com todo o afeto e todo o amor pode receber o odor da sua fragrância e a sua suavidade.

A gradual manifestação do poder do esposo

11

1 “Meu amado é para mim um ramo de chipre[277] nas vinhas de Engadi”.[278] Na explicação literal, a expressão tem algo de ambíguo, pois diz “ramo de chipre”: por um lado dizemos que a uva em flor é como a hena, e por outro, há uma espécie de arbusto chamado chipre, que também carrega um tipo de fruto em forma de flor que parece uma vinha em flor.

2 Mas a expressão parece indicar mais o fruto da vinha, já que se mencionam as vinhas de Engadi. Contudo, Engadi é uma região da Judeia onde as vinhas não florescem tanto como as plantas aromáticas.

3 O sentido da narrativa deve ser este: a esposa fala com as moças, e para que a entendam diz primeiro: “Meu nardo me reenviou o odor do meu esposo” e acrescenta: “Meu amado é para mim uma bolsinha de mirra que descansa entre meus seios”, e depois: “cacho de uvas das vinhas de Engadi”, superando tudo o que há de suavidade nas flores e nos perfumes; desse modo, cada vez mais ela incitava as jovens à caridade e ao amor do esposo.

4 Ela nomeia cada um pela ordem, primeiro o seu nardo, depois a gota de mirra, e depois o ramo de chipre, a fim de por eles ensinar certos graus no progresso da caridade.

5 Vejamos agora qual é o sentido espiritual. Se aquilo que aqui é chamado de ramo (ou cacho) se refere ao fruto da videira, então entendemos que da mesma maneira que a Palavra de Deus é chamada de Sabedoria, Poder, Tesouro de Ciência[279] e de outras coisas, também dela se diz que é a “verdadeira vinha”.[280]

6 Assim, do mesmo modo que a Palavra não torna sábios, eruditos

e fortes na virtude de uma vez só aqueles para os quais se faz sabedoria e ciência, mas procede gradativamente, como resultado dos estudos, do esforço e da fé, assim também não faz crescer de repente, àqueles para quem é vinha verdadeira, as uvas maduras e doces, nem se faz de súbito um vinho delicioso que alegra o coração do homem;[281] mas primeiro exala para eles apenas um perfume suave de flores, para que as almas, cativadas de início pela graça do seu perfume, possam em seguida suportar o amargor das tribulações e tentações que se levantam para os que acreditam na Palavra de Deus.

7 É só então que se lhes oferece a doçura da maturidade, até que sejam conduzidos às prensas onde se derrama o "sangue de uva, sangue do Novo Testamento"[282] que se bebe em dia de festa, na mesa grande do andar de cima.[283]

8 É assim, portanto, que devem ascender, por cada um desses degraus de progresso, aqueles que, iniciados pelo mistério da vinha e do ramo de chipre, são conduzidos à perfeição e se esforçam por beber na taça da Nova Aliança que receberam de Jesus.[284]

9 Se, porém, prestarmos atenção às propriedades da árvore do chipre, da qual se diz que os frutos e as flores mais aquecem e esquentam do que se notam pela suavidade do perfume, então sem dúvida se deve entendê-lo como o poder do esposo, que aquece as almas na fé nele e na caridade que se apodera daqueles que disseram: "Não se inflamava nosso coração dentro de nós quando ele nos explicava as Escrituras?".[285]

10 Pode, por outro lado, dizer-se que esse ramo florido provém das vinhas de Engadi, e que Engadi quer dizer "o olho da minha tentação". Nesse caso, se alguém quiser entender "que a vida do homem na terra é uma tentação",[286] mas que aquele que está em Deus se livra da tentação, e que ele reconhece a natureza dessa tentação, a ponto que se diga dele que "em todas essas coisas a

sua boca não pecou contra Deus”,[287] para esse a Palavra de Deus se fez um ramo de chipre das vinhas de Engadi.

11 Observe-se, porém, que as palavras da esposa são relatadas de modo a que o nardo, a bolsinha de aloés e o ramo de chipre são só para ela, pois só ela progrediu até esse nível. Só é assim perfeita a alma que tenha o olfato tão puro e purificado que possa perceber a fragrância do nardo, do aloés e do Chipre, que provêm da Palavra de Deus, e assim haurir a graça do perfume divino.

LIVRO 3

(Ct 1,15-2,9)

A compreensão espiritual da Escritura confere beleza

1

1 “Como tu és graciosa, minha amiga, como és graciosa! Teus olhos são como pombas.”[1] Essa é já a segunda vez que o esposo conversa com a esposa. Na primeira intervenção, ele a convidou a conhecer melhor a si mesma, dizendo-lhe que ela era a melhor entre as mulheres, mas se não conhecesse a si mesma, certamente iria sofrer. E como ela se apressou a se conhecer pela introspecção e pela inteligência, ele a compara com seus cavalos ou sua cavalaria com os quais alcançara os carros do Faraó. Ao mesmo tempo, compara as suas faces às rolas, e seu colo a um colar, por causa do notável pudor e da presteza da conversão dela.

2 Mas agora ele declara que ela é graciosa, e graciosa não só, como antes, entre as outras mulheres, mas como sua amiga; ainda a eleva a um título maior de louvor quando afirma que ela não é só graciosa quando está com ele, mas o é mesmo quando acontece que ele esteja ausente. Isso se indica pelo que diz: “Como tu és graciosa, minha amiga”, e depois acrescenta, sem restrições, “como és graciosa”.

3 Anteriormente, ele não tinha elogiado os olhos dela, talvez porque ainda não tivesse progredido na inteligência espiritual. Mas agora diz: “Teus olhos são como pombas”. Mostra-se, assim, que fora grande o seu progresso, a tal ponto que aquela, que antes era somente “graciosa entre as mulheres”, agora é chamada amiga e graciosa, sem dúvida porque recebe do próprio esposo o brilho do seu encanto, e dele recebendo a beleza continua bela, mesmo quando sofre a ausência do esposo.

4 Que os olhos dela sejam comparados a pombas, que é o símbolo do Espírito Santo,[2] deve ser porque ela já entende as Sagradas Escrituras segundo o Espírito e não segundo a letra, e percebe os

mistérios espirituais. De fato, “ter olhos de pomba” significa ter a compreensão espiritual da Lei e dos profetas.

5 Ao passo que, se nesse texto seus olhos são chamados de “pombas”, nos *Salmos* uma alma como ela deseja “ter asas de pomba”,[3] para poder voar na compreensão dos mistérios espirituais e repousar nos átrios da sabedoria.

6 Quando alguém dorme, isto é, se acomoda e descansa nos cercados, e compreende o motivo dessas divisões por julgamento divino,[4] lhe são prometidas não só as asas de pomba para que voe na inteligência espiritual, mas também “asas de prata”, quer dizer, decoradas com a Palavra e a Razão. Diz-se ainda que o seu dorso tem a aparência do ouro, pelo que se indica a constância na fé e a solidez nas doutrinas dos perfeitos.

7 Não há aqui nada de estranho porque, se dizemos de Cristo que ele é a cabeça, pode-se dizer que os olhos dos que entendem de modo espiritual e julgam segundo o homem interior são o Espírito Santo.[5]

8 Talvez seja por isso que a Lei determina que se apresente um cordeiro para o sacrifício pelo qual o povo era purificado na Páscoa; [6] de modo semelhante se apresentam as pombas,[7] para que o homem seja purificado quando entra neste mundo.

9 Seria longo e inadequado para o nosso propósito discutir as qualidades do sacrifício. Basta ter lembrado o que se refere à frase: “Teus olhos são pombas”, que é como se dissesse: teus olhos são espirituais, eles veem espiritualmente, e espiritualmente compreendem.

10 Talvez se possa aprofundar o sentido desse mistério, quando diz: “Como és graciosa, minha amiga”, se o entendermos do mundo presente, onde a Igreja é graciosa, aqui e agora, ao ser amiga de

Cristo, e imitando Cristo.

11 Pode, porém, dizer respeito ao mundo futuro quando repete: “Como és graciosa”, pois já não será uma imitação, mas pela sua própria perfeição será formosa e graciosa, e seus dois olhos devem entender-se como sendo o Filho e o Espírito Santo.

12 E não te admires que de ambos se diga que são pombas, pois também aos dois se aplica o termo “advogado”, tal como João evangelista afirma que o Espírito Santo é o Paracleto,[8] que quer dizer advogado; e igualmente diz na sua Epístola que Jesus Cristo é nosso advogado perante o Pai,[9] para interceder pelos nossos pecados.

13 Também no profeta Zacarias se crê que “as duas oliveiras colocadas à direita e à esquerda do candelabro” designam o Filho Único e o Espírito Santo.

Só olhos espirituais podem ver o bem-amado

2

1 “Como tu és bom, meu amado, e como és gracioso no nosso pequeno quarto, à meia luz.”[10] Parece agora que, pela primeira vez, a esposa examinou com atenção a beleza do esposo, e, com aqueles olhos que são chamados “pombas”, considerou o encanto e a graça da Palavra de Deus. De fato, não se pode perceber nem reconhecer quão grande seja a magnificência da Palavra se antes não se receber os “olhos de pomba”, quer dizer, a inteligência espiritual.

2 Quanto ao pequeno quarto que ela diz ter em comum com o esposo, parece-me que indica o corpo da alma, onde, quando ainda está nele, ela é considerada digna de ser admitida à união com a Palavra de Deus. A sombra da meia luz, que não é árida, lembra o que dá frutos, pois tem a densa folhagem das boas obras. Mas quem o diz é a esposa, isto é, a alma, a que tem “olhos de pomba”.

3 Contudo, os que acreditam que é apenas o esposo, e não puderam perceber como é a beleza da Palavra de Deus, dizem: “Nós o vimos: ele não tinha graça nem elegância, seu aspecto era feio e vil perante os filhos dos homens”.[11] Porém, aquela alma que progrediu e ultrapassou o nível “das adolescentes, das oitenta concubinas e das sessenta rainhas”,[12] essa pode dizer “como és encantador, meu amado, e tão gracioso”.[13]

4 Mais: se enquanto ainda estou no corpo compreendo a densidade dos sentidos espirituais, não posso ficar nas trevas, nem nenhuma força das tentações pode secar em mim o germe da fé; o entendimento das Sagradas Escrituras está numa sombra tão densa que não a atinge nem o calor excessivo, que geralmente queima e resseca muitas frutas; por isso, pode dizer “que o nosso pequeno quarto está na sombra”.

5 Quanto ao que diz sobre “nosso pequeno quarto” como se falasse de uma parte do seu corpo que partilha com o esposo, podes entendê-lo por semelhança com o que diz Paulo: “Nossos corpos são membros de Cristo”;[14] de fato, quando ele diz “nossos corpos” é como se falasse do corpo da esposa; mas quando menciona “os membros de Cristo”, indica que esses mesmos corpos são também o corpo do esposo.

6 Se esses corpos estão na sombra e, tal como antes dissemos, verdadeiramente repletos de boas obras e densamente cobertos de significados espirituais, desses tais se pode dizer: “O sol não te queimará de dia, nem a lua durante a noite”.[15] Porque o sol da tentação não queima o santo que descansa à sombra da Palavra de Deus – de fato esse sol que queima o santo não é elogiável, mas só aquele que se transfigura em anjo de luz.[16]

7 O amado é chamado bom e elegante, e quanto mais ele puder ser observado pelos olhos espirituais tanto mais gracioso será encontrado, e mais belo, porque não só a sua graciosidade e beleza vão aparecer de modo admirável, mas para quem o admira e contempla surge uma nova forma de elegância e graça, e de modo admirável aparece aquilo que o Apóstolo diz ao olhar a beleza da Palavra de Deus: “Na verdade, se o homem que nós somos se corrompe por fora, por dentro se renova a cada dia”.[17]

8 É, pois, com toda a razão que uma alma como essa tem seu corpo em comum com a Palavra, como se fosse seu pequeno quarto. De fato, o poder divino alcança até a graciosidade do corpo quando nele coloca o dom da castidade, ou o da continência e das outras boas obras.

9 Reflete com atenção se esse corpo que Jesus assumiu não poderia ser chamado de “pequeno quarto” que ele partilha com a esposa; é de fato por ele que a Igreja parece ter se unido a Cristo e ter obtido participação na Palavra de Deus; por isso, dele se diz que

é “mediador entre Deus e os homens”,[18] de acordo com o que afirma o Apóstolo: “Nele temos acesso, pela fé, à esperança da glória de Deus”.[19]

A Igreja, casa espiritual

3

1 “As traves da nossa casa são de cedro, e as vigas são de cipreste.”[20] Essa é a resposta do esposo à gentileza das palavras antes ditas pela esposa e, desse modo, ele explica como são os tetos do que eles têm em comum e de que materiais estão construídos. Esse é o resumo da narrativa.

2 Mas a Igreja parece ser descrita por Cristo: ela é a casa espiritual e a casa de Deus, tal como ensina Paulo: “Se eu me atrasar, cuida de como te comportas na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, coluna e sustentação da verdade”.[21] Se, porém, a Igreja é a casa de Deus, ela é a casa do Filho de Deus, já que todas as coisas que o Pai tem são do Filho.[22]

3 Contudo, muitas vezes se invocam as Igrejas, no plural, como onde se diz: “Nem nós nem as Igrejas de Deus temos esse costume”.[23] E noutro lugar, Paulo escreve: “Às Igrejas da Galácia”; [24] João escreveu também “às sete Igrejas”.[25] Portanto, quer seja Igreja, quer Igrejas, elas são a casa do esposo e da esposa, ou a casa da Palavra com a alma, onde as traves são de cedro.

4 Lemos que há “cedros de Deus” sobre os quais a vinha transplantada do Egito estendeu seus sarmentos e suas vides, tal como diz o salmo: “A sua sombra cobriu os montes, e suas vides os cedros de Deus”.[26]

5 Por essas palavras, fica evidente que na Igreja há certas realidades que são chamadas “cedros de Deus”. De fato, quando o esposo diz: “As traves da nossa casa são de cedro”, devemos entender que os cedros de Deus são aqueles que constituem a cobertura da Igreja, mas entre eles há alguns mais fortes que sustentam a estrutura. Julgo que aqueles que administram bem o

episcopado na Igreja são as suas traves, com as quais se sustenta e cobre toda a edificação, defendendo-a da corrosão das intempéries e dos ardores do sol.

6 Sou de opinião que, depois deles e em segundo lugar, os presbíteros são chamados de traves; diz-se que as traves são de cipreste, nos quais há resistência e bom odor, pelos quais se designa o bispo, que é firme na ação, e tem a suavidade da fragrância na doutrina. De modo semelhante, se diz que as traves são de cedro, designando assim os presbíteros, que são incorruptíveis na virtude, e estão cheios do bom odor da ciência de Cristo.

A Igreja, entre os infiéis, imitadora de Cristo

4

1 “Eu sou a flor dos campos e o lírio dos vales; assim como um lírio no meio dos espinhos, assim é a minha amiga no meio das jovens.”[27] Aquele que é o esposo, a Palavra e a Sabedoria, parece que está a dizê-lo de si mesmo e da esposa, aos amigos e companheiros. Mas, segundo a ordem da explicação que se propõe, é preciso compreender que é Cristo que o está a dizer das Igrejas e de si mesmo, afirmando que ele é “a flor dos campos e o lírio dos vales”.

2 Chamamos “campo” a uma terra plana, cuidada e cultivada por agricultores; mas “vales” indica lugares pedregosos e incultos. Podemos, então, entender por “campo” o povo que era cultivado pelos profetas e pela Lei, e por “vales pedregosos e incultos” os gentios.

3 O esposo foi então a flor daquele povo, mas como a Lei não levou ninguém à perfeição,[28] a Palavra de Deus não podia lá progredir e chegar à perfeição dos frutos. Contudo, nesse vale das nações, ele se fez um lírio. Mas que espécie de lírio? Sem dúvida aquele do qual se diz nos Evangelhos que “é vestido pelo Pai do Céu, e nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles”.[29] O esposo se fez, pois, lírio nesse vale, vestido pelo Pai celeste, com tal roupagem de carne que nem Salomão em toda a sua glória poderia conseguir. De fato, Salomão não teve uma carne livre da concupiscência da união do homem com a mulher, nem era sem mancha e sem inclinação ao pecado.

4 Parece também que se mostra a razão pela qual aquele que era flor do campo quer ser o lírio dos vales. Enquanto a flor tinha ficado muito tempo no campo, ele não diz que desse campo tivesse crescido uma flor que o imitasse e lhe fosse semelhante. Mas desde

que foi lírio dos vales, logo a sua amiga o imitou e se fez lírio como ele, e o resultado dessa ação é que ele se fez lírio para que a sua amiga, isto é, toda a alma que se aproxima dele, siga o seu exemplo e o imite, e seja ela mesma lírio.

5 Quanto ao que afirma: “A minha amiga no meio das jovens é como um lírio no meio dos espinhos”,[30] entendemos que ele o diz da Igreja das nações, quer porque ela emergiu do meio dos infiéis e dos incrédulos como se saísse do meio dos espinhos, quer porque os hereges a assaltam em redor, como se estivesse no meio de espinhos.

6 Isso parecerá mais provável, considerando o que diz: “Assim é a minha amiga no meio das jovens”. Ele não teria chamado filhas às almas que nunca chegariam a acreditar. De fato, hereges são aqueles que vêm à fé, e depois se afastam do caminho da fé e da verdade das doutrinas. Assim o diz o apóstolo João na sua epístola: “Saíram do meio de nós, mas não estavam conosco; porque se estivessem conosco teriam permanecido no meio de nós”.[31]

7 Se o referirmos a cada alma podemos ainda ensinar que para cada alma que, pela sua simplicidade, lisura e equilíbrio, puder ser chamada de “campo”, a Palavra de Deus se fez flor e ensina o começo das boas obras. Para aqueles que já estão procurando maior profundidade e verdades mais sólidas, que, por assim dizer, estão nos vales, ele se fez lírio em razão do esplendor da sua pureza ou pelo brilho da sabedoria. Assim também elas se podem tornar lírios, surgindo do meio dos espinhos, quer dizer, fugindo dos pensamentos e dos cuidados deste mundo, que, nos Evangelhos, estão comparados a espinhos.

A esposa repousa na vida do esposo

5

1 “Assim como a macieira entre as árvores da floresta, assim o meu amado no meio dos jovens. Desejei sentar-me à sua sombra, e seu fruto é doce na minha boca.”[32] Era mesmo conveniente que o esposo dissesse de si mesmo que ele estava no campo, e que estava também nos vales; e, da esposa, quem ela era, e como ela era considerada entre as outras jovens. Contudo, na sua réplica não convinha que a esposa falasse sobre si mesma, mas que ficasse entregue à admiração e aos louvores do esposo.

2 Ela o compara a uma macieira. Mas pode haver um mal-entendido por causa da semelhança das palavras em latim – macieira/árvore do mal[33] –, que leve os menos avisados a supor que a macieira é a árvore do mal; por isso, vamos usar o termo grego, que até para os mais simples dos latinos é mais conhecido. É melhor incomodar os gramáticos do que, na explicação da verdade, induzir ao engano aqueles que nos leem.

3 Portanto, a esposa compara o esposo à macieira, e os companheiros dele às árvores da floresta. Mas ela só diz que o esposo é como a macieira para acrescentar que desejava sentar-se à sua sombra, e dizer que a sua fruta era doce na boca dela. E parece que diz essas coisas às jovens, tal como o esposo tinha antes falado aos seus companheiros.

4 Vejamos agora, no significado místico, quem são aqueles que a esposa chama filhos,[34] entre os quais diz que o esposo é superior, tal como a macieira entre as árvores da floresta. Vejamos também, de acordo com a dupla explicação que demos acima acerca dos jovens e dos espinhos, quem é que aqui podemos entender como filhos: se aqueles que alguma vez foram, mas já não são, se a multidão dos servidores celestes.

5 De fato, no início se aplica a todos eles aquilo que está escrito: “Digo eu: todos vós sois deuses e filhos do Altíssimo”.[35] Mas interpõe-se uma diferença quando diz: “Vós, porém, morrereis como homens, e tombareis como qualquer príncipe”.[36] Ao que ainda cabe referir: “Mas quem, entre as nuvens, se equipara ao Senhor? E quem se assemelha a ele entre os filhos de Deus?”.[37]

6 Por conseguinte, tal como a macieira entre as árvores da floresta, assim é o esposo entre os demais jovens, pois seu fruto sobressai a todos, não só pelo sabor, mas também pelo perfume, e agrada aos dois sentidos da alma: o paladar e, ao mesmo tempo, o olfato.

7 A Sabedoria prepara para nós uma mesa com diversos manjares entre os quais não só está o pão da vida, mas também as carnes da Palavra, e não apenas mescla o vinho na sua taça, mas também acrescenta bastantes sabores de maçãs cheirosas e doces, que não só deixam um gosto delicioso na boca, mas ainda conservam a suavidade no fundo da garganta.

8 Podemos entender como “árvores da floresta” aqueles anjos que aparecem como autores e defensores de cada heresia, de tal modo que a Igreja, comparando a doçura da doutrina de Cristo com o amargor das opiniões dos hereges, e com as suas doutrinas estéreis e sem frutos, nos diz que as doutrinas da Igreja de Cristo são como maçãs perfumadas e doces, e que o que os diversos hereges pregam é como árvores da floresta. Para essas árvores estéreis é que parece o que está escrito no Evangelho: “O machado já está na raiz da árvore: toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada no fogo”.[38] O amado da esposa é, pois, como a macieira na Igreja de Cristo, e os outros, os autores das heresias, pelo julgamento divino serão cortados pelo machado e lançados no fogo como se fossem as estéreis árvores da floresta.

9 Quer, como dissemos, se considere a Igreja sob a proteção do Filho de Deus, ou a alma que se afasta de todas as outras doutrinas

e adere somente à Palavra de Deus, a esposa deseja ficar à sombra da macieira, e conservar na boca o doce sabor da fruta, isto é, meditando sem cessar na Lei de Deus, e ruminando acerca dela como um animal puro.[39]

10 Acerca do nome dessa sombra, sob a qual diz a Igreja que quer ficar, creio que não é fora de propósito procurar nas Sagradas Escrituras algo que mostre de maneira mais digna e divina o que queremos saber acerca da sombra da macieira.

11 Diz Jeremias nas *Lamentações:* "Aquele que é o ar que respiramos, Cristo o Senhor, aquele de quem dizíamos: viveremos à sua sombra no meio dos povos, ficou preso nas armadilhas da nossa corrupção".[40] Repara que o profeta, movido pelo Espírito Santo, diz que a vida é oferecida aos povos pela sombra de Cristo. Como então sua sombra não nos daria vida a nós, se até pela concepção do seu corpo se diz a Maria: "O Espírito Santo virá a ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra"?[41] Se, portanto, houve a sombra do Altíssimo na concepção do seu corpo, com razão a sua sombra dará vida aos povos.

12 Razão tem a sua esposa, a Igreja, para desejar "sentar-se à sombra da macieira", sem dúvida para participar da vida que está na sua sombra. Mas a sombra das outras árvores da floresta é tal que aquele que sob ela se sentar parece que fica "na região da sombra da morte".[42]

13 Para que essa passagem que temos em mãos se torne cada vez mais clara, vamos, adiante, procurar em que sentido o Apóstolo também afirma que "a Lei tem uma sombra dos bens futuros",[43] e tudo o que está escrito acerca dos "dias de festa, sábados e rituais da lua nova"[44] lembra que são sombras dos bens futuros, certamente naquilo em que se cumpria segundo a letra; e declara que todo culto dos antigos era "uma cópia e uma sombra das realidades celestes".[45] Se é assim, fica demonstrado que estavam

sentados à sombra da Lei todos os que eram submetidos à Lei, e tinham a sombra da Lei mais verdadeira.

14 Mas nós não temos nada a ver com a sombra deles, porque "não estamos sob a Lei, mas sob a graça".[46] Contudo, apesar de não estarmos na sombra que era feita pela letra da Lei, estamos, porém, sob uma sombra melhor, pois "à sombra de Cristo vivemos no meio dos povos".[47]

15 Passar da sombra da Lei à sombra de Cristo é com certeza um progresso. Desse modo, posto que Cristo "é vida, verdade e caminho",[48] primeiramente nos colocamos à sombra do caminho, à sombra da vida e à sombra da verdade "compreendendo em parte, e como num espelho e em enigma".[49] Depois, se avançarmos por esse caminho que é Cristo, poderemos chegar ao ponto de compreender "face a face"[50] aquilo que antes tínhamos visto em sombras e enigmas. Ninguém poderá chegar ao que é verdadeiro e perfeito se antes não tiver desejado e ambicionado descansar sob essa sombra.

16 Diz também o *Livro de Jó* que a vida dos homens sobre a terra é uma sombra;[51] suponho que o diz porque toda alma nesta vida é obscurecida pelo véu desse corpo grosseiro. Portanto, todos aqueles que estão nesta vida necessariamente estão sob alguma sombra.

17 Há outros, porém, que "estão sentados na região da sombra da morte"[52] e são, de certo modo, aqueles que não creem em Cristo. Mas a Igreja disse, confiante: "Desejei sentar-me à sombra do esposo"[53] embora tivesse havido um tempo em que se poderia permanecer na sombra da Lei e defender-se do rigor do calor de verão. Mas esse tempo já passou, e agora é preciso aproximar-se da sombra da macieira; mesmo que alguém aproveite uma sombra diferente, parece que nesta vida presente todas as almas têm necessidade de uma sombra para se defender do ardor do sol, o

qual, quando se levanta, logo seca e mata a semente que não lançou raízes profundas.[54]

18 Contudo, a sombra da Lei defende do calor apenas levemente, mas a sombra de Cristo, isto é, a fé na sua encarnação, pela qual agora vivemos entre os gentios,[55] afasta e extingue esse ardor – vimos, de fato, que aquele que queimava sob a sombra da Lei "caiu do céu como um raio"[56] quando ocorreu a Paixão de Cristo. Essa mesma sombra acabará no fim do mundo, porque, tal como nós dissemos, depois que este mundo estiver concluído, já não veremos a verdade num espelho e em enigma, mas face a face.[57]

19 Creio que é parecido com aquilo que está escrito: "Me alegrarei à sombra das tuas asas".[58] E na continuação desse pequeno livro assim diz a esposa: "Meu amado está comigo, e eu sou para ele, que apascenta entre os lírios, até que o dia comece e se afastem as sombras".[59] Por aqui ela nos ensina que virá um tempo em que todas as sombras serão removidas, e só a verdade permanecerá.

20 Há ainda a palavra: "Seu fruto é doce na minha boca".[60] Dizer isso é próprio daquela alma que em sua boca não tem nada de morto, nada de insensível, e que em nada se parece com aqueles de quem se diz: "A sua garganta é um sepulcro aberto".[61] De todos aqueles que proferem palavras de morte e de destruição se diz que suas gargantas são sepulcros, como todos aqueles que falam contra a verdadeira fé, ou contra os bons costumes da castidade, da justiça e da temperança. Esses são os que têm gargantas que são sepulcros e lugares de morte, onde são proferidas palavras de morte.

21 Mas o santo diz: "Como as tuas palavras são doces na minha boca".[62] E outro, que ensinava palavras de vida, diz assim: "A nossa boca está aberta para vós, ó coríntios, e o nosso coração se dilatou".[63] Outro ainda, que abriu a sua boca para a Palavra de Deus, diz: "Abri a minha boca e aspirei o espírito".[64]

O vinho da Sabedoria para os justos

6

1 “Leva-me à adega.”[65] Essas são ainda palavras da esposa, mas são dirigidas, creio eu, aos amigos e familiares do esposo; parece que lhes pede que a introduzam na casa da alegria, onde se bebe vinho e se preparam iguarias; porque aquela que já tinha visto a câmara do rei[66] deseja agora ter acesso ao banquete real e desfrutar do vinho da alegria.

2 Já tínhamos dito antes que devemos entender por “amigos do esposo” aqueles que foram agentes da Palavra de Deus desde o início dos tempos. Com razão, a Igreja de Cristo – ou a alma que se abraça à Palavra de Deus – lhes diz que a introduzam na adega, onde a Sabedoria mescla na taça o seu vinho, e por meio dos seus servos convida todos os que andam mal informados e distraídos dizendo: “Vinde comer os meus pães, e bebei o vinho que vos preparei”.[67]

3 Essa é a adega e o salão do banquete “no qual, os que vêm do Oriente e do Ocidente se instalarão com Abraão, Isaac e Jacó, no Reino de Deus”.[68] A essa casa e a esse banquete, os profetas conduzem as almas que escutam e entendem o que eles dizem. O mesmo fazem os santos anjos e os poderes celestiais “que foram enviados como mensageiros para aqueles que obtêm a salvação como sua herança”.[69]

4 Esse é o vinho para o qual se escreveram aqueles salmos intitulados “para os lagares”.[70] Esse é o vinho vindimado daquela videira que diz: “Eu sou a verdadeira vide”,[71] conforme o agricultor celeste, o Pai, assim se expressou. Esse é o vinho produzido por aqueles sarmentos que permaneceram em Jesus não somente na terra, mas também nos céus. É assim que eu entendo o que diz: “Todo sarmento[72] que não fica em mim não pode trazer fruto”.[73]

De fato, ninguém produz o fruto que dá esse vinho a não ser o que permanece na Palavra, na sabedoria, na verdade, na justiça, na paz e em todas as virtudes.

5 Com esse vinho, parece até que os justos e os santos desejavam inebriar-se. Julgo que Noé, inebriado, contemplava essas coisas no Espírito.[74] E David admira o cálice desse festim dizendo: “Como é maravilhosa a tua taça inebriante”.[75]

6 A Igreja, ou qualquer alma, deseja entrar nessa adega, para ter o que é perfeito, e apressa-se a entrar para usufruir das doutrinas da sabedoria e dos mistérios da ciência, tal como se desfruta de manjares gostosos e da alegria do vinho.

7 Mas é preciso estar alerta porque, assim como há esse vinho, que escorre das prensas como as doutrinas da verdade e se mescla na taça da sabedoria,[76] há também um vinho adversário com o qual os pecadores se inebriam de forma pecaminosa, tal como fazem também os que aceitam as doutrinas perniciosas da falsa ciência.

8 Desses diz Salomão nos *Provérbios*: “Eles comem os alimentos da maldade e se embriagam com o vinho da perversidade”.[77] A propósito desse mesmo vinho perverso, lemos também no *Deuteronômio* que “é da vinha de Sodoma que vêm suas videiras, e seus sarmentos vêm de Gomorra; suas uvas são amargas, e o cacho deles é amargo; seu vinho é como o hálito do dragão, ou como o ardor do veneno da áspide, que é incurável”.[78]

9 Mas esse vinho que provém da vinha verdadeira[79] é sempre novo. O conhecimento da ciência e da sabedoria divinas continuamente aumenta e se renova pelo progresso dos que aprendem. E por isso Jesus dizia aos seus discípulos: “No Reino de meu Pai beberei convosco um vinho novo”.[80] A sabedoria de Deus está sempre inovando o conhecimento dos segredos e a revelação dos arcanos, não só para os homens, mas também para os anjos e

para os outros poderes celestiais.

A ordem dos amores e da caridade

7

1 “Impõe ordem à minha caridade.”[81] Essas são palavras da mesma esposa, dirigidas aos mesmos de antes, a não ser que se possa supor que entre eles haja apóstolos de Cristo.

2 O que a esposa diz: “Impõe ordem à minha caridade” tem este significado: sem dúvida todos os homens amam alguma coisa, e não há ninguém que, chegando àquela idade em que já pode amar, não ame alguma coisa, tal como mostramos suficientemente no prefácio deste trabalho. Esse amor, ou caridade, em alguns se desenvolve de modo conveniente e adequado àquilo que lhe é próprio, mas em muitos vai contra a própria ordem.

3 Da caridade se diz que vai contra o que lhe é próprio ou quando ama o que não deve, ou, se ama o que deve amar, o ama demais ou de menos. Nesses casos, diz-se que a caridade é desordenada, mas nos outros, que suponho serem muito poucos, ou seja, os que seguem no caminho da vida sem se inclinarem à direita nem à esquerda,[82] neles, e somente neles, a caridade se conserva na sua ordem.

4 Aquilo que é próprio da caridade tem sua ordem e medida deste modo: amar a Deus não tem modo nem medida, a não ser esta: que lhe entregues tudo o que tens, pois em Jesus Cristo “Deus deve ser amado de todo o coração, com toda a alma, e com todas as forças”.[83] Aqui não há nenhuma medida. Mas há certa medida no amor ao próximo, pois se diz “ama teu próximo como a ti mesmo”.[84]

5 Portanto, se no amor de Deus fizeste menos do que está no teu poder e do que está nas tuas forças, ou se entre ti e o teu próximo não observas a equidade, mas manténs alguma diferença, a caridade em ti não está ordenada, ela não conserva a ordem que

lhe é própria.

6 Mas, já que falamos da ordem da caridade, vamos examinar cada coisa com atenção, tanto no que se refere ao que é amado, quanto ao modo em que convém amar. Pois se, como diz o Apóstolo, “somos membros uns dos outros”,[85] creio que nosso afeto com respeito aos próximos deve ser tal que os amemos não como corpos alheios, mas como nossos membros.

7 Portanto, já que somos membros uns dos outros, convém que sejamos afetuosos com todos de maneira semelhante. Mas como no corpo há membros mais respeitáveis e dignos, e outros menos respeitáveis e inferiores, creio que o tipo de afeto também deve ser diferente conforme os méritos e dignidade dos membros.

8 Se, portanto alguém se propõe agir em tudo de modo racional[86] e regular suas ações e afetos pela Palavra de Deus, penso que deve conhecer e manter a ordem da caridade com respeito a cada membro. Vamos apresentar algumas indicações para que fique um pouco mais evidente o que dizemos.

9 Por exemplo: se há alguém que trabalha na Palavra,[87] instrui e ilumina as nossas almas, ensina o caminho da salvação, nos transmite uma regra de vida – não te parece que este, sendo teu próximo, deve ser muito mais amado do que aquele que não faz nada disso? Este certamente deve ser amado porque “somos todos membros uns dos outros”,[88] todos da mesma substância, mas aquele o é muito mais, pois que, tendo a mesma condição de próximo, como têm os outros homens, nos oferece um motivo maior para ser amado, porque nos mostra o caminho de Deus, e dispensa às almas a salvação das iluminações da Palavra divina.

10 Se eu estiver desviado do bom caminho e à beira do precipício do pecado por causa de uma mulher, e alguém me chamar para a luz da verdade, me retirar do que já é quase uma queda, me trouxer de volta à salvação e me arrancar da garganta da morte eterna, não

te parece que ele deve ser amado, depois de Deus, se possível com a mesma plenitude de caridade com que amamos a Deus?

11 Para que não julgues que há aqui da nossa parte uma presunção, ouve o que diz o apóstolo Paulo acerca daqueles que trabalham na Palavra de Deus: “Amai, além de toda medida, aqueles que, pela sua obra”, assim procedem.[89]

12 Falando do amor ao próximo vejamos ainda outro modo de caridade ordenada: supõe alguém que não tenha de fato o dom de ensinar, nem o de instruir, nem o de pregar a Palavra do Senhor, e, contudo, é um homem de vida santa, inocente, puro e “que caminha sem perturbações na observação dos mandamentos de Deus”.[90] Que te parece: devemos considerá-lo da mesma maneira do que outro que também é nosso próximo, mas não tem as mesmas qualidades? Será que aquele que tem uma vida meritória pelas suas obras, como diz o Apóstolo, de modo semelhante ao que trabalha na Palavra de Deus,[91] em atenção às obras da sua vida não deve ser objeto de uma caridade acima de qualquer medida?

13 Há ainda outra ordem de caridade, pois nos mandam amar os nossos inimigos.[92] Mas vejamos se também aqui há só uma espécie de amor, ou se terá lugar a sentença que diz: “Impõe ordem à minha caridade”.

14 Pois eu penso que há para eles uma ordem de caridade. Por exemplo: pode haver alguém que seja um inimigo, mas que de resto é uma pessoa que age de modo correto, é pudico e sóbrio, observa a maior parte dos mandamentos de Deus, mas, como ser humano que é, erra em algumas coisas. Mas há outro que é da mesma forma nosso inimigo, mas é também inimigo de si mesmo e da sua alma, pronto para o crime, disposto a fazer escândalos, sem pensar em fazer nada de santo, nem de religioso. Não te parece que também entre esses inimigos devemos manter diferenças na caridade?

15 De tudo isso posso deduzir que a força da caridade é uma só, mas que há muitos motivos e modos de amar, e por isso é que a esposa diz: “Impõe ordem à minha caridade”, quer dizer: ensinai-me as diversas espécies de caridade.

16 Se parece que ainda se deve aqui acrescentar alguma coisa, podemos trazer aquilo que o Apóstolo diz: “Maridos: amai as vossas esposas como se fossem vossos corpos, assim como Cristo amou a Igreja”.[93] Mas como? Devem os maridos amar as suas esposas, mas não devem amar as outras mulheres, em completa castidade e santidade? Será que elas não são “próximo” como os outros? Ou será que devemos amar só a esposa, a mãe, a irmã – desde que sejam crentes e unidas a Deus –, mas a nenhuma outra mulher devemos amar, mesmo que também dela seja dito o “próximo”?

17 Se isso parece absurdo, deve observar-se que, segundo o que diz o mandamento, também com respeito a elas se deve ter um afeto casto. Portanto, no que se refere àquelas pessoas do sexo feminino que se devem amar, devemos certamente observar uma ordem na caridade e distinções adequadas.

18 A mãe deve ser amada de modo muito especial, e a seguir, com não menos respeito, se devem amar as irmãs. Mas as esposas devem ser amadas com uma forma diferente de amor. Depois dessas pessoas, as outras mulheres devem ser amadas, conforme o caso, de acordo com as condições de cada uma e suas qualidades, e observando a castidade, como dissemos antes. De acordo com esse princípio, também seremos respeitosos com o pai, os irmãos e os demais parentes.

19 Quanto aos santos que nos geraram em Cristo[94] e também aos pastores e bispos, e aos presbíteros que presidem à Palavra de Deus, ou que bem servem na Igreja, ou que ultrapassam os outros na fé, como não lhes tributar um afeto de caridade, proporcional aos méritos de cada um, que passe muito além do que se pode ter com

respeito àqueles que não fizeram nada disso, ou só o fizeram pela metade?

20 Mas não se poderá estabelecer uma ordem diferente de caridade entre parentes fiéis e infiéis, irmãos e irmãs fiéis e infiéis?

21 A esposa considera essas distinções, e, vendo tudo isso, compreende que a alma que tende para a perfeição tem necessidade de conhecer as realidades, para que possa avaliar em cada situação qual é a ordem da caridade. Por isso, ela diz aos amigos do esposo, isto é, aos que estão a serviço da Palavra de Deus: “Impõe ordem à minha caridade”, quer dizer: ensinai-me, explicai para mim de que modo, em cada caso, devo observar a ordem da caridade.

22 Conforme já dissemos, todos os homens, pelo fato de serem homens como nós, devem ser amados de maneira semelhante; mais ainda, toda natureza racional deve ser amada de modo semelhante por nós, que somos racionais. Mas, na caridade, é preciso acrescentar algo mais à condição de que é homem e de que é racional; se, por exemplo, supera os outros nos bons costumes, nas atividades, nas intenções, no conhecimento ou no estudo, deve-se amá-lo, além da geral caridade, com uma caridade especial, em cada um desses aspectos, e de acordo com os seus méritos.

23 Para ter, acerca dessa questão, uma autoridade maior, vamos tomar um exemplo do próprio Deus. Ele, com efeito, “ama todas as coisas que existem de maneira igual, e não quer mal a nenhuma das coisas que fez, pois de fato não fez nada que pudesse ser odiado”.[95]

24 Contudo, nem por isso amou da mesma maneira os hebreus e os egípcios, o Faraó, e Moisés e Aarão. Nem, por outro lado, amou os demais filhos de Israel como amou Moisés, e Aarão, e Maria, nem por sua vez amou Aarão e Maria do mesmo modo que amou Moisés. É certo que o que se diz a Deus é verdade: “Tu cuidas de

todos, pois que todos são teus, Senhor, que amas os seres vivos, pois o espírito da incorrupção está em todos".[96] Porém, "aquele que tudo dispõe com medida, número e ponderação"[97] certamente regula a balança do seu amor conforme a medida dos méritos de cada um.

25 Será que nós vamos pensar que Paulo era amado quando perseguia a Igreja de Deus do mesmo modo que foi amado quando sofria perseguições e tormentos por cada Igreja,[98] e quando dizia que sentia solicitude por todas as Igrejas?[99]

26 Seria demais incluir agora, entre essas ordens da caridade, o sentimento de ódio que parece oposto ao da caridade, pois até o Senhor disse: "Serei um inimigo para os teus inimigos e um adversário para os teus adversários",[100] e também: "Se ajudares um pecador tu és também amigo daquele que Deus odeia".[101] Essas palavras devem ter uma explicação semelhante ao que se diz: "Honra teu pai e tua mãe",[102] mas também: "Quem não odeia seu pai e sua mãe",[103] e outras expressões nas quais parece que o excesso de caridade para com Deus gera nos adversários um afeto contrário, pois que entre a luz e as trevas, entre Cristo e Belial, não pode haver nenhum acordo, e assim o fiel e o infiel não podem ter nada em comum.

27 Fizemos o que estava ao nosso alcance para explicar o que se refere às ordens da caridade; agora fica mais fácil entender o que a esposa – a Igreja, ou a alma que tende à perfeição – pede aos amigos do esposo que lhe concedam. Antes, ela já pedira para ser introduzida na adega, onde sem dúvida tinha entendido que, em tudo o que ela tinha visto, a graça da caridade era eminente e se destacava, e ela tinha aprendido que a caridade era superior a tudo o mais, e não falha nunca.[104] Por isso, ela insiste em pedir que lhe ensinem a ordem da caridade, para que não faça algo de inconveniente e, por causa disso, sofra uma ferida, tal como ela diz depois: "Fui ferida pela caridade".[105]

28 Não parecerá absurdo que essas palavras sejam ditas aos anjos, a quem a esposa pede para ser instruída e protegida; basta termos em conta o que se diz sobre o povo de Deus: “Alegrem-se os povos e suas nações, e que os anjos de Deus os confortem”;[106] e como se diz noutras passagens: “O anjo do Senhor estabelece seu acampamento em volta daqueles que o temem, e os livrará”.[107] E noutro lugar: “Não desprezeis um só desses menores” que estão na Igreja, “porque os anjos deles sempre estão diante do meu Pai que está no céu”.[108] Mesmo no *Apocalipse* de João, o Filho de Deus dá testemunho a favor da caridade daquele anjo, o de Tiatira, a quem tinha confiado aquela Igreja”,[109] pois assim está escrito: “Eu conheço as tuas obras, a tua caridade, a tua fé, tua atividade e paciência, e as tuas últimas ações, maiores do que as primeiras”. [110]

29 Também não parecerá despropositado se dissermos que essas palavras se referem aos profetas que estavam a serviço da Palavra de Deus, antes da vinda do esposo: a Igreja estaria aprendendo com a doutrina deles a ordem da caridade, isto é, seria instruída pelos livros proféticos.

30 Além disso, não seria inconveniente dizer que todos os santos que deixaram esta vida, tendo assim caridade pelos que continuam neste mundo, cuidam da salvação deles, e os ajudam com suas preces e intercessão junto de Deus. De fato, nos *Livros dos Macabeus* está escrito: “Este é Jeremias, o profeta de Deus, que reza sem cessar pelo povo”.[111]

31 Se essas palavras se dirigem aos apóstolos, como dissemos antes, também não parecerá estranho: é por eles que toda a Igreja de Deus, ou a alma que procura Deus, é introduzida na adega, como dissemos, e fica repleta de perfumes e odores, e recostada entre macieiras, tal como lemos adiante, e recebe ensinamentos sobre toda a ordem e razão da caridade.

Os bons frutos dos membros da Igreja a fortificam

8

1 “Fortalece-me com os teus unguentos, e deixa-me apoiar na macieira, porque a caridade me feriu.”[112] No texto em grego diz: “Fortalece-me com *amoyris*”,[113] sendo que *amoyris* designa uma certa espécie de árvore, que os latinos, supondo que se referia a mirra, interpretaram como sendo unguentos.

2 A sequência da narrativa é esta: depois que a esposa escutou as palavras da boca do próprio Esposo e entrou na câmara do rei, na adega, no local do convívio e da sabedoria, e depois que ela viu as vítimas e a taça dos mistérios, como se tivesse ficado estupefata de admiração com tudo isso e ferida, pede aos próprios amigos e companheiros do esposo que a fortaleçam; e, como fraquejava, que a ajudassem a apoiar-se um pouco sobre as árvores *amoyren*, ou nas macieiras, pois como foi atingida pelo amor, procura consolação e apoio nas árvores. Esta é a leitura literal.

3 Porém, para extrair dessas palavras o significado espiritual, necessitamos daquele dom que Salomão mereceu receber de Deus: saber tudo o que se refere “às raízes, árvores e arbustos, e às suas naturezas”,[114] para também nós sabermos as propriedades e virtudes dessa árvore *amoyren* e daí tirarmos a exposição espiritual competente.

4 A única coisa que sabemos sobre essa árvore é que ela tem um odor leve, mas não produz frutos, ao contrário da macieira, que, como todo mundo sabe, não só produz frutos, mas os produz muito doces e cheirosos.

5 Ora, de todos os homens se diz que são como árvores, umas boas e outras más, umas que dão frutos e outras não, como no Evangelho diz o Senhor: “Se uma árvore é boa, seu fruto é bom; e

se uma árvore é ruim, seu fruto é ruim",[115] e "Toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo".[116]

6 Portanto, são três as diferentes espécies de homens: uns que de modo nenhum dão fruto, e outros que dão fruto, mas destes uns têm frutos bons e outros ruins.

7 É aqui que a esposa, a Igreja de Cristo, pede para ser fortificada, e apoiar-se numa macieira que dê bons frutos, e o pede com razão. Com efeito, a Igreja se fortifica e é rodeada pelos que produzem bons frutos e crescem pelas suas boas obras.

8 Mas por que é que ela quer ser fortificada pelas *amoyris*, essas árvores sem frutos, e se contenta apenas com o odor? Creio que esses que se contentam apenas com o odor, e não produzem frutos na fé, são aqueles de quem diz Paulo quando escreve aos coríntios: "Os que invocam em todos os lugares o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso e deles também",[117] só pelo fato de invocarem o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, têm em si mesmos um bom odor, que lhes vem da própria suavidade da invocação do nome; mas não produzem nenhum fruto na fé, porque não se aproximam da fé com toda a confiança e liberdade.

9 Podemos, nessa passagem, reconhecer os catecúmenos da Igreja, sobre os quais ela, em parte, se apoia. Neles ela tem não pouca confiança, e bastante esperança de que eles também algum dia se tornem árvores frutíferas para serem plantadas no jardim de Deus pelo próprio Pai agricultor.[118] Pois é ele que planta essas árvores na Igreja de Cristo, que é um jardim de delícias,[119] tal como diz o Senhor: "Toda planta que não foi plantada pelo meu Pai celestial será arrancada".[120]

10 A Igreja está rodeada de macieiras, e sobre elas descansa. Essas macieiras são aquelas almas que cada dia se "renovam à imagem daquele que as criou".[121] Com efeito, como pela sua

renovação restauram nelas a imagem do Filho de Deus, com razão também elas são chamadas de “macieiras entre as árvores da floresta”.[122]

11 Não te admires de que o mesmo que é chamado de macieira e de árvore da vida[123] seja também verdadeiro pão[124] e verdadeira vide[125] e cordeiro de Deus,[126] e de muitas outras coisas seja chamado. A Palavra de Deus faz-se tudo isso para cada um, conforme a capacidade e o desejo de cada um dos que participam dele, tal como o maná, que, sendo um único alimento, assumia para cada um o sabor desejado.

12 Ele se oferece a si mesmo não só como pão para os famintos e vinho para os que estão com sede, mas ainda aos que querem provar delícias se apresenta como maçãs cheirosas. Por causa disso, a esposa, agora já restaurada e saciada, pede para ser fortificada com as maçãs, sabendo que para ela a Palavra não é apenas alimento, mas todas as delícias, e nisso está muito empenhada, porque se sente atingida pelas flechas da caridade.

13 Seja quem for que, em algum lugar, alguma vez, ardeu de amor pela Palavra de Deus, e se existe alguém, como diz o profeta, que recebeu a ferida suave da flecha escolhida dele, se há alguém que tenha sido atingido pelo dardo amoroso do conhecimento, de tal maneira que suspira de desejo por ele, de dia e de noite, ao ponto de não ser capaz de falar de outra coisa, de não querer escutar outra coisa, de não poder pensar em outra coisa, não ter prazer nem em desejar nem em esperar outra coisa, esta alma com razão diz: “Fui ferida pela caridade”, e essa é a ferida da qual fala Isaías: “Fez de mim uma flecha escolhida e escondeu-me na sua aljava”.[127]

14 Que Deus atinja as almas com essa ferida, as traspasse com tais flechas e dardos, as fira com chagas salutares, porque Deus é amor,[128] e para que elas possam também dizer: “Fui ferida pela caridade”.

15 Nessa espécie de drama de amor, a esposa diz que ela recebeu uma ferida da caridade. Mas, de modo semelhante, uma alma que arde pela Sabedoria de Deus pode dizer que foi ferida pela Sabedoria, e essa alma é, bem entendido, aquela que contemplou a beleza da Sabedoria dele. Outra alma, observando a magnificência do poder dele, e admirando o poder da Palavra de Deus, pode dizer: “O Senhor é a minha luz e o meu Salvador, de quem vou ter medo? O Senhor é o protetor da minha vida, a quem temerei?”.[129] Ainda outra alma, queimando de amor pela justiça, e considerando a distribuição da justiça dele, sem dúvida dirá: fui ferida pela justiça. Outra, percebendo a imensidão da sua bondade e da sua ternura, fala coisas semelhantes. E assim, o que todas elas têm em comum é essa ferida da caridade da qual a esposa se diz atingida.

16 Mas devemos saber que, assim como há essas flechas de Deus que infligem uma ferida de amor à alma que tem o desejo dos bens da salvação, há também os dardos inflamados do maligno,[130] pelos quais a alma que não é protegida pelo escudo da fé é ferida de morte. Desses dardos diz o profeta: “Eis que os pecadores esticaram o seu arco, tiraram suas flechas da aljava para flechar na escuridão os que têm coração puro”.[131]

17 Aqui ele chama de “pecadores que na escuridão disparam flechas” aos demônios invisíveis: são eles que têm os dardos da fornicação, os da ganância e da avareza, com os quais atingem muita gente. Têm também as pequenas flechas da arrogância e da presunção, mas estas são muito sutis, de tal modo que a alma mal percebe que foi picada por elas, se ela não estiver revestida das armas de Deus[132] e não estiver vigilante e inabalável diante das manobras do diabo, cobrindo-se completamente a si mesma com o escudo da fé[133] e não deixando a descoberto, sem a fé, nenhuma parte do corpo.

18 Sejam quantas forem as flechas preparadas pelos demônios, mesmo que elas sejam incendiárias, ardendo nas chamas das

paixões e nos incêndios dos vícios, se encontrarem o espírito do homem protegido pela fé, serão todas apagadas por uma fé plena.

A esquerda, o que a Igreja recebe do Verbo
A direita, a eternidade

9

1 “Sua mão esquerda estará sob a minha cabeça, e sua mão direita me abraçará.”[134] A descrição é bem adequada a um drama de amor no qual a esposa se apressa – a bem dizer, corre – para se unir ao seu esposo. Mais rápido ainda volta para o Espírito vivificante,[135] e, afastando-te das insinuações corporais, considera com atenção o que é a esquerda da Palavra de Deus, o que é a sua direita e o que é cabeça da esposa, isto é, a alma perfeita, ou a Igreja, e que o sentido carnal e passional não te atraia.

2 Aqui a mão direita e a mão esquerda do esposo são as que, nos *Provérbios*, se dizem da Sabedoria: “Sua vida longa está na direita, e na esquerda, riquezas e glória”.[136] E assim como nessa passagem não supões que a Sabedoria seja uma mulher só porque é chamada por um nome feminino, aqui também, onde o Verbo Divino é chamado esposo, no gênero masculino, não entendemos no sentido corporal sua mão esquerda e a direita, nem os abraços, só porque a esposa é uma palavra do gênero feminino.

3 Mas, posto que em grego Verbo Divino é masculino, e em latim é neutro, tudo o que se refere a essas questões – e não só à Palavra de Deus, mas também à sua Igreja e à alma perfeita, que é chamada esposa – deve ser pensado e entendido totalmente acima de quaisquer considerações de gênero, seja masculino, neutro ou feminino.

4 Nesse sentido, fala também o Apóstolo: “Em Cristo não há nem homem nem mulher, mas nele todos somos um só”.[137] Por causa daqueles que não podem entender a realidade a não ser por palavras de uso comum, a Sagrada Escritura relata essas realidades com as palavras que estamos acostumados a ouvir, mas

devemos compreender as coisas divinas e incorpóreas num sentido que seja digno delas.

5 Pois como aquele que se diz amante da beleza da Sabedoria mostra que transferiu para a Sabedoria o afeto natural de caridade que há nele, assim também aqui a esposa/Igreja pede que o seu esposo, a Palavra de Deus, com a sua mão esquerda segure a cabeça dela, e com a mão direita abrace e estreite todo o seu corpo.

6 É na esquerda que se diz que a Sabedoria contém as riquezas e a glória.[138] Mas quais são as riquezas, e qual é a glória que a Igreja tem a não ser as que recebeu dele, "o qual, sendo rico, se fez pobre para que da sua pobreza a Igreja ficasse rica"?[139] E de que glória se trata? Sem dúvida é aquela da qual diz: "Pai, glorifica o teu Filho",[140] referindo-se certamente à glória da Paixão. A fé na Paixão de Cristo é a glória e a riqueza da Igreja, que se contêm na mão esquerda da esposa.

7 Penso que é desse modo que se deve entender a esquerda da Palavra de Deus, porque há para ela certas obras dos desígnios divinos que se cumpriram antes da Encarnação, mas há outras que o foram pela Encarnação. Aquela atuação da Palavra de Deus que se exerceu antes de ter assumido a carne pode ser considerada a mão direita, mas o que se fez pela Encarnação é chamado esquerda.

8 É por isso que se diz que na esquerda ele tem as riquezas e a glória, pois pela Encarnação ele ganhou as riquezas e a glória, quer dizer, a salvação de todos os povos. Mas na direita ele possui a vida longa,[141] pela qual com certeza se indica a eternidade que a Palavra, que era Deus, tinha junto de Deus desde o princípio.[142]

9 Essa mão esquerda é a que a Igreja, cuja cabeça é Cristo,[143] quer ter sob a sua cabeça, e quer ter a sua cabeça protegida pela fé na sua Encarnação; mas quer ser abraçada pela sua direita, quer

dizer: ser instruída, e conhecer aquelas coisas que estavam escondidas no mistério e no segredo antes que viesse o tempo das suas ações na carne.

10 A direita deve aqui ser entendida como todas as coisas em que não há a miséria dos pecados, não há a fragilidade de uma falha; mas a esquerda, onde curou nossas feridas e carregou os nossos pecados,[144] por isso mesmo é para nós pecado e maldição.[145] Tudo isso, mesmo que sustentando a cabeça e a fé da Igreja, com razão é chamado de esquerda da Palavra de Deus. E nessa condição deve-se lembrar que, além dessa natureza que é toda direita e toda luz,[146] ela é também esplendor e glória.

A esposa desperte a caridade de quem dorme

10

1 “Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, pelos poderes e pelas forças do campo, não desperteis e não susciteis a caridade enquanto ele não o quiser.”[147] A esposa fala de novo às adolescentes convocando-as e exortando-as – mais ainda: conjurando-as por aquilo que ela sabe que lhes é querido e amado: que, se por acaso começaram a despertar a caridade que certamente nelas repousa, e a acordá-la, se ainda está dormindo nelas, que a despertem e acordem na medida em que o desejar o esposo, e não façam por ela menos do que a vontade dele o permitir.

2 Esta é a perfeição da esposa: desejar que ninguém vá contra as intenções e a vontade daquele que ela ama; e para que elas não procedam com negligência e descuido, ela as conjura pelos poderes do campo, quer dizer, pelas plantas novas e brotos que estão no campo, e pelas forças dele, ou seja: pelo que lá foi semeado.

3 A composição da narrativa foi interpretada nessa sequência e com essas palavras. Procuremos agora qual é o sentido misterioso que nela se contém.

4 Toda alma, sobretudo aquela que é “filha de Jerusalém”, tem um campo que lhe é próprio, e que lhe foi atribuído por Jesus de acordo com os seus méritos. Assim Jacó foi esse campo, do qual o patriarca Isaac, comovido pelo suave odor, dizia, em termos místicos: “O bom odor do meu filho é como o odor de um campo fértil que o Senhor abençoou”.[148]

5 Cada alma tem, como dissemos, o seu campo: sua vida e seu comportamento, eis o seu campo. A alma que é diligente e zelosa empenha-se e se esforça por plantar nesse campo todos os bons pensamentos, e cultivar todas as capacidades da inteligência, mas

não só essas capacidades, também as forças das obras com as quais se podem cumprir os ministérios que lhe competem.

6 Há, pois, para cada alma, como fica dito, um campo próprio, o qual ela cultiva, planta e semeia, conforme o que dissemos. Mas há, para todas as filhas de Jerusalém, um campo único e comum, do qual disse Paulo: “Sois o campo lavrado de Deus”.[149] Entendamos esse campo comum como sendo o exercício e a convivência da fé eclesial, e no qual com certeza têm que estar as potências celestes e as forças das graças espirituais.[150] Cada alma, aqui chamada de filha de Jerusalém, sabendo que sua Mãe é a Jerusalém celeste, [151] deve trazer algo para o cultivo desse campo, e desejar que ele seja digno de fazer parte do que é celestial.

7 A Igreja pede às adolescentes e aos que são principiantes na fé que, graças aos poderes e às forças desse campo, acordem e despertem a caridade de Cristo, e lhes diz: “Não perturbeis nem acordeis o amor, até que ele queira”, isto é: se agora começastes a agir, não pelo espírito de temor, mas por “um espírito de adoção”, [152] e progredistes ao ponto de que em vós o perfeito amor afasta o temor,[153] e se podeis despertar e excitar o amor, fazei-o crescer e exaltai-o, tanto quanto o quiser o Filho da caridade, pois ele mesmo, que vem de Deus, é caridade; não seja caso que, supondo que na caridade de Deus é suficiente a medida da caridade humana, façais alguma coisa que não seja digna de Deus.

8 A única medida da caridade com Deus é que ele seja amado tanto quanto ele mesmo quiser; ora, a vontade de Deus é sempre a mesma, sem mudar nunca. Por isso, na caridade de Deus não pode haver nenhuma mudança nem nenhum limite.

9 Repare-se, contudo, que ela não diz: “não recebais a caridade”, mas “não a acordeis”, como se dissesse: “ela está em vós, mas descansa e ainda não se levantou”. E depois não diz: “não a encontreis”, mas “não acordeis a caridade”, como a dizer que ela

está bem no interior, mas descansa e dorme nelas, até que haja alguém que a desperte. Creio que essa é a que, quando ainda dormia, Paulo acordava ao dizer aos seus discípulos: “Acorda, tu que estás dormindo, e tocarás em Cristo”.[154]

A esposa reconhece a voz de seu esposo e, com ele presente, desfruta das graças espirituais

11

1 "É a voz do meu amado".[155] Convém lembrar várias vezes que esse pequeno livro está escrito em forma de drama. O versículo que agora apresentamos oferece uma indicação desse tipo: quando a esposa dirigia suas palavras às filhas de Jerusalém, ouviu ao longe a voz do esposo falando com alguém; então ela interrompeu a conversa com as donzelas, prestou atenção ao que tinha ouvido, e disse: "É a voz do meu amado!".

2 Entende, pois, que o esposo, antes de se mostrar aos olhos da esposa, foi reconhecido só pela voz, mas depois apareceu à sua vista, saltando pelos montes das redondezas de onde ela morava, e pulou as colinas e os morros, não já com grandes passadas, mas saltitando como um cervo ou um cabrito, vindo assim todo apressado ao encontro da esposa.

3 Repara, porém, que, quando ele chegou à casa onde a esposa morava, parou um pouco atrás da casa, de tal modo que se percebia a sua presença, mas ele não queria entrar na casa de repente, às claras, pois antes disso queria observar a esposa pelas janelas, como se fosse um namorado.[156]

4 Adverte ainda que ao redor da casa da esposa há redes e armadilhas, para que ela, ou alguma das filhas de Jerusalém, fosse presa, se saísse. Mas o esposo, chegando a essas redes, certo de que não seria capturado por elas, porque era mais forte, as rompeu, e tendo-as rasgado ficou em cima das redes, olhando através delas.

5 Depois de fazer isso, ele diz à esposa: "Levanta-te, vem, minha companheira, minha Esposa, minha pomba";[157] essas coisas ele lhe diz para mostrar, pelas próprias ações, como ela deve ser

confiante e desprezar as redes e armadilhas que lhe preparou o inimigo, ao ver que elas estão desfeitas. A seguir, para estimular a esposa a vir depressa ter com ele, diz-lhe que o mau tempo já passou, que acabou o inverno (o que parecia para ela uma desculpa), as chuvas incômodas pararam, e chegou a estação das flores – “por isso, diz, não esperes mais e põe-te a caminho para vir ao meu encontro”.[158]

6 A primavera sorri e os agricultores cuidam das suas vinhas; ouvem-se os cantos dos pássaros e o arrulhar sonoro e agradável da rola. A figueira mostra seus brotos, segura como está do bom tempo, e as videiras, confiantes na tranquilidade do clima, exibem as suas flores e perfumes.[159]

7 Com essas palavras, o esposo quer animar a esposa, para que, com a bonança e serenidade da estação, empreenda o caminho até ele.

8 A seguir ele explica qual é o lugar onde quer descansar com ela: no abrigo de um rochedo, ao lado do muro (ou diante do muro), onde há uma boa sombra. Ele quer que ela vá até lá, retire o véu para que ele conheça o seu rosto, e, face a face, seu esposo a veja; e o esposo não só veja o rosto descoberto, mas também escute a sua voz, certo de que o rosto dela é formoso e a voz é suave e agradável.[160]

9 Antecipamos a narrativa relatando já essas passagens, para não interromper a sequência da ação e o texto da estória. Adiantamos a descrição até a passagem em que ele diz: “Porque a tua voz é suave e teu rosto é belo”. Retrocedamos agora e comecemos por considerar o que significa “a voz do meu amado”.

10 De início, foi apenas pela voz que a Igreja conheceu Cristo, pois na sua frente ele enviou os profetas, e, mesmo não sendo visto, era ouvido. Era pelo que dele se anunciava que ele era ouvido; e sua

esposa, a Igreja congregada desde o início dos tempos, nesse período inicial, só escutava a voz dele, até que com seus próprios olhos o viu, e disse: “Eis que ele vem pulando os montes e saltando sobre as colinas”.[161]

11 Pulava ele, de fato, pelos montes proféticos e as santas colinas, isto é, aqueles que neste mundo foram portadores da sua imagem e figura.

12 Mas também não é despropositado interpretar que ele salta sobre os apóstolos, mais alto que todos os montes; e também sobre os que foram escolhidos depois e enviados em missão, e que são as colinas. Neles, o esposo se faz de fato semelhante ao cabrito montês e ao cervo jovem: ao cabrito, porque sua vista alcança mais que a de todos os outros; e ao cervo, porque este veio para matar a serpente.

13 Toda aquela alma que está abraçada pelo amor da Palavra de Deus, e que está empenhada no estudo de um escrito, sabe o que acontece aos que têm experiência nesse assunto: que por vezes se chega a uma passagem que constrange nas dificuldades de interpretação. Tanto na Lei como nos profetas há temas e questões que são enigmáticos e obscuros; mas essa alma, que se sente apertada, fica aliviada quando percebe a presença do esposo e de longe escuta a sua voz.

14 E quando ele se aproxima mais dos seus pensamentos e começa a iluminar o que está obscuro, ela o vê “saltando sobre os montes e colinas” isto é, sugerindo-lhe pensamentos e entendimento superior e excelente, de tal modo que essa alma diz com razão: “Ei-lo que vem saltando sobre os montes e pulando nas colinas”.[162]

15 Ao dizer isso, não esquecemos que nos versículos anteriores já o esposo, estando presente, conversou de viva voz com a esposa; mas como este pequeno livro está escrito, como várias vezes

dissemos, em forma de drama, umas vezes as falas são atribuídas a um personagem, e outras vezes são ditas quando ele está ausente; e assim a troca de personagens é feita de tal modo que a trama fica bem organizada.

16 Disse uma vez o esposo à sua esposa (seus discípulos escolhidos): “Eis que estarei convosco todos os dias até a consumação dos tempos”.[163] Mas, noutra vez, diz na parábola que o pai de família “chamou os seus criados, distribuiu dinheiro a cada um para que o negociasse, e foi embora”;[164] e ainda outra vez diz que ele “se foi para assumir o seu reino”;[165] e noutro lugar fala do esposo ausente: “À meia-noite ouviu-se uma vozearia dizendo: eis que o esposo está chegando”.[166]

17 Assim, o esposo tanto está presente e ensina, quanto está ausente e é desejado: um e outro caso se aplica ou à Igreja, ou à alma diligente. Quando o esposo permite que a Igreja sofra perseguições e tribulações, parece que ele está ausente; mas quando ela caminha em paz e floresce na fé e nas boas obras, se dá conta de que ele está presente.

18 Sem dúvida, a Palavra de Deus está ausente da alma quando ela busca o sentido de alguma coisa, e deseja conhecer as coisas secretas e obscuras, mas não encontra. Porém, quem pode duvidar de que a Palavra de Deus está presente para iluminar a sua mente, e lhe oferecer a luz do conhecimento, quando o que ela procura aparece e se apresenta?

19 Pelo que nos escapa, ou que nos ocorre, sentimos, a cada momento, aquilo que se abre nos nossos pensamentos, e aquilo que se nos fecha. E assim iremos padecendo até que nos tornemos tais que o esposo não só nos visite com frequência, mas também se digne de ficar conosco. Foi o que aconteceu quando um discípulo lhe perguntou: “Senhor: como pode ser que primeiro te manifestas a nós, e não ao mundo?”; ao que o Senhor respondeu: “Se alguém

me ama guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e viremos a ele e nele faremos uma mansão”.[167]

20 Por isso, se nós também quisermos ver a Palavra de Deus, o esposo da alma, “saltando sobre os montes e exultando sobre as colinas”, primeiro ouçamos a sua voz, e, depois que o tivermos escutado em tudo, então nós poderemos vê-lo da mesma maneira que a esposa descreve nessa passagem. Pois ainda que ela antes já o tivesse visto, contudo não o tinha visto como agora, “saltando sobre os montes e exultando sobre as colinas [...], se encostando nas janelas [...] e olhando através das redes” – mais parece que antes ela o tinha visto no inverno.

21 Agora é a primeira vez que ele diz: “O inverno já passou”.[168] Como diz o texto: visita a esposa no inverno, isto é, no tempo das tribulações. Mas essa visita é diferente, pois nela a esposa é visitada por um pouco, e logo ele vai embora, para que ela seja provada, e de novo ele a procura, para segurar a sua cabeça e abraçá-la, para que ela não vacile na fé, ou que seu corpo não seja acabrunhado pelo peso das tentações. E assim, esse período me parece bem ser o do inverno, quando ela pedia que, com a mão esquerda o esposo segurasse a sua cabeça, isto é, o núcleo da sua fé, e com a mão direita abraçasse todo o seu corpo.

22 Por outro lado, essa visão que mostra os montes e colinas indica, creio eu, as alturas e os poderes das graças espirituais. Quando diz que ele espreita pelas janelas, significa, suponho eu, que ele oferece a luz aos sentidos da alma. As redes que ele rasga e destrói me parece que se referem às armadilhas diabólicas, pois o tempo das tentações e o inverno já passaram.

23 São também mostrados os sinais da primavera e do verão, tal como se diz nos *Salmos*: “O verão e a primavera foram feitos por ti”.[169] Por isso, a Igreja faz brotar as flores das obras perfeitas depois que superou as tentações e cumpriu a tarefa da poda, como se mostrará quando chegarmos a essa exposição.

O grande Deus pode tornar grandes aqueles que são capazes de receber o Verbo

12

1 “Ei-lo que chega saltando sobre os montes e pulando sobre as colinas”.[170] Já antes acompanhamos a sequência da narrativa, e agora vamos ver como Cristo vem até à Igreja saltando sobre os montes e se lançando sobre as colinas – lançando-se, e não pulando, parece ser o significado mais adequado às intenções do discurso.

2 De fato, Isaac caminhando e “progredindo tornava-se maior, até que ficou muito poderoso”.[171] Já Paulo não caminha quando progride, pois ele corre, como diz: “Terminei a minha corrida”.[172] Mas, para o nosso Salvador, e esposo da Igreja, não se diz nem que ele caminha, nem que corre, mas que ele salta e se lança sobre as alturas.

3 Se considerares como, num breve espaço de tempo, a pregação de Deus percorreu um mundo cheio de superstições, e o convidou a conhecer a verdadeira fé, entenderás o que quer dizer “salta sobre os montes”: com os seus saltos passa além dos grandes reinos, e os convence a receber o conhecimento da religião divina; ele se lança sobre as colinas quando, em pouco tempo, atrai para a piedade do verdadeiro culto também os reinos menores. E assim, saltando de lugar em lugar, de reino em reino, de província em província, saltando com o brilho da pregação graças àquele que dizia “difundiu-se o Evangelho de Deus por toda a parte, desde Jerusalém até à Ilíria”,[173] compreenderemos como é que ele vem “saltando sobre os montes e lançando-se sobre as colinas”.

4 Mas pode ainda entender-se de outro modo, como já dissemos antes, pois Moisés escreveu acerca dele[174] e os profetas também o anunciaram. Ora, esse anúncio, na leitura do Antigo Testamento, é

coberto por um véu; mas, quando o véu é retirado pela esposa, isto é, pela Igreja que se volta para Deus, ela o vê de repente saltando sobre esses montes, quer dizer, os livros da Lei; e por cima das Escrituras proféticas, onde, pela claridade e evidência da sua manifestação, mais se lança do que surge. É como se, revirando as páginas das leituras das profecias, em cada passagem dos textos Cristo saltasse à vista, desde que foi retirado o véu que o tapava antes, e agora ela o vê vindo à tona, a irromper numa revelação incontestável.

5 Creio que é por isso que o próprio Jesus, quando se transfigurou, não o fez numa planície ou num vale, mas subiu ao monte e lá se transfigurou – isso é para sabermos que ele aparece sempre sobre os montes e sobre as colinas, para nos ensinar a não o procurar, a não ser nos montes da Lei e dos profetas.

6 Encontrarás nas Escrituras muitos lugares que indicam que os montes são chamados santos, como nos *Salmos*: “Suas fundações estão nas montanhas santas”,[175] e também: “Levantei meus olhos às montanhas de onde me vem o auxílio”.[176] De fato, nas atribulações nós buscamos o socorro nos significados das Sagradas Escrituras.

7 Podemos dizer que o Novo Testamento é como os montes sobre os quais se diz que a Palavra de Deus salta; e que as colinas sobre as quais se lança, depois de muito tempo fechados e ocultos, são os livros do Antigo Testamento.

8 Em *Jeremias,* encontramos que os caçadores e pescadores que são enviados para buscar os homens e salvá-los vão aos montes e colinas para pegá-los, como se diz: “Eis que envio muitos pescadores e muitos caçadores para buscá-los sobre todos os montes e sobre todas as colinas”.[177] Creio que é no futuro, na consumação dos tempos, que essas coisas devem cumprir-se, quando os anjos forem enviados, de acordo com a parábola do

Evangelho, na época da ceifa, para separar o bom grão do inço;[178] então aquele cuja vida e cujo comportamento forem de superior qualidade, e eminentes, será encontrado nas montanhas e nas colinas, e não nos lugares planos e desprezíveis, nem onde pudesse estar misturado com o inço, mas firme nos mais elevados pensamentos e nas alturas da fé, sempre abraçando a Palavra de Deus, “saltando nos montes e lançando-se por sobre as colinas”.

9 Numa outra parábola de sentido semelhante, diz o Evangelho: “Se alguém estiver sobre o telhado, não desça para buscar seja o que for dentro de casa”.[179]

10 Esse versículo é muito fértil em significados, e pode nos sugerir ainda outro sentido. De fato, é possível chamar de monte ou colina, pela qualidade da sua vida e grandeza da sua inteligência, todo aquele que crê em Deus com uma fé plena; mesmo que algum dia tenha sido um vale, quando Jesus progride nele “em idade, em sabedoria, e em graça”,[180] “todo vale será preenchido”.[181] (Ao contrário, todos os orgulhosos e arrogantes, como se fossem montanhas e colinas, serão abaixados, pois aquele que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado.) Pois desses[182] se diz: “Os que confiam no Senhor serão como o monte Sião”,[183] e de Jerusalém se diz: “Está rodeada de montes”.[184]

11 Isso me leva a pensar que o nosso Salvador, de quem também se diz que é uma “pedra destacada do monte sem a ajuda das mãos e se tornou numa grande montanha”,[185] com razão pode ser chamado, tal como Rei dos Reis[186] e Pontífice dos Pontífices,[187] também “Monte dos montes”.

12 Mas podemos dar lugar a uma terceira explicação, e para isso vamos referir a expressão a cada uma das almas. Se há algumas que têm mais capacidade para receber a Palavra de Deus, que “beberam a água que Jesus lhes deu e nelas se fez uma fonte de água viva jorrando para a vida eterna”,[188] nelas – nas quais a

Palavra de Deus ferve, por assim dizer, sem cessar, em pensamentos abundantes e copiosos –, que se tornaram, pelo mérito das vidas, da ciência e da doutrina, em montes e colinas, a Palavra de Deus, muito acertadamente se diz, salta e se lança, tornando-se, pela abundância da doutrina, “uma fonte de água viva jorrando para a vida eterna”.

A compreensão das realidades invisíveis através das visíveis

13

1 “O meu amado é semelhante ao cabrito e ao jovem cervo nos montes de Betel.”[189] O cabrito e o cervo contam-se entre os animais puros, como se pode verificar pelo que diz o *Deuteronômio*: “Estes são os animais que podereis comer: entre os animais de criação o bezerro e o cordeiro; dentre os caprinos o cabrito; e também o cervo e a gazela, o búfalo, o gamo, o antílope e a girafa”. [190]

2 Em muitas passagens da Sagrada Escritura, o santo é comparado ao cervo, como o que está escrito no Salmo: “A minha alma suspira por ti, Senhor, assim como o cervo deseja a fonte das águas”.[191]

3 Contudo, nas palavras que retiramos do *Deuteronômio*, não se deve desconsiderar o modo como se conserva uma ordem adequada na enumeração dos animais puros, escrevendo primeiro bezerro, depois cordeiro, e em terceiro lugar o cabrito. Mas entre os animais que, segundo o mesmo Moisés, não são oferecidos no altar, em primeiro lugar coloca o cervo, depois o cabrito, e a seguir, depois dele, inscreve por ordem os restantes animais. Aqueles que mais receberam do Espírito Santo, como graça espiritual, o dom da ciência, claramente o vão entender.

4 Para nós, porém, que precisamos explicar o que se refere ao cervo e ao cabrito na exposição desse versículo, parece oportuno reunir da Sagrada Escritura tudo o que pudermos que diga respeito a esses animais; já Moisés, quando tratava acerca das carnes que não eram oferecidas ao altar, mas que podiam ser comidas à vontade, cita o cabrito e o cervo.[192]

5 É notável o que diz o *Salmo 28*, onde se escreve por ordem acerca dos poderes e da eficácia da voz de Deus, falando assim do

cervo: “Voz do Senhor que aperfeiçoa os cervos (isto é: faz perfeitos os cervos) e abrirá o que está compacto”.[193] Pois assim como se diz que a voz do Senhor corta ao meio a chama de fogo e faz tremer o deserto,[194] assim também se afirma que “aperfeiçoa os cervos e abrirá o que está compacto”.

6 Também no *Livro de Jó* encontramos uma referência ao cervo: “O Senhor falou a Jó no meio da tempestade e das nuvens”.[195] “Prestaste atenção no parto dos pequenos cervos, ou contaste todos os meses de gestação até o parto, aliviaste as suas dores, alimentaste os recém-nascidos, ou serás capaz de fazer com que seus partos sejam sem dores? Suas crias se separarão com violência, e se multiplicarão à nascença; partirão e não regressarão.”[196]

7 Ao que devemos acrescentar o que se lê nos *Provérbios*: “O pequeno cervo é de bom trato e gracioso, e ele falará contigo”.[197] Até aqui os textos que nos ocorreram que se referem ao cervo.

8 Escolhemos essas passagens para “falar não com a doutrina da sabedoria humana, mas com a doutrina do Espírito, comparando o que é espiritual com os espirituais”.[198] E por isso invoquemos Deus, o Pai da Palavra, para que ele nos revele os segredos da sua Palavra, e afaste os nossos pensamentos da doutrina da sabedoria humana e nos levante e eleve à doutrina do Espírito, para que possamos expor não o que diz respeito ao ouvido carnal, mas o que está contido nas intenções do Espírito Santo.

9 O apóstolo Paulo nos ensina a compreender as realidades invisíveis de Deus por meio das visíveis,[199] e a contemplar as coisas que não se veem a partir das coisas que se veem, por meio da razão e da semelhança. Desse modo, ele nos mostra que este mundo visível nos instrui sobre o invisível, e que as coisas terrestres contêm certas cópias das realidades celestes, a fim de que nós possamos subir das coisas daqui de baixo até as realidades

superiores, e, a partir do que vemos na terra, perceber e entender as coisas que estão nos céus. O Criador deu às coisas celestes certa semelhança com as diversas criaturas que estão na terra, para que estas mais facilmente possam ser entendidas em sua diversidade.

10 Pode ser também que Deus, assim como criou o homem à sua imagem e semelhança tenha criado todas as outras criaturas por semelhança com as imagens celestes. Pode ser que cada uma das criaturas que estão na terra tenha um pouco de semelhança e imagem com alguma realidade celestial, de tal modo que até o "grão de mostarda, que é a menor entre todas as sementes",[200] tenha nos céus alguma imagem e semelhança.

11 O fato de que ela seja dotada de tal natureza que, "mesmo sendo a menor de todas as sementes, se torne maior do que todos os arbustos, ao ponto de que os pássaros venham do céu para habitar nos seus ramos",[201] carrega uma semelhança não só com alguma imagem celeste, mas com o próprio Reino dos céus.

12 É possível, então, que outras sementes que estão na terra também tenham algo de semelhança e de "razão".[202] Mas se as sementes a têm, as plantas, sem dúvida, também; e se as plantas têm, sem dúvida também têm os animais, tanto as aves como os répteis e os quadrúpedes.

13 Além disso, ainda se pode entender de outra maneira: do mesmo modo que o grão de mostarda não encerra apenas uma semelhança no Reino dos céus, pelo fato de as aves habitarem nos seus ramos, mas tem outra imagem, que é a da perfeição da fé – pois se diz que, se alguém tiver uma fé nem que seja como um grão de mostarda e disser à montanha para mudar de lugar, ela se mudará –, assim é possível que também as outras coisas contenham muitas figuras e imagens celestes, e não apenas uma.

14 Tomando esse exemplo do grão de mostarda, se vê que há muitas propriedades portadoras de imagens celestes, e que o uso que os homens delas fazem para o serviço do corpo é a última e mais humilde delas. Assim, também nas outras plantas e arbustos, e em outras sementes e raízes de plantas, e mesmo nos animais, se pode entender que elas prestam aos homens um uso e serviço corporal, mas que elas apresentam figuras e imagens das coisas não corporais, e por estas a alma pode ser ensinada e instruída a contemplar as coisas que são invisíveis e celestes.

15 Talvez seja por isso que o escriba da divina *Sabedoria* diz: “Ele mesmo me deu o conhecimento verdadeiro do que existe, para me fazer conhecer a substância do mundo e as forças dos elementos, o começo, o fim e o meio dos tempos, as mudanças e as rodas das estações, os ciclos do ano e as posições das estrelas, as naturezas dos animais e as fúrias das bestas, as violências dos ventos e os pensamentos dos homens, as variedades dos arbustos e as propriedades das raízes, e assim conhecer tudo o que está escondido, e também o que está manifesto”.[203]

16 Repara, pois, se com essas palavras da Escritura podemos captar com mais clareza e evidência aquilo que nos propusemos discutir. Com efeito, quem escreveu o *Livro da Sabedoria* divina, depois de ter enumerado cada um dos seus conhecimentos, no final diz que recebeu “o conhecimento das coisas ocultas e das que são manifestas” mostrando, sem dúvida, que cada uma das coisas que estão à vista se referem às que estão ocultas, ou seja, que cada uma das realidades visíveis tem algo de semelhança e de razão com as invisíveis.

17 Para o homem que vive no corpo é impossível conhecer seja o que for do que é oculto e invisível, a não ser alguma imagem e semelhança que tenha concebido a partir do que é visível. Por isso, suponho eu, “aquele que tudo faz com sabedoria”[204] criou cada uma das espécies de coisas visíveis na terra, de tal modo que nelas

colocou certa doutrina e conhecimento das coisas invisíveis e celestes. Desse modo, por elas a mente humana pode ascender até à inteligência espiritual e procurar as causas das coisas nas realidades celestes, para que, instruída pela Sabedoria de Deus, também ela possa dizer: “Conheci o que era oculto, e o que era manifesto”.[205]

18 Segundo essa passagem, conhece “a substância do mundo”, e não só essa visível e corporal, que está à vista, mas também a incorpórea e invisível, que está oculta. Conhece também “os elementos do mundo”, não só os que se veem, mas também os que se não veem, e as propriedades de uns e de outros.

19 Mas quando fala do início e do fim dos tempos, e do seu meio, certamente se refere ao início deste mundo visível, que Moisés situa em menos de seis mil anos, e da metade conforme os cálculos das épocas, e do fim que se espera quando “o céu e a terra tiverem passado”.[206]

20 Mas, segundo a ciência das realidades ocultas, trata-se do início que entende aquele que foi ensinado pela Sabedoria de Deus, que nenhum tempo nem nenhum mundo material pode conter; o meio é o que agora existe, e o fim é o que há de vir no futuro, ou seja, a perfeição e a consumação de todas as coisas; essas realidades podem ser entendidas e conhecidas a partir das que são visíveis.

21 Mas quanto às “mudanças e às rodas das estações, e os ciclos do ano”, o autor relaciona as coisas que se veem aos períodos e vicissitudes das realidades invisíveis. Os ciclos dos anos temporais e atuais, ele os relaciona aos anos mais antigos e perduráveis, conforme o que alguém disse: “No meu pensamento estavam os anos perduráveis”.[207]

22 Quanto à posição das estrelas, ele não duvida de nos remeter daquelas que claramente se veem às que são ocultas, pois ele

mereceu “a ciência do que está escondido e do que está manifesto”; ele vai dizer que são certa estirpe de santos que descendem diretamente de Abraão, “tal como as estrelas do céu”.[208] Além disso, de acordo com a ciência das realidades ocultas, afirmará que as estrelas são o brilho da futura ressurreição, segundo aquele que disse: “O brilho do sol é um, e o brilho da lua é outro, e outro o brilho das estrelas, e mesmo entre as estrelas há diferenças no brilho. Assim também será na ressurreição dos mortos”.[209]

23 No mesmo sentido, também deves entender comigo o que diz: “As naturezas dos animais e as fúrias das bestas”. De fato, se não conhecesse bem as naturezas dos animais, o Salvador nunca teria dito nos Evangelhos: “Diz a essa raposa”;[210] nem João [Batista] teria dito de alguns: “Serpentes, raça de víboras”;[211] e também o profeta não teria dito de alguns: “São como garanhões”,[212] e outro disse: “O homem, quando era respeitado, não compreendeu. Ficou no mesmo nível das alimárias irracionais e se fez como elas”.[213]

24 Aquele que dizia que “a fúria deles se assemelha à das serpentes como uma víbora surda que se tapa os ouvidos”,[214] com certeza conhecia bem as fúrias das bestas. É desse modo que se deve interpretar o que se diz da força dos ventos, quando fala das ventanias e das brisas que se veem, mas também dos ventos violentos dos espíritos imundos aos quais Paulo chama “os ventos da doutrina”.[215]

25 Daqui se segue que também conheça na ordem corporal os pensamentos dos homens, que procedem do coração humano,[216] mas na ordem invisível entende aqueles que inspiram aos homens pensamentos maus e péssimos, tal como está escrito no Evangelho: “Então o diabo incutiu no coração de Judas que traísse o Senhor”, [217] e como está escrito nos provérbios: “Se se levanta contra ti o espírito daquele que tem o poder, não saias do teu lugar, porque a serenidade previne grandes pecados”.[218]

26 Além disso, existe um autor de bons pensamentos, e creio que é por isso que nos *Salmos* está escrito: “Feliz o homem cujo socorro vem de ti, Senhor, que puseste elevações no coração dele”;[219] e de novo: “O pensamento do homem te louvará, e os restantes pensamentos celebrarão para ti um dia de festa”.[220]

27 Assim, pois, conforme o que dissemos antes, todas as coisas podem ser transpostas do que é visível para o invisível, do corpóreo para o incorpóreo, e do que é manifesto para o oculto, para que se entenda que a própria criação do mundo foi feita pela Sabedoria divina, de tal modo que ela nos ensine, pelas coisas e pelos modelos visíveis, a chegar às realidades invisíveis, e das coisas terrestres nos faça passar ao que é celestial.

28 Esses argumentos não só se encontram em todas as criaturas, mas também na própria Sagrada Escritura, que está redigida com um estilo cheio de sabedoria. Na ordem visual, mas por razões ocultas e místicas, o povo foi tirado do Egito terrestre[221] e caminhou pelo deserto, onde a serpente e o escorpião picam; passava sede pois não havia água, e as demais coisas que são narradas. Mas tudo isso, como dissemos, contém figuras e imagens do que está escondido.

29 Essas coisas encontrarás não só no Antigo Testamento, mas também nos relatos acerca de Nosso Senhor e Salvador que são descritos nos Evangelhos.

30 Por conseguinte, se todas as coisas que estão à vista se referem às que estão ocultas, conforme o que demonstramos acima, sem dúvida que aquele cervo visível, e aquele cabrito de que se fala no *Cântico*,[222] segundo a “razão” de sua natureza, que transparece na ordem natural, se referem a outras origens das realidades não corpóreas, de tal modo que a esses cervos escondidos e invisíveis parece que se aplica a palavra: “A voz do Senhor aperfeiçoa os cervos”.[223]

31 Que perfeição viria, realmente, a esses cervos visíveis, pela voz do Senhor? Ou que doutrina desceu até eles alguma vez pela voz do Senhor? Mas se procurarmos os cervos espirituais, dos quais o animal corporal carrega a figura e a imagem, verás que pela voz do Senhor eles são conduzidos à máxima perfeição.

32 Pergunta-se também que corças são essas de cujo parto o Senhor deve cuidar, e como ele oferece os seus serviços nos partos dos filhos delas, até que deem à luz tais filhos que venham a ser capazes de enfrentar e perseguir as serpentes, como convém à majestade divina. Trata-se de saber de que corças é que Deus deve cuidar do parto, para que não ocorram abortos, mas cumpram todos os meses da gestação; e de como deve prestar assistência às suas dores e trabalhos para que suas gerações não pereçam inutilmente, que seu nascimento seja perfeito, e que elas deem à luz até que "Cristo nelas esteja formado".[224]

33 O Senhor mesmo alimenta as crias das corças, ou seja, daqueles que elevam ao Senhor o seu pensamento, para que ele os alimente e os preserve das dores do parto, quando eles "conceberem o temor de Deus, e derem à luz e parirem o Espírito da salvação".[225] As dores de um parto como esse é o Senhor mesmo que previne e cuida.

34 Mas também pode deixar que sintam as dores, para que "se vão chorando e carregando suas sementes, e que sintam as dores próprias dos humanos, e sejam atormentados como os homens, para que não se encham de orgulho".[226]

35 Esses mesmos, os tais cervos, segundo dizem, rejeitam as suas crias;[227] é que, aqueles que pelo Evangelho[228] geraram, eles os retiram à força dos vínculos do pecado, e dos laços do diabo, para que não continuem presos à sua vontade.[229]

36 Eles se multiplicarão, e, tal como está dito, não voltarão atrás;

[230] não imitarão a mulher de Lot, não olham para trás.[231] Eles sabem que quem põe a mão no arado, se olhar para trás, não está capacitado para o Reino dos céus.[232] Mas esquecem sempre o que fica para trás, e se projetam no que está para a frente.[233] São esses cervos que a voz do Senhor faz perfeitos.

37 Mas o que é a voz do Senhor senão aquela que temos na Lei e nos profetas e chega até João, que era a voz que clamava no deserto?[234] Essa era a voz de João, que dizia: “Preparai os caminhos do Senhor, endireitai as veredas do nosso Deus”;[235] tornava perfeitos os cervos para que fossem perfeitos num mesmo pensamento e num mesmo conhecimento.[236] Quem é que pode dizer com razão: “Assim como o cervo deseja as fontes das águas, assim a minha alma te deseja, meu Deus”?[237]

38 Quem é esse cervo amigo[238] senão aquele que esmagou a serpente que seduziu Eva[239] inoculando nela o veneno do pecado pelo hálito da sua palavra, contagiando toda a sua descendência com a mancha da sua prevaricação? Foi ele que veio abolir na sua carne as inimizades[240] que o pernicioso mediador tinha introduzido entre Deus e o homem.

39 Quanto ao pequeno animal gracioso,[241] pode-se entender que é o Espírito Santo, do qual obtêm graças espirituais e dons celestes aqueles que têm sede e desejo de Deus.[242]

40 Dissemos tudo isso para que fique mais claro o motivo pelo qual a esposa compara o seu amado à cria do cervo. Pois se é preciso explicar por que é comparado não ao cervo, como noutros lugares, mas à cria do cervo, repara que, “quando tinha a condição de Deus, um Filho nos foi dado, um menino nasceu para nós, e o poder está sobre os seus ombros”.[243] Por isso ele é a cria do cervo, porque nasceu um menino pequeno.

41 Talvez os cervos possam representar alguns santos, como

Abraão, Isaac, Jacó, Davi, Salomão e todos aqueles de cuja semente Jesus nasceu segundo a carne.[244] A voz do Senhor fez perfeitos esses cervos, mas ele é a cria deles, uma criança que nasceu deles segundo a carne.

42 Chama-me a atenção, ainda, aquilo que está escrito no *Salmo 103*, onde diz: “As altas montanhas para os cervos”.[245] Dissemos acima que por cervos se podem entender os santos, que vieram a este mundo para destruir o veneno das serpentes. Mas vejamos que altas montanhas são essas que parecem reservadas só para os cervos, e às quais ninguém pode subir se não for cervo. Creio que se chama “altas montanhas” o conhecimento acerca da Trindade, cujo entendimento ninguém alcança, a menos que se faça cervo.

43 Mas esses mesmos que aqui são chamados no plural, “altas montanhas”, noutros lugares se diz que são “alta montanha” no singular, como diz Isaías: “Sobe à montanha alta, tu que anuncias a Sião a Boa-Nova. Clama com voz forte, tu que anuncias a Boa-Nova a Jerusalém”.[246] Assim, aquele mesmo que lá se entende como Trindade, pela distinção das pessoas, aqui é um só Deus na unidade da substância. Sobre o tema da cria dos cervos é o que há a dizer.

44 Vejamos agora como é que o amado é comparado ao cabrito montês, ou à corça. Esse animal, no que se refere ao vocábulo em grego,[247] deve seu nome à sua vista e ao seu olhar acurado. Mas quem é que vê tão bem como Cristo? Só aquele que vê ou conhece o Pai.[248]

45 Quando se diz que os puros de coração verão Deus,[249] sem dúvida o verão porque ele o revelou; de fato o cabrito montês tem tal natureza que não só vê muito acuradamente, mas também melhora a visão dos outros. Realmente, os que entendem de medicina dizem que nas vísceras desse animal há certo líquido que limpa a sujeira dos olhos e torna mais agudos os olhares debilitados. Por isso, é

com razão que Cristo é comparado ao cabrito montês e à gazela, porque não só ele vê o Pai, mas faz com que o vejam aqueles cuja visão ele curou.

46 Cuida, porém, que quando escutares “ver o pai” não entendas que se trata de alguma visão corporal de Deus. A visão de Deus não é corporal, mas da mente e do espírito. O mesmo Salvador, no Evangelho, distinguiu os vocábulos, e não disse que “ninguém viu o Pai a não ser o Filho”, mas “ninguém conheceu o Pai a não ser o Filho”.[250] E conclui dizendo que àqueles que faz com que vejam Deus, ele dá o Espírito de ciência, o Espírito de Sabedoria”,[251] para que, graças ao Espírito, vejam Deus. Por isso, dizia aos discípulos: “Quem me viu, viu o Pai”.[252]

47 Porém não seremos insensatos a ponto de supor que quem viu Jesus no seu corpo viu o Pai; se fosse assim, também os escribas e fariseus hipócritas,[253] que viram Jesus segundo a carne, teriam visto Deus Pai, e da mesma forma o teriam visto Pilatos, que o entregou para ser flagelado,[254] e todo aquele povo que gritava: “Crucifica-o, crucifica-o”.[255] Isso seria não só absurdo, mas até ofensivo a Deus.

48 Certa vez em que caminhava com os discípulos e a multidão se comprimia à sua volta, muitos se apertavam e empurravam, mas de ninguém ele disse que lhe tinha tocado, a não ser daquela que sofria de um corrimento de sangue e que tocou a bainha da sua capa; somente dessa ele deu testemunho, dizendo: “Alguém me tocou, pois senti que uma força saía de mim”.[256] Da mesma forma, mesmo sendo muitos os que o viam, de nenhum se diz que o viu, a não ser quem reconheceu que ele é a Palavra de Deus[257] e o Filho de Deus. Só desse modo é que se diz que conheceu e viu o Pai.

49 Além disso, não podemos esquecer de que ele é comparado ao cabrito e à cria do cervo, mesmo que o cervo seja um animal de maior porte do que o cabrito.

50 Mas é bom ter em conta se a razão não será esta: como a salvação dos fiéis se opera de duas maneiras, a saber: pelo conhecimento da fé e pela perfeição das obras, o primeiro grau da salvação é a ordem da fé, que compete, como dissemos, ao olhar e perspicácia de atenção do cabrito, e, em segundo lugar, se menciona a perfeição das obras figurada pelo cervo, que vence e destrói os venenos das serpentes e os artifícios diabólicos.

51 É assim que a esposa diz que o seu Amado é como o cabrito montês e a cria dos cervos nos montes de Betel,[258] palavra que significa “a casa de Deus”. Por isso os montes, que estão na casa de Deus, podem ser entendidos como os livros da Lei e dos Profetas, mas também se entendem os livros dos Evangelhos e dos Apóstolos, nos quais a fé em Deus se vê com clareza e se contempla, e a perfeição das obras se aprende e se vê cumprida.

O esposo convida a esposa a, pelas realidades visíveis, contemplar as invisíveis

14

1 “Eis que ele está aqui de pé, junto à parede da nossa casa, apoiado nas janelas, olhando atrás das frestas. Meu amado respondeu e me disse”.[259] Quando considero as dificuldades de procurar o sentido desses discursos da Escritura que aqui temos, parece-me que estou a sofrer o mesmo que sofre aquele que, à procura da caça, avança guiado pelo faro apurado do cão. Acontece às vezes ao caçador que, quando julga estar atrás do animal que perseguiu, e perto do esconderijo da fera, de repente se vê afastado dos vestígios das pegadas. Mas de novo o faro do cão o traz de volta às mesmas pistas que tinha seguido longamente, até que chega ao lugar onde, saltando de um pulo, os animais caçados de repente passaram a outra pista; o caçador faz um esforço maior para persegui-los, assegurado, pela firmeza dos rastos, na esperança de conseguir a sua presa.

2 Também nós, quando os vestígios da explicação proposta de algum modo se apagaram, voltamos um pouco atrás, e, seguindo uma ordem de explicações mais adequadas que a anterior, esperamos que o Senhor nosso Deus entregue a caça nas nossas mãos, e que, preparando-a com os conhecimentos da mãe Raquel, consigamos obter as bênçãos do pai espiritual Jacó, temperando-os com o sal da palavra espiritual.

3 Por isso, parece necessário, como tínhamos dito, voltar atrás e rever brevemente a primeira explicação, para descobrir qual é o seu sentido mais claro.

4 Parece-me, pois, que desde o início da apresentação desse drama, a esposa está fora de casa, na encruzilhada, e fica olhando para um lado e para o outro, movida pelo amor do esposo, querendo

saber de onde é que ele vem, e não quer entrar num caminho porque não sabe se é de lá que ele vem, não quer ficar em casa, mas fora, porque está agitada pelo desejo, e diz: “Que ele me beije com os beijos da sua boca”. Mas, quando o esposo chegar, ela dirá: “Teu peito é melhor do que o vinho”, e assim por diante, até ao ponto em que fala: “Corremos atrás de ti”.[260]

5 Depois dessa cena, tendo amado e recebido do esposo a recíproca do seu amor, entra no quarto dele e diz: “O rei me introduziu no seu quarto”. Essas e outras coisas que estão escritas na continuação ela fala já de dentro do quarto, dirigindo-se ao esposo na presença e companhia das moças que acompanham a esposa, e dos companheiros do esposo.

6 Devemos compreender que o esposo, sendo o homem da casa, nem sempre está em casa, nem sempre está junto da esposa, mas ela fica em casa; ele sai com frequência, e ela, espicaçada pelo seu amor, procura por ele quando ele não está; mas ele só volta para ela de vez em quando. É por isso que, ao longo de todo o livro, umas vezes o esposo é procurado porque está ausente, e outras vezes está em casa conversando com a esposa.

7 Essa é a esposa que, depois de ter visto e apreciado muitas coisas na câmara do esposo, pediu para ser levada à adega, e, quando lá chegou, e viu bem o que lá estava, e o esposo, homem como é, não estando em casa, a esposa, incitada de novo pelo amor por ele, saiu para fora e deu voltas à casa, e entrava e saía, e olhava para todo o lado à espera de quando ele voltaria para ela. E eis que de repente o viu, saltando a passos largos por cima dos altos montes vizinhos, descendo até a casa onde ela estava esmorecida de amor por ele.

8 Chegando, porém, ao muro da casa, o esposo parou um pouco para pensar, como às vezes se faz, refletindo em alguma coisa. E logo, sentindo o amor pela esposa, aproveitando que sua estatura lhe permitia alcançar as janelas da casa, na parte mais alta em que

as janelas têm uma gelosia, olhando daí fala com a esposa e lhe diz: “Levanta-te e vem, minha companheira, minha bela, minha pomba” e assim continua.[261]

9 Esta é, como dissemos, uma das passagens mais difíceis de entender e de descobrir o significado. Talvez fique mais fácil de entender se voltarmos a examinar o que se passou e o que foi dito.

10 Mas a explicação espiritual não parece ser tão complicada e difícil. A alma, esposa do Verbo, que reside na casa do rei, isto é, na Igreja, é instruída pelo Verbo Divino, seu esposo, acerca de tudo o que está escondido e guardado no palácio do rei e no quarto do rei. Ela aprende que, nessa casa, que é a Igreja do Deus vivo, há também a adega desse vinho que foi recolhido das santas prensas, não só vinho novo, mas também velho e suave, que é a doutrina da Lei e dos profetas. Quando a alma está suficientemente instruída nesses vinhos, ela recebe aquele que estava desde o princípio em Deus: a Palavra de Deus. Mas ele não está sempre com ela, isso não é possível para a natureza humana: umas vezes ele a visita, e por algum tempo se afasta, para que ela mais o deseje.

11 Quando a Palavra de Deus a vem visitar, diz o versículo que ela vem saltando sobre os montes, e o sentido é que vem lhe revelando os elevados e sublimes pensamentos da ciência celeste, para chegar até a edificação da “Igreja, que é a casa de Deus vivo, coluna e apoio da verdade”,[262] e que ele fica junto à parede, para nem ficar totalmente escondido, nem completamente à vista.

12 A Palavra de Deus e a explicação da ciência não são para expor ao público nem para ficar onde possam espezinhá-la;[263] mas deve ser encontrada ao longo de uma busca, e não, como dissemos, exposta aos olhares de todos, antes escondida como se estivesse atrás de uma parede.

13 Não se deve supor que a alma, da qual se diz que está na

Igreja, esteja dentro das paredes de um edifício: ela está abrigada pelas muralhas da fé e pelas construções da sabedoria, e sob o teto elevado da caridade. São, pois, a boa intenção e a fé nas doutrinas corretas que fazem a alma residir na Igreja. Nessa casa, conforme os níveis das graças e da diversidade de dons espirituais, há membros que são chamados “câmaras”, ou “adegas”, e outros nomes semelhantes.

14 A parede é, portanto, aqui uma parte da casa, que pode indicar a firmeza na fé; junto dela, segundo se diz, está o esposo, e, em relação aos outros, ele é tão alto e sobranceiro que passa acima dos edifícios, e pode ver a esposa (ou seja: a alma). Na verdade, ele ainda não se apresenta a ela inteiramente, mas como que espiando pelas gelosias; ele a encoraja e convida a não ficar dentro de casa sem fazer nada, mas a sair ao seu encontro, e a se esforçar por vê-lo, não já através das janelas e pelas gelosias, nem por um espelho num enigma,[264] mas face a face, avançando para fora. Por isso, como ele não está na frente da parede, mas atrás dela, ela ainda não o pode ver.

15 Mas ele também se debruça nas janelas, que certamente estavam abertas para receber a luz e iluminar a casa. Ao debruçar-se sobre elas, e espiando para dentro, é que a Palavra de Deus convida a alma a se levantar e a vir ao seu encontro.

16 Podemos também entender que as janelas são os sentidos corporais, pelos quais entram na alma tanto a vida como a morte; assim o indica o profeta Jeremias, quando fala dos pecadores e diz: “A morte subiu pelas vossas janelas”.[265] Como é que a morte sobe pelas janelas? Se os olhos do pecador “olham para uma mulher para desejá-la, cometeu adultério com ela no seu coração”[266] quando olhou para ela desse modo, e assim a morte entrou na alma pelas janelas dos olhos. Também quando pelos ouvidos escuta uma palavra ociosa, sobretudo quando vem da falsa ciência e de doutrinas perversas: então a morte entra na alma pelas janelas dos

ouvidos.

17 Pelo contrário, se a alma contempla a ordem do universo e a beleza das criaturas, e chega à compreensão de Deus, Criador de todas elas; se admira as suas obras e louva o Criador dessas obras, a vida entra na alma pelas janelas da vista. Quando aproxima seu ouvido da Palavra de Deus e se agrada com os argumentos da sua sabedoria e da sua ciência, nessa alma a clareza da sabedoria entra pelas janelas dos ouvidos.

18 A Palavra de Deus, observando através dessas janelas, e olhando para a esposa/alma, convida-a a levantar-se e chegar até ele, ou seja, deixar o que é corporal e visível e aproximar-se do que é incorporal e espiritual, pois “o que se vê é temporal, mas o que não se vê é eterno”.[267] Por isso, se diz que o Espírito de Deus anda por toda a parte procurando almas que sejam aptas para serem moradas da sabedoria.[268]

19 Mas dizer que observa pelas gelosias das janelas significa, sem dúvida, que a alma, enquanto se encontra na morada deste corpo, não pode captar a sabedoria de Deus numa luz clara, mas através de exemplos, sinais e imagens das coisas visíveis, pelas quais contempla o que é invisível; isso é o que quer dizer que “o Esposo olha para ela através das gelosias das janelas”.

20 Se, porém, explicamos o que se refere a Cristo e à Igreja, a casa em que a Igreja habitava são as Escrituras da Lei e dos profetas; lá também há uma câmara do rei repleta das riquezas da sabedoria e da ciência;[269] lá também há uma casa do vinho, aquela doutrina mística, ou moral, que alegra o coração do homem. [270]

21 Cristo, quando chegou, ficou algum tempo junto à parede da casa do Velho Testamento. Estava atrás da parede, pois ainda não se tinha manifestado ao povo. Mas, quando chegou o devido tempo, e começou a aparecer pelas janelas da Lei e dos profetas, isto é,

por aquilo que tinha sido pregado a seu respeito, e se mostrou à Igreja, que estava sentada dentro de casa, quer dizer, dentro da letra da Lei, ele a convidou a sair de lá e a vir para fora ao seu encontro.

22 Se ela não sai, se não avança nem progride da letra até ao espírito, não pode unir-se ao esposo nem ser a companheira de Cristo. Ele a chama e convida a passar do corporal ao espiritual, do visível ao invisível, vir da Lei para o Evangelho. É por isso que lhe diz: “Levanta-te, vem minha companheira, minha bela, minha pomba”.[271]

23 É talvez para antecipar algo daquilo que dentro em pouco vai ser dito, sem querer perder um sentido que aparece nesse texto, que ele vai dizer: “Eis que o inverno passou, e a chuva foi embora”.[272] Por um lado, indica o tempo da Páscoa, quando ele sofreu depois do inverno, e acabadas as chuvas; mas, por outro lado, ele mostra, graças à inteligência espiritual, que até no tempo em que o Senhor sofreu houve chuvas sobre a terra.

24 Até então o Senhor ordenava às chuvas, ou seja, aos profetas, que fizessem chover sobre a terra a chuva da Palavra.[273] Mas como as atividades proféticas duraram até João Batista, com razão se diz que as chuvas pararam e se foram.

25 As chuvas proféticas pararam, não para prejuízo dos fiéis, mas para maiores benefícios da Igreja. Que necessidade temos de chuvas, quando o rio de Deus alegra a cidade,[274] e quando no coração de cada fiel brota uma fonte de água viva para a vida eterna?[275] Por que precisamos de chuvas quando as flores já apareceram na nossa terra,[276] e depois da vinda do Senhor já não se arranca a figueira que não tinha dado frutos?[277] Pois agora já produziu seus figos, e as vinhas também já deram o seu perfume.[278] É por isso que alguém dessa vinha dizia: “Nós somos para Deus o bom odor de Cristo em todo o lugar, entre aqueles que foram

salvos, e entre os que pereceram”.[279]

26 Mas, como dissemos acima, antes de chegar às passagens da Escritura, nós antecipamos essa questão, não fosse o caso que nos escapasse algum significado que parecia nos ocorrer. Agora podemos voltar ao que quer dizer “olhar através das gelosias” que são como redes.

27 Está escrito: “Não é sem razão que se esticam as redes para os pássaros”;[280] o santo, se incorre em pecado, deve logo se libertar “tal como o gamo da armadilha, e a ave das redes”.[281] A vida dos mortais está cheia de perigos de armadilhas, de ofensas, de armações de enganos, que contra o gênero humano prepara aquele que era chamado “Nemrod, o gigante caçador, inimigo de Deus”.[282]

28 Mas quem é o verdadeiro gigante senão o diabo, que se revolta até contra Deus? Portanto, as armadilhas das tentações e os laços dos embustes do diabo são aqui chamados de redes. E como o inimigo por toda a parte tinha estendido essas redes, e nelas tinha envolvido quase todo o mundo, foi necessário que se apresentasse alguém mais forte e poderoso que eles e os estraçalhasse, para abrir caminho aos que viriam depois.

29 Portanto, é por isso que o Salvador, antes de unir-se à Igreja e ficar na sua companhia, foi tentado pelo diabo, para que, destruindo as redes das tentações, possa olhar através delas. É assim que ele convida a esposa a vir até ele, sem dúvida instruindo-a, e mostrando-lhe que não é com o ócio e os prazeres que ela deveria chegar até Cristo, mas por meio de muitas tribulações e tentações.

30 Mais ninguém seria capaz de vencer essas redes, pois, como está escrito, todos pecaram.[283] E a Escritura diz ainda: “Não há na terra um santo que tenha feito o bem e não tenha pecado”;[284] e também: “Não há quem esteja limpo de sujeira, nem que a sua vida tenha sido de um só dia”.[285] Só Nosso Senhor e Salvador Jesus

Cristo foi sem pecado,[286] mas “o Pai o fez pecado por nossa causa”,[287] para que “na semelhança da carne de pecado por causa do pecado condenasse o pecado”.[288]

31 Ele veio, portanto, a essas redes, mas não foi só ele que se viu enrolado nessas redes; pelo contrário, depois de as rasgar e desfazer, deu à Igreja a confiança para que ela se atreva, daqui em diante, a pisar essas armadilhas, passar no meio das redes, e com toda a alegria dizer: “Nossa alma como um pássaro se libertou das armadilhas dos caçadores; a armadilha está desfeita e nós estamos livres”.[289]

32 Quem foi esse que quebrou os laços, senão aquele único que os laços não podiam segurar? Pois, tendo entrado na morte, fê-lo de vontade própria, e não, como nós, obrigado pelo pecado. Foi só ele que foi “livre entre os mortos”;[290] e porque foi livre entre os mortos, tendo vencido aquele que tinha poder sobre a morte,[291] levou consigo o cativeiro que mantinha a morte.[292]

33 E não só ressuscitou a si mesmo de entre os mortos, mas também acordou aqueles que estavam cativos da morte, e junto com ele os levou para se sentarem nos céus.[293] Subindo aos céus levou consigo o cativeiro, e não só as almas, mas também ressuscitando os seus corpos, como atestam os Evangelhos: “Muitos corpos dos santos ressuscitaram, e apareceram a muitos, e entraram em Jerusalém, a cidade santa do Deus vivo”.[294]

34 Essa é a segunda explicação que colhemos sobre o tema das redes. Ao leitor compete o julgamento de qual das duas é mais adequada aos argumentos espirituais.

LIVRO 4

(Ct 2,10-13)

O florescimento da Igreja e dos fiéis

1

1 “Levanta-te e vem, minha companheira, minha bela, minha pomba, pois o inverno já acabou, a chuva partiu e foi embora; veem-se as flores na terra, chegou a época da poda, e na nossa terra ouve-se o canto da rola; a figueira produziu seus brotos, as videiras floridas deram o seu perfume.”[1] Já descrevemos antes o que se contém na narrativa do drama; agora vamos prestar atenção ao sentido que se deve dar ao que a Palavra de Deus diz à alma que é digna dele e está disposta para ele, e o que Cristo diz à Igreja.

2 Por enquanto, a Palavra de Deus fala a essa alma bela e digna, que, por meio dos sentidos corporais, pelo entendimento da leitura e pela audição da doutrina, de certo modo apareceu nas janelas. Ele lhe mostrou sua grande estatura, de tal modo que, como dissemos acima, lhe falava se debruçando, e convidando-a, para que ela fosse para fora, e, deixando os sentidos corporais, ficasse como se não estivesse mais na carne, merecendo escutar: “Vós não estais mais na carne, mas no espírito”.[2]

3 A Palavra de Deus não lhe teria chamado “companheira” a não ser que estivesse junto com ele, e com ele se fizesse uma só no espírito,[3] e não lhe chamaria “bela” a não ser que visse a imagem dela “ser renovada cada dia”;[4] e, se não tivesse visto que ela tinha capacidade para receber o Espírito Santo – aquele que, na forma de uma pomba, desceu sobre Jesus no rio Jordão[5] –, não a teria chamado de “minha pomba”.

4 Ela tinha concebido amor pela Palavra de Deus e desejava chegar a ela num voo rápido, dizendo: “Quem me dará asas como a pomba, para voar, e descansar?”.[6] Voarei pelos sentidos espirituais, voarei pelas ideias espirituais, e quando tiver compreendido “os tesouros da sua sabedoria e da sua ciência”,[7]

então descansarei.

5 Creio que, tal como aqueles que acolhem a morte de Cristo e “mortificam os seus membros na terra”[8] “tornam-se parceiros da semelhança da sua morte”,[9] assim aqueles que acolhem o poder do Espírito Santo por ele são santificados e ficam cheios dos seus dons; pois ele mesmo apareceu sob a forma de pomba,[10] e eles também serão feitos como pombas, de tal modo que voarão dos lugares terrenos e corporais para as realidades celestiais, levados pelas asas do Espírito Santo.

6 Com razão ele (o esposo) disse que era chegado o momento oportuno em que isso podia acontecer: “Pois eis que o inverno já passou, e a chuva se foi”.[11] Com efeito, antes que o inverno de perturbações e os males das tempestades se retirassem dela, a alma não se uniu e associou à Palavra de Deus; mas depois ela já não é mais atirada para um lado e outro nem levada à deriva por todos os ventos das doutrinas.[12]

7 Quando todas essas coisas se apartarem da alma e a tempestade de desejos se retirar, então vão começar a abrir-se nela as flores das virtudes, e chegará para ela o tempo da poda, de modo que seja cortado dela tudo o que seja supérfluo e imprestável nos sentidos espirituais e intelectuais, para renascer em brotos de inteligência espiritual.

8 Então ela “escutará o canto da rola”,[13] sem dúvida o canto daquela sabedoria da qual fala entre os perfeitos o intérprete da Palavra: a sabedoria de Deus mais excelsa, a que está escondida no mistério,[14] é isso que sugere o nome de “rola”. De fato essa ave passa a vida em lugares muito escondidos e distantes da multidão, e prefere ou os ermos das montanhas ou os recônditos das florestas, sempre afastada da multidão e estranha às turbas.

9 Mas há alguma coisa que seja adequada às características da

estação e ao seu encanto? Diz o esposo que a figueira produziu os seus brotos;[15] é certo que ainda não são os frutos do Espírito Santo – a caridade, a alegria, a paz[16] etc. –, mas já são os germes que o espírito humano começa a produzir – que em si mesmo é designado pela imagem da figueira.

10 Assim como, em termos gerais, há na Igreja diversas árvores, e se crê que cada uma corresponda à alma de um fiel, e delas se diz: "Toda a árvore que não for plantada por meu Pai dos céus será arrancada",[17] e do mesmo modo Paulo, que se diz ser "o coadjutor de Deus, na lavoura de Deus",[18] afirma de si mesmo: "Eu plantei, Apolo regou",[19] e também o Senhor nos Evangelhos: "Se fizerdes que a árvore seja boa, seu fruto será bom".[20] Pois assim como, de um modo geral, na Igreja cada um dos fiéis é tido como se fosse uma entre diversas árvores, assim também em cada alma as várias virtudes e suas qualidades são entendidas como sendo de diversas árvores.

11 Há, pois, na alma uma figueira que dá brotos, e também uma videira que floresce, e exala o seu perfume. O Pai celeste é o lavrador que poda os sarmentos dessas videiras para que deem muitos frutos. Mas essas videiras alegram o olfato em primeiro lugar pelo perfume agradável das suas flores, como disse alguém: "Somos o bom odor de Cristo em todos os lugares".[21]

12 Quando a Palavra de Deus vê os começos de virtude na alma, chama-a para si, para que se apresse, saia de casa, e, deixando tudo o que é corpóreo, chegue até ele e se torne participante da sua perfeição. Desse modo é como se, estando ela ainda deitada e apoiada nas coisas corporais, ele lhe tivesse dito: "Levanta-te", e ela, imediatamente tivesse obedecido, e atendesse ao chamado, pois ele a enche de elogios e lhe diz: "Minha companheira, minha pomba".

13 Depois disso, para que ela não trema perante as tempestades

das tentações, anuncia-lhe que “o inverno se afastou, a chuva passou e foi-se embora”. Com essa frase admirável, ele lhe explica bem qual é a natureza dos vícios e dos pecados, ao dizer que o inverno desse gênero e as chuvas e tempestades que decorrem dos pecados dos vícios se afastaram, indicando assim que não ficou nenhuma substância dos pecados, pois os vícios, separados dos homens, não se congregam numa outra substância, mas vão-se embora e se desfazem em si mesmos, e se reduzem a nada. Por isso ele diz: “Foi-se embora”.

14 Faz-se, pois, uma tranquilidade na alma quando lhe aparece a Palavra de Deus e cessa o pecado; e, por fim, quando a vinha floresce, as virtudes começam a germinar, e os arbustos produzem seus frutos.

15 Cristo dirige de novo sua palavra à Igreja, e no ciclo de um ano engloba toda a duração dos séculos. Designa por inverno o tempo em que os egípcios foram flagelados com granizo, tufões e as outras dez pragas;[22] ou ainda quando Israel sustentava diversas guerras; ou quando, resistindo ao Salvador, e arrebatado pelo turbilhão da falta de fé, submergiu no naufrágio da incredulidade.

16 Quando, pois, “pelo pecado deles a salvação chegou aos povos”,[23] chama a si a Igreja das nações e lhe diz: “Levanta-te e vem a mim, pois acabou o inverno que submergiu os incrédulos e vos reprimiu pela ignorância. A chuva passou, isto é, já não mandarei que as nuvens, que são os profetas, façam cair a chuva da Palavra sobre vós. Mas o próprio canto da rola, quer dizer, a Sabedoria de Deus, falará na terra dizendo: “Eu, que te falava, estou aqui”.[24]

17 Então apareceram na terra as flores dos povos que acreditaram e das Igrejas que nasceram. Chegou também – diz ele – o tempo da poda pela fé na minha Paixão e Ressurreição. Os pecados dos homens serão cortados e desbastados quando, pelo batismo, se

lhes conceder a remissão dos pecados. É como dizíamos: o canto da rola se escuta na terra, já não pelos vários profetas, mas pela própria Sabedoria divina.

18 “A figueira dá brotos” pode entender-se como os frutos do Espírito Santo que, pela primeira vez, se descobrem e são manifestados na Igreja; ou ainda pela letra da Lei, que antes da vinda de Cristo estava oculta, fechada e encoberta pelo véu da inteligência corporal. Mas a sua vinda e a sua presença desabrocharam nela o germe da inteligência espiritual, e apareceu o sentido verdejante e vital que nela estava tapado; assim a Igreja que estava escondida por Cristo na figueira, isto é, na Lei, não se mostra estéril, nem segue a letra que mata, mas segue o Espírito que floresce e vivifica.

19 Quanto às “videiras que estão em flor” e das quais se diz que “deram seu perfume”, podemos entender que são as diversas Igrejas espalhadas pelo orbe terrestre como videiras florescentes, e vinhas. “A vinha do Senhor Sabaoth é a casa de Israel, e o homem de Judá é uma jovem e amada planta”.[25] Quando essas vinhas começam a acercar-se da fé, diz-se que estão em flor; mas quando se adornam com o bom odor das obras piedosas, diz-se que exalam o seu perfume.

20 Suponho que há uma razão para que não se diga “deram um odor”, mas “deram seu odor”, para mostrar que em cada alma há a capacidade de decidir, e o livre arbítrio, permitindo-lhe agir conforme o que é bom. Esse bem da natureza ficou arruinado por ocasião da prevaricação, e por isso ficou inclinado ou para a covardia, ou para a maldade; porém, quando foi reparado pela graça, e reconstituído pela doutrina da Palavra de Deus, sem dúvida exalou de novo aquele odor com que o Criador divino o tinha dotado, mas que a culpa do pecado tinha arrebatado.

21 “Videiras e vinhas” podem ser entendidas como as virtudes celestiais e angélicas, que entregam aos homens o seu perfume,

isto é, o bem contido nas doutrinas e no ensinamento com que elas educam e instruem as almas até que cheguem à perfeição e comecem a estar aptas para Deus. Assim diz o Apóstolo, escrevendo aos hebreus: “Não são todos os anjos espíritos servidores enviados em missão pelo bem daqueles que conseguem a salvação como herança?”.[26]

22 Por isso, se diz que os homens recebem deles como que a primeira flor e o perfume dos bens, mas que os frutos mesmos da vinha eles os esperam daquele que disse: “Não beberei mais do produto dessa vinha até que beba o novo junto convosco no Reino do meu Pai”.[27] Dele se devem esperar os frutos perfeitos; mas os do começo e, por assim dizer, o perfume do progresso podem ser ministrado pelos poderes celestiais, ou certamente pelos que diziam, conforme indicamos antes: “Somos o bom odor de Cristo em todo lugar”.[28]

23 Mas também podemos entender de outra maneira esse texto que temos nas mãos, se dissermos que uma espécie de profecia parece ter sido feita à Igreja, pela qual seria chamada às promessas futuras, e, depois da consumação deste mundo, quando chegar o tempo da ressurreição, lhe disserem: “Levanta-te!”.

24 E como essa palavra assinala imediatamente a obra da ressurreição, ela, como se pela ressurreição tivesse ficado mais radiosa e resplandecente, é convidada para o Reino, e lhe dizem: “Vem, minha companheira, minha bela, minha pomba, porque o inverno passou”;[29] aqui, sem dúvida, se designa o inverno das tempestades e furacões da vida presente, pelas quais a vida humana é agitada nas tempestades das tentações. Passou, pois, esse inverno com as suas chuvas, e foi-se embora. Nesta vida, cada um faz para si aquilo que faz.

25 Mas “as flores que apareceram na terra” devem entender-se como o começo das futuras promessas. O machado colocado na

raiz das árvores, no fim do mundo, para cortar toda árvore que não der bom fruto, deve entender-se como a época da poda.[30]

26 Repara que “o canto da rola que se escuta nesta terra” da promessa que os mansos possuirão em herança refere-se à pessoa de Cristo, ensinando face a face, e já não num espelho ou por enigmas.

27 Já por “figueira que produz seus brotos” entendem os frutos de toda a congregação dos santos. Aquelas santas e felizes potências angélicas, às quais serão associados os eleitos e os bem-aventurados, em virtude da ressurreição, e que eram como os anjos de Deus, são videiras floridas e vinhas, que repartem a cada alma a sua fragrância; elas difundem também a graça que antes receberam do Criador, e que, depois de perdida, foi restaurada. Pela suavidade do perfume celeste elas fazem desaparecer o mau cheiro da condição mortal e da corrupção que finalmente rejeitam para longe.

O louvor do esposo à esposa

2

1 “Levanta-te e vem, minha companheira, minha bela, minha pomba, e mostra-me o teu rosto no abrigo do rochedo, perto da parede, e deixa-me escutar a tua voz, pois a tua voz é suave e o teu rosto é formoso.”[31] Seguindo a ordem da ação dramática, o esposo que, “saltando sobre os montes e aparecendo acima das colinas” tinha chegado até a sua esposa, observando-a atentamente pelas janelas, diz-lhe agora pela segunda vez: “Levanta-te e vem, minha companheira, minha bela, minha pomba”. Mas agora ele acrescenta um detalhe para indicar o lugar onde ela deve chegar, que é coberto por um véu e ao abrigo de um rochedo. Contudo, tal lugar não deve ser imaginado tanto “junto à parede” como junto a um antemuro. Diz-se de fato “antemuro” daquele muro que se constrói fora das muralhas que rodeiam uma cidade: é um muro diante da muralha.

2 Depois, como a esposa, por respeito, estava coberta com um véu, o esposo lhe pede que, ao chegar àquele lugar que ele antes tinha indicado como escondido, ela retire o véu e lhe mostre o rosto. Mas como, pelo seu grande pudor, a esposa continuava calada, e o esposo deseja também escutar de vez em quando a voz dela, e deleitar-se com as suas palavras, diz-lhe que lhe faça ouvir a sua voz. Não parece, porém, que o rosto dela lhe seja completamente desconhecido, nem que ainda não tenha ouvido a voz dela, mas que já fazia tempo que ele não lhe via o rosto, nem lhe escutava a voz.

3 Essa é a narrativa da ação. A ela devemos acrescentar que acontece na primavera, uma vez que se chama a atenção para as flores que apareceram na terra, para a rola que canta, e para os brotos que as árvores produzem. É por isso que, como o tempo está favorável, o esposo convida a esposa a sair, pois certamente ela tinha passado todo o inverno dentro de casa.

4 Mas não me parece que esses detalhes da descrição narrativa tragam muito proveito para os leitores, nem parecem relevantes para a sequência da ação, como vemos em outras narrativas da Escritura. Portanto, é necessário que seja tudo referido à inteligência espiritual.

5 Acompanha-me, primeiro, nesta leitura: que para a alma é inverno quando ela é sacudida pelas ondas das paixões, fustigada pelas tempestades dos vícios e pelos ventos ásperos dos espíritos malignos. Enquanto ela está nessas condições, a Palavra de Deus não a convida a sair, mas a recolher-se no interior de si mesma, a fortalecer-se e proteger-se por todos os lados, contra as ventanias perniciosas dos espíritos malignos.

6 Então nela não há as flores do estudo das Escrituras, nem ressoam, como pelo canto da rola, os mistérios secretos e escondidos da sabedoria profunda. Seu olfato não recebe o odor agradável das flores da videira, nem sua vista se encanta com os brotos da figueira; mas basta que, no meio das tempestades das tentações, ela fique segura e prevenida contra a queda no pecado.

7 Se ela conseguir continuar ilesa terá passado o inverno, e chegará para ela a primavera. A primavera é, para ela, a tranquilidade da alma e o descanso da mente. Então vem a ela a Palavra de Deus, então ele a chama para si e a exorta a sair não só da casa, mas da cidade, isto é, a deixar não só os vícios da carne, mas também tudo o que de corporal e visível há no mundo. De fato, já acima mostramos que, em sentido figurado, a cidade é imagem do mundo.

8 A alma é, pois, conduzida para fora das muralhas e até o antemuro, quando, rejeitando e deixando as coisas que se veem e são temporais, se dirige para aquelas que não se veem e são eternas.[32] Mas ela também fica sabendo que deve fazer esse caminho ao abrigo da pedra, e não a céu aberto, para evitar que o

ardor do sol a queime outra vez e repita a palavra: “O sol me olhou de lado”;[33] por isso ela faz o caminho ao abrigo da pedra.

9 Ele não quer que esse abrigo seja feito de folhas, nem de tecidos nem de peles, mas quer que o abrigo seja de pedra, ou seja, as doutrinas firmes e sólidas de Cristo. Que ele é pedra, já Paulo o afirmou quando disse: “A pedra era Cristo”.[34] Se, pois, a alma está protegida com o véu da doutrina e da fé em Cristo, pode chegar em segurança a esse lugar secreto, “onde se contempla, com o rosto descoberto, a glória do Senhor”.[35]

10 Com razão se crê que esse abrigo da pedra é considerado seguro, pois já Salomão diz dela nos *Provérbios* que o rasto da serpente sobre a pedra não se pode ver. Assim diz ele: “Há três coisas que não posso compreender, e uma quarta que desconheço: os vestígios do voo da águia, o rasto da serpente sobre a pedra, o sulco do navio no mar, e os caminhos do homem na juventude”.[36] Portanto, o rasto da serpente, ou seja, do diabo, quer dizer os sinais da passagem do pecado, que não podem encontrar-se naquela pedra que é Cristo,[37] pois ele é o único que não cometeu pecado.[38] Por isso, ao abrigo dessa pedra a alma chega em segurança ao lugar da muralha, ou seja, onde se contemplam as coisas incorpóreas e eternas.

11 David usou outras expressões para falar dessa mesma pedra, no *Salmo 17*:[39] “E colocou os meus pés sobre a pedra, e endireitou os meus atalhos”.[40] Não te admires que em David essa pedra é para a alma uma espécie de ponto de apoio de onde ela salta para Deus; em Salomão é um véu para a alma que aspira aos segredos místicos da sabedoria, pois o próprio Cristo é chamado umas vezes de caminho sobre o qual os fiéis avançam, e outras vezes precursor, como diz Paulo: “Além do véu, Jesus entrou como nosso precursor”.[41]

12 É semelhante o que disse Deus a Moisés: “Eu te coloquei numa

fenda do rochedo, e tu me verás pelas costas".[42] Portanto, essa pedra que é Cristo[43] não é fechada por todos os lados, mas tem fendas; e é a fenda na pedra que revela e dá a conhecer Deus aos homens, pois ninguém conhece o Pai a não ser o Filho. Por conseguinte, ninguém vê as últimas coisas de Deus, quer dizer, aquilo que acontecerá por último no fim dos tempos, a não ser que esteja colocado na fenda da pedra, ou seja, quando Cristo lhe revelar.

13 É pois ali, sob o véu da pedra, que a Palavra de Deus convida a alma, sua companheira, a ir para o antemuro, como dissemos acima, para contemplar o que não se vê e é eterno,[44] e lá ele lhe diz: "Mostra-me o teu rosto", certamente para assegurar-se de que ela não conservou nada do antigo véu; assim ela poderá, com olhar firme, contemplar a glória do Senhor, de maneira a poder dizer também: "Nós vimos a sua glória, glória como Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade".[45]

14 Quando ela for digna de que se diga dela o que se dizia de Moisés, "que Moisés falava e Deus lhe respondia",[46] então se terá cumprido nela o que ele diz: "Deixa-me ouvir a tua voz".[47] Realmente é um grande elogio que aparece no que se diz: "Tua voz é suave";[48] pois é assim que também dizia o muito sábio profeta David: "Que minha conversa seja suave para ti".[49]

15 A voz da alma é suave quando fala da Palavra de Deus, quando expõe a fé e as doutrinas verdadeiras, quando explica os desígnios de Deus e os seus juízos. Porém, se saem da sua boca uma conversa tola, bobagens, palavras inúteis ou ociosas, das quais deverá prestar contas no dia do julgamento, tal voz é áspera e desagradável, e Cristo afasta os seus ouvidos dessa voz.

16 É por isso que toda alma perfeita "coloca uma guarda na sua boca, e uma porta de segurança nos seus lábios",[50] de modo a proferir sempre uma palavra que, "temperada com sal",[51] seja

graciosa para quem a escuta, e que a Palavra de Deus possa dizer dela: “A tua voz é suave”.

17 Diz ele: “Teu rosto é formoso”.[52] Se por “rosto” entendes aquele do qual diz Paulo: “Nós todos, com o rosto descoberto”,[53] ou quando diz: “Então, face a face”,[54] verás o que é esse rosto da alma que é louvado pela Palavra de Deus e do qual se diz que é formoso. Sem dúvida é aquele que “a cada dia se renova à imagem do que o criou”,[55] e que não tem “nem mancha nem ruga, nem nada desse tipo, mas é santo e imaculado, tal como Cristo apresentou a Igreja a si mesmo”,[56] ou seja, as almas que alcançaram a perfeição, e que, todas juntas, formam o corpo da Igreja.

18 Esse corpo aparecerá certamente belo e gracioso se as almas com as quais ele é constituído tiverem permanecido na graça e na perfeição. Pois assim como a alma, quando está com raiva, faz com que o aspecto do rosto se torne perturbado e feroz, mas quando fica na mansidão e na tranquilidade tem um aspecto pacífico e suave, assim se diz da face da Igreja que ela é agradável, ou então feia, conforme as virtudes e as emoções dos fiéis, segundo lemos: “Um rosto alegre é sinal de bom coração”.[57] E noutro lugar: “Coração alegre, rosto florido; mas na tristeza o semblante é abatido”.[58] Assim, o coração está alegre quando nele está o Espírito de Deus, cujo primeiro fruto é o amor, mas o segundo é o júbilo. Julgo que foi desses textos que alguns sábios deste mundo tiraram a sentença que diz: só o sábio é belo, mas todo malvado é feio.

19 Só nos falta dizer algo mais explícito acerca do termo antemuro. Tal como dissemos, o termo indica um muro que está diante de outro muro; assim dizia Isaías: “Levanta uma muralha e a rodeia com um baluarte”.[59] O muro é a muralha da cidade, mas um muro diante da muralha, ou em volta dela, designa o baluarte, a defesa mais sólida e reforçada.

20 Desse modo, se mostra que a Palavra de Deus, chamando a alma para si, conduzindo-a para fora das ocupações físicas e separando-a dos bens materiais, quer instruí-la nos mistérios do mundo futuro, e, portanto, construir-lhe muralhas de defesa, de tal modo que, rodeada e protegida pela esperança dos bens que hão de vir, ela não possa, de modo algum, ser vencida pelas seduções nem abatida pelas tribulações.

21 Agora vejamos ainda como é que essas palavras são ditas por Cristo à Igreja, ela que é a sua bela companheira, mas só é bela para ele e para mais nenhum outro – é o que ele quer dizer quando diz: “Minha bela”.

22 Portanto, Cristo a desperta e lhe anuncia o Evangelho da Ressurreição, e por isso assim diz: “Levanta-te e vem, minha companheira, minha bela”. Pois ele até lhe deu asas de pomba, depois que ela dormiu entre os dois chamados. De fato, a Igreja foi convidada entre os dois chamados de Israel, porque Israel foi chamado uma primeira vez, mas, depois que vacilou e caiu, a Igreja dos gentios foi chamada no seu lugar; quando, porém, tiver entrado a totalidade das nações, então todo Israel será chamado uma segunda vez e se salvará; portanto, entre os dois sorteios desses lotes a Igreja dorme; por essa razão, o esposo lhe deu asas de prata como à pomba, o que significa as asas da razão, dos dons do Espírito Santo.

23 “E as penas das suas costas”[60] – alguns leem como “o verde pálido do ouro”; outros têm este texto: “A palidez do ouro”. Isso pode mostrar que o segundo chamado, que o Apóstolo diz que virá para Israel, não será na observância da Lei, mas na riqueza da fé. De fato, a fé que floresce em virtudes tem o aspecto do ouro verde claro.

24 Mas pode-se dizer que a Igreja dorme entre os dois convites, entre os dois testamentos, e compreender que as suas asas são

prateadas pelos sentidos da Lei, e que o ouro nas penas do dorso é o dom dos Evangelhos.

25 Portanto, Cristo diz a essa Igreja: “Vem, minha pomba, ao abrigo do rochedo”, ensinando-lhe a vir protegida, para não padecer com os ataques das tentações, mas que avance escondida à sombra do rochedo, dizendo: “O Ungido do Senhor é o ar que respiramos; a ele tínhamos dito: viveremos à tua sombra entre as nações”.[61] Mas ela avança escondida e coberta, pois “deve ter na cabeça um sinal da submissão aos anjos”.[62]

26 Quando ela tiver chegado à antemuralha, isto é, ao estágio do mundo futuro, ele lhe dirá: “Mostra-me o teu rosto, e deixa-me ouvir a tua voz, porque a tua voz é doce”.[63] Ele deseja que a voz da sua Igreja se faça ouvir, porque “quem o aceitar diante dos homens, ele o receberá diante do seu Pai que está nos céus”.[64]

27 “Pois a tua voz é doce.” Quem não confessará que é doce a voz da Igreja universal que professa a verdadeira fé, e que é rude e desagradável a voz dos hereges, aqueles que falam de doutrinas que não são verdadeiras, mas blasfêmias contra Deus, e uma iniquidade contra o Altíssimo?[65]

28 Assim, também o rosto da Igreja é formoso, mas o dos hereges é torpe e feio, ao menos para quem saiba apreciar a beleza de um rosto, isto é, aquele cujo julgamento é em tudo espiritual.[66] De fato, para quem não tem experiência, para homens que são animais,[67] os sofismas mentirosos parecem mais belos do que as doutrinas verdadeiras.

29 Quanto ao antemuro, podemos ainda acrescentar que o seio do Pai é o antemuro onde habita o Unigênito, e de lá ele anuncia e revela à sua Igreja todas as coisas que se contêm nos recônditos secretos e ocultos do Pai. Por isso, disse alguém que fora instruído pelo Filho: “Nunca ninguém viu Deus; quem o deu a conhecer foi o

Filho Unigênito que está no seio do Pai”.[68]

30 É lá que Cristo chama a sua esposa, para ensinar-lhe tudo o que existe junto do Pai, e dizer: “Tudo o que ouvi do meu Pai eu vos ensinei”,[69] e disse também: “Pai, quero que, onde eu estiver, eles estejam comigo”.[70]

A ajuda humana à Providência divina

3

1 “Nossas vinhas são destruídas pelas raposas: apanhai-as, e as nossas vinhas vão florescer.”[71] De acordo com a sequência da narrativa, houve uma mudança de personagem: o esposo já não fala à sua esposa, mas aos companheiros. Ele lhes diz para caçarem os filhotes de raposa que destroem as vinhas quando despontam os primeiros brotos, não deixando que elas floresçam. Manda, pois, que as cacem, porque ele tem o cuidado do bom estado e proveito das vinhas. Mas isso devemos interpretar, como vimos fazendo, segundo uma explicação espiritual.

2 Ora, se levarmos em conta a relação da alma com a Palavra de Deus, as raposas devem ser entendidas como os poderes do adversário e das maldades dos demônios, que, através de pensamentos depravados e uma inteligência pervertida, aniquilam na alma a flor das virtudes e o fruto da fé.

3 Conforme a promessa do Senhor das Potestades, a Palavra de Deus foi ordenada aos santos anjos, que são enviados em missão em favor dos que recebem a herança da salvação,[72] para que em cada alma tomem esses pensamentos que os demônios lhes incutiram, e, uma vez afastados tais pensamentos, possam produzir o fruto da virtude. Os anjos tomam os maus pensamentos quando sugerem à mente que eles não vêm de Deus, mas do maligno, e incutem na alma a discrição dos espíritos, para que entendam qual é o modo de pensar segundo Deus, e qual é o que vem do diabo.

4 Para que saibas que há pensamentos que o diabo mete no coração do homem, repara no que se escreve no Evangelho: “Ora, como o diabo tinha posto no coração de Judas que o entregasse [...]”.[73] Vê que esse é o tipo de pensamentos que os diabos põem no coração dos homens.

5 Mas como a Divina Providência não falha, para que a impertinência desses tais não perturbasse a liberdade de decisão, e o motivo do julgamento não fosse injusto, o cuidado com os homens é confiado à benevolência dos anjos e das potestades amigas. Assim, quando os sedutores, quais raposas, começarem a importunar a alma, ela recebe a ajuda adequada. É por isso que se diz: “Ide apanhar os filhotes das raposas”.[74]

6 É muito acertado mandar pegar as raposas enquanto ainda são pequenas, pois enquanto os maus pensamentos estão no seu começo, é fácil afastá-los do coração. Mas, se voltam com frequência e ficam muito tempo, acabam conseguindo o consentimento da alma; ora, quando o consentimento se afirma no coração, o efeito certo é o pecado. Portanto, o mau pensamento deve ser apanhado e rejeitado quando ainda está nos seus inícios e é pequeno, pois se crescer e se tornar arraigado, já não pode ser expulso.

7 Foi assim que, quando Judas teve o princípio do seu erro no amor ao dinheiro, ali estava a sua raposinha. O Senhor, vendo que ela danificava a alma de Judas, que ainda era como uma vinha em flor, quis caçá-la e atirá-la para longe; para isso entregou-lhe a bolsa do dinheiro,[75] para que, tendo na mão aquilo de que gostava, terminasse a sua cobiça. Mas ele não usou o seu livre arbítrio para abraçar a sabedoria do médico, o que teria curado a sua alma, mas se entregou ao propósito que a arrasava.

8 Se, porém, essas palavras as compreendermos acerca de Cristo e da Igreja, o discurso parece ser dirigido aos doutores da Igreja, mandando-os caçar as raposas que destroem as vinhas. Podemos então compreender as raposas como os perversos doutores de doutrinas heréticas, que, pela astúcia dos seus argumentos, seduzem os corações inocentes e destroem a vinha do Senhor para que não floresça na fé ortodoxa.

9 Aos doutores católicos dá-se, pois, esta ordem: que se apressem a argumentar contra eles, refreá-los e refutá-los com o discurso da verdade, e prendê-los com afirmações verdadeiras; e que o façam o quanto antes, enquanto as raposinhas são pequenas e ainda não seduziram muitas almas, mas sua doutrina perversa está nos começos. Se no princípio forem indulgentes e tolerantes, “a palavra daqueles se expandirá como um câncer”[76] e ficará incurável, de tal modo que muitos serão seduzidos, e vão, por sua vez, combater por eles, e defender os autores do erro que receberam.

10 Por isso, convém prender as raposinhas pequenas e refutar os sofismas astuciosos dos hereges logo nos seus começos.

11 Para que fique mais clara a demonstração que fizemos em ambas as nossas exposições, vamos recolher dos livros divinos as passagens em que se faz referência a esse animal.

12 No *Salmo 62*, encontramos, a propósito dos ímpios, o seguinte: “Eles procuraram em vão a minha alma; entrarão no fundo da terra, serão entregues ao poder da espada; e caberão em sorte às raposas”.[77]

13 No *Evangelho segundo Mateus*, ao escriba que lhe tinha dito: “Senhor, eu te seguirei para onde fores”, o Salvador respondeu: “As raposas têm as suas tocas e as aves do céu têm ninhos para repousar, mas o Filho do homem não tem onde descansar a cabeça”.[78] Também no *Evangelho segundo Lucas*, àqueles que disseram ao Senhor: “Sai, vai-te daqui, porque Herodes quer matar-te” Jesus respondeu: “Ide e dizei a essa raposa: eis que eu expulso os demônios, faço curas, hoje e amanhã, mas ao terceiro dia chegarei ao meu termo”.[79]

14 No *Livro dos Juízes*, quando levaram de Sansão a mulher que era do povo dos filisteus, ele disse ao pai dela: “Dessa vez eu sou inocente diante desse outro povo, pois vou fazer-vos mal. Foi

Sansão e capturou trezentas raposas, pegou tochas, atou cauda com cauda, e no meio delas colocou uma tocha. Ateou fogo nas tochas, e largou as raposas no meio das searas dos filisteus; incendiou todas as searas deles, os fardos de trigo, as vinhas e os olivais deles".[80]

15 Mais ainda: no *Segundo Livro de Esdras*, quando Tobias, o amonita, impediu aqueles que tinham retornado do cativeiro de fazerem as suas construções, para que não edificassem o Templo e a muralha, foi dito aos estrangeiros: "Esta gente vai fazer sacrifícios e comer as vítimas imoladas neste local? Será que se as raposas subirem não vão destruir essas muralhas que eles estão construindo com pedras?".[81]

16 Essas são, por agora, as passagens das Sagradas Escrituras que nos ocorreram, onde se faz menção daqueles animais; a partir delas um leitor experiente poderá julgar com prudência se nós empregamos, nos pontos que nos propusemos, uma exposição adequada para explicar a frase: "Caçai para nós os filhotes das raposas".[82]

17 Para que não se torne trabalhoso demais interpretar cada um dos textos que tomamos como exemplos, vamos tentar expô-los brevemente.

18 Começando pelo *Salmo 62*, vejamos a passagem onde, quando os ímpios perseguiam a alma do justo, ele cantava: "Eles procuram em vão a minha alma; entrarão no fundo da terra, serão entregues ao poder da espada e caberão em sorte às raposas".[83] Aqui, sem dúvida, se mostra que os malvados doutores que queriam enganar a alma do justo com palavras vazias e inúteis "entrarão no fundo da terra", pois a terra é o que eles sabem, falam de terra e vão às suas profundezas, ou seja: descem até o fundo da insensatez.

19 Com efeito, suponho que daqueles que vivem de modo carnal

diz-se que são terra, e habitam na terra, mas só se prejudicam a si mesmos. Contudo, aqueles que compreendem as Escrituras em sentidos terrestres e carnais e enganam outros ensinando desse modo, elaborando argumentos e argúcias da sabedoria carnal e terrena, entram, como se diz, nas profundezas da terra. Além disso, como os que ensinam ao modo terreno pecam mais gravemente do que aqueles que assim vivem, seu futuro castigo será maior; por isso se diz que eles serão entregues ao poder da espada, certamente aquela de turbilhão de fogo.[84]

20 Vejamos agora os que vão caber em sorte às raposas. Toda alma ou é um lote de Deus, ou é lote de qualquer outro que tenha poder sobre os homens. De fato, “quando o Altíssimo dividiu os povos e dispersou os descendentes de Adão, estabeleceu as divisões entre os povos conforme o número dos anjos de Deus; e assim se fez que Jacó coube em lote ao Senhor”.[85]

21 É sabido, pois, que cada alma ou está na parte de Deus, ou na parte de qualquer outro; de fato é possível, graças ao uso do livre arbítrio, que cada um transite de uma parte ou lote para outra; melhor será que vá para o lote de Deus; será pior se for para o lote dos demônios; estes são os que são mencionados no Salmo, os que em vão procuraram a alma do justo. Estes serão a parte das raposas, como se dissesse: serão o lote dos piores e mais malvados dos demônios, pois cada um dos poderes malignos e enganadores, que por enganos e fraudes ensinam falsa ciência, é, em sentido figurado, chamado de “raposa”.

22 Aqueles que são arrastados para esse erro e “não querem aceitar as palavras santas de Nosso Senhor Jesus Cristo e a doutrina que é conforme o respeito devido a Deus”,[86] mas deixam-se seduzir por esses tais, tornam-se o lote das raposas, e com elas entrarão no fundo da terra.

23 Esses são aqueles dos quais falávamos antes, e que, segundo

o Evangelho, têm as suas tocas, ao passo que o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.[87] Quanto a Herodes, é chamado de raposa por causa da sua astúcia mentirosa.

24 Recordemos Sansão: ele capturou trezentas raposas, as atou pelas caudas, no meio das caudas meteu tochas acesas, e as mandou para as searas dos estrangeiros, incendiando-as junto com as medas de trigo, os olivais e as vinhas.[88] Parece-me que a explicação da imagem ou figura é muito difícil. Vamos, porém, tentar, conforme pudermos, dizer umas palavras na linha da interpretação anterior, em que as raposas são os doutores falsos e perversos.

25 Sansão é a imagem do doutor verdadeiro e fiel; ele junta os perversos pelas caudas, isto é, confunde-os com a palavra verdadeira, e como eles sustentam doutrinas contraditórias, opõe-nos uns aos outros, refutando uns com as palavras dos outros; e assim, raciocinando com os argumentos deles, envia o fogo das suas conclusões para a lavoura dos estrangeiros, incendiando-lhes os frutos, as vinhas e os olivais de péssima qualidade.

26 O próprio número de trezentas raposas, que vão a par, mas separadas, indica a espécie dos pecados. De fato, todo pecado ou é por ação, ou por palavra, ou pelo consentimento mental.

27 Não vamos deixar de lado o que citamos do *Segundo Livro de Esdras*. Quando o Santo dos Santos era construído, quer dizer, quando a fé em Cristo e os mistérios sagrados se fundavam, os inimigos da verdade e aqueles que se opunham à fé, os sábios deste mundo,[89] vendo que as paredes do Evangelho se elevavam sem arte gramatical e sem competência filosófica, fizeram troça dizendo que seria fácil destruí-los com habilidade crítica, falácias astutas e argumentos dialéticos.

28 Por enquanto, mesmo que de forma abreviada, já falamos o

suficiente a respeito daqueles exemplos. Por isso, vamos voltar ao tema da narrativa.

29 Parece que no *Cântico dos Cânticos* há uma ordem que o esposo dá às potestades amigas para que elas capturem e refutem as potestades contrárias, que armam ciladas às almas humanas; sob pretexto de uma ciência secreta e oculta, essas potestades vão exterminar os começos da fé e a flor das virtudes nas almas; quais raposas nas suas tocas, elas se escondem nos homens que se dispuseram a seguir essas doutrinas.

30 É-lhes ordenado que as capturem enquanto são raposinhas e estão no começo da sua nefasta persuasão, para que mais facilmente possam ser confundidas e contestadas. Talvez, se se tornarem raposas adultas, elas já não possam ser apanhadas pelos amigos do esposo, mas somente pelo próprio esposo poderão ser capturadas.

31 Os santos doutores e mestres da Igreja, assim como receberam "o poder de calcar aos pés as serpentes e escorpiões, e poder sobre todas as forças do inimigo",[90] também receberam o poder de capturar as raposas. Certamente, entre os poderes do inimigo estão as raposas que destroem as vinhas, e a ordem é que sejam capturadas enquanto são pequenas. É o que diz também o *Salmo 136*: "Feliz é quem pega as crianças de Babilônia e as joga contra a pedra",[91] não permitindo a um pensamento babilônico crescer dentro de si e se desenvolver, mas pega nele quando ainda está em seus começos e é fácil de destruir, e o esmaga na pedra.

32 Percorremos, assim, a sequência da explicação de "capturai para nós as raposas pequenas, pois essas raposas destroem as vinhas em flor".[92] Quanto ao que diz "para nós", quer dizer: para o esposo e a esposa; ou então: para mim e para vós que sois meus companheiros.

33 Mas também se pode compreender “capturai para nós as raposas” e, depois de uma pontuação, “que destroem as vinhas pequenas”, de tal modo que o termo “pequenas” não se refira às raposas, mas às vinhas. Desse modo, o que se lê é que as vinhas pequenas podem ser destruídas, mas não as grandes; quer dizer que as almas pequenas, as que são iniciantes, podem ser destruídas pelas potestades contrárias, mas não as firmes e robustas, como se diz no Evangelho: “Se alguém escandalizar um desses pequeninos”.[93]

34 Aqui dá-se a entender que a alma adulta e perfeita não pode ser escandalizada, mas só a pequena e despreparada, tal como diz o *Salmo*: “Muita paz para aqueles que amam o teu nome, para eles não há escândalo”.[94] De modo semelhante se pode interpretar que cada “pequena vinha”, ou alma iniciante, pode ser ferida pelas raposas, isto é, pelos maus pensamentos, ou pelos doutores perversos, mas a alma perfeita e forte não pode. Mas se os bons doutores capturarem as raposas e as tirarem da alma, então esta progredirá nas virtudes e florescerá na fé. Amém.

Coleção **Patrística**

1. *Padres Apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué

2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmias

3. *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma

4. *Contra as heresias*, Irineu de Lião

5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão

6. *Sermões*, Leão Magno

7. *Trindade (A)*, Santo Agostinho

8. *Livre-arbítrio (O)*, Santo Agostinho

9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho

9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho

9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho

10. *Confissões*, Santo Agostinho

11. *Solilóquios – Vida feliz (A)*, Santo Agostinho

12. *Graça I (A)*, Santo Agostinho

13. *Graça II (A)*, Santo Agostinho

14. *Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia

15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia

16. *Dos bens do matrimônio – Santa virgindade (A) – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho

17. *Doutrina cristã (A)*, Santo Agostinho

18. *Contra os pagãos – Encarnação do Verbo (A) – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão*, Santo Atanásio

19. *Verdadeira religião (A) – Cuidado devido aos mortos (O)*, Santo Agostinho

20. *Contra Celso*, Orígenes

21. *Comentários ao Gênesis*, Santo Agostinho

22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers

23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a*

Olímpia, São João Crisóstomo

24. *Contra os Acadêmicos – Ordem (A) – Grandeza da Alma (A) – Mestre (O)*, Santo Agostinho

25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho

26. *Examerão – Seis dias da criação (Os)*, Santo Ambrósio

27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Epístola aos Romanos – Comentários sobre a Epístola aos Gálatas – Homilias sobre a Epístola aos Efésios*, São João Crisóstomo

27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homilia sobre a Segunda carta aos Coríntios*, São João Crisóstomo

27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, São João Crisóstomo

28. *Regra Pastoral*, Gregório Magno

29. *Criação do homem (A) – Alma e a ressurreição (A) – Grande catequese (A)*, Gregório de Nissa

30. *Tratado sobre os princípios*, Orígenes

31. *Apologia contra os livros de Rufino*, São Jerônimo

32. *Fé e o símbolo (A) – Primeira catequese aos não cristãos – Continência (A) – Disciplina cristã (A)*, Santo Agostinho

33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lyon

34. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes

35/1. *Obras Completas I*, Cipriano de Cartago

36. *O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, Santo Agostinho

37. *A Trindade, Escritos éticos, Cartas*, Novaciano

38. *Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos*, Orígenes

Direção editorial:
Claudiano Avelino dos Santos
Coordenação editorial:
Heres Drian de Oliveira Freitas
Coordenação de revisão:
Tiago José Risi Leme
Capa:
Marcelo Campanhã
Coordenação de desenvolvimento digital:
Alexandre Carvalho
Desenvolvimento digital:
Daniela Kovacs
Conversão EPUB:
PAULUS
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Orígenes
Homilias e comentário ao cântico dos cânticos [livro eletrônico] / Orígenes. - São Paulo: Paulus, 2019.
2,2 Mb (Coleção Patrística)
Títulos originais: *Homiliae in Canticum canticorum* / tradução, introdução e notas Heres Drian de O. Freitas; *Commentarium in Canticum canticorum* / tradução, introdução e notas João E.P.B. Lupi.
ISBN 978-85-349- 4917-0 (e-book)
1. Bíblia. A.T. Cântico dos Cânticos - Comentários I. Título II. Freitas, Heres Drian de O. III. Lupi, João E. P. B. IV. Série

CDD 223.907

19-0117 CDU 223.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Cântico dos Cânticos: Livros poéticos: Bíblia: Antigo Testamento: Comentários 223.907
1ª edição, 2019 (e-book)

© PAULUS – 2019
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
[Facebook] • [Twitter] • [Youtube] • [Instagram]

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro



NOTAS

AS HOMILIAS ORIGENIANAS AO *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

[1] Embora se afirme que a tipologia esposa-Igreja e esposo-Cristo tenha sido inaugurada, ou explicitada, por Hipólito (cf. P. MELONI, "Cântico dos Cânticos", DPAC, 252-3, p. 252; e O. ROUSSEAU, ed., *Origène. Homélies sur le Cantique des Cantiques*, SC 37, 1953, 16), C. CHAVASSE, *The Bride of Christ: An Enquiry into the Nuptial Element in Early Christianity*, Londres: Faber & Faber, 1940, p. 110-5, a vê "esboçada" no *Pastor de Hermas* (cf. *Visões* 1,2.4 e 2,4 [PatrPaulus 1, 2002^{3}, 172ss]). A bibliografia utilizada para esta introdução consta nas notas. Nas obras consultadas, o leitor encontrará ulterior indicação bibliográfica.

[2] 2*Clem*. 14,2-3.

[3] Para detalhes, veja-se C. CHAVASSE, *op. cit*. Vejam-se também as sínteses do uso neotestamentário e patrístico do *Cântico dos Cânticos* e da leitura Cristo-esposo e Igreja-esposa indicadas abaixo, ao final da n. 5.

[4] Cf., por exemplo, Is 62,5; 49,18; Os 1-3; Jr 2,1-3. É possível que o *Cântico dos Cânticos* tenha passado a fazer parte da literatura sacra após a fixação dessa imagem nupcial na tradição de Israel (cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, 12; vejam-se também indicações abaixo, notas 5 e 13).

[5] Cf., por exemplo, Mt 22,1-14; 25,1-13; Ap 19,7 e 21,2. Mais tarde – embora talvez com base numa tradição exegética mais antiga (R. LE DÉAUT, "Targum", em DPAC, 1323; ver também *Id.* "Midraxe", *ibid.*, 934) –, também o Targum lerá no *Cântico dos Cânticos* o itinerário de eleição e salvação de Israel por parte de Deus como matrimônio a cumprir-se nos tempos messiânicos (cf. G. SGHERI, *Chiesa e sinagoga nelle opere di Origene*, Milano: Vita e Pensiero [Studia Patristica Mediolanensia 13], 1982, 336ss). Sobre a leitura do *Cântico dos Cânticos* entre os judeus, vejam-se as sínteses de O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 10-13; e M. SIMONETTI (a cura di), *Origene. Omelie sul Cantico dei Cantici*, Milano: Fondazione Lorenzo Valla/Mondadori [Scrittori greci e latini], 2010^{3}, p. IX-XIII, e, como sínteses do uso neotestamentário do referido texto sacro e da tipologia matrimonial no cristianismo primitivo, nestas duas últimas obras, respectivamente, p. 13-17, e p. XIII-XV, além de C. CHAVASSE, *op. cit.*

[6] Cf. Mt 9,14-15.

[7] Cf. Ef 5,21-33.

[8] Cf. C. CHAVASSE, *op. cit.*, p. 110-34.

[9] Sobre a figura de Orígenes, vejam-se B. S. SANTOS, "Perfil da personalidade de Orígenes", em PatrPaulus 30, 2012, 10-2; e L. C. L. CARPINETTI, "Orígenes", em PatrPaulus 34, 2016, 9-12.

[10] H. CROUZEL, "Le Christ sauveur selon Origène", *Studa Missionalia* 30 (1981) 63-88, p. 83, tradução nossa. Veja-se, também, acerca da relação Cristo-alma humana, mais sinteticamente, porém, M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. XVII. Uma interpretação mais próxima a nós lerá Maria na esposa do *Cântico dos Cânticos* (cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 8). Acerca da identificação da esposa com a alma do fiel, o primeiro, precisamente, a fazê-la, mas de modo muito pontual, fora TERTULIANO, *Ad uxorem* 1,4,4; *De resurrectione* 61,6;

De virginibus velandis 16,4. O foco origeniano na relação nupcial entre a alma e o Verbo pode ser oposição a uma semelhante interpretação gnóstica (valentiniana); cf. a esse respeito S. F. EYZAGUIRRE, *Orígenes. Homilías sobre el Cantar de los Cantares*, Madrid: Ciudad Nueva [Biblioteca de Patrística 51], 2000, p. 11-5 e 20-1.

[11] Cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 16.

[12] Cf. H. CROUZEL, "Le thème du mariage mystique chez Origène et ses sources", *Studia Missionalia* 26 (1977) 37-57.

[13] G. H. CAVALCANTI, *O Cântico dos Cânticos. Um ensaio de interpretação através de suas traduções*, São Paulo: Edusp, 2005, p. 37, que, na verdade, apresenta o texto citado como interrogação. Parece certo, todavia, que a obra entrou no Cânone escriturístico não sem alguma dificuldade (cf. M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. X; veja-se também O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 10-1, n. 3), já que o texto, à primeira vista, não se mostra como obra sacra. Acerca do *Cântico dos Cânticos* na literatura sacra, cf. também indicação acima, n. 5.

[14] Temos notícia de outros comentários patrísticos ao *Cântico dos Cânticos* por obra de Fílon de Carpásia, Nilo de Ancira, Teodoreto de Ciro, Teodoro de Mopsuéstia, Vitorino de Petau, Retício de Autun, Gregório de Elvira, Apônio e Justo de Urgel; enquanto uns se perderam, outros chegaram até nós apenas fragmentariamente; cf. P. MELONI, *art. cit.*, DPAC, 252-3. G.H. CAVALCANTI, *op. cit.*, p. 121, ignora a informação sobre Hipólito e afirma ser Orígenes o primeiro comentador cristão do *Cântico dos Cânticos.* O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 17, também o afirmara, sugerindo que isso se deve ao fato de o comentário de Hipólito ter estado desaparecido até recentemente – desaparecimento que, portanto, teria acontecido imediatamente após sua composição.

[15] Cf. L. BRESSARD e H. CROUZEL (ed.), *Origène. Commentaire sur le Cantique des cantiques*, vol. 1, SC 375, 1991, 54-68; e M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. XX-XXIV. Para as diversas interpretações do *Cântico dos Cânticos* ao longo dos séculos, veja-se G.H. CAVALCANTI, *op. cit.*, p. 47-96 e, sobre sua influência em diversos domínios, *ibid.*, p. 121-91.

[16] J. CHRISTOPHER KING, *Origene on the Song of Songs as the Spirit of Scripture: The Bridegroom's Perfect Marriage-Song*, Oxford, 2009^{2}, 3-4. Para mais a respeito do amor no *Comentário ao Cântico*, veja-se também, abaixo, J. LUPI, "Introdução", 82-6.

[17] Cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 8; M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. XV; e J. CHRISTOPHER KING, *op. cit.*, p. 6-9, particularmente, 6-7 e n. 24.

[18] Mesmo se tal afirmação não se aplica de todo às homilias, como se verá em seguida, p. 14.

[19] Cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 9; e M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. XVII. J. CHRISTOPHER KING, *op. cit.*, p. 13, porém, sem mais, afirma não haver motivo para supor que a tradução de Rufino não seja fiel. Estando, entretanto, a informação reportada por Jerônimo no Prólogo de sua tradução das homilias (cf., abaixo, p. 21), o comentário origeniano ao *Cântico dos Cânticos* conteria abundante informação de caráter, digamos, técnico-filológico, já que seu autor teria comentado a obra tendo presente as variações textuais das versões de que dispunha. Ademais, Rufino mesmo reconhece ter feito simplificações, eliminando o que lhe parecia repetitivo; cf. *De principiis* Prol.,3 e 3,Praef. (PatrPaulus 30, 2012, 47-8 e 207-8).

[20] Cf. L. BRESSARD e H. CROUZEL, *op. cit.*, p. 13-4. Rufino traduz o *Com. Ct*. origeniano por volta de 410, pelo fim de sua vida. Se tivesse tido tempo para concluir a tradução, mesmo com a eliminação de seus elementos mais técnicos (cf. nota

imediatamente precedente), teríamos uma obra maior e o comentário completo ao texto sacro.

[21] Para M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. XXIX e sua n. 1, por questão de tempo, Orígenes dedicou-se, na primeira homilia, a comentar somente dez versículos do texto sacro (porque delongou-se em expor a respeito da importância do *Cântico dos Cânticos* como corolário de um itinerário), enquanto na segunda, tendo somente o texto a comentar, a vinte.

[22] Cf. M. SIMONETTI, *op. cit*., p. XXVI.

[23] Mas é possível que – admitindo-se que não o tivesse já feito – se pusesse a fazê-lo mais tarde; cf. considerações a respeito abaixo, p. 19-20.

[24] Cf. M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. XXVI-XXVII. A hipótese levantada por M. Simonetti é corroborada pelo fato de as homilias terem certo caráter propedêutico: trata-se – ver-se-á abaixo – de exposição para iniciantes no percurso da fé.

[25] Cf. *Hom. Ct.* 1,1.

[26] Cf. M. SIMONETTI, *Lettera e/o Allegoria. Un contributo alla storia dell'esegesi patristica*, Roma: Institutum Patristicum Augustinianum [Studia Ephemeridis Augustinianum 23], 1985, 65-88; e *Id.*, *Origene*..., p. XXVI.

[27] Cf. M. SIMONETTI, *Origene...*, p. XVI. Essa passagem, ascendente, embora tenha, em Orígenes, algo de fundo platônico, é fundamentalmente escriturística; e isso vale também para as distinções entre sentido corporal e espiritual, homem interior e exterior; cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 18-30.

[28] *Hom. Ct.* 1,1.

[29] *Hom. Ct.* 1,1; 1,6; 2,10.

[30] *Hom. Ct.* 1,1; 1,6; 2,3; 2,10.

[31] *Hom. Ct.* 1,7; 1,10.

[32] Cf. *Hom. Ct.* 1,6 (onde *da Igreja* é *ecclesiastice*, no original latino); 1,10.

[33] *Hom. Ct.* 1,1; 1,6; 1,9; 1,10; 2,2; 2,4; 2,10; 2,12.

[34] *Hom. Ct.* 2,3.

[35] *Hom. Ct.* 1,8; 1,9.

[36] *Hom. Ct.* 1,5.

[37] *Hom. Ct.* 1,5; cf. 2,9.

[38] Cf. *Hom. Ct.* 2,3; 2,6; 2,9. Cf. ainda, sobre as várias manifestações do Verbo, *Contra Celsum* 2,64 [PatrPaulus 20, 2004, 185-6].

[39] *Hom. Ct.* 1,7.

[40] *Hom. Ct.* 1,2; 2,2.

[41] *Hom. Ct.* 2,6.

[42] *Hom. Ct.* 1,1; 2,3.

[43] Cf. *Hom. Ct.* 1,1; cf. 2,1; 2,6.

[44] *Hom. Ct.* 2,9.

[45] *Hom. Ct.* 1,5; cf. 1,6; 2,7.

[46] *Hom. Ct.* 1,5; 2,7.

[47] *Hom. Ct.* 1,1

[48] *Hom. Ct.* 1,5; 2,13.

[49] Cf. *Hom. Ct.* 1,6; 1,7; 2,8; 2,9; 2,10; 2,13.

[50] Cf. *Hom. Ct.* 1,8.

[51] *Hom. Ct.* 2,8.

[52] Cf. *Hom. Ct.* 2,6.

[53] Orígenes simplesmente cita o texto sacro e o comenta em breves unidades quase independentes, sem rigorosa conexão entre si (cf. M. SIMONETTI, *Origene...*, p. XXVII) e sem fixar-se em cada detalhe (cf. *Ibid.*, p. XXIX-XXX). Entretanto, há quem considere essa não rigorosa conexão entre as unidades comentadas como indicadoras de saltos de Jerônimo (cf., abaixo, p. 18, n. 63). Não é impossível, contudo, que o salto, admitindo-se que tenha havido, tenha sido do estenógrafo. Mais provável, ainda, é que no calor da improvisação das homilias, o próprio Orígenes pode ter passado de um elemento a outro sem os conectar com precisão. Há elementos no texto que, mais que saltos do tradutor propriamente – Jerônimo – ou do estenógrafo, apontam para sua improvisação: 1,2 (n. 26 e 31); 1,6 (n. 118 e 124); 2,2 (n. 20 e 22); 2,3 (n. 65); 2,6 (n. 108); 2,8 (n. 134); 2,13 (n. 208). Não é impossível imaginar Orígenes com o livro do *Cântico* diante de si (cf. 2,11), mas a falar sem olhar todo o tempo para o texto. Ao parecer, portanto, de quem subscreve esta introdução, contra R. P. LAWSON, *Origenes. The Song of Songs: Commentary and Homilies*, Nova York: Newman [Ancient Christian Writers 26], 1956, 17, é improvável que Orígenes mesmo tenha redigido as homilias.

[54] Cf. *Hom. Ct.* 1,2; 1,4; 1,10; 2,2.

[55] Cf. *Hom. Ct.* 2,3.

[56] Cf. *Hom. Ct.* 2,12

[57] Cf. *Hom. Ct.* 2,2.

[58] Cf. *Hom. Ct.* 1,1; 2,3.

[59] Cf. *Hom. Ct.* 1,4; 2,6.

[60] *Hom. Ct.* 2,4.

[61] Cf. *Hom. Ct.* 1,9.

[62] Cf. acima p. 13.

[63] Cf. *Hom. Ct.* 1,6; 2,8.

[64] Cf. *Hom. Ct.* 1,9; 1,10; 2,4; 2,8.

[65] Cf. M. SIMONETTI, *Origene*..., p. XXVI; e, igualmente, O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 36-9.

[66] *Hom. Ct.* 2,7. M. I. DANIELI, *op. cit.*, p. 13, considera que se possa tratar não só de catecumenato oficial, mas também espiritual, isto é, de iniciantes de modo geral, que não necessariamente estivessem por ser batizados.

[67] Cf. M. SIMONETTI, *Origene...*, p. 116-7, n. 3,1.

[68] *Op. cit*.

[69] *Historia Ecclesiastica* 6,36,1 [PatrPaulus 15, 2000, 321]. L. BRESSARD e H. CROUZEL (ed.), *op. cit.* p. 10-1, referem tal informação; O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 8-9; R. LAWSON, *op. cit.*, p. 17; e M. SIMONETTI, *Origene...*, p. XV, situam o comentário origeniano em 240, e as homilias em 244-245.

[70] *Op. cit.*, p. 9-11, particularmente as p. 10-1. A partir do texto de Eusébio e de literatura secundária, Christopher King aponta, com dois argumentos, que Eusébio não pode ter-se referido às homilias origenianas, porque as *preleções públicas* – isto é, em público e, portanto, para um auditório geral – de que este último fala dizem respeito a discussões,

não a homilias. Essas não eram públicas, mas destinadas a um auditório específico. Além disso, aduz, em *Com. Ct.*, Orígenes cita as homilias a Juízes e Números, que fechariam o ciclo de homilias veterotestamentárias de Orígenes, ciclo iniciado com pregações sobre a literatura sapiencial, na qual se encontra, obviamente, o *Cântico dos Cânticos* (*ibid.*, p. 11, n. 39; estabelecida a datação das referidas obras, o autor dedica-se exclusivamente à análise do *Com. Ct.*). Mas L. BRESSARD e H. CROUZEL, *op. cit.* p. 11, bem observaram, sem ignorar que haja aí elementos problemáticos, que o próprio Eusébio deixara claro (*Historia Ecclesiastica* 6,19,16 [PatrPaulus 15, 2000, 307]) que as *preleções públicas* de Orígenes eram explicações das Escrituras na Igreja.

[71] O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 9; M. SIMONETTI, *Origene*..., p. XXV.

[72] Não só porque o afirme (cf. *Hom. Ct.* Prol.), mas porque o texto oferece indícios dessa fidelidade: *Hom Ct.* 1,1 (n. 8); 1,10 (n. 160); 2,3 (n. 30 e 65).

[73] É possível que esse prólogo tenha contribuído para a conservação das *Hom. Ct.* A esse respeito, cf. S. F. EYZAGUIRRE, *op. cit.*, p. 29-31.

[74] *Origene...*, p. 16-104.

[75] A grande quantidade de colchetes, ao longo de todo o texto, explicita ou introduz elementos que facilitem a leitura e a compreensão das homilias.

HOMILIAS SOBRE O *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*
De Jerônimo ao beatíssimo Pai Dâmaso

[1] *Pai*: *papa*, no texto latino. Embora, na saudação de Novaciano em suas cartas a Cipriano, tenhamos mantido o termo em nossa tradução (cf. NOVACIANO, *Cartas*, em PatrPaulus 37, 2017, p. 207, 217 e 227), e não o tenhamos anotado, *papa* não possui ainda o significado técnico reservado ao bispo de Roma e identifica, simplesmente, reverente afeto.

[2] Bispo de Roma de 366-384. Jerônimo foi seu secretário nos dois últimos anos de seu pontificado.

[3] Cf., acima, p. 13 e sua n. 19. A respeito da *Hexapla* de Orígenes, veja-se notícia em EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia Ecclesiastica* 6,16,1-3 [PatrPaulus 15, 2000, 301-2], e, sobre a *Septuaginta*, G. DORIVAL *et al.*, *La Bible grecque des Septante. Du judaïsme hellénistique au christianisme ancien*, Paris: Cerf/CNRS [Initiation au christianisme ancien], 1994**2**, 163ss. Ácio, no Golfo Ambraciano (mar Jônio), na margem oposta à cidade de Nicópolis, no Épiro, pertencia à diocese da Macedônia; cf. A. DI BERARDINO (org.), *Atlante storico del cristianesimo primitivo*, Bologna: EDB, 2010, p. 168ss., particularmente, p. 182 (Nicópolis).

[4] Ct 1,4.

[5] Cf. 1Cor 3,1-3. Cf. *Com. Ct.* prol.,1-2. O auditório das *Hom. Ct.* de Orígenes, de fato, é composto de catecúmenos (cf. *Hom. Ct.* 2,7), provavelmente um grupo heterogêneo, diversamente, parece ser, do seleto grupo de destinatários do *Com. Ct.* (prol.1-2), já que Orígenes aí desaconselha a leitura da obra – ou de comentários a esta – aos incipientes (cf. nota seguinte).

[6] Cf. Hb 5,12-14. A anotação de Jerônimo tem um que de origeniana. Para Orígenes, a partir de 1Cor 3,1-3, particularmente, há cristãos incipientes e cristãos que progrediram em algo na perfeição, os espirituais. A esse respeito, vejam-se, por exemplo, seu *Contra*

Celsum 3,53 [PatrPaulus 20, 2004, 251-2] e, abaixo, *Com. Ct.* prol.1,4-5.

HOMILIAS SOBRE O *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

Homilia 1

[1] Ex 26,33-34.

[2] Lv 16,31 e 23,32.

[3] Ἅισμα ᾀσμάτων, Ct 1,1, conforme a Septuaginta, texto base de Orígenes não só para o *Cântico dos Cânticos*, mas, em princípio, para as citações escriturísticas constantes nessas homilias; cf. M. SIMONETTI, *Origene...*, p. XXIV.

[4] Cf. Ex 13,3-8.

[5] Ex 15,1.

[6] Cf. Nm 21,17-18.

[7] Dt 32,1.

[8] Isto é, conduzido por Josué, nome que, em grego, é igual a Jesus. Isto pode ser um indicador da fidelidade da tradução de Jerônimo.

[9] Cf. Jz 5,2-32. Ver também *Com. Ct.* prol., 4,9.

[10] 2Sm 22,1-2ss.

[11] Is 5,1.

[12] Cf. *Com. Ct.* prol.,4,3-9.

[13] Cf. 1Cor 1,21.

[14] Ef 5,27

[15] Cf. Ef 4,7.

[16] *Graus* é *ordines*, no original, e bem poderia ser traduzido em *papéis*; no entanto, no contexto da ascensão e do progresso na intimidade com o esposo, pareceu mais adequado, pois os personagens identificam uma hierarquia descendente, como será evidente em seguida.

[17] Cf. *Com. Ct.* 1,1,1.

[18] Ao colocar o *Cântico dos Cânticos* como referência mesmo para a introdução do gênero epitalâmio entre os gregos, Orígenes apresenta-o como o epitalâmio por excelência, e, certamente, anterior aos epitalâmios gregos. Aqui, Orígenes serve-se de um lugar-comum da argumentação apologética, os *furta graecorum*. Oriundo de ambiente judeo-helenístico, o argumento – assumido pela apologética cristã – defendia a precedência cronológica do AT sobre a sabedoria helênica: os gregos teriam extraído do AT aquilo que era comum ou semelhante entre judeus e gentios. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata* 1,87,2, diz que os gregos se apropriaram do que não lhes pertencia e apresentaram-no como se fosse deles mesmos. Sobre os *furta graecorum*, veja-se I. SANNA, “L’argomento apologetico *Furta Graecorum*”, em *Problemi attuali di filosofia, teologia, diritto*, Pontificia Università Lateranense [*Studia Lateranensia* 1], 1989, 119-43; e, abaixo, *Com. Ct.* prol.,3,1-5, particularmente o parágrafo 4.

[19] Cf. abaixo, *Hom. Ct.* 2,2.

[20] Cf. Ct 1,11-12.

[21] Ct 1,2. Cf. *Com. Ct.* 1,1,1-2,2.

[22] Is 65,24.

[23] Cf. Hb 1,1-2.

[24] Ct 1,2-3. Atento ao texto, Orígenes interpreta a repentina passagem da terceira à segunda pessoa como resposta imediata do Pai à súplica da esposa. A Bíblia de Jerusalém, *loc. cit.*, observa que "as passagens bruscas da terceira para a segunda pessoa são também características dos cânticos de amor egípcios. O amado está ausente, mas permanece presente no coração de sua amada".

[25] Sl 45(44),8. Cf. Hb 1,9.4. Ver ainda *De principiis* 2,6,6 [PatrPaulus 30, 2012, 165-6].

[26] 2Cor 2,15.14. Citado provavelmente à memória, Orígenes inverte, ou cita livremente, os referidos versículos.

[27] Sl 38(37),6.

[28] Cf. Ex 30,22-34.

[29] Cf. Ex 30,25.

[30] Gn 1,1.

[31] Ex 31,3; 30,25. Mais uma vez citando, provavelmente, à memória, Orígenes inverte, mescla, ou cita livremente, os referidos versículos.

[32] Orígenes encontra na citação do Êxodo um *defectus litterae*. Não raro na exegese patrística, trata-se de caso em que a descrição escriturística contém elementos aparentemente sem sentido – ao menos, sem sentido lógico imediato – ou de situação em que, entendido literalmente, o texto apresenta algo contraditório ou inútil, ou mesmo indigno de Deus. Nesse caso, Orígenes entende que formular a confecção de perfumes não é atividade condigna da divindade. Assim, o texto só tem sentido se entendido em sentido espiritual. Sobre o *defectus litterae* ver J. PÉPIN, "À propos de l'histoire de l'exegèse allégorique: l'aburdité, signe de l'allegorie", em *Studia Patristica* 1 [= Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur 63], Berlin: Akademie-Verlag, 1957, 395-413.

[33] Cf. *Com. Ct.* prol.,2,15-23.

[34] Cf. *Com. Ct.* prol.,2,18 e 40.

[35] Cf. Mt 5,18; 24,35; Mc 13,31; Lc 16,17 e 21,33.

[36] Cf. *Com. Ct.* prol.,2,16-23.

[37] Pr 4,6.8.

[38] Isto é, a alma do autor.

[39] Ct 2,6.

[40] *Subjuntivo*: *optativus*, no original.

[41] *Utinam santificetur.*

[42] Para Orígenes, os imperativos aoristos φιλησάτω (beije) e ἁγιασθήτω (seja santificado) exprimem desejo, que seria evidenciado pelo optativo (subjuntivo); mas, e com razão, ele já havia notado (*De oratione* 24,4) que a Septuaginta normalmente expressa desejos mediante o uso de imperativos em vez de subjuntivos. Acerca do referido uso, ver M. GUERRA GÓMEZ, *El idioma del Nuevo Testamento: gramática, estilística y diccionario estadístico del griego bíblico*, Burgos: Aldecoa, 1981^{3}, p. 295. O. ROUSSEAU, *op. cit.,* p. 65, n. 3, entende que o imperativo aoristo de beijar possa indicar o desejo de realização imediata daquilo a que a esposa aspira. Mas talvez seja mais provável, como notado por M. I. DANIELI, *op. cit.,* p. 55, n. 42, que a observação de Orígenes se deva ao fato de parecer estranho e desrespeitoso dar ordens (imperativo) a Cristo, tendo-se presente,

ademais, como anota M. SIMONETTI, *Origene...,* p. 116-7, n. 3,1, o modesto nível cultural do auditório.

[43] Ct 1,2. Ver também *Com. Ct.* 1,2,2-24.

[44] Cf. *Com. Ct.* 1,2,5. *Espádua de separação* (*pectusculum separationis*) é "[parte alta do] peito de apresentação" (τὸ στηθύνιον τοῦ ἀφορίσματος; Lv 10,14, conforme a Septuaginta). στηθύνιον (*pectusculum*, no latim) é, literalmente, diminutivo de peito (στῆθος, que designa, entre outras coisas, a parte alta do tórax e, também, mais especificamente, onde se articulam os ossos dos membros superiores), que, considerando as observações de Orígenes, preferimos traduzir em espádua. ἀφορίσματος literalmente é *da separação* e identifica a parte separada para ser apresentada como oferta no sacrifício.

[45] Cf. Jo 13,23. *Peito*: κόλπος, que também se traduz em seio; originariamente designa ventre, abdome, colo, regaço, vindo a significar, por extensão, intimidade. Cf. *Com. Ct.* 1,2,3.

[46] *Espádua*: *pectusculum*.

[47] *Peito*: *pectus*, στῆθος.

[48] *Mamilos*: *ubera* na versão de Jerônimo, μαστοί na Septuaginta.

[49] Ct 1,2.

[50] Sl 23(22),5.

[51] Ct 1,2-3. Cf. *Com. Ct.* 1,4,1-30.

[52] Ct 1,10; 4,4; 7,5.

[53] Ct 1,15; 4,1; 7,5.

[54] Ct 1,10; 6,7.

[55] Ct 7,3.

[56] Ct 7,2.

[57] Cada parte exterior do ser humano identifica uma faculdade da alma; cf., abaixo, *Com. Ct.* prol.,2,6ss. e 1,4,17ss.

[58] Ct 1,2.

[59] Ct 1,2-3.

[60] Cf. 1Rs 10,1-2.

[61] Cf. 2Cor 2,14-15.

[62] Ct 1,3.

[63] Ct 1,3.

[64] Ct 1,3.

[65] Mc 14,3 e Mt 26,7, textos em que se unge só a cabeça de Jesus. Seus pés são ungidos em Lc 7,37 e em Jo 12,3. No Evangelho de João, a mulher é Maria, irmã de Lázaro. Lucas é o único a dizer que a mulher era pecadora.

[66] Cf. nota anterior.

[67] Jo 12,3.

[68] Mc 14,3; Mt 26,7.

[69] Ct 1,3.

[70] Ct 1,3.

[71] Ct 1,3.

[72] Rm 5,5.

[73] Ct 1,3.

[74] *Adulescentulas.*

[75] Ver *Com. Ct.* 1,4. Em senso estrito, na construção gramatical do período – “in mediis uero precibus ingreditur iuuencularum chorus et sponsae laudatur eloquiis” –, o louvor da esposa deveria referir-se ao coro das jovens, o que seria estranho e contrário à lógica do contexto, já que sua última fala, bem como a que se segue, é dirigida ao esposo. É preciso lembrar que Orígenes concebe o *Cântico dos Cânticos* também como drama, *performance* teatral. Assim, não seria demasiado pedir ao leitor que imaginasse a esposa a olhar para o esposo enquanto aponta para o coro das jovens e continua sua fala.

[76] *Iuuenculae.*

[77] Ct 1,3-4.

[78] Ct 1,4.

[79] Isto é, elas não gozam da mesma confiança que o esposo deposita na esposa.

[80] *Famulae.*

[81] Ct 6,7-8.

[82] Ct 1,4.

[83] Ct 1,4.

[84] 2Tm 4,7.

[85] 1Cor 9,24.

[86] Jo 3,29.

[87] Cf. Ct 1,5; 6,8; Ef 5,27.

[88] Ct 1,4. Cf. *Com. Ct.* 1,5-6.

[89] Cf. Is 45,3.

[90] Ct 1,4.

[91] Ct 1,4.

[92] Ct 1,4.

[93] Ct 1,2.

[94] Ct 1,4.

[95] Ct 1,2.

[96] Ct 1,4.

[97] Ct 1,4.

[98] Ct 1,5. Cf. *Com. Ct.* 2,1-2.

[99]Ct 1,5-6.

[100] Ct 8,5.

[101] Ct 8,5. *Amado*: *fratruelis*, que também designa sobrinho. Abaixo, *Hom. Ct.* 2,3, comentando Ct 2,12, Orígenes explicará o significado do uso de sobrinho; cf. *Com. Ct.* 2,10,1-3. Sobre *fratruelis*, veja-se, ademais, ISIDORO DE SEVILHA, *Etymologiae* 9,6,15.

[102] *Peito*: *pectus.*

[103] Cf. *Com. Ct.* 1,2,6 e 3,14.

[104] Ct 8,5. Ver também, *Com. Ct* 2,2,3.

[105] Nm 12,1. Para as imagens da Igreja como estrangeira, cf. G. SGHERI, *op. cit.*, p. 317-47.

[106] Sf 3,10.

[107] Sl 68(67),32.

[108] Cf. Mt 9,18ss.

[109] Rm 11,11. Cf. *Com. Ct.* 2,1,42.

[110] Ct 1,5.

[111] Cf. 1Rs 10,1ss.

[112] Mt 12,42.

[113] Cf. Mt 12,42.

[114] Ct 1,5.

[115] Cf. *Com. Ct.* 2,1,2.

[116] Cf. 1Rs 6; 2Cr 3.

[117] Cf. 1Rs 5,1ss.

[118] S. F. EYZAGUIRRE, *loc. cit.*, fala de um truncamento no período. O pronome possessivo não se aplica adequadamente a qualquer elemento imediato ou circunstante. *Como nenhum deles* é compreensível somente se se tem em mente a comparação de Mt 6,28-29, caso em que a expressão referir-se-ia aos lírios, cuja dignidade é superior à riqueza de Salomão, que teria sabido não preocupar-se com o que vestir. Admitindo-se que tenha havido, teria tal truncamento sido ocasionado por "perda" do estenógrafo de alguma sentença proferida por Orígenes? Tratar-se-ia de um lapso deste último no calor do discurso? Ou, ainda, Jerônimo teria saltado algo ao traduzir o texto? M. SIMONETTI, *Origene...*, p. 123, n. 71, considera que Orígenes poderia ter apontado para alguém – provavelmente bem vestido – do auditório, o que, mesmo se possível, para o autor destas notas parece excessivo, já que, embora o autor se dirija a seu auditório, não o faz nem mesmo uma vez, naquilo do texto que chegou até nós, de modo a indicar esse tipo de distinção.

[119] Ct 1,5-6.

[120] Cf. 1,6.

[121] Ver *Com. Ct.* 2,2,10.

[122] Rm 11,11. Ver *Com. Ct.* 2,1,42.

[123] Rm 11,32.

[124] S. F. EYZAGUIRRE, *op. cit.*, p. 68, n. 110, considera que Jerônimo tenha, aqui, resumido ou saltado uma parte do texto (mas, veja-se também nossa introdução, acima, p. 20, n. 72), já que em *Philocalia* 27,13 conserva-se um fragmento grego em que Orígenes se pergunta como o sol, brilhante, cause enegrecimento. Os textos paulinos, nessa passagem, indicariam a possibilidade de efeitos contrários à causa, para explicar como o sol, brilhante, possa enegrecer. M. SIMONETTI, *Origene...*, p. 124, n. 81-2, contudo, bem notara que a luz do sol não lhe teria feito mal, pelo contrário, se a esposa não a tivesse negligenciado.

[125] Ct 1,6. Cf. *Com. Ct.* 2,3.

[126] Ct 1,6.

[127] Cf. 1Tm 1,13.

[128] Cf. Ct 1,6.

[129] Gl 1,23.

[130] Ct 1,6.

[131] Cf. Ef 5,27.

[132] Cf. 1Cor 9,19-22.

[133] Ct 1,6.

[134] Cf. *Com. Ct.* 2,8,35-6.

[135] Ct 8,5; cf. Ct 3,6.

[136] Ct 1,7. Cf. *Com. Ct.* 2,4.

[137] Ct 1,7.

[138] Cf. Gn 43,16.25.

[139] Cf. Gn 18,1.

[140] Cf. Mt 7,7-8.

[141] Ct 1,7.

[142] Cf. 1,7.

[143] *Minha face*: redução do pleonasmo latino *mea facies atque os* (cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 76, n. 2). Tendo acolhido a proposta de tradução de Rousseau, buscamos respaldá-la recorrendo, sem sucesso, a vários dicionários.

[144] Ct 1,7. Sobre a *esposa velada*, cf. *Com. Ct.* 2,4,10.

[145] *Face*: *os, -oris*, boca, literalmente. Entendemos o termo como disjunção do pleonasmo anterior; cf., acima, n. 143.

[146] Cf. *Com. Ct.* prol.,2,39.

[147] Cf. Ct 1,7.

[148] Cf. Ef 5,27.

[149] Ct 1,8. Cf. *Com. Ct.* 2,5.

[150] Cf. Mt 25,33.

[151] Ct 1,8.

[152] Jo 10,14.

[153] Ct 1,9. Cf. *Com. Ct.* 2,6. *Cavalaria*: *equitatui* na versão de Jerônimo. O feminino no grego da Septuaginta (ἡ ἵππος) pode designar tanto égua como cavalaria.

[154] Hab 3,8.

[155] *Comandantes*: *tristatae*.

[156] Ex 14,26ss.

[157] Ct 1,9.

[158] Ct 1,10.

[159] Ct 1,10.

[160] Outro indicador da fidelidade da tradução de Jerônimo, ao conservar o termo usado por Orígenes, constante na Septuaginta (ὁρμίσκος, colar)?

[161] Cf. 1,12.

[162] Nm 24,9; Gn 49,9.

[163] Cf. Ct 1,11.

[164] Ct 1,11.

[165] Cf. Ct 1,12.

[166] Cf. 1Pd 4,11; Hb 13,21.

Homilia 2

[1] Cf. Hb 11,10.

[2] *Emoções da alma*: *animae motiones*, muito provavelmente no sentido das paixões (*passiones animae*) estoicas. M. SIMONETTI, *Origene...*, p. 130, n. 1,1, afirma que Orígenes cristianiza o conceito estoico segundo o qual os impulsos oriundos da natureza estejam destinados à virtude. Quanto às emoções da alma e o estoicismo em Orígenes, cf. R. ZABOROWSKI, "Clément d'Alexandrie et Origène sur les émotions (avec une considération de l'apport des stoïciens, d'Aristote et de Platon)", *Eos* 94 (2007) 251-76, p. 257-61.

[3] Argumentação antignóstica. Contra o dualismo metafísico, Orígenes afirma a bondade da criação por obra divina, enquanto a existência do mal deve-se à responsabilidade humana.

[4] Cf. 1Cor 3,1.

[5] Pr 4,6.

[6] Ef 5,25.

[7] Ef 5,25.

[8] Ct 1,12. Ver, acima, *Hom. Ct.* 1,10.

[9] Cf. Nm 24,9; Gn 49,9.

[10] Cf. Ct 1,11-12. Veja-se também *Com. Ct.* 2,8,1-42.

[11] Ct 1,11-12. Cf. *Com. Ct.* 2,9,1-14.

[12] Ct 1,12-13. *Seios*: *ubera*, μαστοί. Sobre esta citação do Ct, veja-se também *Com. Ct.* 2,10,1.

[13] Ct 1,12.

[14] Mt 26,6-12.

[15] Cf., acima, *Hom. Ct.* 1,4, e sua nota 65.

[16] Cf. Lc 7,37.

[17] Cf. Mt 26,7; Mc 14,3; Jo 12,3.

[18] Jo 12,3. Orígenes parece trocar Maria por Marta. Indício de improvisação? Só dois códices, recusados no estabelecimento do texto – porque correções posteriores –, reportam Maria; cf. aparato crítico em M. SIMONETTI, *Origene...*, p. 60, para quem não há troca alguma: o alexandrino teria tido sua informação de uma tradição que lê Marta em lugar de Maria (*ibid.*, p. 131, n. 18).

[19] Mt 26,7.

[20] Jo 12,5; Mt 26,9; Mc 14,4. Mas somente em João, de fato, Judas é o único a indignar-se.

[21] Mt 26,11-13.

[22] Ct 1,12. Mas, na exegese, o comum é encontrar um personagem veterotestamentário como figura de um neotestamentário, o contrário do que Orígenes faz aqui. M. SIMONETTI, *Origene*..., p. 132, n. 27, afirma tratar-se de erro de Jerônimo.

[23] Cf. Mt 26,6.

[24] Ct 1,12.

[25] Mt 26,13.

[26] 2Cor 2,15.

[27] Sl 38(37),6.

[28] Mt 26,7.

[29] Cf. Ct 1,12.

[30] Ct 1,13. Jerônimo, mais uma vez, conserva o grego do texto original. στακτή identifica, de fato, o óleo natural de mirra (cf., *sub voce* “gutta” [I], LTL 2, 624) e – tendo-se presente seu verbo de origem (στάζω, gotejar), via adjetivo verbal (στάκτος, a gotas) – também pode significar genérica e simplesmente gota, como Orígenes aponta. Ele, com efeito, joga com os significados do termo, particularmente em relação ao Verbo, ver-se-á, em seguida.

[31] *Gutta*, no latim. Na referida passagem, porém, para a *Vulgata*, em vez de *gutta*, Jerônimo preferirá *zmyrna*, transliterado do grego (σμύρνα ou, provavelmente, ζμύρνα), mas que também significa mirra.

[32] Cf. Ex 30,22-38.

[33] Mq 2,11-12.

[34] Dn 2,34.

[35] Cf. 1Pd 2,7-8; Is 8,14.

[36] Is 40,15.

[37] Fl 2,7.

[38] Dt 32,6.

[39] 1Cor 1,21.

[40] 1Cor 1,25.

[41] 1Cor 1,25.

[42] Is 40,15.

[43] Sl 44(45),9-10.

[44] Ct 1,13.

[45] *Fratruelis*: *amado* e *sobrinho*. É o termo de Jerônimo para o ἀδελφιδός da Septuaginta, e provavelmente de Orígenes. Dado o duplo significado, preferiu-se manter no texto o original latino. Que Cristo seja o amado, é compreensível. Menos compreensível, porém, é designá-lo como sobrinho. Orígenes se vê, por isso, no dever de esclarecer como este último termo possa aplicar-se a Cristo. Acerca de *fratruelis*, ver, acima, *Hom. Ct.* 1,6 e sua nota 101, e a interpretação que Orígenes oferece em seguida para os dois significados, ambos referidos a Cristo, em um só termo. Cf. também *Com. Ct.* 2,10,2-3.

[46] Igualmente ele é o amado de sua esposa. Assim se entende como *fratruelis*, que significa amado e sobrinho, possa referir-se ao esposo, Cristo. Para a relação entre a Igreja e a Sinagoga, veja-se G. SGHERI, *op. cit.*, p. 133-276.

[47] Ct 1,13. Cf. *Com. Ct.* 2,10,4-11.

[48] *Ápice do coração*: *principalis cordis*.

[49] *Peito*: *pectus.*

[50] Ct 1,13.

[51] *Seios*: *mammae*.

[52] Cf. Ez 23,3. A Septuaginta usa o aoristo de πίπτω (ἔπεσον), que também pode significar decair, enquanto a Vulgata usa o pretérito de *frango* (*fractae sunt*) e emprega *mammae* para o grego μαστοί. A escolha de *murchar*, aqui, deve-se ao uso origeniano-jeronimiano de *enrugar* (*inrugare* ou *irrugare*) logo abaixo.

[53] *Seios*: *mammae*.

[54] Cf. Ez 23,3.

[55] Cf. Ez 23,3.

[56] Ct 1,13.

[57] Ct 1,14. Cf. *Com. Ct.* 2,11,1-11.

[58] Cf. Ct 1,5.

[59] Ct 1,14.

[60] Ct. 1,14.

[61] Ct 1,14.

[62] Jo 7,1.

[63] Isto é, na luz deste mundo.

[64] Cf. Jo 15,1.

[65] De fato, o pronome, no texto de Orígenes, conforme a versão de Jerônimo, é masculino plural, sem conexão própria, portanto, nem com *gens*, nem com *vinea*. Indício de improvisação conservada na tradição manuscrita? Com efeito, só algum manuscrito corrige-o em *eas*. Ver, a esse respeito, aparato crítico em M. SIMONETTI, *Origene...*, p. 68.

[66] Sl 80(79),9.11.

[67] *Seios*: *ubera*.

[68] Ct 1,15. Cf. *Com. Ct.* 3,1,1-13.

[69] Ct 1,16.

[70] Ct 1,15.

[71] Cf. *Com. Ct.* 3,1,2.

[72] Ct 1,15.

[73] Ct 1,15. Cf. *Com. Ct.* 3,2,1-2.

[74] Cf. Mt 5,28.

[75] Pr 27,10. Somente um manuscrito e a tradição de outro acrescentam aqui: “Em lugar do que os Setenta traduziram por infeliz, Áquila, exprimindo a verdade hebraica, colocou ἀπορεῶντα, isto é, estulto”. O acréscimo pode ser uma glossa marginal feita pelo próprio Jerônimo ou alguém de seu círculo; cf. M. SIMONETTI, *Origene*..., *loc. cit.* e p. 136.

[76] Cf. Sl 107(106),42-43.

[77] Sl 19(18),9.

[78] Cf. Mt 3,16.

[79] Ct 1,15.

[80] Cf. Mt 4,23; 8,16-17.

[81] Mt 28,20.

[82] Ct 1,15.

[83] Ct 1,16. *Sombreado*, segundo o latim (*umbrosus*) de Jerônimo e o provável texto grego (σύσκιος) de Orígenes. Sobre a citação do Ct, veja-se *Com. Ct.* 3,2,1-9.

[84] Cf. Mt 9,2-7.

[85] Mt 9,6.

[86] Mt 9,6. Mesmo na narrativa evangélica, Orígenes lê um *defectus litterae*. A esse respeito, veja-se, acima, p. 29, n. 32.

[87] Mt 9,6.
[88] Ct 1,16.
[89] Sl 121(120),6. Sobre a queimadura do sol, ver, acima, *Hom. Ct.* 1,6.
[90] Ct 1,17. Cf. *Com. Ct.* 3,3,1-6.
[91] Cf., acima, *Hom. Ct.* 1,1.
[92] Is 55,13.
[93] Ct 1,17.
[94] Ct 2,1. Cf. *Com. Ct.* 3,4,1-7.
[95] Cf. Gn 2,9; 3,22; Ap 2,7.
[96] Ver *De principiis* 2,8,5 e 11,6 [PatrPaulus 30, 2012, 179 e 204-5].
[97] Ct 1,3; cf., acima, *Hom. Ct.* 1,4.
[98] Ct 2,1.
[99] Ct 2,2.
[100] Ct 2,3. Cf. *Com. Ct.* 3,5,1-19.
[101] Ct 2,3.
[102] Lm 4,20. Ver também Orígenes, *De principiis* 2,6,7 [PatrPaulus 30, 2012, 166-7].
[103] Is 9,1; Lc 1,79; Mt 4,16.
[104] Lc 1,35. Ver também Orígenes, *De principiis* 4,3,13 [PatrPaulus 30, 2012, 312-3].
[105] Lc 16,10.
[106] Ct 2,3.
[107] Ct 2,3.
[108] Ct 2,3. Estranho que *me saciei* esteja no masculino (*saturatus sum*), embora a frase pareça dita pela esposa. Não há elementos gramaticais ou de contexto que permitam pensá-la referida a outro personagem. Um só manuscrito a corrige para o feminino (*saturata sum*); cf. aparato crítico de M. SIMONETTI, *Origene*..., p. 80. Outro indício de improvisação do discurso?
[109] Ct 2,4. Cf. *Com. Ct.* 3,6,1-9. Orígenes, aqui, diversamente do *Comentário* (3,6,1), põe essas palavras na boca do esposo.
[110] Cf. Mc 4,11.
[111] Ct 2,4.
[112] Ap 3,20.
[113] Cf. Sl 104(103),15; Eclo 40,20.
[114] Cf. Ecl 10,19; Mt 25,6; Mc 2,19.
[115] Cf. Jo 1,1.
[116] Cf. 1Cor 1,30.
[117] Cf. Jo 14,6.
[118] Ct 2,4.
[119] Ct 2,4. Cf. *Com. Ct.* 3,7,1-31.
[120] Mt 10,37.
[121] Ef 5,29.
[122] Ef 5,31.
[123] 1Cor 6,17.

[124] Isto é, anteponha-se o servo ao filho.

[125] Mt 22,37.39.

[126] Mt 5,44.

[127] Mt 22,37.

[128] Mt 5,44.

[129] Mt 22,39.

[130] Mt 22,37.

[131] Ct 2,4.

[132] Ct 2,5. Cf. *Com. Ct.* 3,8,1-11.

[133] ἐν οἰνανθῇ, isto é, "com a flor da vinha". Para M. SIMONETTI, *Origene*..., p. 143, n. 51-2, o tradutor seria Símaco. Mas O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 132, n. 1, dissera que a versão de Símaco traz ἐν ἄνθει e a de Áquila, οἰνανθῶν.

[134] Ct 2,5. S. F. EYZAGUIRRE, *op. cit.*, p. 99, n. 104, considera que a rápida passagem de uma expressão a outra, sem comentário algum, seja indicador de que Jerônimo, ao traduzir, tenha saltado algo. Para SIMONETTI, *Origene*..., p. 143, n. 51-2, Orígenes não se delonga, dados o pouco tempo à disposição e a limitação cultural de seu auditório. Além disso, dissera (*ibid.*, p. XXVII) que o autor não se preocupa com as conexões. Não é impossível, ainda, que Orígenes tenha sido "tentado" a fazer uma consideração "filológica" ou quanto à tradução que acabara de mencionar. Tendo-a, porém, considerado desnecessária, prossegue improvisando, de fato, sem preocupar-se com estabelecer uma conexão.

[135] Ct 2,3.

[136] Ct 2,5. Cf. *Com. Ct.* 3,8,12-18.

[137] Is 49,2.6.

[138] Lc 24,32.

[139] Isto é: talvez, em seguida ao fato de sentir-se ferido pelo ensinamento divino, seja ferido pelo amor divino.

[140] Ct 2,6. Cf. *Com. Ct.* 3,9,1-10.

[141] Cf. Sb 7,22.27.

[142] Pr 3,16.

[143] Ct 2,6.

[144] Ct 2,6.

[145] Ez 13,18, pouco distinto da Septuaginta.

[146] Cf. interpretação semelhante de GREGÓRIO MAGNO, *Regula pastoralis* 2,8,19 [PatrPaulus 28, 2014, 91], que pode ter sido de inspiração origeniana.

[147] Contra a edição de M. SIMONETTI, *Origene...*, p. 90, que situa o verbo *habere* no período precedente.

[148] Ct 2,6.

[149] Pr 3,16.

[150] Ct 2,6.

[151] Pr 3,16.

[152] Ex 20,12.

[153] Ct 2,7. Cf. *Com. Ct.* 3,10,1-9. O texto que o leitor, provavelmente, encontrará nas

traduções em português, como na Bíblia de Jerusalém, por exemplo, diz, seguindo o hebraico, “pelas cervas e gazelas”. Mas, como observado por M. I. DANIELI, *op. cit.*, p. 84, n. 117, já o *Targum* (cf. *loc. cit.*) lida com as raízes hebraicas de cervas-fortes, gazelas-exércitos.

[154] Ct 2,7.

[155] Ct 2,5.

[156] Is 1,21.

[157] Nm 24,9.

[158] Cf. Mt 8,23-27; Lc 8,22-25.

[159] Ct 2,7.

[160] Gn 27,27.

[161] Ct 2,7-8. Cf. *Com. Ct.* 3,11-12.

[162] Ct 2,8.

[163] Ct 2,7-8.

[164] Ct 2,8.

[165] Ct 2,8.

[166] Ct 2,8.

[167] Ct 2,8.

[168] Ct 2,9. Cf. *Com. Ct.* 3,13,1-51.

[169] Dt 14,4.5.

[170] δορκάς, talvez emparentado com o δέρκομαι (ver claramente), possivelmente via sua forma perfeita ativa (δέδορκα). Cf. também, abaixo, n. 172.

[171] Lc 24,32.

[172] ὀξυδερκέστερον, comparativo de ὀξυδερκής (visão penetrante), talvez via infinitivo presente de δέρκομαι (δέρκεσθαι). Cf. também, acima, n. 170. A etimologia origeniana, então, talvez não seja de todo fantasiosa (cf. R. P. LAWSON, *op. cit.*, p. 369, n. 81, contra O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 140, n. 1; veja-se, ainda, P. CHANTRAINE, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, vol. 1, Paris: Klincksieck, 1968, 264-5 e 293-4).

[173] θεωρία: entre outras possibilidades, contemplação ou compreensão intelectual.

[174] Sl 74(73),13-14, ou *cabeças do dragão*. O grego δράκων e o latim *draco* podem ser traduzidos em *serpente* ou *dragão*.

[175] Ct 2,9.

[176] Cf. 2Cor 10,5.

[177] Inimigo, de outra tribo, de outra raça; pelo latim, *allophylus*, calcado do grego ἀλλόφυλος. O termo, na Septuaginta e na literatura patrística, normalmente designa os filisteus (cf., por exemplo, Jz 14,4; 1Sm 5,1ss.; Sl 56[55],1), o estrangeiro, o gentio, o herege (cf., por exemplo, *A Diogneto* 5,17 [PatrPaulus 2, 2014^{5}, 23], TERTULIANO, *De pudicitia* 7; JERÔNIMO, *ep.* 27; ISIDORO DE SEVILHA, *Etymologiae* 9,2,20).

[178] Ct 2,9.

[179] Cf. Ct 2,8.

[180] Ct 2,9. Cf. *Com. Ct.* 3,14,1-22.

[181] Cf. 1Cor 3,9.

[182] Ct 2,9.
[183] Jr 9,20.
[184] Cf. Mt 5,28.
[185] Ct 2,9. Cf. *Com. Ct.* 3,14,26-34.
[186] Eclo 9,13.
[187] Sl 124(123),7-8; distinto tanto da Septuaginta quanto da Vulgata.
[188] Ct 2,9.
[189] Ct 2,10. Cf. *Com. Ct.* 3,14,21-22.
[190] Ct 2,10.
[191] Rápido: *propera*, que Jerônimo conservará na Vulgata. O texto da Septuaginta, porém, não explicita como se dá o levantar-se.
[192] Cf. Mt 8,23ss.
[193] Mt 26,38.
[194] 1Cor 15,55.20; Os 13,14.
[195] Ct 2,10-12. Cf. *Com. Ct.* 3,14,23-25 e 4,1,1-27.
[196] Cf. Mt 8,26.
[197] Cf. Lc 2,52.
[198] Ct 2,12.
[199] Jo 15,2.
[200] Ct 2,12.
[201] Cf. Lv 5,7; 12,8; Lc 2,24.
[202] Cf. Mt 3,5-12.
[203] Cf. Mt 3,16.
[204] Ct 2,12-13.
[205] Mt 24,32.
[206] Ct 2,13.
[207] Ct 2,10.
[208] A maioria dos manuscritos não contém *minha bela*, acrescentado, como correção, em apenas um; cf. aparato crítico em M. SIMONETTI, *Origene...*, p. 104. Esse seria mais um indício da improvisação da homilia.
[209] Ct 2,13-14. Ver também *Com. Ct.* 4,2,1-30.
[210] Cf. Ex 33,22-23.
[211] Ct 2,14.
[212] Ct 2,14.
[213] 2Cor 3,14.
[214] Cf. 2Cor 3,18.
[215] Ct 2,14.
[216] Ct 2,14.
[217] Dt 27,9.
[218] Sl 104(103),34. Cf. também Ez 3,3 e Jr 15,16.
[219] Ct 2,14.

[220] Ct 2,14.
[221] 1Pd 4,11.

COMENTÁRIO DE ORÍGENES AO *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*
Introdução

[1] Ct 2,2.
[2] *Com. Ct.* prol.,4,21.
[3] *Com. Ct.* 1,1,1.
[4] Cf. *Com. Ct.* 2,9,2.
[5] *Com. Ct.* 2,1,2.
[6] *Com. Ct.* 1,2,2; 3,11,1.
[7] *Com. Ct.* 1,2,6.
[8] *Com. Ct.* 4,1,1; 4,2,1; 4,2,3.
[9] *Com. Ct.* 1,2,6.
[10] *Com. Ct.* 1,2,7-8.
[11] *Com. Ct.* 1,2,22.
[12] *Com. Ct.* 1,2,4.
[13] *Com. Ct.* prol.,3,23.
[14] *Com. Ct.* 3,6,2.
[15] *Com. Ct.* prol.,2,39.
[16] *Com. Ct.* 1,4,19.
[17] *Com. Ct.* 1,4,25-26.
[18] Sl 19(18),9.
[19] Mt 13,9.
[20] 2Cor 2,15.
[21] Sl 33,9.
[22] 1Jo 1,1.
[23] *Com. Ct.* 3,11,1-8.
[24] *Com. Ct.* 3,8,7.
[25] *Com. Ct.* 3,8,9.
[26] *Com. Ct.* 3,8,10.
[27] *Com. Ct.* 3,14,6-7.
[28] *Com. Ct.* 1,1,10.
[29] *Com. Ct.* 1,1,12.
[30] Ct 1,10.
[31] *Com. Ct.* 2,7,7-9.
[32] *Com. Ct.* 3,9,5.

COMENTÁRIO AO *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*
Orígenes

[1] Hb 5,12.
[2] 1Pd 2,2.
[3] Hb 5,14.
[4] Gn 1.
[5] EZ 10.
[6] Ez 40.
[7] Cf. PLATÃO, *Symposium.*
[8] Sl 68(67),12.
[9] Gn 1,26.
[10] Gn 2,7.
[11] 2Cor 4,16.
[12] Rm 7,22.
[13] Existe uma versão em grego dos itens 6 a 9, que está conservada na *Catena de Cramer* (cf. BRÉSARD, p. 94-8); essa versão apresenta diferenças mínimas com relação à versão latina de Rufino.
[14] 1Jo 2,13-14.
[15] 1Cor 3,1-2.
[16] 1Cor 3,11.
[17] Ef 4,13.
[18] Ecl 2,14.
[19] Mt 11,15.
[20] Jr 50(27)1.
[21] Pr 3,23.
[22] Sl 73(72),2.
[23] Is 26,18.
[24] Sl 5,10.
[25] Sl 55(54),10
[26] Sl 3,8.
[27] Sl 9-10,36.
[28] Jo 6,33.
[29] Jo 14.
[30] Jo 15,1.
[31] 1Sm 2,5.
[32] Ex 23,26.
[33] Gl 6,8.
[34] 1Cor 15,49.
[35] Cl 1,15-16.
[36] Is 49,2.
[37] Ez 23,4.
[38] Gn 24,67.
[39] Gn 29,17-18.

[40] 2Sm 13,1.
[41] 2Sm 13,2.
[42] 2Sm 13,14-15.
[43] Pr 4,6-8.
[44] Sb 8,2.
[45] Ct 5,8.
[46] 1Jo 4,7-8.
[47] 1Jo 4,7.
[48] 1Jo 4,8.
[49] Jo 16,28.
[50] 1Cor 1,24,30.
[51] 1Jo 4,12.
[52] 1Jo 4,18.
[53] Jo 14,23.
[54] Jo 4,8.
[55] 1Tm 6,16.
[56] Jo 17,3.
[57] Lc 10,27.
[58] Rm 8,35-39.
[59] Lc 10,30-37.
[60] Orígenes discorre longamente (prol.,2,16-27) sobre os termos que podem distinguir o amor carnal (sensível, ou sensual: paixão, cupidez, desejo) do amor espiritual (caridade, carinho, afeto). Esta é uma questão fundamental não só para Orígenes, mas para todos os comentaristas do *Cântico dos Cânticos*. Porém essas distinções do latim não só não correspondem literalmente aos significados dos termos gregos originais no texto (éros, ágape) como menos ainda se aplicam a distinções na língua portuguesa. Por exemplo, a palavra “caridade” tem também o significado de “generosidade para com os necessitados” que não corresponde a *caritas* nem a ágape; e com exceção da expressão “fazer amor”, o termo amor não tem sentido explicitamente sensual; já afeto e ternura são emoções e sentimentos muito específicos de amor. As traduções da Bíblia usam a palavra “amor” também em sentido espiritual, e em todo o texto do Cântico o amor dos esposos, que é amor erótico, é dignificado como sendo uma alegoria do amor divino. Por isso, o próprio Orígenes explica (prol.,2,33ss) que os termos são usados em diversos sentidos, e que não devemos interpretá-los de forma literal.
[61] Rm 11,36.
[62] Jo 10,35.
[63] Sl 82(81),1.
[64] Sl 96(95),5.
[65] Mt 22,39.
[66] Mt 22,39.
[67] 1Jo 4,8.
[68] Mt 22,35-40.
[69] Mt 19,18.

[70] Mt 22,39.
[71] Mt 22,40.
[72] 2Cor 4,8-9.
[73] 2Cor 4,17.
[74] Rm 5,5.
[75] Gn 29,18ss.
[76] 1Cor 13,7-8.
[77] 1Tm 2,15.
[78] 1Jo 4,8.
[79] Mt 11,27.
[80] 1Cor 2,11.
[81] Sb 6,16; 1Jo 4,7.
[82] 3Rs(1Rs) 4,29-30.
[83] Jo 16,25
[84] Pr 1,1ss.
[85] Pr 1,4.
[86] Pr 1,5
[87] Pr 1,6.
[88] Cf. Sl 1,2.
[89] Cf. Sl 37(36),30.
[90] 1Cor 12,8.
[91] Pr 1,24.
[92] Eclo 1,23.
[93] Ecl 1,2.
[94] Ex 3,6.
[95] Gn 22,1ss.
[96] Gn 22,16.
[97] Gn 26,15ss.
[98] Gn 32,3.
[99] Gn 28,17; 28,12.
[100] 2Cor 4,18.
[101] Ex 30,29.
[102] Nm 4,47. Todas as traduções escrevem: “O trabalho do serviço e o trabalho de carregar peso” (assim é na Vulgata, na edição revista de King James, Lutero, Ferreira de Almeida, Bíblia de Jerusalém e Centro Bíblico Brasileiro); mas nos Setenta diz: “πρὸς τὸ ἔργον τῶν ἔργων καὶ τὰ ἔργα τὰ αἰρόμενα”.
[103] Rm 16,27.
[104] *Homiliae in Numeros* 5,2-3.
[105] Gl 3,19.
[106] Ct 1,2.
[107] Ct 6,9.

[108] Ex 15,1; 14,30-31; Dt 4,3-4; 5,15.
[109] Ex 15,1.
[110] Ex 14,29.
[111] Ex 14,30-31; Dt 4,24ss.
[112] Ex 15,1.
[113] Nm 21,12.
[114] Nm 21,16-18.
[115] Dt 31,19.
[116] Dt 32,1.
[117] Dt 32,2-3.
[118] Jz 5,1-3.
[119] Jz 5,12.
[120] 2Sm 22,1-3.
[121] 1Cr 16,8-9.
[122] 1Cr 16,22.
[123] Sl 42-43(41-42),5.
[124] Pr 1,1.
[125] Ecl 1,1.
[126] Mt 12,42.
[127] Mt 1,1; Pr 1,1; 1Tm 6,15.
[128] Fl 2,6-7.
[129] 1Cor 1,30.
[130] Pr 1,1.
[131] Hb 12,23.
[132] Gl 4,26.
[133] Cl 1, 20.
[134] 1Cor 15,24-26.
[135] 1Cor 15,28.
[136] 2Cor 5,16.
[137] Lc 2,52.
[138] Hb 12,22.
[139] Hb 4,14.
[140] Ct 6,9; 8,5; 1Cor 6,17.
[141] Jo 13,36.
[142] Nm 2,32-33.
[143] Nm 3,5-6.
[144] Mt 10,24.
[145] 1Cor 15,24.
[146] 3Rs(1Rs) 4,29-32.
[147] Pr 22,28.

LIVRO 1

[1] Ct 1,2.
[2] Tm 2,8-9.
[3] Ct 1,2.
[4] Cl 1,5.
[5] Gl 3,19.
[6] Is 63,9.
[7] Sl 119(118),131.
[8] Ct 1,2-3.
[9] Mt 5,8.
[10] Rm 10,10.
[11] Jo 13,25.32.
[12] Jo 13,24.
[13] Jo 13,25.
[14] Cl 2,3.
[15] Lv 10,14.
[16] Não se conhece obra de Orígenes sobre o *Levítico*.
[17] Sl 103,15.
[18] Mt 5,8.
[19] Cl 2,3.
[20] Gn 9,20.
[21] Is 5,1.
[22] Ct 1,2.
[23] Ecl 2,1.
[24] Ecl 2,4-5.
[25] Ecl 2,8. Essa referência aos copeiros ou escansões consta na Vulgata e nos Setenta, mas é omitida em algumas traduções em vernáculo, ou substituída por “concubinas”.
[26] Lc 2,4-47.
[27] Mt 5,1; 21-22; 27-28.
[28] Mt 11,19.
[29] Jo 2,10.
[30] 3Rs(1Rs) 10,1-5.
[31] Mt 12,42.
[32] Jr 42/35,5-7.
[33] Jr 42/35,14.
[34] Dt 32,32-33.
[35] Sl 104,33.
[36] Ct 1,2.
[37] Mt 13,44.
[38] Hb 5,13; 9,14.

[39] Nm 6,2-5,
[40] Lc 1,15; Cl 2,3; Ct 1,2.
[41] Ct 1,3.
[42] Gl 4,1-2; 3,24-25.
[43] Gl 4,4.
[44] 1Tm 2,5; 1Jo 2,2; Ef 5,2.27.
[45] Ex 30,25.
[46] Ex 30,22-25.
[47] Cl 1,18; Rm 6,5.
[48] Ef 5,26-27.
[49] Sl 44,2.
[50] Fl 2,7.
[51] A noção de “pessoa” no cristianismo ainda não tinha se desenvolvido completamente, por isso aqui deve-se tomar o termo mais como personagem do drama, e “figura” ou “imagem”.
[52] Sl 45(44),8.
[53] Gl 5,22.
[54] Sl 45(44),8.
[55] Ct 1,3,
[56] 1Cor 2,6.
[57] Cl 1,26.
[58] Ct 1,3.
[59] Ct 1,3-4.
[60] 2Cor 2,15-16,
[61] Ef 4,22-24; 5,27; 2Cor 4,16.
[62] Fl 2,7.
[63] 1Cor 9,24.
[64] Ct 1,3-4.
[65] Mt 18,20.
[66] Jo 17,21.
[67] Ct 6,8.
[68] 1Cor 9,20-21.
[69] Jo 1,14.
[70] 1Jo 1,1; At 13,26.
[71] 1Jo 1,1.
[72] Hb 6,5.
[73] Jo 6,33.
[74] 1Pd 1,23; 2,2.
[75] Rm 14,2.
[76] Hb 5,14.
[77] Ex 13,21-22; 16,1.

[78] Ex 16,14; Sl 77,25.
[79] Jó 10,11.
[80] Fl 1,23.
[81] Mt 25,21.
[82] Sl 27(26),4.
[83] Gn 2,8.
[84] Ez 28,13.
[85] Sl 37(36),4.
[86] Ct 1,4.
[87] Pr 2,5.
[88] Hb 5,14.
[89] Hb 5,14.
[90] Rm 7,22.
[91] Hb 5,14.
[92] 2Cor 2,15-16.
[93] Sl 19(18),9.
[94] Mt 11,15.
[95] 2Cor 2,15.
[96] Sl 34(33),9.
[97] 1Jo 1,1.
[98] Rm 7,22.
[99] Ct 1,3
[100] 2Cor 2,16.
[101] Ct 1,3.
[102] Jo 3,16.
[103] Fl 2,6-7.
[104] Orígenes joga com o duplo sentido do termo latino *exinanire*, usando-o tanto para significar o *aniquilar* ou abandonar da condição divina, como o *derramar* do unguento: *unguentum exinanitum – exinanisti te de forma Dei*.
[105] Jo 1,16.
[106] Ct 1,4.
[107] Fl 2,6-8.
[108] Ct 1,3.
[109] Ct 1,3.
[110] 1Cor 9,22.
[111] Ver acima, parágrafo 10.
[112] Ct 1,4.
[113] 1Ts 1,6-7.
[114] 1Cor 2,16.
[115] 1Cor 2,9.
[116] Cl 2,3.

[117] 2Cor 12,2-4.
[118] Is 45,3.
[119] Ct 1,3-4.
[120] 1Cor 9,24.
[121] Ct 1,4.
[122] Sl 45(44),10.
[123] Sl 45(44),15-16.
[124] Mt 6,6.
[125] Mt 25,29.
[126] Ct 1,4.
[127] Ct 1,2.
[128] Gl 4,2; 3,25.
[129] Gl 4,4.
[130] Lc 2,52.
[131] Ct 1,4.
[132] Cl 3,14.
[133] Jo 15,15.
[134] 1Cor 1,30; Ef 2,14; Jo 14,6.
[135] Sl 85(84),11.
[136] Sl 85(84),12.
[137] Is 61,10.

LIVRO 2

[1] Ct 1,5.
[2] Mt 6,29.
[3] Rm 11,28.
[4] Gn 25,13.
[5] Gn 16,11-12.
[6] Ex 24,4.
[7] Nm 12,1-16.
[8] Em algumas versões, esse período está no final do parágrafo anterior (5).
[9] Jo 1,14.
[10] Cl 1,15.
[11] Hb 1,3.
[12] Eclo 8,5.
[13] Nm 12,1-2.
[14] 3Rs(1Rs) 10,1-10; 2Cr 9,1-9.
[15] Mt 12,42.
[16] Mt 12,42.
[17] O sudoeste da península arábica, onde se situava o reino de Sabá, hoje Iêmen, tinha, na Antiguidade, tão fortes e frequentes contatos com a Etiópia (ou Abissínia, ou reino de

Axum) no continente africano, que chegaram a constituir quase uma unidade política e cultural. A Etiópia tinha também estreitas relações com a Núbia, a norte, atual Sudão, que participava da cultura e influência política do Egito. Daí Orígenes considerar que a rainha era etíope, e reinava sobre o Egito (cf. parágrafo 15).

[18] *Antiguidades judaicas* 2,249, ou 8,6,5-6.

[19] Cidade de Kush, na Núbia, que desde o século VI a.C. foi influente desde a Etiópia até ao Egito.

[20] 68(67)31-33.

[21] 3,8-11.

[22] 45/38,6-10.

[23] Jr 46/39 15-18.

[24] Ct 1,5.

[25] Nm 12,2.

[26] Mt 21,43.

[27] Nm 12,3.

[28] Nm 12,6-8.

[29] 3Rs(1Rs) 10,2-3.

[30] Mt 12,42.

[31] At 15,14.

[32] Lv 2,9.

[33] Ef 2,14.

[34] Jo 15,15.

[35] At 15,14.

[36] 1Cor 13,10.

[37] 1Cor 13,12.

[38] Pr 9,1.

[39] Jo 4,34.

[40] Gl 3,27.

[41] Sl 104(103),15.

[42] 3Rs(1Rs) 10,6.

[43] 1Cor 13,12.

[44] 1Cor 2,9.

[45] 3Rs(1Rs) 10,8; 1Ts 5,16-17.

[46] Lc 10,39.

[47] Lc 10,42.

[48] 3Rs(1Rs) 10,9.

[49] Ef 2,14.

[50] Dt 34,7.

[51] Mt 6,14.

[52] Sl 68(67),32.

[53] Rm 11,11.

[54] Sf 3,10.
[55] Sl 51(50),19.
[56] Jo 6,37.
[57] Rm 11,25.
[58] Sf 3,11.
[59] Jr 38,6-13.
[60] Mt 19,12.
[61] Pr 17,2.
[62] Jr 39,16-18.
[63] Ct 1,5.
[64] Mt 6,29.
[65] Ex 26,7-13.
[66] Hb 8,2.
[67] Hb 9,24.
[68] Jo 14,2.
[69] Ct 8,5.
[70] Ct 1,6.
[71] Cf., acima, 2,1,57.
[72] Ct 8,5.
[73] Ml 3,20 ou 4,2; Lc 21,36.
[74] Rm 11,25-31.
[75] Pr 4,26-27; Ml 4,2 ou 3,20; Lc 1,6,
[76] Mt 5,14.
[77] Ml 4,2 ou 3,20.
[78] Lv 26,21.
[79] Jo 1,9.
[80] Lv 26,23-24.
[81] Lv 26,40-41.
[82] Ex 9,12.
[83] Ex 1,14.
[84] Ex 2,23.
[85] Ex 5,7.
[86] Ex 2,24.
[87] Dos parágrafos 16 a 19 conservou-se uma redação em grego, que consta na Filocalia (27,13); mas as variações de palavras são poucas, e o sentido é exatamente o mesmo da versão de Rufino.
[88] Sl 121(120),6.
[89] Jo 3,20.
[90] Dt 4,24.
[91] 1Jo 1,5.
[92] Ct 1,6.

[93] Gl 4,21-26.
[94] Gl 4,31-5,1.
[95] 2Cor 10,4-5.
[96] Gn 27,27.
[97] Ct 1,6.
[98] Fl 3,7.
[99] Fl 3,8-9.
[100] Jr 2,21.
[101] Dt 32,32-33.
[102] 1Tm 2,14-15.
[103] Ef 5,32.
[104] Rm 5,6-8.
[105] Mt 18,10.
[106] Mt 19,14.
[107] 1Cor 8,6.
[108] Cf. Sl 104(103),15.
[109] Ct 1,7.
[110] Sl 45(44),10.
[111] Ct 6,8-9.
[112] 1Cor 12,12-27.
[113] Ct 1,7.
[114] 1Cor 11,10.
[115] Dt 32,9.
[116] Dt 32,8.
[117] Jo 10,27.
[118] Jo 10,26.
[119] Ct 1,7.
[120] 1Jo 4,7.
[121] Lc 10,27.
[122] Sl 23(22),1.
[123] Sl 23(22),2.
[124] Sl 23(22),3.
[125] Sl 23(22),4.
[126] Sl 23(22),4.
[127] Sl 23(22),5-6.
[128] Sl 23(22),2.
[129] Jo 10,9.
[130] Sl 45(45),6.
[131] Gn 18,1-2.
[132] Rm 13,12-13.
[133] Gn 43,16.25.

[134] Mt 27,45.
[135] Lc 23,44.
[136] Mc 15,33.
[137] Gn 1,24.
[138] 1Cor 2,7-8.
[139] 1Cor 2,12.
[140] 2Cor 3,18.
[141] Ct 1,8.
[142] Fl 3,12-14.
[143] Rm 7,15.
[144] A tristeza mórbida voluntária, ou acídia, era considerada, e o foi durante toda a Idade Média, como uma falta grave na vida espiritual.
[145] 2Cor 9,7.
[146] Ef 4,14.
[147] Jo 10,11.
[148] Ct 1,8.
[149] Os 10,12.
[150] 1Cor 12,8.
[151] Mt 11,27.
[152] Lc 10,22.
[153] Jo 10,15.
[154] Sl 46(45),11.
[155] Sb 7,17-18.
[156] Ct 1,8.
[157] Lc 12,48.
[158] Sb 6,6.
[159] Ct 1,8.
[160] Lv 20,10; 21,9.
[161] Rm 5,15.
[162] Mt 25,18.
[163] Gn 38,9-10.
[164] Rm 8,14-15.
[165] 1Cor 2,12.
[166] Rm 8,15.
[167] Ct 1,9.
[168] Ex 14,8-28.
[169] Ex 14,27-28.
[170] 2Rs 6,15-17.
[171] Hab 3,8.
[172] Ap 19,11-14.
[173] Jo 1,1.

[174] Cl 1,15.
[175] Jo 10,18.
[176] Cl 1,24; Ef 5,26-27.
[177] 1Tm 1,15.
[178] Ap 19,14; Ef 5,26; Ct 1,9.
[179] Ct 1,10.
[180] Ct 1,8.
[181] 1Cor 12,14-18.
[182] 1Cor 12,27.
[183] Ef 5,21-30.
[184] Ct 1,10.
[185] Mt 11,29-30.
[186] Literalmente: cerviz, cachaço, cangote: a parte de trás do pescoço onde se apoia o jugo.
[187] Fl 2,8.
[188] Rm 5,19.
[189] Ct 1,11-12.
[190] Mt 4,1-11.
[191] Gl 3,19.
[192] Hb 2,2.
[193] Gl 4,2.
[194] Gl 4,4.
[195] Ef 1,4-5.
[196] Sl 74(73),2.
[197] Ef 2,20.
[198] Gn 2,24.
[199] Ef 5,32.
[200] Ef 5,25-26.
[201] Hb 2,14.
[202] Gl 2,20.
[203] Ex 3,2.
[204] Ct 1,11-12.
[205] Os 2,10.
[206] Sl 12(11),7.
[207] Pr 10,20.
[208] Ex 25,18.
[209] Ex 25,31.
[210] Gl 3,19.
[211] Hb 10,1.
[212] 1Cor 10,11.
[213] Hb 9,11.

[214] Hb 9,24.
[215] Ex 25,10-27; 31,7.
[216] Mt 4,11.
[217] Cl 2,18.
[218] 2Cor 3,16.
[219] 1Cor 10,11.
[220] Is 5,7.
[221] Is 8,7-10. Isaías só fala de águas; Orígenes completa com Ap 17,15.
[222] Ez 23,4.
[223] Mt 27,51.
[224] Gn 49,19.
[225] Gl 1,1.
[226] Fl 3,10.
[227] 2Cor 4,18.
[228] Cl 3,1-2.
[229] 2Cor 5,16.
[230] 1Cor 10,4.
[231] 1Cor 10,1-2.
[232] Jo 6,31.
[233] Jo 1,29.
[234] Ap 7,14.
[235] Ex 26,31; Hb 10,20.
[236] Ct 1,12.
[237] Nm 24,7-9,17.
[238] 1Pd 1,10-12.
[239] Jo 8,56.
[240] Mt 13,17.
[241] Gl 4,2.
[242] Mt 18,10.
[243] Hb 5,12.
[244] Lc 2,52.
[245] Ct 1,12.
[246] 2Cor 6,16.
[247] Is 66,2.
[248] Jo 14,23.
[249] Ct 1,11-12.
[250] Ct 1,2.
[251] Jo 12,3.
[252] 2Cor 2,15.
[253] Mc 14,6.
[254] Ct 4,13-14.

[255] Mt 13,45-46.
[256] Ct 4,13.
[257] Ct 1,12.
[258] Jo 4,14; 7,38.
[259] Jo 6,35.
[260] Sl 105(104),15.
[261] Hb 5,14.
[262] Jo 1,9.
[263] Jo 1,1.
[264] Jo 6,35.
[265] 1Jo 1,1.
[266] Jo 1,14.
[267] Ct 1,13.
[268] At 15,14.
[269] Rm 9,5.
[270] Nm 19,15.
[271] Lv 5,2.
[272] Dn 2,34-35.
[273] Mq 2,12.
[274] Is 40,15.
[275] Fl 2,6.
[276] Sl 45(44),1.9. Orígenes cita: mirra, gota e cássia, o que desorienta os tradutores, já que ele mesmo, em 2,10,1, diz “alligamentum guttae”, sem especificar se a gota é de mirra ou aloés – o que não é indiferente, pois aqui uma é símbolo de morte, e outra de vida. Os textos dos Setenta e da Vulgata não resolvem a ambiguidade.
[277] Os tradutores hesitam: uns escrevem “cacho de uvas” e outros “ramo de hena”, mas a Vulgata e os Setenta dizem “chipre”, ou seja, hena, ou alfena (alfeneiro) planta aromática.
[278] Ct 1,14.
[279] 1Cor 1,30; 1,24; Cl 2,3.
[280] Jo 15,1.
[281] Sl 104(103),15.
[282] Gn 49,11; Mc 14,24.
[283] Mc 14,15; Lc 22,12.
[284] Lc 22,20.
[285] Lc 24,32.
[286] Jó 7,1.
[287] Jó 2,10.

LIVRO 3

[1] Ct 1,5.
[2] Mt 3,16.

[3] Sl 55(54),7.

[4] Cf. Sl 68(67),14. Esta passagem é reconhecidamente obscura, e traduzida de muitos modos; Orígenes cita os Setenta "*tôon klêeron",* que traduzido por "lotes sorteados" fica ainda mais enigmático.

[5] 1Cor 2,14; 11,3; Rm 7,22.

[6] Ex 12,5-28.

[7] Lv 12,8.

[8] Jo 14,16-17.

[9] 1Jo 2,1.

[10] Ct 1,16.

[11] Is 53,2-3.

[12] Ct 6,8.

[13] Ct 1,16.

[14] 1Cor 6,15.

[15] Sl 121(120),6.

[16] 2Cor 11,14.

[17] 2Cor 4,16.

[18] 1Tm 2,5.

[19] Rm 5,2.

[20] Ct 1,17.

[21] 1Tm 3,15.

[22] Jo 16,15.

[23] 1Cor 11,16.

[24] Gl 1,2.

[25] Ap 1,4.

[26] Sl 80(79),9-11.

[27] Ct 2,1-2.

[28] Hb 7,19.

[29] Mt 6,28-30.

[30] Ct 2,2.

[31] 1Jo 2,19.

[32] Ct 2,3.

[33] Macieira: *arbor mali*; árvore má: *arbor mala*.

[34] Há aqui uma ambiguidade de sentidos entre filhos e jovens.

[35] Sl 82(81),6.

[36] Sl 82(81),7.

[37] Sl 89(88),7.

[38] Mt 3,10.

[39] Sl 1,2.

[40] Lm 4,20.

[41] Lc 1,35.

[42] Mt 4,16.
[43] Hb 10,1.
[44] Cl 2,16-17.
[45] Hb 8,5.
[46] Rm 6,15.
[47] Lm 4,20.
[48] Jo 14,16.
[49] 1Cor 13,12.
[50] 1Cor 13,12.
[51] Jó 8,9.
[52] Mt 4,16.
[53] Ct 2,3.
[54] Mt 13,6.
[55] Lm 4,20.
[56] Lc 10,18.
[57] 1Cor 13,12.
[58] Sl 62,8.
[59] Ct 2,16-17.
[60] Ct 2,3.
[61] Sl 5,10.
[62] Sl 119(118),103.
[63] 2Cor 6,11.
[64] Sl 119(118),131. Expressão ambígua: pela Vulgata e os Setenta, seria o ato de respirar, e muitos traduzem por “aspirei o sopro” ou “respirei”; mas o contexto, e a versão de Rufino, inclinam a dizer: “recebi o Espírito”.
[65] Ct 2,4.
[66] Ct 1,4.
[67] Pr 9,1- 6.
[68] Mt 8,11.
[69] Hb 1,14.
[70] Sl 8,1; 81(80),1; 84(83),1.
[71] Jo 15,1.
[72] Sarmento, vide, bacelo: o ramo da videira ou o enxerto, conforme o texto.
[73] Jo 15,4.
[74] Gn 9,21.
[75] Sl 23(22),5.
[76] Pr 9,1-2.
[77] Pr 4,17.
[78] Dt 32,32-33.
[79] Jo 15,1.
[80] Mt 26,29.

[81] Ct 2,4.
[82] Sl 16(15),11; Pr 4,27.
[83] Lc 10,27.
[84] Mt 22,39.
[85] Ef 4,25.
[86] Racional: de acordo com a Razão, o Logos, a Palavra de Deus.
[87] 1Tm 5,17.
[88] 1Cor 12,12.
[89] 1Ts 5,13.
[90] Lc 1,6.
[91] 1Ts 5,13.
[92] Mt 5,44.
[93] Ef 5,25.
[94] 1Cor 4,15.
[95] Sb 11,24.
[96] Sb 11,26; 12,1.
[97] Sb 11,20.
[98] 2Cor 4,9.
[99] 2Cor 11,28.
[100] Ex 23,22.
[101] 2Cr 19,2.
[102] Ex 20,12.
[103] Lc 4,26.
[104] 1Cor 13,8.
[105] Ct 2,5.
[106] Dt 32,43.
[107] Sl 34(33),8.
[108] Mt 18,10.
[109] Ap 2,18-19.
[110] Ap 2,19.
[111] 2Mc 15,14.
[112] Ct 2,5.
[113] *Amoyris* ou *amuros* quer dizer não perfumado; esta frase é uma explicação de Rufino que corresponde a uma anotação de Orígenes, conservada apenas por Procópio.
[114] Sb 7,20.
[115] Mt 12,33.
[116] Mt 3,10.
[117] 1Cor 1,2.
[118] Jo 15,1.
[119] Gn 2,8.
[120] Mt 15,13.

[121] Cl 3,10.
[122] Ct 2,3.
[123] Ap 2,7.
[124] Jo 6,32.
[125] Jo 15,1.
[126] Jo 1,29.
[127] Is 49,2.
[128] 1Jo 4,8.
[129] Sl 27(26),1.
[130] Ef 6,16.
[131] Sl 11(10),2.
[132] Ef 6,11.
[133] Ef 6,16.
[134] Ct 2,6.
[135] 1Cor 15,45.
[136] Pr 3,16.
[137] Gl 3,28.
[138] Pr 3,16.
[139] 2Cor 8,9.
[140] Jo 17,1.
[141] Pr 3,16.
[142] Jo 1,1.
[143] Ef 5,23.
[144] 1Pd 2,24.
[145] Gl 3,13.
[146] Jo 12,46.
[147] Ct 2,7.
[148] Gn 27,27.
[149] 1Cor 3,9.
[150] Rm 1,11.
[151] Gl 4,26.
[152] Rm 8,15.
[153] 1Jo 4,18.
[154] Ef 5,14.
[155] Ct 2,8.
[156] Ct 2,9.
[157] Ct 2,10.
[158] Ct 2,11.
[159] Ct 2,12-13.
[160] Ct 2,14.
[161] Ct 2,8.

[162] Ct 2,8.
[163] Mt 28,20.
[164] Mt 25,14-15.
[165] Lc 19,12.
[166] Mt 25,6.
[167] Jo 14,23
[168] Ct 2,11.
[169] Sl 74(73),17.
[170] Ct 2,8.
[171] Gn 26,13.
[172] 2Tm 4,7.
[173] Rm 15,19.
[174] Jo 5,46.
[175] Sl 87(86),1.
[176] Sl 121(120),1.
[177] Jr 16,16.
[178] Mt 13,24-30.
[179] Mt 24,17.
[180] Lc 2,52.
[181] Lc 3,5.
[182] Desses: refere-se ao “vale preenchido”, de onde se supõe que o que está intercalado entre parênteses é glosa de Rufino ou de um copista.
[183] Sl 125(124),1.
[184] Sl 125(124),2.
[185] Dn 2,34-35.
[186] 1Tm 6,15.
[187] Hb 4,14.
[188] Jo 4,14.
[189] Ct 2,9.
[190] Dt 14,45. Alguns desses animais, como o traguélafo (antílope?) e o camelopardo (girafa?) são difíceis de identificar.
[191] Sl 42-43(41-42),2.
[192] Dt 12,21-22.
[193] Sl 28(28),9.
[194] Sl 29(28),7-8.
[195] Jó 38,1.
[196] Jó 39,1-4.
[197] Pr 5,19.
[198] 1Cor 2,13.
[199] Rm 1,20.
[200] Mt 13,31-32.

[201] Mt 13,31-32.

[202] *Razão* aqui tem o sentido de razão seminal, ou o princípio que é o germe da natureza.

[203] Sb 7,17-21.

[204] Sl 104(103),24.

[205] Sb 7,21.

[206] Mt 24,35.

[207] Sl 77(76),6. Tradução segundo a versão grega dos Setenta; mas a Vulgata diz "recordei os anos antigos"; a tradução por "eternos" ou "sempiternos" não parece adequada.

[208] Gn 22,17.

[209] 1Cor 15,41-42.

[210] Lc 13,32.

[211] Mt 3,7.

[212] Jr 5,8.

[213] Sl 49(48),13.

[214] Sl 58(57),15.

[215] Ef 4,14.

[216] Mc 7,21.

[217] Jo 13,2.

[218] Ecl 10,4.

[219] Sl 84(83),6.

[220] Sl 76(75),11.

[221] Ex 3,10.

[222] Ct 2,9.

[223] Sl 29(28),9.

[224] Gl 4,19.

[225] Is 26,18.

[226] Sl 126(125),6; 73(72),5-6.

[227] Jó 39,3.

[228] 1Cor 4,15.

[229] 1Tm 3,7.

[230] Jó 39,4.

[231] Gn 19,26.

[232] Lc 9,62.

[233] Fl 3,13.

[234] Mt 3,3.

[235] Mt 3,3.

[236] 1Cor 1,10.

[237] Sl 42-43(41-42),2.

[238] Pr 5,19.

[239] 2Cor 11,3.
[240] Ef 2,14-15.
[241] Pr 5,19.
[242] Rm 1,11.
[243] Fl 2,6; Is 9,5.
[244] Rm 9,5.
[245] Sl 104(103),8.
[246] Is 40,9.
[247] *Dorkás*, o que enxerga bem.
[248] Jo 6,46.
[249] Mt 5,8.
[250] Mt 11,27.
[251] Is 11,2.
[252] Jo 14,9.
[253] Mt 23,13.
[254] Jo 19,1.
[255] Lc 23,21.
[256] Lc 8,43-46.
[257] Ap 19,13.
[258] Ct 2,9.
[259] Ct 2,9-10.
[260] Ct 1,2-4.
[261] Ct 2,10.
[262] 1Tm 3,15.
[263] Mt 7,6.
[264] 1Cor 13,12.
[265] Jr 9,21.
[266] Mt 5,28.
[267] 2Cor 4,18.
[268] Sb 6,16.
[269] Cl 2,3.
[270] Sl 104(103),15.
[271] Ct 2,10.
[272] Ct 2,11.
[273] Is 45,8.
[274] Sl 45,5.
[275] Jo 4,14.
[276] Ct 2,12.
[277] Mt 21,19.
[278] Ct 2,13.
[279] 2Cor 2,15.

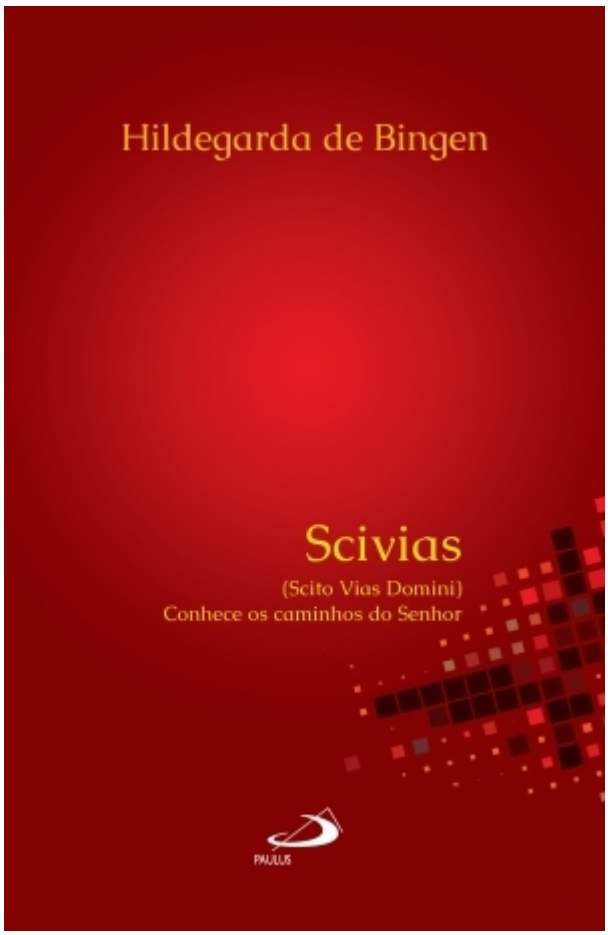
[280] Pr 1,17.
[281] Pr 6,5.
[282] Gn 10,9.
[283] Rm 3,23.
[284] Ecl 7,20.
[285] Jó 14,4-5.
[286] 1Pd 2,22.
[287] 2Cor 5,21.
[288] Rm 8,3.
[289] Sl 124(123),7.
[290] Sl 88(87),6.
[291] Hb 2,14.
[292] Ef 4,8.
[293] Ef 2,6.
[294] Mt 27,52-53; Hb 12,22.

LIVRO 4

[1] Ct 2,10-13.
[2] Rm 8,9.
[3] Ef 4,4.
[4] 2Cor 4,16.
[5] Lc 3,22.
[6] Sl 55(54),7.
[7] Cl 2,3.
[8] Cl 3,5.
[9] Rm 6,5.
[10] Lc 3,22.
[11] Ct 2,11.
[12] Ef 4,14.
[13] Ct 2,12.
[14] 1Cor 2,6-7.
[15] Ct 2,13.
[16] Gl 5,22.
[17] Mt 15,13.
[18] 1Cor 3,9.
[19] 1Cor 3,6.
[20] Mt 12,33.
[21] 2Cor 2,15.
[22] Ex 7-9.
[23] Rm 11,11.
[24] Is 52,6.

[25] Is 5,7.
[26] Hb 1,14.
[27] Mt 26,29.
[28] 2Cor 2,15.
[29] Ct 2,10-11.
[30] Mt 3,10.
[31] Ct 2,13-14.
[32] 2Cor 4,18.
[33] Ct 1,6.
[34] 1Cor 10,4.
[35] 2Cor 3,18.
[36] Pr 30,18-19.
[37] 1Cor 10,4.
[38] 1Pd 2,22.
[39] Orígenes faz uma aproximação entre os Sl 18(17) e 40(39).
[40] Sl 40(39),3.
[41] Hb 6,20.
[42] Ex 33,22-23.
[43] 1Cor 10,4.
[44] 2Cor 4,18.
[45] Jo 1,14.
[46] Ex 19,19.
[47] Ct 2,14.
[48] Ct 2,14.
[49] Sl 104(103),34.
[50] Sl 141(140),3.
[51] Cl 4,6.
[52] Ct 2,14.
[53] 2Cor 3,18.
[54] 1Cor 3,12.
[55] 2Cor 4,16.
[56] Ef 5,27.
[57] Eclo 13,26.
[58] Pr 15,13.
[59] Is 26,1.
[60] Sl 68(67),14.
[61] Lm 4,20.
[62] 1Cor 11,10.
[63] Ct 2,14.
[64] Mt 10,32.
[65] Sl 73(72),8.

[66] 1Cor 2,15.
[67] 1Cor 2,14.
[68] Jo 1,18.
[69] Jo 15,15.
[70] Jo 17,24.
[71] Ct 2,15.
[72] Hb 1,14.
[73] Jo 13,2.
[74] Ct 2,15.
[75] Jo 12,6; 13,29.
[76] 2Tm 2,17.
[77] Sl 63(62),10-11.
[78] Mt 8,19-20.
[79] Lc 13,31-32.
[80] Jz 15,3-5.
[81] Ne 3,34-35.
[82] Ct 2,15.
[83] Sl 63(62),10-11.
[84] Gn 3,24.
[85] Dt 32,8-9.
[86] 1Tm 6,3.
[87] Mt 8,20.
[88] Jz 15,4-5.
[89] 1Cor 3,18.
[90] Lc 10,19.
[91] Sl 137(136),9.
[92] Ct 2,15.
[93] Mt 18,6.
[94] Sl 119(118),165.


Hildegarda de Bingen
Scivias
(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor
PAULUS

Scivias

de Bingen, Hildegarda
9788534946025
776 páginas

Compre agora e leia

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santifi cação e o fi m do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fi nal de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

Compre agora e leia


Santa
GEMMA GALGANI
DIÁRIO
PAULUS

Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma
9788534945714
248 páginas

Compre agora e leia

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

Compre agora e leia


DOCAT
Como agir?

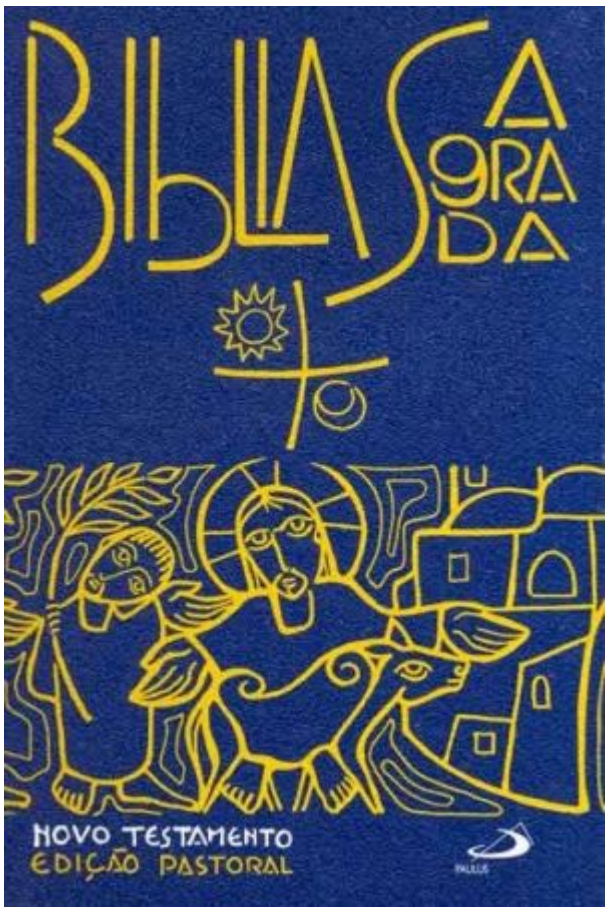
DOCAT

Youcat, Fundação
9788534945059
320 páginas

Compre agora e leia

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

Compre agora e leia


BÍBLIA SAGRADA
NOVO TESTAMENTO
EDIÇÃO PASTORAL

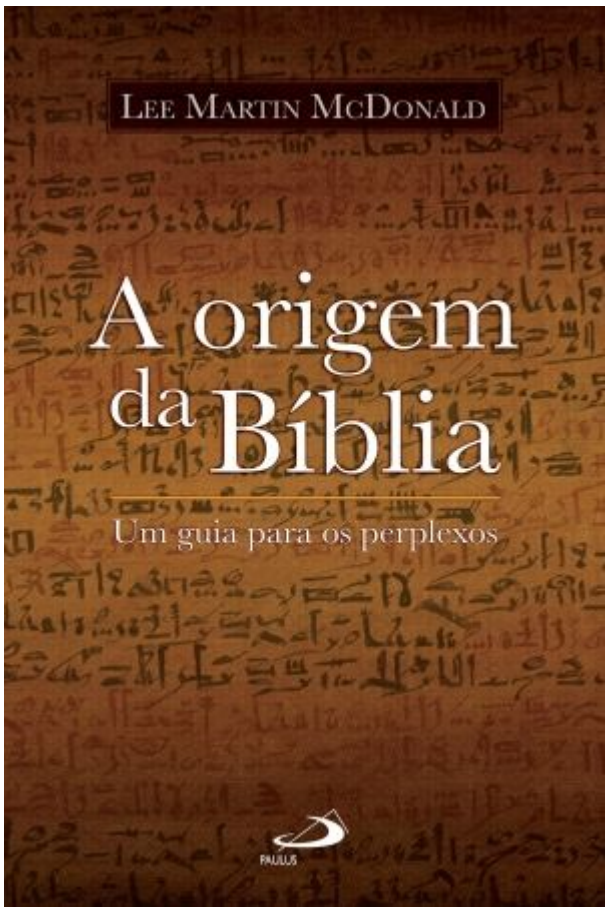
Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.
9788534945226
576 páginas

Compre agora e leia

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Esta edição contém o Novo Testamento, com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

Compre agora e leia


Lee Martin McDonald
A origem da Bíblia
Um guia para os perplexos
PAULUS

A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin
9788534936583
264 páginas

Compre agora e leia

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

Compre agora e leia